# COM OS OLHOS NA PATRIA!

EDUARDO DE NORONHA

---

# Com os Olhos na Patria!

Episodios Dramaticos da Lucta entre Portuguezes, Brazileiros e Hollandezes no Seculo XVII

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - EDITORA - DE
AMÉRICO FRAGA LAMARES & C.ª, L.da
RUA DAS OLIVEIRAS, 75 — PORTO

## PRIMEIRA PARTE

# Bertha van Dorth

## I

## Lisboa em 1622

A formosa cidade de Lisboa, hoje, em extensão, uma das mais vastas do universo, estrebuxava ainda nos principios do seculo XVII dentro de um estreito cinto de muralhas, esboroadas aqui e ali pela expansão dos habitantes suffocados e opprimidos em tão diminuto ambito. Datavam do reinado de D. Fernando esses esguios lanços de muros, rasgados de trinta e oito portas e defendidos por setenta e sete torres. No interior agrupavam-se quarenta freguezias, acolytadas por cento e trinta egrejas attinentes a mosteiros, communidades, confrarias e recolhimentos; alardeavam os seus escudos innumeros palacios; socorriam as enfermidades dos indigentes sete hospitaes e pullulavam nas ruas tor-

tuosas e praças irregulares bastos edificios publicos, o que concorria não pouco para a fama de magnifica que então gozava no estrangeiro.

O viajante, conduzido por qualquer barco veleiro, extasiava-se então, como hoje, ante o maravilhoso espectaculo que lhe accendia as pupillas em relampagos de enthusiasmo e lhe alvoroçava o espirito com promessas de visitar um recanto do paraiso. Contemplada do Tejo, formava como duas cidades, recheadas de moradores, unidas pelo cordão umbilical dos baluartes, tão differentes se apresentavam no aspecto os seculares bairros aconchegados á protecção da velha alcaçova, comprimidos em redor da égide da cathedral, reclinados nas vertentes das collinas, retalhados de emmaranhadas e exiguas viellas e congostas a descerem até o valle, contornando a base das eminencias, marginando as aguas ora remançosas ora crespas do rio.

A parte da capital denominada presentemente *Baixa* constituia n'essa época um quasi inextricavel labyrintho de pessimos e sórdidos arruamentos, que se estendiam desde o Rocio até o Terreiro do Paço. As vivendas da aristocracia accumulavam-se no Bairro Alto, considerado então o sitio nobre por excellencia e o mais cuidado pela amplidão e boa apparencia das suas arterias. O bairro da Lapa conservava-se ainda em estado embryonario; a rua do Alecrim principiava a esboçar-se, ladeando-se de moradias, dominada lá de cima, a distancia, pela ermida de S. Roque pertencente aos jesuitas.

Duas villas tinham transbordado do antigo perimetro amuralhado: Villa Nova de Gibraltar e Villa Nova de Andrade. A fundação da primeira nem a lenda a explicava. Debruçada sobre o rio, emancipada da tutella das vetustas barbacans e dos cubelos ameados dos moiros, a sul e sueste, virava-se ao nascente, sequiosa dos beijos matutinos do sol a erguer-se. Fôra, e até certo ponto ainda era, a villa dos judeus, a judiaria, o bairro da Esnoga, ou Synagoga, templo que D. Manuel usurpára para o culto catholico sob o patrocinio de Nossa Senhora da Conceição.

A importancia da villa decahira com o exterminio e desterro dos israelitas portuguezes.

A Villa Nova de Andrade sorrira-lhe mais propicio o fado. Devia o nome aos proprietarios do chão em que profundára os alicerces. A expansão maritima de Portugal obrigára Lisboa a ampliar-se. Povoaram-se os terrenos, mais tarde designados por Chagas e Santa Catharina, e que se prolongavam desde a porta deste nome até á do Duque de Bragança. Conhecia-se n'essa quadra o actual Thesouro Velho, porque o palacio dos duques se convertera em erario da familia Bragança, pela Cordoaria Nova. Então, toda a área, e não era pequena, contida entre o Loreto e a Esperança, e desde o Tejo até os Moinhos de Vento, depois Patriarchal Queimada, verdecia em hortas, pomares e trigaes.

No coração da cidade, em logar sobranceiro, a já denegrida Sé, desenhava no fundo esmeraldino

das encostas o perfil austero das suas torres incompletas. No valle que se dilata para o norte e que se lhe cava e se contorce, como isolando-lhe os caboucos, ainda se divisavam os restos da mesquita arabe, ponto de concentração das ermas habitações mouriscas, o bairro dos vencidos, perseguidos e expulsos mussulmanos, a Mouraria.

De uma fusta ancorada no Tejo, á pôpa do qual fluctuava a bandeira vermelha, com um leão alado, tendo n'uma das garras uma espada e na outra um livro aberto, de Veneza, desembarcaram, perto do forte que Filippe II mandara construir, após a conquista, na praia junto do Terreiro do Paço, trez pessoas evidentemente estrangeiras. Eram dois homens e uma dama. Um dos homens, sêco de carnes, de estatura mediana, modos sacudidos e energicos apparentava de quarenta e dois para quarenta e cinco annos. Usava cabello cortado, barba em bico. Nos olhos fuzilava-lhe a resolução prompta no conjurar do perigo; a sua pele cortida e tisnada pelo sol de muitas latitudes denunciava n'elle um marinheiro ou um militar tão habituado a arrostar a morte como as intemperies.

O outro, muito mais novo, de vinte para vinte e dois annos, com o mesmo corte de cabello e feitio de barba, um pouco mais alto e menos espigado, tambem revelava no seu aspecto marcial e modos expeditos não lhe serem estranhas as bruscas mudanças do Oceano nem os riscos da profissão das armas.

A dama, joven, nenhum pintor a classificaria como um typo de belleza, mas possuia o condão especial de attrahir sobre si todas as vistas. O cabello louro, excessivamente louro, incendia a alva toalha de Hollanda que o envolvia com os fulvos clarões das suas madeixas de fogo; os olhos azues abyssalmente azues, ora se velavam e amorteciam n'um retrahimento tímido de pudor virginal, ora faiscavam e explodiam em labaredas estonteantes de provocadora sensualidade. Corrigia-lhe as feições, miudas, mas fortemente accentuadas, um ar fagueiro de bondade natural. A bocca rosada, ao entreabrir-se, mostrava-se como um teclado de dentes pequeninos e regulares. Envolvia-lhe o corpo flexivel e donairoso uma modesta saia de lã com barra, enfeitada com debrum da mesma fazenda e um gibão de tafetá. Por baixo da fimbria do vestido transparecia-lhe a ponta de um chapim apurado, de verniz.

—Que linda cidade esta!—exclamou em flamengo a joven com voz sonora e fresca.

—Mais bonita, todavia, encarada do mar e de longe, que vista em terra e de perto—contrariou o homem mais edoso.

—E que bello palacio aquelle!—commentou o mancebo.

Os trez viajantes encontravam-se agora em frente do antigo palacio real, ou Paços da Ribeira, principiados a construir por D. Manuel. O edificio, erigido de começo na banda norte do Terreiro do Paço, no ponto onde hoje se vêem os ministerios

do Interior e da Justiça, alongou-se mais tarde para oeste do terreiro em busca da margem do rio. De aspecto magnifico, ostentava soberbos porticos, bellas columnatas, pateos espaçosos, artisticas varandas e eirados, sumptuosos salões e uma infinidade de esplendidos aposentos.

—Que formoso jardim!—exclamou de novo a joven, pregando os rasgados olhos nas copadas alamedas, nas ramalhadas arvores e nos canteiros matizados de flôres, annexos á régia moradia.

—E que será aquella construcção para além? —perguntou, sem nenhuma esperança de obter resposta, o rapaz.

—O deposito de armas, o nosso arsenal—informou um militar que se approximára dos trez forasteiros, senão em puro flamengo, pelo menos em flamengo quasi correcto, muito comprehensivel.

A dama e os seus companheiros viraram-se com extrema vivacidade e bastante surpreza para a pessoa que proferira estas palavras.

—Não vos admireis nem assusteis; embora tenham acabado as treguas e esteja de novo declarada a guerra entre os Paizes-Baixos e a Hespanha, o capitão Francisco de Padilha nunca se entregou ao vil mister de espião, nem a sua espada procurou nunca peito de inimigo senão no campo de batalha.

Fazia esta abrupta declaração, no tom emphatico da época, um militar de vinte e cinco para vinte e seis annos, esvelto, de physionomia risonha e aberta, pupillas negras e rútilas, bocca de labios volu-

ptuosos ávida de beijos, bigode e pera á moda do tempo. Que se aprimorava no traje provava-o o justilho enfeitado de espiguilha e passamanes, as meias e calções de seda, o talabarte doirado, o punho da espada lavrado por cinzel de mestre, o fúlgido brilhante que lhe prendia a pluma ao chapéo. Acompanhou a declaração uma palaciana mesura, que muitos aulicos da côrte de Valladolid ou dos paços do vice-rei de Portugal não se dignariam perfilhar.

Os trez estrangeiros quedaram-se perplexos, sem atinar de momento com a resolução a tomar. No entrementes a joven envolveu o militar n'uma fulguração interrogativa dos seus olhos curiosos.

—Porque persumis que somos dos Paizes-Baixos?—perguntou o homem maduro após alguns instantes de hesitação.

—Não presumo, tenho a certeza. Conheço-vos muito bem—affirmou o capitão.

—A mim?

—A vós. Sois o coronel dos terços neerlandezes Johan van Dorth, senhor de Horst e Pesh, um dos homens em quem os estados geraes da republica dos Paizes-Baixos e o seu stadthouder, ou chefe da força armada, mais confiam.

—Vivestes em Flandres, pelo que vejo—obtemperou aquelle a quem Francisco de Padilha chamára coronel.

—Vivi—confirmou o capitão.—Parti para ali com meu pae, sargento-mór de batalha, n'um terço,

e lá me demorei desde 1607 a 1609, época em que, como sabeis, se assignou o tratado de 9 de abril, pelo qual cessaram durante doze annos as hostilidades entre a Hespanha e a Republica.

—Ereis então muito novo?

—Contava treze annos de edade, mas voltei ali ha pouco tempo, quando o conde-duque de Olivares resolveu proseguir na guerra, com o meu terço.

—Sois hespanhol ou portuguez?—inquiriu van Dorth.

—Portuguez; eu e todos os meus antepassados —declarou n'uma explosão de altiva arrogancia Padilha.—Portuguez era o terço em que meu pae serviu, portuguez é aquelle em que ora sirvo. E se não continúo combatendo contra vós em Flandres, é porque ali a guerra só interessa a hespanhoes; prefiro combater-vos n'outra parte em que só a minha patria aproveita. Por isso regressei a Portugal.

A joven que ladeava o coronel seguia muito attenta a expansiva fluencia do capitão.

—Parece que não gostaes dos hespanhoes?... —observou o coronel depois de vacillar uns segundos.

—Desteste-os,—retorquiu com fogoso azedume Francisco de Padilha.—Não ha coração verdadeiramente portuguez que não sangre com a perda da independencia da sua patria. Só eguala o odio que votamos a Filippe II e ao duque de Alva, factores

principaes da invasão de 1580, a esperança de um dia despedaçar as algemas que nos agrilhoam os pulsos.

—Se os hespanhoes vos ouvissem... —notou o coronel e em seguida acrescentou em tom menos reservado, mais benévolo: —Se vós, portuguezes, odiaes os hespanhoes, se nós, hollandezes, os aborrecemos, porque é que, em vez de pelejarmos uns contra os outros, nos não unimos para destruir o inimigo commum?

—Era este o trilho da razão e da conveniencia, mas... —e o militar calou-se, mudou subitamente de inflexão e adduziu: —Acautelae-vos, ha em Lisboa quem bem perceba o flamengo, e embora encontreis na cidade algumas familias vossas compatriotas, a desconfiança é geral para os que surgem de novo. Depois, a Inquisição precisa de dinheiro para as suas arcas e de réprobos para os seus autos de fé, e em tudo descobre scisma e em todos vê christãos novos e hereticos.

Era manifesta a sympathia com que a joven examinava de soslaio esse consummado exemplar da raça meridional, loquaz, communicativo, incandescente, fallando a estranhos como se convivesse de ha muito na sua intimidade, invencivelmente attrahido pelas damas no sôffrego e irrealisavel desejo de as possuir a todas.

A desempennada cachopa relanceou com olhar ainda mais profundo e demorado o capitão, e em seguida trocou algumas rapidas palavras, em voz

baixa, com o coronel. Este reflectiu um momento e logo se dirigiu a Padilha, que, discretamente, recuara alguns passos, nos seguintes termos:

—Usaes uma espada e basta essa circumstancia para vos considerar um homem de honra. Quereis indicar-nos a habitação de uns parentes afastados a quem viemos visitar aqui, em Lisboa e que moram perto do chamado bairro da Esnoga?

—Christãos novos?—perguntou, sorrindo, o capitão.

—Não, christãos velhos, mas scismaticos—redarguiu com egual intonação o hollandez.

—Mau dia para o encontrardes em casa a esta hora—objectou Francisco de Padilha.

—Pouco mais são do que nove horas da manhã! Porquê?...—inquiriu o estrangeiro mais moço, abrindo a bôcca pela primeira vez e inclinando a cabeça n'uma cerimoniosa, mas fria reverencia.

—Principiam as festas com que os religiosos filiados da Companhia de Jesus celebram a canonisação de Santo Ignacio de Loyola e de S. Francisco Xaxier. Só os entrévados e os lazaros não sahirão para a rua.

Os trez forasteiros pareceram ficar contrariadissimos. Consultaram-se rapidamente com a vista. Todos manifestaram por gestos, mais ou menos significativos, que se resignavam. A melhor deliberação aconselhada para o irremediavel.

—Eis explicado tanto movimento de povo e

tanta agglomeração de gente, que se me afigurou ociosa — notou van Dorth.

— Assim é — confirmou Francisco de Padilha, e após uma pausa propoz: — Assisti á primeira parte dos festejos. Conduzir-vos-hei a sitio onde os possaes contemplar sem mortificação. Quando soar o momento do jantar eu vos guiarei á moradia que buscaes.

Os trez tornaram a consultar-se mudamente; conformaram-se.

— Acceitamos, embora nos cause grande transtorno essa dilação — declarou o coronel, e ajuntou. — Já que com tanta galhardia vos dispondes a servir-nos de agulha de marear n'este oceano revolto de Lisboa, permitti que vos apresente minha filha, Bertha van Dorth, e o meu sobrinho, Jacob van Dorth — e o senhor de Horst e Pesh ia indicando as pessoas da familia a quem apresentava.

Francisco de Padilha arqueou o busto esbelto em nova e mais profunda cortezia, e disse:

— Consenti que seja eu quem me apresente a mim mesmo. Já sabeis o meu nome e o meu cargo, falta accrescentar que sou filho segundo de um fidalgo oriundo de uma casa antigamente opulenta e hoje arruinada pela união de Portugal á Hespanha, de André de Padilha, actualmente no Brazil. Pouco mais possuo que o sufficiente para manter a dignidade da minha posição sem contrahir dividas.

A despreoccupada franqueza com que a declaração foi feita agradou sem reservas aos trez neer-

landezes. Bertha van Dorth encarou então de frente o official portuguez, e dirigiu-lhe pela primeira vez a palavra:

—Mas tendes a vossa espada e a vossa coragem com as quaes podeis obter as mais elevadas e remuneradoras dignidades.

—E naturalmente a ambição da juventude com que se conquistam reinos—adduziu o coronel.

—O futuro o dirá—conceituou entre risonho e sonhador Francisco de Padilha.—Por agora busquemos sitio azado para gozardes os festejos.

E o capitão poz-se a caminho á frente dos forasteiros e conduziu-os para a vivenda onde se alojara, situada n'um dos melhores locaes para contemplar as diversões em perspectiva.

As festividades attingiram um grau de apparato e de magnificencia nunca admirado até ahi. Os folguedos não se limitaram apenas á capital. Braga, Evora, Porto, Villa Viçosa e outras terras esmeraram-se em que os passatempos deslumbrassem os seus moradores e ainda os que acudiam de fóra. Os jesuitas dispunham de fartas riquezas e capricharam em ostentar o maior esplendor alliado a requintada arte.

Corrida a adufa de uma das janellas da moradia do capitão, n'uma das ruas sinuosas do antiquissimo bairro da Sé, ali assomaram os trez convidados.

—Moraes quasi n'um palacio—disse Jacob van Dorth, relanceando a vista, como que ciumenta,

pelo vasto e luxuoso aposento para onde os guiara Francisco de Padilha.

—Modesto domicilio de rapaz solteiro e nada mais. O aspecto de grandeza que vêdes devo-o aos cuidados de minha ama de leite e de um antigo campanheiro de armas, unicas pessoas que me restam no Velho Mundo que sintam por mim algum carinho—retorquiu o capitão n'um tom quasi melancolico.

—Perdi minha mãe era muito novo, e meu pae ha cinco annos que reside na Bahia; os outros membros da familia são parentes afastados, vivem longe; quasi não sabem que existo. Pairo por aqui, em quanto não embarco para o Brazil, com a velhinha de quem vos falei, e com esse soldado encanecido na guerra, nos joelhos do qual eu brinquei na minha infancia—redarguiu Francisco de Padilha.

O coronel, ao ouvir citar as palavras Bahia e Brazil ergueu de subito a cabeça como se ella acordasse no seu cerebro echos de um pensamento fixo. Ao mesmo tempo Bertha, que sondava a rua, exclamou:

—Ahi vem a procissão! Ahi vem a procissão!

Principiou entou o lento desfile de uma procissão interminavel, intercallada com copioso numero de andores de estupenda sumptuosidade. O trajecto estendia-se desde a Sé até á Casa Professa de S. Roque. No cortejo emparelhava-se o sagrado com o profano. Aos hombros dos fieis ou em cima de carros triumphaes deslisavam as virtudes symboli-

zadas e personificadas; imagens de individualidades que tinham deixado rasto piedoso e santo na sua travessia pelo mundo; allusões artisticas ás sciencias e lettras; danças e folias com abundante turba de figurantes; musicas dotadas com os instrumentos mais singulares, desde as trombetas bastardas, charamelas até os adufes; mascarados com disfarces de rara extravagancia e phantasia; acrobatas bailando com andas; jograes e «folgadores» exhibindo truanescos esgares e cabriolas; um mixto de allegorias serias e dignas de contemplação e de typos comicos e ridiculos.

—Que prestito tão curioso! Tudo isto deve ter custado avultadas sommas!...—commentou Bertha van Dorth.

—Que podiam ser empregadas em fins mais uteis—concluiu o official portuguez, quem sabe se completando o intimo raciocinio da joven.

—As quantias despendidas com a ostentação do culto externo em Portugal e Hespanha subvencionavam á vontade uma esquadra formidavel e um exercito de muitas centenas de milhares de homens—notou o coronel.

—O exercicio da religião nos dois paizes absorve cerca de um terço dos rendimentos publicos—adduziu o capitão, e em seguida acrescentou:—Os festejos não se reduzem á procissão que acabaes de vêr passar. Logo á noite effectua-se uma representação de grande espectaculo, *Defeza do castello de Pamplona,* em homenagem ás proezas que o fun-

dador da Companhia de Jesus praticou n'aquella praça hespanhola, como official da sua organisação, quando nos principios do seculo XVI os francezes a acommetteram. Não se esquecem os seus discipulos que o grave ferimento ali recebido na perna direita foi a causa primordial da sua existencia como communidade religiosa.

— O espectaculo deve estar em hormonia com a magnificencia da procissão — obtemperou Jacob van Dorth.

— Ah, sem duvida, — confirmou Francisco de Padilha — os canhões são a valer, cedidos do armazem do duque de Aveiro, afóra artificiosas visualidades, jogos de cannas, torneios com os seus respectivos mantenedores e...

O capitão interrompeu-se bruscamente. Vira surgir entre os humbraes da porta a figura alta e secca, o rosto energico e severo de Pero Rodrigues, o antigo companheiro de armas de seu pae, agora uma especie de escudeiro que arrogara a si prerogativas de quasi tutor.

— Que desejaes, Pero Rodrigues? — perguntou Francisco de Padilha, comprehendendo que só caso urgente o levara a entrar n'aquelle aposento sem ser chamado.

— Falar comvosco á puridade, sem demora — retorquiu o veterano de cem combates.

— Aguardae um só instante, breve serei a vosso lado — respondeu o capitão, e virando-se para os seus hospedes solicitou-lhes auctorisação para se

ausentar por alguns momentos, e seguiu no encalço do ancião.

Caracteristica individualidade de soldado, essa, de Pero Rodrigues. Consubstanciava em si a epopéa sublime dos ultimos quarenta e cinco annos. Irmão colaço do pae de Francisco Padilha, recebera com elle o baptismo de fogo em Alcacer-Kibir. Um verdadeiro milagre fizera com que ambos escapassem ás cimitarras dos mussulmanos e ao captiveiro soffrido pela quasi totalidade dos vencidos. Partidarios porfiosos do prior do Crato, recuaram, é verdade, na batalha de Alcantara, mas os seus golpes tinham sido dos derradeiros vibrados nas hostes invasoras do castelhano duque de Alba. Desde então as suas espadas nunca mais se embainharam na defesa das praças de Marrocos, nas luctas permanentes da India, nas expedições homericas contra o gentio africano, nas campanhas sangrentas de Flandres, nos combates navaes com inglezes e francezes, na consolidação do dominio de Portugal no Brazil. O seu irmão de leite necessitara partir para as terras de Santa Cruz, para acudir ao pouco que lhe restava de um farto patrimonio, e jurara-lhe no momento solemne do embarque dedicar ao filho a mesma incondicional e nunca desmentida estima que o ligava ao pae.

Fôra o mestre de armas de Francisco de Padilha e, sem ser um homem culto, o seu conselho valia mais que o de muito sabio pouco judicioso. A edade, que não lhe quebrantava o vigor nem a co-

ragem, tornara-o talvez um tanto rabugento. Era o unico defeito em que se cevava a má lingua da carinhosa Maria do Rosario, ama do capitão, ciosa de que aquelle a quem criara ao seio se visse obrigado a repartir o seu affecto em parcellas eguaes entre a respeitavel mulher e o velho militar.

—Que quereis, que urgencia é essa, que succedeu?—perguntou Francisco de Padilha, com certa impaciencia, apenas se viu a sós com Pero Rodrigues, fóra do aposento.

—Senhor, então lá em baixo quatro ou cinco familiares do Santo Officio com um escrivão. Declaram que desejam conferenciar comvosco immediatamente.

—Que pretendem?

—Ao certo não sei—respondeu Pero Rodrigues; —mas por palavras sôltas, trocadas entre os quadrilheiros, parece que houve denuncia de terem desembarcado de uma fusta ou de uma asca fundeada no Tejo varios hollandezes hereticos e inimigos de Filippe IV.

—Os meus hospedes!—exclamou Francisco de Padilha.—Quem os denunciaria?!

—Parece que vossa mercê ignora como os espiões da Inquisição e do Conselho do governo formigam em Lisboa?! Nunca ha de ter emenda. Em vendo uma mulher bonita ou feia, nova ou velha, nobre ou plebéa, logo se lhe varre o juizo. Quem se lembra de trazer para casa gente desconhecida, que não teme a Deus e ainda por cima

de um paiz com o qual andamos em guerra?! — desabafou Pedro Rodrigues.

— Bem, guarda a rabugice para circumstancia mais azada — rebateu o capitão entre familiar e sobranceiro. — É preciso salvar esses forasteiros das garras dos beleguins inquisitoriaes. Emquanto eu converso com o escrivão, fá-los sahir pelas trazeiras do predio, pela porta que deita para a outra rua...

— Tal não farei. Comprometter-me-hia eu e vós. E os braços do Santo Officio são compridos e fortes — declarou Pero Rodrigues, acenando negativamente com a cabeça.

— E em seguida condú-los e occulta-os na moradia que sabes, n'essa mesma rua — continuou Francisco de Padilha, como se não ouvisse as observações do escudeiro.

— Na moradia onde vossa mercê se avista com as perdidas que comfiam em promessas de mancebo voltívolo. A toca é de molde para abrigar scismaticos da sua especie, mas não serei eu quem lhes servirá de guia — accentou ainda mais categoricamente o militar.

— Se perceberes que ha perigo, desces com elles até o subterraneo e não consintas que saiam de lá até o risco desapparecer de todo. Jogo n'isto a minha honra.

Pero Rodrigues preparava-se para proferir nova objurgatoria, mas o capitão tão convencido estava que as suas instruções seriam fielmente cumpridas,

que lhe voltou as costas, e dirigiu-se para a entrada, a informar-se do escrivão do omnipotente tribunal religioso a que devia a sua presença ali.

—Conversaste esta manhã defronte dos Paços da Ribeira com trez estrangeiros, não é assim?—inquiriu o escrivão, de Francisco de Padilha, depois de sêccas saudações e de declinar a sua qualidade.

—Assim é—comfirmou o capitão.

—E trouxeste-los para vossa casa; onde se encontram?—perguntou o funccionario do Santo Officio.

—Manifestaram desejo de assistir ao desfile da procissão, convidei-os para virem até aqui, mas apenas o desfile terminou agradeceram-m'o, despediram-se e sahiram—respondeu o capitão, pensando que mentir a um familiar da Inquisição não chegava a ser pecado venial.

—Ha muito tempo?

—Ha pouco; se andardes lestos talvez ainda os acheis no topo da rua.

—São hollandezes, na verdade?—inquiriu ainda, mas apressadamente, o escrivão.

—Não vos posso esclarecer n'esse ponto; falavam uma algaraviada onde a custo se percebiam termos em portuguez e castelhano. Pareceram-me pessoas de boa linhagem e quiz ser cortez com elles. Afigurou-se-me desprimor indagar a sua proveniencia.

Exprimiam tão despreoccupada naturalidade estas palavas, que o escrivão, embora desconfiado

por dever de officio, acreditou n'ellas. Virou-se para os seus quadrilheiros e determinou-lhes.

—Dois que examinem a rua a vêr se encontram as pessoas com os signaes que sabeis; outros dois que percorram esta habitação de cima abaixo, em cumprimento das ordens recebidas.

Nos olhos de Francisco de Padilha fuzilou um relampago de cholera, logo reprimida, e a voz tremeu-lhe n'um sibilo quando disse:

—Pesquizae a vosso bel-prazer; a minha casa é vossa e do Santo Officio.

II

## Separação violenta

A busca não deu nenhum resultado.

Pero Rodrigues desempenhara-se escrupulosa e inteligentemente da missão que lhe fôra incumbida. Os quadrilheiros revolveram o domicilio do capitão com uma minucia que provava bem quanto estavam habituados a esse genero de deligencias. Não se lhes deparou o minimo rasto da permanencia ali dos hollandezes.

Quando os aguazís terminaram a devassa, Francisco de Padilha, com as pupilas em fogo e com os labios brancos de furor, murmurou:

—Desditoso Portugal! Todas as calamidades desabaram sobre ti: a opressão castelhana, a cobiça e o fanatismo dos inquisidores, a inveja e a furia de exterminio das nações estrangeiras. Não possuimos nem autonomia politica nem liberdade individual. Oh, quando soará a hora de sacudirmos este jugo atrozmente infame?!

*

Maria do Rosario, agil criatura de cincoenta annos, com patentes vestigios, no rosto e na figura, da sua mocidade guapa, quedara-se assustadissima ante a insólita invasão dos sinistos esbirros, e balbuciou, quando os viu pelas costas:

— Senhor, Senhor, amereceae-vos de nós! Livrae-nos de peste, fome, guerra, das tentações de Satanaz e do mau olhado dos nossos inimigos!

Esta ultima parte da fervorosa prece referia-se aos incorrigiveis propositos galanteadores do capitão, que norteava o rumo da sua existencia pelos polos tão divirgentes, e ao mesmo tempo tão ligados, dos combates e das mulheres.

Maria do Rosario que, para não desmentir as tradições do seu sexo, não podia manter se muitos minutos silenciosa, depois de uma pausa, commentou:

— Debaixo dos pés se levantam os trabalhos, mas para vossa mercê é deante dos olhos que surgem; em pregando a vista em qualquer palminho de cara razoavel esquece-se de tudo. Que mau séstro esse!

— Fôste tu que m'o d'este a beber no teu leite.

— T'arrenego! Jesus, cruzes, anjo bento! São diabruras do Mafarrico e não outra coisa! — replicou açodada Maria do Rosario, persignando-se devotamente.

Francisco de Padilha não se sentia com disposições de espirito para proseguir n'um dialogo que não o interessava nada. Entardecera e as sombras

do crepusculo não vinham longe. Tirou do cabide uma capa, afivelou o boldrié recamado de desenhos, experimentou se a espada se desembainhava com facilidade e aprestou-se para sahir. Nas ruas principiava a escassear o movimento dos transeuntes, attrahidos pelo desfile da procissão.

—Ama—disse o capitão para Maria do Rosario,—tomae dois escudos e preparae uma ceia abundante e apurada para quatro commensaes.

—Gastaes o dinheiro e a saude...

Maria do Rosario calou-se.

Francisco de Padilha descia os degraus da escada de serviço do predio a quatro e quatro. No limiar da porta demorou-se a examinar com cautela se por ali rondava qualquer vulto suspeito. Descançado por esse lado, rebuçou-se com a gola da capa até os olhos, atravessou em duas pernadas a estreita viela e metteu-se n'um portal quasi fronteiro á sua vivenda. Bateu de um modo particular, e decorridos instantes encontrava-se no patamar de uma moradia, de um só andar, a mesma para onde mandara as suas estupefactas visitas.

—Pode explicar-me o que significa todo este singularissimo mysterio?!—interpelou o coronel hollandez apenas o capitão se apresentou ante os seus trez hospedes forçados.

Francisco de Padilha relatou succintamente quanto occorrera, e epilogou:

—Os espiões e os delatores enxameiam, como as varejeiras, em Portugal e Hespanha.

—Mas nós somos gente pacifica—retorquiu van Dorth com inflexão que denunciava o contrario.

—Mas é militar de um pais com o qual se romperam as treguas e segue uma religião condemnada pelo Santo Officio. Não traz salvo-conducto, viaja naturalmente com um nome de emprestimo e desembarcou sem preencher as formalidades requeridas. Pois não é isto?

O coronel conservou-se mudo, o que equivalia a uma significativa acquiescencia. O official portuguez continuou:

—Procura-vos a auctoridade maritima por contravenção das leis do porto, a civil por effeito de medidas de policia, a militar para que um inimigo não devasse o que se passa entre nós, a Inquisição para que um relapso não se lhe escape das presas...

—Que quadro tão tenebroso!—interrompeu a filha do coronel.

—Não exaggero as côres—retorquiu Padilha. —Foi uma imprudencia vossa desembarcarem e uma leviandade minha conduzí-los até aqui. Escusado se torna olhar para traz; remediemos o mal feito.

—De que modo?—perguntou van Dorth.

—Permanecendo n'esta casa até perderem a vossa pista e desanimarem de vos perseguir. Não vos offereço um asylo seguro, mas arriscaes-vos menos acceitando esta prisão voluntaria por alguns dias que, recusando-a, obrigarem-vos a entrar para outra menos hospitaleira e mais rigorosa.

—Será abusar da vossa fidalga generosidade—obtemperou Bertha van Dorth, mergulhando as suas pupillas fulgurantes nas do capitão.

—Generosidade... nenhuma...; o simples cumprimento de um dever, que os proprios mussulmanos, com serem infieis, praticam, não negando nunca hospitalidade nem aos seus acerrimos inimigos.

—E nós somos, na verdade, inimigos—observou entre sombrio e cortez Jacob van Dorth.

—Imaginemos—interveio Bertha com a sua voz insinuante—que as treguas ainda se prolongaam por mais algum tempo.

—Pois imaginemas—accedeu com galantaria Francisco de Padilha, despedindo sobre a jovem um olhar tão incendiario como uma manganella da Edade-Media,—mas agora não seria justo que depois de vos encarcerar aqui vos matasse á fome. Breve chegará o necessario repasto, que constituirá simultaneamente, por vosso mal, jantar e ceia.

Na verdade, decorrido o espaço indispensavel, a senhora Maria do Rosario, coadjuvada pelo seu irreconciliavel *inimigo* Pero Rodrigues, esmerara-se na confecção de uma ceia opipara e transportara-a ella propria, sem descuidar nenhuma precaução, para a vivenda proxima. Comeram todos com excellente appetite, não obstante as pragas que de si para si o escudeiro rogava aos hereticos intrusos.

—Quantas aventuras estupendas forja o acaso?! A imaginação mais febril é sempre menos phantasiosa que a realidade da vida!—commentou o

official portuguez assestando a bateria dos seus olhares contra o rosto da dama flamenga.

—Na vida não surgem acasos, desenvolvem-se factos, consequencia logica de leis naturaes e da vontade do Senhor—objectou o coronel com a austeridade caracteristica dos protestantes.

—Curvo-me ante as suas soberanas resoluções, meu tio—redarguiu Jacob van Dorth—mas devemos concordar que a vontade do Senhor, na presente conjuntura, se manifesta bem desagradavelmente para nós.

—Não tão desagradavelmente—acudiu Bertha—que não nos proporcionasse o ensejo de conhecermos um cavalleiro tão pundonoroso como este official portuguez.

O semblante de Francisco de Padilha irradiou n'uma expansão d'amor proprio satisfeito, o coronel franziu o sobr'olho n'um rapido movimento de desagrado, Jacob van Dorth tornou-se livido.

Pero Rodrigues, ao ouvir declarar a seu amo que trazia a honra empenhada em salvar os hollandezes, votara-os do mais intimo da sua alma ao Espirito das Trevas, mas jurára tambem aos santos da sua maior devoção empregar todas as diligencias para que não se erguesse nenhum estorvo á realização do promettido.

—Já reparou—inquiriu a senhora Maria do Rosario, do escudeiro, com o modo rude com que sempre se lhe dirigia—n'umas sombras de mau agouro que andam rua abaixo rua acima?

—Graças a Deus não padeço de cataratas, nem preciso que ninguem me ensine as minhas obrigações—redarguiu ainda mais azedo Pero Rodrigues, doido com o remoque da ama.

—Seria melhor prevenir Sua Mercê—continuou Maria do Rosario, satisfeita pela lição dada ao rival,—tanto se entretém na conversa com esses adventicios e tanto se embevece na contemplação da seresma, que esquece os podengos do Santo Officio. Mau é elles farejarem pista de caça grossa; não largam facilmente a mouta onde pensam que se abrigou.

—Socegue que a mouta está bem guardada—retorquiu o escudeiro, em tom agressivamente sêcco.—Demais cada um é para o que nasceu; a roca e a certã nunca emparelharam com a espada e o arcabuz; cosinhe bons pitéos e fie linho escolhido, que pela segurança de quem tão ruim leite bebeu responde quem póde.

E Pero Rodrigues, volvendo com desdem o dorso á sua antagonista, espreitou a rua atravez da gelosia. Cosidos com os humbraes das portas, a custo se divisavam cinco ou seis perfis, como de espectros que, de quando em quando, aos clarões intermittentes da lampada de um nicho, engrandeciam e se alongavam em contornos extravagantes..

—Senhor capitão—preveniu o fiel escudeiro, acercando-se de Francisco de Padilha e falando-lhe em voz baixa,—continuam a espiar a casa. Algum

visinho chocalheiro informou essas toupeiras de que Vossa Mercê buscava aqui pousio.

O official portuguez pediu licença aos seus commensaes, levantou-se e procurou medir a importancia da noticia. Convencido que o veterano não a exaggerara voltou pensativo para a meza. Van Dorth, que percebia alguma coisa de portuguez, que o estudara até para fins que o leitor mais tarde saberá, interrogou:

—Ha novidade, não é assim?

—Vigiam-nos a moradia; desconfiam ou certificaram-se de qualquer maneira que ainda aqui permanecem—redarguiu Francisco de Padilha com o rosto ensombrado.

—Precisamos sahir d'esta emboscada que nos armaram—bradou o coronel com varonil e suspeitosa intonação, pondo-se de pé.

O capitão deu um salto brusco, chisparam-lhe as pupillas, enrubesceram-se-lhe as faces, e exclamou:

—Não quero investigar agora qual o sentimento que dicta essas vossas palavras. Sim, convém sahir. E juro-vos que ou vos conduzirei a salvo até a praia ou morrerei junto de vós.

A physionomia de Francisco de Padilha transfigurara-se ao formular esta promessa. Reflectia-se n'ella a coragem de um homem que nenhum perigo intimida. Bertha fitou-o com mal disfarçada admiração, Jacob van Dorth envolveu-o n'um olhar de irriprimiveis zelos.

—Meu pae certamente não pretendeu magoar-vos e nem por sombra offender-vos—declarou Bertha, estendendo ao capitão a sua mão delgada e branca n'um impulso de generoso protesto.

—Não, na verdade, não vos quiz offender—repetiu o coronel sem desannuviar o semblante—mas...

—Mas—repisou Jacob van Dorth—este amontoado de coincidencias convida a meditar o menos desconfiado...

Bertha e Francisco de Padilha, ambos, pregaram n'elle a vista. A primeira com expressão de vigorosa censura, o segundo patenteando tal despreso, se não odio, que transformou em segundos esses homens, indifferentes um ao outro até ahi, em inimigos irreconciliaveis.

—Meditae tanto quanto quizerdes, mas aprestae a vossa espada, que talvez careceis d'ella breve—replicou o official portuguez, transmittindo á phrase duplo sentido, que não consentia duvidas a ninguem.

—Ha ocasiões, crêde, que se desembainha por si mesma e em que a mão apenas serve para a arrancar do peito do adversario—retrucou Jacob van Dorth no mesmo tom.

—O convivio com os hespanhoes, embora em arraial opposto, contaminou-vos do seu espirito hyperbolico e jactancioso. Emfim... Emfim... De todos os duellos, o menos proveitoso é aquelle em que só se trocam palavras, e do que mais precisamos agora são obras.

O mancebo hollandez dispunha-se a replicar, mas conteve-o o olhar severo e dominador de Bertha.

—Pero Rodrigues—disse o capitão virando-se para e escudeiro, testemunha muda e impassivel do aggressivo dialogo,—ide verificar se algum d'esses negregados esbirros fareja a sahida do subterraneo. Andae lesto.

O veterano de Alcacer-Kibir engoliu uma praga, que por um triz não lhe salta da bocca, e, sempre resmungando, desappareceu a cumprir as instrucções recebidas.

—Os morcêgos adejam por este lado—participou decorridos cinco minutos Pero Rodrigues, cada vez mais mal encarado, e apontando para a banda da rua onde estacionavam os vultos suspeitos;—d'aquelle, parecem não desconfiar de que possam por ali esvoaçar corujas agourentas ou passaros de arribação.

—A caminho, pois, minha senhora e meus senhores—convidou Francisco de Padilha, embrulhando-se na capa e tateando a adaga que entalára no cinto, e, em seguida, virando-se para o velho escudeiro, ordenou-lhe:—Tu caminhas na frente, para nos allumiares, sem esqueceres a espada, de que talvez tambem necessitemos.

—Para amanhar esses arenques da Hollanda... com a melhor vontade—redarguiu Pero Rodrigues por entre dentes.

—Encostae-vos ao meu braço, senhora—offe-

receu o capitão — o caminho não se recommenda por bom nem se abre livre de embaraços.

Jacob van Dorth adeantara-se egualmente e ao mesmo tempo, para que sua prima escolhesse a elle para seu apoio. A joven, porém, após um segundo de vacillação acceitou o offereicimento de Francisco de Padilha, explicando.

— Sois o dono d'esta casa, só me resta esta forma de vos manifestar o meu reconhecimento pela vossa bizarra hospitalidade.

O coronel carregou ainda mais o sobrencenho, seu sobrinho contrahiu o rosto n'um esgar que metteria medo ao proprio Lúcifer.

O escudeiro abrangera n'um relance toda esta significativa mimica, e resmungou:

— Ella já dispôz as esculcas para reconhecer o terreno, ao bonifrate dóe-lhe o cotovêlo como se lhe dessem uma pranchada n'elle, o pae não mostra boa cara á manobra e o capitão deixa-se envolver como os perros infieis de Muley-Moluk nos envolveram a nós em Alcacer-Kibir. Ao lado de mulheres esquece-se das lições de tactica com que sempre lhe azoino os ouvidos.

Pero Rodrigues pegara n'um velho candieiro de latão e abriu a marcha. Seguiu-o immediatamente o official portuguez com Bertha ao lado e após estes dois hollandezes. Não se deu no trajecto do subterraneo nenhum incidente digno de registo. O escudeiro abriu a porta com toda a precaução e, recordando-se dos antigos tempos das embosca-

*

das nas florestas da India, sondou as visinhanças com a mais escrupulosa minucia.

—Ninguem—informou o velho soldado—nem mesmo o punhal de um bandoleiro á esquina da congosta.

Pero Rodrigues não se enganava. A sua pupilla de felino devassara as trevas e encontrára os rincões e os portaes ermas de qualquer aguazil ou malfeitor, tão perigoso uns como outros.

—Saiamos—propoz Francisco de Padilha;—entregam-nos a rua livre, não sei se por descuido, se por aleive. Eu formarei a vanguarda da nossa columna, o meu escudeiro a cauda. Ficais ambos livres de fugir com esta senhora, se alguem nos acommetter, e, como derradeiro recurso, de defendel-a até á ultima. Quando chegarem até vós, já nós não nos poderemos aguentar de pé.

A brisa a ciciar não produz menos ruido. Os cinco aventuraram-se afoitamente pelo tortuoso beco adeante. A noite, e acabavam de bater as trez horas da madrugada, desdobrara-se opaca, com poucos luzeiros no firmamento. Pero Rodrigues, precavido, munira-se de uma lanterna, objecto indispensavel a quem percorria as ruas da capital quando o luar não se incumbia amavelmente da sua illuminação. Mas não convinha accendel-a em conjunctura tão apertada.

—Esperam-vos na praia?—perguntou Francisco de Padilha para o coronel van Dorth.

—Devem esperar. São essas as instruções deixa-

das por mim ao comandante da fusta, que, embora desfralde a bandeira veneziana, é hollandeza. O patrão de escaler tem por obrigação ali aguardar o nosso embarque até de madrugada.

Os cinco noctívagos continuaram no seu emmaranhado percurso, sem nenhum encontro desagradavel. O maior perigo parecia conjurado.

—Não ha policia n'esta cidade?—inquiriu Bertha do official portuguez, de uma das occasiões que este se acercou d'ella para se informar se lhe era muito penoso o trajecto.

—Ha annos, em 1603, creou-se uma policia urbana—esclareceu Francisco de Padilha.—Recensearam-se os mesteiraes mais honrados de cada freguezia e organizou-se com elles uma corporação de quadrilheiros com a imposição de servirem durante trez annos.

—É um serviço onoroso—commentou o coronel desejando apagar no espirito do official portuguez a má impressão do dialogo anterior.

—Coadjuvam-n'os vinte visinhos em cada freguezia, promptos ao primeiro rebate para os reforçar, armados de lanças de dezoito palmos, chuços ou partazanas. Existem actualmente quatro corregedores e dez juizes distribuidos por outros tantos bairros—pormenorizou o capitão.

—As leis são geralmente sabias em toda a parte, o difficil, porém, é tornal-as effectivas—conceituou Bertha.

—Os regulamentos determinam que os juizes

rondem as suas jurisdicções, pelo menos, duas vezes por semana, e os alcaides todas as noites. Incumbe-lhes investigar da existencia dos habitantes, policiarem os tunantes, os tavolageiros e creaturas de vida suspeita — elucidou Francisco de Padilha.

— Bellas determinaçães escriptas no papel e que raro transitam para a pratica — definiu o coronel.

— Aos alcaides pertence-lhes socegar as rixas e tumultos, fiscalizarem o porte dos moradores de cada arruamento, se vivem com a continencia exigida, e partilham com os familiares do Santo Officio da responsabilidade de denunciar os impios, os blasphemos e os desordeiros — ampliou o capitão.

— A tarefa é fatigante — observou Johan van Dorth.

— Com todas estas expressas incumbencias de prender vagabundos dos dois sexos e simulados mendigos, de banir quem não tenha exemplar conducta, de manter a ordem e proteger a propriedade, de a um dos corregedores do crime competir visitar todos os antros da cidade — continuou Francisco de Padilha, — os conflictos sangrentos são quotidianos, as brigas ostentam-se até á luz do sol.

— Acontece o mesmo por toda a parte — sublinhou Bertha.

— Ha sete annos, em 1615, succediam-se de tal modo os roubos, as emboscadas, o derimir de vinganças pessoaes, os duellos entre fidalgos e não

fidalgos, a onda do crime subiu com tal impeto, que ninguem, timorato, ousava sahir apenas anoitecia, e os que se viam obrigados a fazel-o rodeavam-se de uma escolta bem armada. O escandalo e abuso assumiram taes proporções que Filippe III ordenou que julgassem os nobres com severidade e que lhe enviassem para Madrid uma relação com os nomes dos culpados, os quaes por castigo não receberiam nenhuma graça ou beneficio. Ora essas scenas de bandoleirismo e de rixas homicidas não só não melhoraram de então para cá, mas talvez peorassem até—epilogou o capitão.

—Esta noite, porém, apezar da espionagem dos esbirros da Inquisição, os ladrões e os desordeiros não nos deram motivo de queixa—observou a juvenil flamenga.

Francisco de Padilha reoccupou de novo, na frente, o seu logar. Os fugitivos chegavam perto do Terreiro do Paço. Distinguia-se já no silencio da noite, o marulhar do rio. Todos estugaram o andamento. Cinco minutos depois encontravam-se á beira do Tejo. Apezar das trevas profundas, que desdobravam sobre Lisboa como um toldo de burel denso e negro, divisavam-se indecisas as mastreações e cascos d'alguns navios fundeados mais perto da margem.

—Em que sitio deve esperar o bote?—inquiriu o official portuguez.

—Por aqui—respondeu o coronel, perscrutando a escuridão attentamente, e ao mesmo tempo modulava um assobio com uma toada particular.

Quasi logo, d'algumas dezenas de braças adeante, vindo das agua sremançosas, mas de uma opacidade de caligem, trilou um assobio identico e ouviu-se acto continuo a bulha de remos incidindo na ondulação larga, quasi quieta.

— São os vossos marinheiros? — perguntou de novo Francisco de Padilha.

— Creio que sim — retorquiu Johan van Dorth.

— És tu, Pieter? — interrogou Jacob, que se adeantara alguns passos ao grupo.

A embarcação continuava a approximar-se, mas de bordo d'ella ninguem respondia. O coronel hollandez esboçou um gesto de impaciencia e repetiu a pergunta antecedente formulada por seu sobrinho:

— És tu, Pieter?

Exactamente n'este instante, como se surdissem do chão ou se despenhassem das nuvens, precipitaram-se sobre o grupo dos hollandezes e portuguezes uns dez homens. Uma voz do meio d'elles bradou:

— Segurae-os bem, mas não os mateis.

Não se concebe surpreza mais completa. Mas ninguem perdeu o sangue frio. A subita aggressão retalhara o grupo em dois. De uma banda ficaram Johan e Jacob van Dorth; da outra o capitão, Pero Rodrigues e Bertha. As espadas sahiram das bainhas com a rapidez de um corisco, e os aggressores depressa comprehenderam que não comprariam barata a victoria.

— Não resistaes — ordenou a mesma voz de ha

pouco; — acompanhae-nos por determinação do Santo Tribunal.

— Esbirros da Inquisição! — rugiu n'um clamor de furia Francisco de Padilha.

— Entregae-nos as vossas armas e acompanhem-nos — insistiu a mesma voz, a do chefe dos quadrilheiros, evidentemente.

O escaler abicára no momento da acommettida á praia. Pertencia na realidade á fusta hollandeza. O mestre e os marinheiros perceberam n'um realce o que succedia. Como o coronel e seu sobrinho ficavam mais proximos do barco, saltaram para a areia uns quatro ou cinco tripulantes, distribuiram uma saraivada de pancadas com os remos e croques, levaram deante de si os aguazias do Santo Officio, que não esperavam tão brusca e contundente intervenção, pegaram em Johan e Jacob van Dorth com o arrebatamento de quem pretende salvar amigos de uma conjuntura afflictiva, arrastaram-n'os a despeito dos seus protestos e da sua resistencia para o escaler e impelliram a embarcação para o largo. Esta especie de rapto effectuara-se com tão aturdida celeridade, que só se lembraram que Bertha ficara em terra quando distavam algumas centenas de braças do local do embarque.

— Minha filha! — bradou Johan van Dorth, n'um grito pungentissimo.

— Meu pae! — gemeu a desditosa senhora n'um angustiosissimo queixume.

III

## Nas garras da Inquisição

Ao mesmo tempo que soavam as duas exclamações, ouvia-se o baque n'agua de dois corpos. O coronel e seu sobrinho, apenas conseguiram esquivar-se á violencia libertadora dos marinheiros do escaler, movidos ambos por análogo sentimento de indignação, atiraram-se ao rio, a fim de nadar para a praia, na intenção de salvar Bertha ou participar da sua sorte.

—Má raça de tubarões vos devorem!—praguejou o patrão do barco, não percebendo o motivo de tão inesperada resolução.—Pensaes agora que o meu mister se reduz a pescar xarrocos d'este tamanho?!

E não se lembrando, nem raciocinando que ficára uma passageira na margem, e que essa passageira pertencia á familia dos dois homens a quem arrancára, de fórma tão insolita, das mãos dos quadrilheiros do Santo Officio, considerando um acto

de inexplicavel demencia a deliberação dos seus dois compatriotas, dispoz-se immediatamente e com a energia dos homens da sua profissão a evitar a rematada loucura, e bradou:

—Eh, rapazes, lançae os harpéos a esses baleotes e fisguem-nos bem que o tempo escasseia e o ar entrovisca-se.

Os tripulantes em duas remadas vigorosas acercaram o barco de Johan e Jacob van Dorth, empolgaram-n'os pelos cabellos e, apesar das vehementes diligencias em contrario, içaram-n'os para bordo.

—Não vêdes, scelerado, que minha filha se quêda em terra á mercê d'aquelles canibaes??—rugiu o coronel.

O velho lobo de mar hollandez manteve-se perplexo durante segundos, depois, n'um encolher de hombros brusco e significativo, retorquiu:

—Se voltasseis agora para terra tambem vos deitavam a fateixa, sem vantagem para vós nem para a senhora vossa filha, vamos para bordo, ali o commandante da fusta, de combinação comvosco, que resolva como melhor entender.

E não houve argumentos nem supplicas que demovessem o marinheiro hollandez de aproar á fusta e de para ali se dirigir com a maior celeridade possivel.

Vejamos agora o que occorria na praia.

—Que pretendeis de nós?—bramiu Francisco de Padilha interpondo-se ante a joven, ao passo que Pero Rodrigues procedia de egual modo.

—Que nos acompanheis, repito,—declarou o chefe do bando, furioso por ver escapar-se-lhe uma parte da caça, exactamente a que mais interesse tomara em apanhar.

—É um abuso de autoridade que praticaes comnosco. Somos pessoas ordeiras—obtemperou o capitão, vencendo o desejo que sentia de passar a espada atravez do peito do seu interlocutor, e optando pelos meios brandos, em vista da situação torturante de Bertha.

—Tão ordeiras—replicou o caudilho dos esbirros—que duas foram-nos tiradas á força e as que não podem fugir dispõem-se a appellar para as espadas.

—Senhor capitão, senhor capitão,—supplicou Bertha, com voz apoquentadissima e recorrendo a todo o seu animo para não cahir desfallecida nos braços de Padilha—pedi a este gentilhomen para que me deixe ir ter com meu pae.

—Não nos enganamos, são estrangeiros hollandezes com toda a certeza—resmoneou o chefe dos aguazis, e em seguida ordenou-lhe:—Arranjae depressa um barco e segui no encalço do que transporta os fugitivos; se o não puderem alcançar, ao menos que saibam em que navio se refugiaram esses inimigos de Nosso Senhor e de Sua Magestade Fillippe IV.

Durante este curto intervallo Francisco de Padilha reflectiu no partido que lhe convinha adoptar. Quando o chefe dos quadrilheiros se approximou de novo d'elle, propoz-lhe:

A noite vae adeantadissima, permitti que conduza a minha casa esta menina prestes a desmaiar pelo grande choque que acaba de soffrer e que a confie ali á guarda de uma mulher honesta e de confiança. Não vos arrependereis da vossa condescendencia.

Ao mesmo tempo o capitão apartava da bolsa alguns dobrões e introduzia-os na mão do chefe dos esbirros.

—Se não foreis o capitão Francisco de Padilha, demasiado conhecido em Lisboa pela valentia da sua espada e pela nobreza do seu coração, não arriscaria o meu emprego e a minha liberdade accedendo a tal rogo. Levae essa dama, como desejaes, mas dae-me a vossa palavra que ámanhã vos apresentareis, vós e ella, ante o bispo D. Fernão Martins Mascarenhas, inquisidor geral.

—Elle condescende—resmungou Pero Rodrigues—não só por causa dos dobrões, mas ainda porque diminuidos em metade os aguazis, pois lhe faltam os que perseguem os fugitivos, receia não levar a melhor comnosco se lhe batermos o pé.

—Apresentar-me-hei eu ámanhã ao inquisidor geral—declarou Francisco de Padilha,—e, se o bispo o exigir, comprometto-me tambem a apresentar esta senhora.

—Estaes livres, podeis retirar-vos—disse o familiar do Santo Officio.

—E lembrar-me que assume ares de vencedor este mocho a quem eu podia torcer o gasnete

como a um frango!—commentou o velho escudeiro.

Francisco de Padilha tão preoccupado se encontrava que não reparou no tom de protecção do esbirro, tão irritante para o seu leal servidor. Todos os seus pensamentos se encontravam em Bertha, ainda de manhã desconhecida para elle e enchendo agora um vasto espaço na sua existencia. Desejaria leval-a para casa da familia de compatriotas seus, que procuravam, ella o pae e o primo, em Lisboa, mas não eram horas para semelhantes diligencias. Deliberou, pois, entregal-a em deposito a Maria do Rosario, até o dia seguinte, em que esperava poder restituil-a ao coronel, terminando assim aquelle dolorosissimo pesadêlo.

—Que desaforo trazer-me a taes deshoras um embrechado d'esta especie!...—principiava a commentar Maria do Rosario quando Francisco de Padilha entrou em casa com Bertha.

—Silencio, mulher mal pensada, coração cheio de fel!—interrompeu o capitão, carregando severo o sobrecenho.—A esta senhora afflige-a tal magua que nem todos os consolos de uma alma carinhosa bastariam para lh'a mitigar, quanto mais tu quereres lançar-lhe a triaga que abunda na tua.

Melindrou-se a ama do capitão até o mais intimo do seu ser com esta imprecação porque não a esperava, nem, no fundo, a merecia.

—Com que então só tenho fel no coração e triaga na alma?!—repetiu Maria do Rosario com

os olhos marejados de lagrimas — Ora aqui está para que damos o leite do nosso peito a uma criança e para que a creamos como se fôra nosso filho!

Francisco de Padilha conseguira o seu fim, enternecer a boa mulher. Para isso empregara a aspereza. Quando a viu no ponto desejado narrou-lhe quanto occorrera. Maria do Rosario derramou copioso pranto. Bertha não poderia encontrar seio mais hospitaleiro. Pelo lado do carinho descançava o official portuguez, quanto ao resto Deus se pronunciaria. Dirigiu algumas palavras de conforto á joven hollandeza, outras affectuosas á ama, e retirou-se, para coordenar um pouco as idéas, porque dormir, nem de tal se lembrava, para a vivenda fronteira, theatro das suas leviandades de mancebo solteiro.

— Que sestro o d'este rapaz! As mulheres para elle são como o vinho e o pão nosso de cada dia. Não pode passar vinte e quatro horas sem provar um pitéo d'aquella cosinha. Praza a Deus que esta não lhe cause alguma indigestão.

Escusado será informar o leitor que quem resava esta litania era Pero Rodrigues.

Amanhecera-se e erguia-se já alto o sol no horisonte e ainda Francisco de Padilha não atinara com o que devia declarar ao inquisidor geral. Depois de muito cogitar resolvera narrar-lhe toda a verdade sem omittir o mais pequeno pormenor. O contrario seria até má tactica, visto como o omnipotente

prelado, segundo todas as probabilidades, sabia tanto como elle.

—Conheço-vos de pequenino e sempre fui amigo de vossa familia, sois um homem de pundonor e bom christão, espero pois que honreis o vosso caracter não desprestigiando os meus cabellos brancos; narrae-me tudo quanto vos aconteceu desde hontem de manhã para cá.

Esta exhortação fazia-a o bispo D. Fernão Martins Mascarenhas, n'um recanto da sala do conselho do palacio da Inquisição, a Francisco de Padilha, ás nove horas da manhã do dia immediato aos acontecimentos atraz relatados.

—Só a verdade sahirá da minha bocca—declarou o capitão com solemnidade e assentando-se n'uma poltrona de couro de Utrecht a convite do inquisidor geral.

E o official em tom breve e phrases concisas, descreveu succintamente quanto é já do dominio do leitor.

—Não ignoraes por certo que data de muitos annos, de quasi seculos, a lucta que sustentou Portugal e Hespanha contra a Hollanda—principiou o prelado acabada a narrativa do capitão.

—Os piratas inglezes e hollandezes juraram aniquilar as nossas colonias e o nosso commercio—confirmou Francisco de Padilha sem bem attingir qual o designio do seu interlocutor.

—Se os inglezes n'estes ultimos tempos cevaram a furia da sua avidez invadindo a costa, lan-

çando golpes de gente em Cascaes e assolando o Algarve, a titulo de proteger os interesses do Prior do Crato, os hollandezes não nos trataram melhor —continuou D. Fernão Mascarenhas.

—Ha ahi dois pontos a considerar—obtemperou o capitão;—as hostilidades dos Paizes Baixos arruinam o povo portuguez por causa da inveja que sentem por Portugal e do odio que votam aos hespanhoes. É mais um dos mil gravâmes que nos acarretou essa desgraçada união á Hespanha.

—Cautela com a lingua, Francisco de Padilha, que a tendes demasiado sôlta e perto do coração! —recomendou o inquisidor geral, e logo n'outro tom proseguiu—Lembraes-vos certamente como o almirante hollandez van der Don incendiou e saqueou a ilha de S. Tomé, como outros marinheiros da mesma nacionalidade se apoderaram das nossas feitorias do Gobão, do cabo de Lopo Gonçalves, da ilha de Fernão do Pó, do rio d'El-rei, de Calabar, do porto de Pinda, no Zaire.

—Não ha duvida que todas essas calamidades se despenharam sobre nós—concordou Francisco de Padilha,—mas Estevam de Athaide de tal modo escarmentou em Moçambique as treze naus e os dois mil soldados de Pedro Willemoz Verhœven que não tornaram por ali a surgir durante uns poucos de annos...

—Não esmiucemos por prolixo—interrompeu o bispo—a maneira como André Furtado de Mendonça derrotou em 1603 os hollandezes em Am-

boino, expulsando-os das Malucas, como mais tarde repetiu analoga proeza no cerco posto por elles, a Malaca, como todos os nossos capitães se nivelaram com os heroes retalhando e aniquillando as allianças formadas por esses odientos flamengos com os potentados da Africa, da India, da Oceania, para nos arrancar ali as nossas conquistas.

—Esmaltam essa epopéa sanguinaria as façanhas mais estupendas realisadas pelos nossos e os mais nefandos aleives e os mais tredos artificios preparados pelos hollandezes—ampliou o official n'um assomo de indignado patriotismo.

—Permitti que para melhor comprehenderdes o que julgo necessario expor-vos me alongue n'um exordio preliminar—solicitou polidamente D. Fernão Mascarenhas—El-rei D. Filippe II julgou destruir o poderio naval dos Paizes Baixos mandando em 1594 sequestrar á força cincoenta dos seus navios fundeados em Lisboa e punindo com castigos rigorosos qualquer dos seus vassallos que mantivesse relações com os hereticos hollandezes.

—Não o conseguiu—atalhou o capitão;—de começo resentiram-se do golpe que os privava de negociarem com productos do Oriente, mas depois, em vez de demandarem o Tejo para aqui, exercerem o trafico, encaminharam-se directamente para a India para ali carregar as suas embarcações.

—Cornelio Hautmann—proseguiu o inquisidor geral, mercante hollandez, detido e condemnado em Lisboa a pagar avultada somma, por suspeito

*

de contrabando e de heresia, obteve dos seus compatriotas que o libertassem dos ferros de el-rei satisfazendo a importante quantia da fiança e compromettendo-se em troca a revelar quanto sabia dos negocios de além-mar.

— Eis a origem dos armadores hollandezes enviarem as suas naves para longinquas paragens — conceituou Francisco de Padilha.

— Hautmann — permenorisou o inquisidor geral — fez-se de vela em 1595, desembarcou em Madagascar, fundeou na costa norte de Java e visitou diversas ilhas da Oceania. Em agosto de 1597 regressava ao Texel com perdas sérias em navios e tripulações, mas com a convicção de que se abriam ali mercados importantes ao commercio hollandez.

— Não se andárá longe da verdade considerando essa viagem como o inicio da rivalidade entre nós e elles — observou o capitão.

— Rotas as treguas pactuadas pelo tratado de 9 de abril de 1609, que suspendia as hostilidades durante doze annos — narrou o bispo, — e falecido o estadista Olden Barneveld, preponderou nos Estados Geraes a opinião de Usselinx, que pregava a guerra a todo o transe e aconselhou a que as armas hollandezas assolassem, quando não pudessem conquistar, as possessões hespanholas e portuguezas no Novo Mundo.

— Continente que pouco conheciam — atalhou Francisco de Padilha.

— Van Vord visitara-o em 1598 e só depois, em 1614, por ali navegara o almirante Joris van Spilbergen, a quem os colonos repeliram, mas que sempre foi apresando uma caravela carregada de prata e bullas da Santa Cruzada.

— Lá pelas bullas... — mas o official calou-se immediatamente amordaçado por um olhar severo que lhe lançou o prelado.

— A America tentava-os — continuou o bispo — Pairaram por ali em 1615 Jacob le Maire e Wislen Corneliozoon Schouien. As informações e os relatorios d'esses navegadores despertaram no espirito de Usselinx o plano de crear uma companhia que se tornasse tão nociva a nós do outro lado do Atlantico como a sua similar britannica nos prejudica e guerreia na Asia.

— A Companhia constituiu-se com a protecção do Stadthouder, dos Estados Geraes — ampliou D. Fernão Mascarenhas — approvando-lhe o governo os estatutos a 3 de Junho de 1631. Essa companhia gosa durante vinte e quatro annos do monopolio do commercio e navegação em quasi toda a Africa e America, nomeia e demitte governadores e empregados, estipula tratados de alliança e de trafico com os navios, declara a guerra, faz a paz, constroe fortificações e funda colonias.

— Frue todos os privilegios de uma companhia soberana — sublinhou o capitão.

— Além de todas estas vantagens os Estados Geraes fixaram-lhe um subsidio de duzentos mil florins

por cinco annos com direito a descontar metade d'esta somma das presas maritimas e dos despojos obtidos por combate—expoz o inquisidor geral.—Os fundos da companhia elevaram-se sem detença á fabulosa quantia de trez mil duzentos e tantos contos de reis...

—Quasi todas as camaras das principaes cidades dos Paizes Baixos estão ali representadas—adduziu Francisco de Padilha;—formam o conselho executivo dezenove directores delegados das secções, personalidades mais em evidencia, e os estatutos obrigam a assembléa a reunir-se alternadamente em Amsterdam ou Middelburgo.

—Os intuitos d'esta companhia assentam mais em planos de aggressão e projectos de exterminio que em concepções de presentes lucros mercantis—expoz o bispo.—Os proventos fornecidos, por agora pela America, não atulham as arcas da companhia neerlandeza, mas os marinheiros hollandezes, pirateando por aquelles mares, protegem o contrabando nas colonias portuguezas e hespanholas, desviam as tropas de Madrid e Lisboa para acudir onde o perigo é maior, desenvolvem a sua marinha e as suas industrias e collaboram activa, embora indirectamente, na campanha que os Paizes Baixos sustentam contra a sua antiga suzeranna.

—Confessemos, a tactica não é despida nem de logica, nem de previsão—declarou o official.

—Concordo, mas significa o aniquilamento do nosso commercio e torna-se necessario contrarial-a

com energia, tanto mais, e vergonha é reconhecel-o, os, seus corsarios...

—Excedem as bizarmas dos nossos vagarosos galeões e naus na celaridade da marcha, pericia da manobra e proficuidade da artilharia. Guarnecem os seus barcos tripulações escolhidas; os nossos largam do fundeadouro com agua aberta, atestados de mercadorias e passageiros e mareados quasi sempre por marinheiros compellidos a embarcar nas vesperas da viagem e que no momento do combate não secundam, em geral, o esforço e a intrepidez dos seus camaradas de armas e de quem os commanda. Mas...—e Francisco de Padilha interrompeu-se subitamente.

—A que proposito vem todo este lamentavel estendal de incurias e de desgraçes, não é verdade? —completou D. Fernão Mascarenhas—Vou dizer-vo-lo. Ignoraes certamente de que especie de missão o rebelde governo dos Paizes Baixos incumbiu o coronel Johan van Dorth, a quem vós offerecestes guarida e a quem arrancastes aos representantes da nossa justiça.

—Ignoro completamente—declarou o capitão com inilludivel accento de verdade.

—El-rei D. Fillippe IV ordenou que se fortificassem as cidades da Bahia e de Pernambuco.

—Não se indica, porém, contra que paiz se tomam semelhantes precauções. Ameaçam-nos tanto a França, a Inglaterra, os turcos, os mouros, que precaver-nos contra os flamengos não causa estranheza.

—As medidas promulgados ha tempos, como as de negar residencia aos estrangeiros, as de internar os christãos novos para os vigiar mais de perto, a exigencia de rol de nomes com a designação dos haveres e dos misteres desempenhados pelos forasteiros estabelecidos em Lisboa, e as ultimas, que os exilam e mandam sahir pela barra fóra, não padecem de tanta iniquidade quanto de relance se presume—argumentou o prelado.

—Consenti, senhor—retorquiu o official,—que vos assegure que aquelles a quem a mingoa da liberdade não tolhe a rectidão do juizo acoimam essas providencias de injustas, molestas para a riqueza publica, attentatorias da equidade e do bom direito.

—E não se alheiavam da razão... se não acudissem argumentos ponderosos a justificar-lhe o rigor—replicou o bispo e ides julgar.

—Mau juiz em litigio tão momentoso—redarguiu polidamente o capitão;—talvez o rancor latente dos israelitas vexados...

—Singraes por optimo rumo—approvou D. Fernão Mascarenhas.—Os judeus e bastantes flamengos a quem muito seduzem os encantos do Brazil aconselharam aos Estados Geraes dos Paizes Baixos a enviarem uma expedição ás terras de Santa Cruz. Onde?... Constitue sigillo impenetravel, mas, informações de origem segura apontam o hollandez Manuel Vendale e varios hebreus conhecedores d'aquellas regiões como os futuros guias do

emprehendimento que planeiam realizar os neerlandezes.

— O caso é grave.

— Como vos communiquei ha pouco, o Stadthouder, em harmonia com o voto exprimido pela nação, e d'estas nomeações adquirimos toda a certeza, escolheu para commandar a armada o almirante Jacob Willekens, para seu immediato e vice-almirante Pieter Piterzoon Heiyn e para chefe das forças de desembarque e governador do territorio conquistado, o coronel Johan van Dorth, senhor de Horst e Pesh.

Francisco de Padilha deixou pender a cabeça sobre o peito n'um arroubo meditativo.

— Comprehendeis agora, por certo — continuou o inquisidor geral — quanto nos conviria sequestrar, no uso pleno do nosso direito, uma das personalidades mais em evidencia, se não a maior, o coronel van Dorth, cabeça pensante e mão forte d'essa tentativa.

— Quem o adivinhára?! — murmurou o capitão a seu pezar.

Não escapou ao bispo a observação e logo accrescentou:

— Deus, porém, não se esquece dos seus fieis servidores nem poupa aos hereticos o merecido castigo. Se o coronel van Dorth conseguiu subtrahir-se á captura que ordenáramos, o acaso ou a Providencia entregou-nos um refens que lhe deve ser caro a todos os respeitos e que por consequencia

representa para nós uma garantia de inestimavel valôr.

A que refens alludis?—perguntou o official, erguendo a fronte em sobresalto.

—Á filha do coronel van Dorth, depositada em vossa casa e a quem o Santo Officio custodiará a fim de neutralisar a acção de perniciosa rebeldia que seu pae se dispõe a praticar—elucidou com voz meliflua o inquisidor geral.

—Mas esse acto é uma ignominia, incide sobre mim como um labéo de infamia!—bradou revoltado Francisco de Padilha.

—O serviço da patria, seja elle qual fôr, não comporta ignominias, e Deus conferiu á Egreja latos poderes para acalmar os escrupulos de consciencia, ainda os mais torturantes, concedendo perdão e absolvição aos que se suppõem transgressores de determinados preceitos, que não passam de meras convenções sociaes—explicou o prelado em tom untuoso.

D. Fernão de Mascarenhas, pela sua edade, acercava-se das raias da velhice, o seu aspecto, com alvas cans a emmoldurarem-lhe o rosto, tornava-o venerando; demais conhecera e affagara desde a meninice o capitão. A imponencia dominadora do seu physico, e as recordações affectivas da sua infancia contiveram o primeiro repellão de Francisco de Padilha que rouco, balbuciou:

—A honra obedece apenas a um codigo, a probidade só conhece um caminho:

— Phrases de romance de cavallaria, mas de sentido ôco quando as definem as imperiosas exigencias da alta razão do Estado.

— Qual é então o vosso designio, consenti que vol-o pergunte?

— Já vo-lo expuz claramente. Conservar a bom recato a filha do coronel van Dorth de modo que a liberdade, a segurança e, impondo-o as circumstancias, a vida d'ella respondam pelos actos d'esses perigosos inimigos de Portugal e Hespanha.

Francisco de Padilha sentiu de novo uma onda de sangue escaldar-lhe o cerebro, mas ainda encontrou forças para se refrear d'esta vez, e, com voz que denotava apparente calma, perguntou:

— Encerra-la-heis nos carceres da Inquisição?

— Por ora não. Tratál-a-hemos por emquanto com todas as attenções — informou o inquisidor geral. — Como, porém, a decencia não permitte que continue na vossa moradia, recolher-se-ha a um convento de regra austera e grades solidas.

O capitão refletiu durante segundos. Homem d'acção, assentou rapidamente no que lhe cumpria fazer, mas não deixou transparecer nada no rosto d'esse subito proposito, e indagou:

— Hoje mesmo?

— Hoje mesmo — confirmou o bispo. — Espero saber dentro em pouco qual o destino de seu pae, se desembarcou, se ainda se encontra a bordo da fusta hollandeza, mas que navega com bandeira veneziana, ou se já sahiu a barra. Até lá confio essa

joven á vossa guarda e rogo-vos que a prepareis, que a persuadaes a conformar-se com a sua sorte.

—Diligenciarei bem desempenhar-me da missão de que me incumbis—e o official levantou-se, beijou o annel do bispo e despediu-se.

—O céo vos abençoará e a patria e el-rei D. Filippe IV vos recompensarão de subordinardes os vossos sentimentos pessoaes e falsos melindres de pundonor aos interesses da religião e ao serviço de Sua Magestade.

Francisco de Padilha inclinou a cabeça n'um gesto que tanto podia significar acquiescencia como outra decisão, e quando o amplo reposteiro, recamado com as armas do Santo Officio, se correu nas suas costas, murmurou:

—Veremos para que banda se pronuncia Deus!

---

## IV

# O dominio castelhano

Francisco de Padilha amadurecia pelo caminho o plano que de subito concebera. Apodava-o elle proprio de audacioso, temerario, inexequivel até, mas tental-o-hia. Dentro da sua alma bramia o odio contra dois inimigos irreconciliaveis — contra o inimigo castelhano e contra o fanatismo interesseiro da Inquisição.

— Para realisar o que projecto — monologava o capitão — necessito em primeiro logar certificar-me se a fusta hollandeza já velejou com o coronel van Dorth a bordo, depois arranjar dinheiro e em seguida encontrar dois ou trez amigos decididos, além do meu fiel Pero Rodrigues.

Deixemos por um momento Francisco de Padilha e os seus projectos e tracemos mui succintamente o quadro que então apresentava o nosso desditoso paiz.

A Hespanha guerreava com quasi toda a Europa, já antes de absorver Portugal, e entre a serie de males que essa absorpção determinára, não se póde considerar dos menos graves o sermos tambem offerecidos em holocausto as furias dos inimigos de Castella. A nossa patria era uma especie de *anima vili* em que todas as potencias experimentavam os seus golpes. Muito por sentimento patriotico, e não pouco por instigação dos governos adversos ao governo de Madrid, o povo não se conformava com a junção dos dois reinos e não perdia ensejo de o manifestar.

Um dia, que o carrasco justiçava um piloto por crime de contrabando, apedrejou o palacio do marquez de Castello Rodrigo, D. Christovão de Moura, outra vez vice-rei de Portugal desde 1868. O duque de Lerma, valido de Filippe III, trabalhava com a maior pertinacia para acabar com os privilegios portuguezes concedidos por Filippe II em Thomar e obter a fusão completa das duas nações. Cerceava-lhe pouco a pouco todas as immunidades e adiava systematicamente a convocação dos estados. A plebe calava-se, nutria vagas aspirações de desforço. O monarcha castelhano, amigo de jornadear pelos seus dominios, prometteu que visitaria Portugal; conjecturava ser remedio efficaz para apaziguar descontentamentos.

No entanto, ou por escassez de meios, ou por espirito de extorsão, exigiu sommas de importancia para o custeio da viagem. Pagou-se-lhe tudo quanto

quiz, mas a visita promettida em 1612 só se effectuou sete annos depois, em 1619.

As exacções não se interrompiam. Constrangeram os mercadores de Lisboa a darem trezentos mil escudos para o armamento de trez navios e quatrocentos soldados, a fim de expulsarem os hollandezes da costa da Mina. Os cargos mais rendosos eram distribuidos a quem menos os sabia desempenhar e a quem mais valioso patrocinio dispunha. O erario gemia esmagado com taes cambios e juros que tornava os seus compromissos insoluveis. Os impostos multiplicavam-se, o *deficit* crescia sem medida, o corso e a pirataria dos inglezes e dos flamengos traziam os portos do reino e das colonias quasi fechados.

A D. Christovam de Moura succedera no vice-reinado de Portugal o bispo-conde D. Pedro de Castilho, nomeado em 1612, e que pouco tempo se demorou n'esse logar, cedendo-o ao arcebispo de Braga no anno seguinte, 1613, que o occupou até julho de 1615, com o titulo de presidente do conselho de Portugal. Desde essa data até março de 1617, substituiu-o D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, época em que foi provido definitivamente D. Diogo da Silva Mendonça, conde de Salinas e marquez de Alemquer. Essa nomeação causou tão má impressão entre nós, que nenhuma medida, durante os trez annos incompletos que administrou os negocios publicos, conseguiu modificar.

Por esse tempo, 1617, levantou-se um conflicto de certa gravidade com a curia romana. O pontifice Paulo V enviou a Portugal como collector Octavio Accoramboni, bispo de Fossambruno, com poderes especiaes para arrecadar os espolios dos religiosos. O conselho considerou o facto como abusivo, e prohibiu o enviado papal de se intrometer em casos dependentes da jurisdicção dos bispos.

Accoramboni desprezou a prohibição. Seguidos uns certos trâmites foram-lhe occupadas as temporalidades e prenderam-lhe o famulo Miguel Leitão. O representante de Roma explodiu. Lançou a ex-communhão sobre os magistrados, interdisse a cidade de Lisboa, os ministros e officiaes, e queixou-se para Madrid do rigor com que o chamavam á ordem. A pendencia levou um anno a dicidir-se, mas d'esta vez Filippe III escreveu, a 25 de março de 1618, uma carta energica ao nuncio collocando-o na contingencia ou de se submetter ás leis ou de sahir dentro de oito dias. A curia atemorizou-se. Accoramboni recebeu ordem de recolher a Cidade Eterna.

O descontentamento alastrava em Portugal de fórma assustadora, a ponto do marquez de Alemquer communicar que julgava imprescindivel a visita do soberano para conjurar as calamidades que se amontoavam no horizonte. Filippe III acquiesceu, não sem que d'aqui se lhe remettessem novas e avultadas quantias para auxilio de jornada tão dispendiosa.

Entremos agora n'uma casa de tavolagem do bairro da Esnoga. Jogava-se n'essa quadra em Lisboa, como não havia memoria, não obstante todas as leis repressivas a tal respeito. Era de dia, era de noite.

—Como os costumes mudaram—dizia um homem de certa edade, de aspecto militar, observando trez parceiros, tambem de apparencia marcial, que jogavam o *passa-dez*—todos alardeiam o que não possuem e assoalham o que não são.

—Cada vez estás mais rabugento, Manuel Gonçalves; guarda essas lamurias para quando chegarmos á Bahia; não nos faltarão lá occasiões de falarmos dos acontecimentos d'aqui—retorquiu um dos jogadores.

—Leva tudo uma volta, Jorge de Aguiar—insistiu Manuel Gonçalves;—a mania das grandezas tudo perverteu: os soldados degeneraram em mercadores, os capitães em palacianos, e as qualidades d'outras epochas, que nos tornaram respeitados e fortes, só são hoje defeitos que nos deslustram e enfraquecem.

—Tudo jogou, desde o nosso pae Adão e ha de jogar-se até á consumação dos seculos; leis, ordenações, providencias tudo se esvae como o fumo—objectou outro tavolageiro.

—E demais repara, Luiz de Sequeira—acudiu o que até ahi não falara,—el-rei D. Manuel prohibiu o jogo da bola aos fidalgos e cavalleiros nos domingos e dias santificados antes da missa e aos

officiaes mechanicos e homens de trabalho em toda a semana, mas a prohibição não coartou o uso nem o abuso.

—Pois sim, Lourenço de Brito, e a multa de trezentos réis pagos da cadeia a quem se encontrasse a jogar o *tintini* nas varandas do paço serviu para alguma coisa?! — argumentou Jorge de Aguiar.

—Onde isto irá parar, não sei! — exclamou Manuel Gonçalves. — D'antes na bola, no xadrez, nas damas e na pélla as apostas não excediam um vintem cada partida, agora significam a ruina. Ha quem case dez dobrões no *mate* de pélla e vinte e cem reaes na partida.

—É como no ganha perde e nas tábulas — aduziu Luiz de Sequeira, — as entradas mais pequenas, que nunca iam além de dois vintens, e cada pedra cinco e seis reaes, sobem actualmente a quatro e seis dobrões, e o bolo é uma exorbitancia...

—Mas apesar d'esses reparos Vossas Mercês não deixam de jogar e caro — censurou Manuel Gonçalves.

—Se os juizes nos dão o exemplo e apontam até contra os demandistas cujos pleitos hão-de sentenciar — defendeu-se Lourenço de Brito.

—Se os da côrte empenham os morgados, se se desfazem das baixellas, vendem fazendas, heranças, commendas; se são tantos os fidalgos que morrem na penuria e no hospital e não poucos os

mercantes que terminam os dias na grilheta, nós seguimos-lhe no encalço,... mas sem cahirmos em taes excessos,... que somos gente honrada—accrescentou Jorge de Aguiar.

—E ainda mais, o fisco é quem protege a tavolagem—adduziu Luiz de Sequeira,—contractou o estanco das cartas de jogar e permittiu o jogo em que ellas fossem empregadas...

—Por isso o governo recebe dezesseis contos de réis de João de Almedo, que arrematou essa industria, e até para que elle não se queixe e peça indemnisações e para que o monopolio não soffra quebras prohibiu os dados e quasi cancellou as leis sobre a tavolagem—pormenorisou Lourenço de Brito.

—Assim se explica que nos corpos de guarda do Castello e do Terreiro do Paço se jogue com um desafôro que brada aos céos!—commentou Manuel Gonçalves.

—Todavia...—principiou Jorge de Aguiar, mas calou-se, e, após um breve silencio, exclamou:—Ahi vem Francisco de Padilha!—Sucesso de costa arriba o deve trazer por estas casas.

Os trez jogadores e Manuel Gonçalves saudaram com ruidosa sympathia o capitão, pois era realmente elle.

—Tu, aqui, e de olhar tão tôrvo!—reparou Luiz de Sequeira.

—Preciso ganhar pelo menos trezentos dobrões e encontrar depois alguns amigos dedicados pres-

tes a arriscar a cabeça por uma causa justa—disse Francisco de Padilha a meia voz.

—Cabeça... pelo menos tens a minha que não vale um ceitil—declarou Luiz de Sequeira, agora trezentos dobrões, nem todos quatro vendidos apurávamos a decima parte d'essa somma.

—Pois não saio d'aqui sem os levar—insistiu o capitão.

—Nem mesmo trazendo-os....—duvidou Manuel Gonçalves.

—Só se os ganhares áquelle castelhano, além abancado, que teve a habilidade de despejar as escarcellas de quantos aqui entraram desde esta madrugada—gracejou Jorge de Aguiar.

—E quanto trazes para ganhar esses trezentos dobrões?—inquiriu Lourenço de Brito.

—Trez—respondeu com a maior singeleza o capitão.

—É a centessima parte; não falta tudo—zombou Manuel Gonçalves.

—Conto tanto com esse ganho como com o auxilio dos quatro—affirmou Francisco de Padilha.

—Lembra-te dos sapatos de defunto...—insinuou ainda mais ironico Manuel Gonçalves.

—Vão vêr—respondeu Francisco de Padilha dirigindo-se resolutamente para a meza do castelhano.

—*Que quiere usted, caballero?*—perguntou-lhe o castelhano com intonação zombeteira.

—Experimentar se a sorte continúa a ser-vos

fiel—respondeu com mal disfarçada insolencia o portuguez.

—*E's usted algun milionario?*—redarguiu-lhe ainda mais altivo o interlocutor.

—Trago aqui—declarou Francisco de Padilha, batendo-lhe na escarcella—com que comprar Castella em peso.

—*Caramba! Tambien a mi?*

—Nunca se compra o cortelho sem os porcos...

—*Despues de sacar a usted su dinero, le sacaré la lengua, que la tiene mui larga*—retorquiu furioso o hespanhol.

—Vamos primeiro ao dinheiro; em seguida a esvaziar-lhe a bolsa, se fizer muito empenho, esvaziar-lhe-hei tambem as tripas—declarou o capitão com a mais imperturbavel serenidade, e logo accrescentou:—A que jogamos?

—*A lo que quiera*—respondeu o castelhano com desdenhosa indifferença.

—Aos dados—indicou Francisco de Padilha.

Vieram os dados e quantos noctívagos e tresnoitados se encontravam n'aquelle recinto de libertinagem e de vicio todos se agruparam em redor da banca, que serviria de arena aos dois contendores. Batera já o meio dia, mas com exclusão de Francisco de Padilha e de Manuel Gonçalves todos traziam bem impressos no semblante os vestigios da recente orgia.

—Quanto, para principiar?—perguntou com a arrogancia de um Cresus o capitão.

—Um dobrão—respondeu com secura o hespanhol.

Retiniram immediatamente sobre as taboas manchadas de vinho e lustrosas de gordura as duas sonoras moedas de ouro.

—Quem joga primeiro?—inquiriu o de Castella.

—Para mim é indifferente—retorquiu Padilha.

O jogador, que até ahi agrilhoara a sorte aos seus lances, pegou nos dados com a confiança que transmitte uma longa serie de victorias e depois de os sacudir arremessou-os para cima da mesa.

—Onze—gritaram de todos os lados.

Padilha repetiu os mesmos movimentos, mas com a mais fleugmatica indifferença.

—Sete—bradaram os circumstantes.

—O principio não lhe é favoravel—observou o hespanhol radiante de contentamento e guardando o dinheiro ganho.

—Outro—proferiu com a maxima naturalidade o portuguez, atirando com o segundo dobrão.

—Dez—exclamaram os presentes, debruçando-se curiosos sobre a jogada do castelhano.

—Nove—repetiram os espectadores da scena, após a vez de Padilha.

—Só te resta um dobrão—disse Manuel Gonçalves baixinho para o seu compatriota, e, tirando da escarcella o que quer que fosse, adduziu:—toma outro, para não ficares desarmado logo á primeira: é tudo quanto possuo.

Padilha guardou a moeda offerecida e atirou

com a terceira, n'um movimento impulsivo, para cima da gordurentissima mesa. Depois, como se lhe acudisse uma idéa repentina, propoz:

—Dobremos a parada, joguemos dois dobrões em vez de um.

O castelhano ficou um tanto desconcertado com o aprumo do portuguez, mas, não querendo mostrar menos confiança na sua estrella, redarguiu immediatamente:

—Quatro até se quizer.

—Lá chegaremos se fôr preciso.

Os amigos de Francisco de Padilha entreolharam-se pasmados de tanta audacia.

O hespanhol pegou no copo dos dados, não sem uma certa tremura nervosa, agitou-os com quasi frenetica precipitação e lançou-os sobre a banca. Todas as cabeças com egual intensidade de impeto se debruçaram por cima da tavola.

—Trez!—exclamaram todas as vozes com diversas intonações.

Escusado será affirmar-se que a partida apaixonara os circumstantes, Mais uma vez se accentuava o radical antagonismo, manifestado a proposito de tudo e aproveitando os pretextos mais futeis, entre portuguezes e castelhanos. Os de Castella presentes na tavolagem almejavam pela victoria do seu compatriota; os nossos, ainda os de reconhecido sangue frio, como Manuel Gonçalves, supplicavam na mente aos santos da sua maior devoção que o triumpho pertencesse a Padilha.

O portuguez agarrou por seu turno com a maior serenidade no copo que o hespanhol n'um gesto bem visivel de furor e de desalento arredara para o lado, sacudiu-o com placidez e jogou:

—Dois azes!—resoou pela denegrida sala.

A phrase brotara dos labios de alguns n'uma expansão de contentamento irreprimivel; jorrara d'outros como um tiro partido da bocca de um arcabuz. Todos, n'um movimento instinctivo de rancorosa hostilidade, levaram as mãos aos punhos das espadas.

Acastellava-se a trovoada.

—Que sorte tão adversa!—murmuraram os portuguezes com despeito.

—Ganha sempre quem o merece—commentaram os castelhanos no tom desdenhoso e arrogante que lhes era peculiar.

Francisco de Padilha mantinha-se n'um socego inalteravel. Limitou-se a levantar os olhos e a pregal-os nos seus amigos n'uma interrogação muda. Os rostos d'elles ainda se assombraram mais, o que significava que nenhum possuia um simples dobrão para prolongar a contenda com o feliz e aborrecido hespanhol.

—Continuamos a partida?—inquiriu o castelhano com inflexão tão exaggeradamente cortez, que logo se adivinhava o que ella continha de humilhante.

—Certamente—replicou o capitão como se a sua escarcella regorgitasse de ouro.

— A dois dobrões? — perguntou o castelhano com mal soffreado orgulho.

— A dez — retorquiu Padilha com a naturalidade de um millionario.

O hespanhol esboçou um sorriso, que não passou de uma careta, e, fazendo um violento esforço sobre si, condescendeu, declarando:

— Pois sejam dez dobrões.

O capitão metteu a mão na escarcella, para tirar o que sabia de sobejo lá não se encontrar, remexeu, e, corando d'esta vez um pouco, moveu os labios para falar, mas antes de articular qualquer som, um homem de aspecto varonil, que entrara no começo da partida e em quem ninguem reparara, disse-lhe:

— Capitão Francisco de Padilha, da vossa escarcella acaba de cahir esta bolsa; é naturalmente o que procuraes. E o desconhecido apresentava ao jogador uma bolsa de malha, das que se usavam então, de volume respeitavel, e atravez da qual brilhavam numerosas moedas de ouro.

— Senhor... balbuciou o capitão um tanto enleiado.

— Restituo-vos o que a vós pertence — declarou a singular personagem.

E acompanhou estas palavras com um olhar tão eloquente de franqueza e de generosa imposição, que recusar a magnanima dadiva seria offensa grave.

— D. Manuel de Menezes aqui, n'esta tavola-

gem—murmurou, como de si para si Manuel Gonçalves.

—Não póde ser—reputou Jorge de Aguiar.

—É, com certeza—retorquiu Manuel Gonçalves convencido e agastado.—O motivo que o trouxe aqui não foi por certo jogar, que um homem da sua austeridade não joga.

A acção do desconhecido passara despercebida dos castelhanos e até da maioria dos portuguezes, anciosos como estavam pelo desenlace da partida.

—Eis os dez dobrões—declarou o capitão enfileirando negligentemente a avultada quantia na banca.

O castelhano empalideceu, mas logo recuperou a serenidade e com a arrogancia caracteristica da sua raça *casou* outras tantas moedas ao lado das do seu parceiro. Pegou de novo no copo dos dados e atirou-os.

—Onze!—gritaram hilariantes de contentamento os bons compatriotas.

—Onze!—repetiram como um dobre de finados os portuguezes.

—Aposto ainda mais cinco dobrões—disse Francisco de Padilha com tal inflexão de confiança que todos os olhares se pregaram n'elle com admiração.

—Que pressa tendes de ficar sêco como um rio sem agua—commentou o hespanhol com insultuosa ironia na sua lingua nativa.

—Acceitaes ou não?

—Não acceito para não se tornar verdadeira a fabula do leão que devorou o cordeiro de um trago.

—Lamento—retorquiu o capitão, com a maior simplicidade, e jogou os dados.

—Doze!—exclamaram todos como tomados de assombro.

—Eu bem o sabia—declarou mofândo e com negligencia Padilha.

—Só se os dados estavam marcados—objectou apopletico de furor o castelhano.

—Para ganhardes o que vós ganhastes aos incautos—replicou o capitão com absoluta calma, e, depois de uma pausa, disse:—Vinte dobrões?

—Pois sejam, vinte dobrões—acquiesceu o hespanhol, com as pupillas a fuzilar como as de um gato na escuridão.

A quantia era grande para a época. A anciedade centuplicou.

O hespanhol pegou no copo, mas logo o pousou, declarando:

—Quero ser o ultimo a jogar.

—Como vos aprouver—condescendeu Padilha com a mesma serenidade, e jogou:

—Quatro!—clamaram de todas as bandas.

A fronte do castelhano illuminou-se com um clarão de triumpho. Todas as probabilidades eram a seu favor. Arremessou os dados.

—Trez!—parece impossivel, commentaram os presentes favoraveis e adversos.

O hespanhol empallideceu como um cadaver. Os tendões e as veias do pescoço retezaram-se-lhe como os estaes de um navio. D'esse momento em deante as victorias do capitão succederam-se com interrupta celeridade. Ao cabo de meia hora o precioso recheio da bolsa do castelhano transitara na integra para a do portuguez. O jubilo dos seus amigos manifestou-se em exclamações retumbantes; o exaspero dos seus contrarios explodiu em protestos insolentes e em vaias affrontosas.

—É bom que nós paguemos, de quando em quando, o sermos donos de Portugal e dos portuguezes—resmoneou o castelhano com o ultrajante entono de um fidalgo soberbo.

—Prometti que depois de vos esvasiar a bolsa vos esvasiaria egualmente as tripas, e a minha palavra é sagrada—disse Francisco de Padilha, ao mesmo tempo que na face do castelhano estalava umas das mais sonoras bofetadas que mãos portuguezas teem assentado em cara alheia.

O castelhano desembainhou immediatamente a espada cego de furor. Todos os circumstantes o imitaram excepto Padilha. Este declarou com inalteravel placidez:

—Não me baterei agora; preciso pôr este dinheiro em logar seguro e o meu gasnete não deseja ser apertado pelo braço do verdugo. Logo á tarde, um pouco antes das *Avè Marias*, serei comvosco fora das portas de Santa Catharina. Não perdeis nada com a delonga.

— Covarde! — retorquiu o castelhano apalpando o rosto dolorido.

— Apodae-me do que entenderdes que não conseguis indignar-me — replicou Padilha e depois acrescentou: — Podeis levar quem vos aprouver para segundos, e combateremos dois a dois, trez a trez, tudo me serve.

Francisco de Padilha voltou costas e sahiu da tavolagem acompanhado dos seus amigos. Aguardou na primeira esquina o desconhecido, cuja interferencia fôra providencial, para lhe entregar a somma que tão generosamente lhe offerecera e apresentar-lhe os seus agradecimentos.

— Beijo-vos as mãos, senhor — disse o capitão apenas este lhe surgiu ao alcance da palavra e devolvendo-lhe o dinheiro, — sem vós nunca poderia realizar a boa acção a que esta quantia é destinada.

— Uma boa acção praticada por intermedio de uma tavolagem perde muito do seu valor — conceituou o desconhecido com ar bondoso.

— Nem sempre se pode olhar aos meios para conseguir os fins — desculpou-se o capitão.

— É o principio attribuido a Machiavello e aproveitado pela Inquisição — murmurou o desconhecido mas de modo que foi ouvido por Manuel Gonçalves.

— Bem demonstraes que sois o chronista-mór e o cosmographo-mór do reino — observou Gonçalves.

— Conheceis-me?

—Quem, tendo embarcado, não conhece o capitão-mór das naus da India, o *Flamengo?*

—Folgo em encontrar um bravo camarada d'outros tempos—disse D. Manuel de Menezes, pois realmente era o audaz marinheiro, e adduziu com ar ainda mais affavel:—... Não ajuizeis mal de mim por me encontrardes n'uma tavolagem.

—Tambem nós lá nos encontrávamos e certamente com intenções menos puras—obtemperou Manuel Gonçalves.

—Tendes então um duello para esta tarde?—inquiriu D. Manuel de Menezes, de Padilha.

—Assim é, senhor—assegurou o capitão.

—Vinde ver-me, se puderdes, á hora da sésta, a minha casa, na Sé.

—Ahi estarei, senhor, a receber as vossas ordens.

—E vós tambem—convidou D. Manuel para os companheiros do capitão.

—Ahi seremos todos comvosco—responderam unisonamente os cinco amigos inclinando-se com cortezia.

D. Manuel de Menezes fez um amigavel gesto com a mão e tomou rumo differente dos seus interlocutores. Francisco de Padilha e os seus companheiros dirigiram-se para a moradia d'aquelle.

—Em minha casa vos explico o que desejo de vós.

Quando o capitão transpunha o limiar da porta de sua residencia correu-lhe ao encontro a Maria do Rosario, sua ama, debulhada em lagrimas.

—Que ha? Que succedeu?—perguntou-lhe o capitão.

—A Inquisição... O Santo Officio—respondeu-lhe ella com a voz entrecortada pelos soluços.

—Conclui, com mil demonios!

—Levaram-n'a... os esbirros...

Francisco de Padilha cerrou com tal furia os punhos que as unhas cravaram-se-lhe nas palmas das mãos, e exclamou:

—O inquisidor andou depressa... Bertha van Dorth está perdida!

---

V

## O bote de Jarnac

Acalmado o primeiro transe de sombrio desespero e de raiva concentrada, Francisco de Padilha relatou aos seus amigos os acontecimentos dos ultimos dias, e concluiu:

— Como vêdes, o inquisidor-mór proccedeu commigo com uma doblez caracteristica do seu lúgubre cargo.

—Foi á força que levaram essa tal dama d'esta casa?—inquiriu Jorge d'Aguiar.

—Ama—disse com seccura o capitão para Maria do Rosario—contae-me o que occorreu aqui, mas sem lamurias de dona piegas.

A alanceada velhota, muito commovida e trémula, narrou:

—Pouco depois de vós sahirdes, senhor, e quando Pero Rodrigues tambem aqui não se encontrava, bateu á porta um homem que eu logo reconheci por familiar do Santo Officio a perguntar pela

tal hereje... Eu sempre disse que isto da gente catholica se metter com brutinhos que nem á missa vão...

—Reservae os commentarios para occasião mais azada—interrompeu Padilha com aspereza.

—...Atrapalhei-me, não soube que responder —continuou a ama—e o referido negregado entrou pela casa dentro, não sem primeiro ter feito signal aos companheiros, á espera lá em baixo, para subirem, dando a entender, por meio de gestos, a essa dama que se tornava necessario seguil-o. Ella respondeu negativamente, mas á energia da sua recusa oppoz o sequaz uma mimica não menos expressiva, na qual declarava que se teimasse em ficar empregaria a força para a conduzir.

—Bandidos!—resmoneou Luiz de Sequeira.

—A pobre da moça, tive dó d'ella n'esse momento!—proseguiu Maria do Rosario—vergou durante um segundo ao desânimo, mas logo fez das fraquezas forças e fez comprehender ao quadrilheiro que estava prompta a acompanhá-lo.

—E levaram-na sem mais cerimonias?...

—Metteram-na n'uma liteira que para o effeito tinham trazido e partiram.

—Não vos lembrastes de os mandar seguir—perguntou o capitão.

—Para que servia isso?—atalhou do lado Lourenço de Brito—Cabe-te no espirito alguma duvida de que a encerrassem em escuro carcere da Inquisição?...

—Talvez, por ora, a enclausurassem na cella de qualquer mosteiro—respondeu Padilha.—É essa a minha unica esperança.

—Que projectos são os vossos?—interrogou Manuel Gonçalves, o mais velho dos cinco.

—Arrancar essa mulher ás torturas e ao espirito de rapina voraz do Santo Officio.

—Como?

—Com o vosso auxilio!... Ou negar-mo-hão?

—Uma estrangeira, uma flamenga, inimiga do nosso paiz...

—Era tudo isso ha trez dias, mas depois das emergencias, que sabeis, seria indigno de que vós me apertasseis a mão se a abandonasse.

—Ama-la?... interpellou Jorge de Aguiar com intono de mofa.

—Eu...—retorquiu Padilha, mas não passou além do monosyllabo porque acabava de entrar o escudeiro.

—Olá—saudou Manuel Gonçalves—cada vez mais moço e dado ás damas, Pero Rodrigues.

—E Vossa Mercê cada vez mais prazenteiro—redarguiu o velho servidor com intimidade que não excluia respeito.

—Ai, Pero Rodrigues os esbirros da Inquisição...—gemeu Maria do Rosario.

—Que mau peccado commetteram os esbirros da Inquisição?—retrucou com o costumado azedume o escudeiro.

—Levaram a dama confiada á nossa guarda.

*

—Por denuncia vossa, certamente—replicou Pero Rodrigues, n'um tom que desmentia o sentido das palavras.

—T'arrenego, Mafarrico, essas coisas não se dizem nem mesmo a brincar!—retorquiu Maria do Rosario indignada e accentuando mais uma vez a irreductivel emulação existente entre os dois.

—Calae-vos com taes sandices—ordenou o capitão, com manifesto mau humor dirigindo-se aos seus servidores, e em seguida virando-se para Manuel Gonçalves, increpou-o:—Então nem uma palavra, nem um conselho ácerca do meu caso?

—É grave, muito grave até, e entendo que o melhor a fazer era...

—Era?

—D. Manuel de Menezes convidou-nos a ir á sua residencia á hora da sesta, antes do tal duello de logo—esplanou Manuel Gonçalves.

—Nem já de tal incidente me lembrava—declarou Francisco de Padilha em sobresalto.

—Pois vamos lá, contamos-lhe tudo e ouvimos-lhe o parecer.

—Seja como dizeis.

Promptamente os cinco amigos se encontraram de novo na rua, a caminho da moradia de D. Manuel de Menezes, não sem que primeiro o capitão recommendasse a Maria do Rosario e a Pero Rodrigeus:

—Que nenhum de vós saia de casa até o meu regresso; nem uma palavra com a visinhança sobre o assumpto e paz ás desavenças habituaes.

D. Manuel de Menezes era n'essa época um homem já de certa edade, mas admiravelmente conformado. Pertencia á casa dos condes de Cantanhede e tivera por progenitor D. João de Menezes. Desde os tenros annos que se revelára n'elle vasto talento, sendo um estudante notavel nas mathematicas, na historia e na musica. Recebia-se a sua opinião em assumptos genealogicos como indiscutivel sentença. Iniciára a sua carreira militar, sendo um dos officiaes da esquadra britannica que viera a Lisboa defender os direitos de D. Antonio, prior do Crato. Aconteceu-lhe por esse tempo um percalço. Muito novo, galhardo, louro e de tez branca, desembarcando uma vez do seu navio e andando a passear á beira-mar, capturaram-no alguns milicianos, sob a imputação de que se entregava a espionagem em proveito dos inglezes. Declinou a sua identidade, soltaram-no, mas, vendo-o de cabellos tão dourados e de pelle tão alabastrina, alcunharam-no de *flamengo*, como então se chamava a quantos nasciam no norte da Europa. O apôdo ficou-lhe para sempre. Marinheiros e camaradas designavam-no familiarmente pelo *flamengo*.

Mais para deante nos referiremos ás façanhas praticadas por D. Manuel de Menezes como capitão-mór das naus da India em 1581, 1609, 1614 e 1616. N'esses mares longinquos tornou respeitado o seu nome e temida a esquadra que commandava. Da ultima vez que fôra para o mar, empenhou-se n'uma renhida peleja com quatro naus inglezas e

naufragou na costa da ilha de S. Lourenço, d'onde á custa de inauditas diligencias e arrojo conseguiu safar-se navegando para Goa e fundeando ali. Tempos depois partiu para Paris com o seu parente duque de Pastranha, mais tarde substituiu no cargo de chronista-mór do reino a Fr. Bernardo de Brito e decorrido tempo no de cosmographo-mór a Manuel de Figueiredo, discipulo do afamado mathematico Pedro Nunes.

Era isto que Manuel Gonçalves explicava aos seus companheiros, antes de chegar á residencia do audaz homem do mar, e concluiu dizendo:

—N'estes ultimos annos vivia retirado na sua quinta de Campo Maior, todo entregue aos seus livros e estudos; o que vem agora fazer a Lisboa não sei.

—Talvez no-lo deixe perceber—aventou Jorge de Aguiar.

—Duvido—respondeu Manuel Gonçalves,—é dotado de uma fleugma extraordinaria e nunca ninguem o viu pestanejar por mais critica que fosse a situação.

—Mas elle algum fim tem em vista mandando-nos vir aqui.

—É possivel; breve o saberemos.

Tinham chegado. Os cinco amigos mandaram annunciar-se a D. Manuel, que immediatamente os recebeu.

—Não brilha no vosso rosto o mesmo communicativo enthusiasmo de ha pouco—disse o

aristocratico marinheiro para Padilha, depois de urbanamente cumprimentar as suas visitas.

—Ai! a boa acção que desejava praticar com o dinheiro que vós me ajudastes a obter afigura-se-me não se poder realisar.

—Aconteceu-vos qualquer contrariedade...

—E que contrariedade!

O genio effusivo de Francisco de Padilha levou-o a narrar a serie de aventuras de que se vira protagonista a seu pezar.

—Discutiremos qual será o caminho mais conveniente a tomar depois. Agora o negocio mais instante é o duello—suggeriu D. Manuel.

—Estou convencido que mato esse insolente castelhano—declarou Francisco de Padilha sem o menor intuito de jactancia—é um de menos que cá fica a ensombrar-nos a existencia.

—É um adversario perigoso, conheço-o de Madrid—explicou D. Manuel;—apregôa ter o segredo de botes infalliveis, e, embora a fama nem sempre corresponda á realidade dos factos é bom estar de sobreaviso; foi principalmente para vos prevenir d'isto que para aqui vos convoquei.

—La Chataigneraie reputava-se invencivel e Jarnac, com a sua bella estocada, convenceu-o do contrario.

—Conheceis o caso?

—Muito por alto.

—É muito curioso e elucidativo, embora um pouco differente do vosso.

—Se não receasse abusar da vossa paciencia pediria que o narrasseis com todos os pormenores... vivestes tanto tempo em França...

—Passou-se ha já muitos annos, ha setenta e cinco, em 1547; mas emfim, vou contar-vo-lo. É possivel que d'essa narrativa tireis algum proveito —disse D. Manuel de Menezes com ar bondoso.

Os circumstantes dispuzeram-se a ouvir o narrador com a maior attenção.

—Sabeis que a duqueza d'Etampes fôra durante muito tempo amante do rei Francisco I de França, um dos monarchas mais voluveis d'esse paiz. No goso das boas graças d'aquelle soberano já detestava com toda a sua alma Diana de Poitiers, sua antiga rival, e ainda mais a detestou quando ella soube conquistar os favores do novo rei, Henrique II (1).

—As mulheres são sempre as mesmas—commentou desilludido Manuel Gonçalves.

—A duqueza d'Etampes, em 1547, andava muito perto dos quarenta; Diana de Poitiers fizera já quarenta e oito; o que a primeira aproveitava, é claro, para lhe chamar *velha*. E não parava por aqui a sua guerra. Tinha artes de lhe introduzir na alcova e de mandar pôr em cima do seu toucador prospectos de dentistas, annuncios pomposos de

---

(1) *Le duel de Jarnac et de La Châtaigneraie,* Alfred Franklin.

cabellos postiços e ainda outros artificios de caracter intimo.

—Guerra de official do mesmo officio—conceituou Jorge de Aguiar.

—A *velha,* da sua banda, não permanecia de braços cruzados. Accusava a condessa de ter uma irmã huguenot ferrenha, de conspirar contra a França, de receber dinheiro dos inimigos do rei, emfim, merecia pelo menos ser enforcada. Como é de presumir, essas duas damas não gostavam uma da outra.

—O contrario é que seria para admirar—observou Lourenço de Brito.

—Succedeu—proseguiu D. Manuel—que a duqueza d'Etampes, um tanto abandonada após a morte de Francisco I, procurou esquecer as suas saudades no convivio intimo de um bello rapaz, marido de sua irmã. Esse bello rapaz chamava-se Guy Chabot de Montlieu, senhor de Jarnac. Era um cavalleiro amavel, de cerca de trinta annos, ágil e valente, muito cuidado da sua pessoa, e apresentando-se bem na côrte.

—Outro pomo de discordia.

—Diana de Poitiers não podia tolerar á sua inimiga esta conquista, e, como é facil de imaginar, dizia do galanteador todo o mal que podia. Calumnias e maledicencias que, para agradar á favorita em voga, os cortezãos se apressavam a propagar.

—Nada mais natural.

—Um d'esses boatos foi de tal ordem que Jar-

nac, indignado, deu um desmentido formal a quem quer que fosse o inventor, e declarou-o mau e cobarde. Um fidalgo, Francisco de La Châtaigneraie, que devia tudo a Diana de Poitiers, julgou pagar a sua divida de reconhecimento declarando-se auctor da indiscreção. La Chataigneraie era um rapagão do Poitu, pesado e solido, gabarola e brigão. Passava por ser a melhor espada do reino e nunca o adversario lhe escapara. Jarnac recusou bater-se...

—Mau principio.

—Um simples duello, a seu vêr, não bastava para lavar a sua honra; queria n'uma solemne e tragica cerimonia chamar o seu contendor a *Juizo de Deus*. Embora o concilio de Trento interdissesse, sob pena de excomunhão, esses pseudos appellos á justiça do céo, como a amante do rei fôra indirectamente a causa da pendencia, o conselho privado estudou o assumpto.

—Um escandalo.

—Henrique II insistiu para que o encontro se realisasse e sahiu um decreto ordenando que, quarenta dias depois, Jarnac e La Chataigneraie lutassem em campo fechado até um d'elles morrer, sob pena, para o que se recusasse a fazê-lo, a ser reputado não nobre, elle e a sua posteridade, para todo o sempre.

—As condições eram severas.

—A opinião geral é que Jarnac se encontrava assim condemnado a ser morto dentro de quarenta

dias pelo seu adversario; elle proprio reconhecia que não dispunha de forças para luctar com elle.

—Que desalento!

—Considerando-se já como um homem na agonia, passou o mez que lhe restava em preces e em visitas ás egrejas e aos mosteiros pedindo a todas as almas piedosas do reino que o encommendassem a Deus...

—Em vez de se exercitar...

—Não, não se descuidava. Tomou algumas lições de esgrima e recebeu de um italiano chamado Caize a indicação de um bote ainda pouco conhecido em França, e que podia, em determinada occasião ser util. La Chataigneraie confiava tanto na sua habilidade e presumia tanto a seu respeito que não se importou com rezas e mesmo na manhã da lucta mal entrou na egreja.

—Talvez procedesse mal.

—A côrte tinha tanta pressa em assistir á degola de Jarnac que a data do combate foi antecipada de trez dias: realisou-se a 10 de julho.

—Em Paris?

—N'um vasto espaço de Saint-Germain construiu-se uma liça. Em cada uma das extremidades armara-se uma barraca destinada a seu campeão. Para os espectadores levantara-se uma vasta tribuna, a meio da qual se erguia o camarote real, com bellas fazendas de velludo e ouro.

—Foi uma solemnidade quasi medieval.

—A certa distancia, n'outra barraca, immensa,

estava preparado o banquete que La Chataigneraie contava, depois da victoria, offerecer aos seus amigos. Sete ou oito casas da côrte arrrogaram a si a honra de emprestar a sua baixella de prata ao invencivel paladino que ia combater em defesa da amante do rei. Toda a gente sabia que era uma questão de mulheres que se ia ali derimir.

— Comprehende-se a curiosidade.

— O divertimento principiou ao levantar do sol, isto é, ás quatro da manhã. Mas as damas não faltaram. Diana de Poitiers estava n'uma tribuna proxima da do monarcha.

— Que desplante!

— Primeiro surgiu um arauto com um trajo magnifico. Em voz lenta anuncía o combate. Faz o seu pregão nas duas extremidades do campo fechado. Em seguida ouvem-se charamelas e trombetas. Apparece La Châtaigneraie, precedido de tambores e d'outros instrumentos, acompanhado do seu padrinho e seguido por trezentos companheiros vestidos com as suas côres: branco e encarnado. Percorre, com grande bulha, com o seu cortejo, toda a liça e entra na sua barraca onde permanece até o momento de combate.

— E Jarnac?

— Entra quasi ao mesmo tempo, seguido apenas por uns cem amigos, ostentando as suas côres, côres de mau agouro, branco e preto. Dá tambem volta ao campo e encerra-se na sua respectiva barraca.

— Essas formalidades deviam exasperar os espectadores.

— Os padrinhos procedem em seguida ao exame das armas. Cada peça, adagas, coxotes, espadas, grevas, couraças, elmos, manopolas, espaldeiras, braçaes, escudos, cotas-de-malha, cujo emprego, todavia, não é permitido a nenhum dos combatentes, tudo é minuciosamente passado de mão em mão, experimentado e saudado pelas trombetas. Este exame dura desde as sete e meia da manhã até tarde.

— Que delongas!

— Apparece então um arauto e proclama que é prohibido aos circumstantes, sob pena de morte, falar, tossir ou cuspir, fazer o minimo signal com o pé, mão ou olhos, que possa auxiliar ou prejudicar qualquer dos combatentes.

— Não acabava nunca.

— Finalmente abrem-se as barracas e os dois contendores apparecem vestidos e armados de maneira identica. Conduzidos pelos padrinhos, precedidos de tambores e de trombetas, dão nova volta pela liça. Em frente do camarote real, n'uma meza coberta com um panno de ouro vêem-se os Evangelhos. La Chataigneraie, que caminha na frente, approxima-se, estende a mão e jura não empregar para vencer nem palavras, nem feitiços, nem encantamentos.

— Jarnac procede de egual modo.

— Os padrinhos levam os dois adversarios para

o centro do campo, dirigem-lhes algumas palavras de sympathia e em seguida retiram-se. A multidão agglomerada nas barreiras conserva o mais profundo silencio; todos os corações se sentem apertados pela commoção. Ouve-se uma voz, a do arauto, que repete por trez vezes: *Laissez aller les bons combattants!*

—Até que emfim!

—Arrojaram-se um sobre o outro e accommetteram-se furiosamente. Quasi ao primeiro bote, La Chataigneraie cambaleia: a espada do seu adversario incide na curva da sua perna esquerda. Sem perder um segundo, Jarnac vibra-lhe segundo golpe e o ferido cae no chão, como uma massa inerte.

—La Chataigneraie não só estava vencido, mas tambem deshonrado. O melhor era o seu vencedor, por caridade, tirar-lhe a vida.

—Jarnac acercou-se do seu rival, e disse-lhe: «Restitui-me a minha honra; pedi a Deus e ao rei perdão pela offensa que me fizestes!» La Chataigneraie não pronunciava uma palavra, com razão preferia morrer, mas Jarnac não se decidia a acabá-lo. Dirigiu-se á tribuna real e solicitou generosamente graça para o vencido. «Sire, disse, julgaeme um homem de bem, não exijo mais nada. São leviandades a causa de tudo isto. Dou-vos La Chataigneraie, sire; salvae-o! Que não se impute nada nem a elle nem aos seus.»

—Tinha boa alma...

—Viu-se então uma coisa espantosa... —mas D. Manuel de Menezes calou-se subitamente.

Entrara no aposento um dos seus serviçaes e, com ar de quem pretendia dizer alguma coisa, esperou que o interrogassem.

—Que pretendeis, Rodrigo?

—O inquisidor-mór, que acaba de chegar, deseja falar-vos sem demora.

Todos os presentes se entreolharam intrigados. D. Manuel de Menezes, passado um instante de reflexão, disse:

—Aguardae-me aqui; breve serei de volta.

E sahiu.

---

## VI

# Duello interrompido

A conferencia não foi demorada. Um quarto de hora depois voltava D. Manuel de Menezes com o mesmo rosto prazenteiro de ha pouco e proseguiu como se a sua narrativa não tivesse sido interrompida:

—Viu-se então uma coisa espantosa; Henrique II, sob o peso do olhar da sua amante, suffocada pela cólera, por vêr o seu campeão vencido, não fez um movimento, não pronunciou uma palavra.

—Não procedeu bem.

—Jarnac voltou para o lado de Chataigneraie e ajoelhou perto d'elle. Não podendo ainda acreditar na sua victoria, batia no peito, murmurando: *Domine, non sum dignus*. Senhor, devo-te toda a tua protecção, porque só contra tal adversario que poderia eu fazer?

—Jarnac era modesto, vê-se.

—La Chataigneraie, aproveitando-se da oração

do seu adversario e consequentemente do seu descuido, esforça-se por se levantar, consegue erguer-se sobre um joelho e corre uma estocada sobre Jarnac que recúa a tempo.

— Desleal!

— Jarnac dirige-se de novo ao soberano, implorando graça, reclamando a sua honra e a vida de La Chataigneraie. Não obtem nada do monarcha que continua a manter-se silencioso. Emfim a uma terceira supplica, Henrique II resmoneou em tom altivo: «Cumpriste o vosso dever, ser-vos-ha restituida a vossa honra.»

— Não foi lá de muita boa vontade.

— Não foi. La Chataigneraie foi transportado para a sua barraca, morto de vergonha, solemnemente sentenceado, pelo julgamento de Deus, por mentira e perjurio. A côrte ficava-lhe para sempre interdicta. Desesperado com o esquecimento e isolamento em que todos o deixaram, arrancou o apparelho posto no ferimento e deixou-se morrer, o que aconteceu trez dias depois.

— E Jarnac?

— Tornou-se o heroe do momento. Foi nomeado governador da Rochella e de Aunis. O *bote* que vibrara no seu adversario foi muito admirado pelos especialistas; era um *bote* correcto e leal, segundo a opinião de todos os mestres de armas.

— Não serão horas de irmos até ás portas de Santa Catharina? — Lembrou Francisco de Padilha.

—São, certamente,—responderam em côro os seus amigos.

—Pois bem, ide e sêde feliz—disse D. Manuel de Menezes, depois de uma pausa accrescentou:—Tambem me começo a interessar pelo destino d'essa dama estrangeira, por Bertha van Dorth.

—Percebeis bem, senhor, quaes são os intuitos do inquisidor geral, ou de todo o governo... —observou o capitão.

—Patenteiam-se com clareza—acudiu D. Manuel—é neutralisar os projectos do pae guardando a filha como refens.

—Um tredo e lúgubre plano—obtemperou Lourenço de Brito.

—Um plano de inquisidor—secundou Jorge de Aguiar.

—Ide em paz—insistiu o antigo capitão mór das naus da India—Fernão Martins de Mascarenhas é a melhor alma de quantos inquisidores tem havido até agora.

—Gosa d'essa fama, mas...—contrariou Manuel Gonçalves.

—Desejava ser informado, se não abuso da vossa cortezia e amabilidade, do resultado da pendencia.

—Apenas terminar—prometteu Francisco de Padilha.

Após os cumprimentos determinados pela requintada urbanidade do tempo, as cinco visitas de D. Manuel despediram-se do lhano fidalgo e dirigiram-se para as portas de Santa Catharina.

*

—Ainda cá não está ninguem—notou Lourenço de Brito.

—Estamos nós... que somos alguem—replicou Manuel Gonçalves, com certo mau humor.

—Lá veem, lá veem!—exclamou Luiz de Siqueira.

—O teu adversario apoiou-se a boa escolta—commentou Jorge de Aguiar relanceando a espada.

—Dás-te ao incommodo de os contar?—perguntou Manuel Gonçalves.

—São dez, o dobro de nós—disse em tom de mofa Lourenço de Brito.

—Ainda acho pouco—atalhou Luiz de Siqueira.

Os castelhanos apresentavam-se com a mais insolente arrogancia. Examinaram o grupo dos portuguezes com uma curiosidade molesta de simulada complacencia e dó, e após uma rapida e altiva saudação, feita com os amplos chapeus usados então, o chefe, o jogador infeliz, disse para os que o cercavam:

—Suppunha que viesse metade da população de Lisboa e encontramo-nos com cinco creanças.

—Tendes razão, D. Pablo de Ringuera, seremos obrigados a transformarmo-nos em amas de leite para os desmamar e pôr-lhes fraldas novas, que as que trazem agora já não devem rescender a perfumes—conceituou um dos castelhanos em tom de zombeteira provocação.

—Tôlos e poltrões!—bradou com a maior fleugma Manoel Gonçalves, e ainda mais fleugmatica-

mente desembainhou a espada e bateu com ella de prancha na face de quem proferira as ultimas palavras, accrescentando:—e que taes são estes cueiros de meninos de mama?

O castelhano rugiu e pulou como um touro quando sente estalar no cachaço as bombas de uma garrocha de fogo, berrando:

—Cem vidas que tivesseis, todas vos arrancaria para pagar esta mortal affronta e beber até a ultima gotta do vosso sangue.

—Como as corujas bebem o azeite, bem sei—chasqueou Manuel Gonçalves, varrendo uma furiosa estocada com que o seu adversario pretendia atravessar-lhe o peito.

O combate generalizára-se. Cada um dos portuguezes de espada e adaga em punho defrontou-se com dois hespanhoes. A lucta iniciára-se com medonha furia. As espadas faiscavam ao enlaçarem-se umas nas outras. Nas pupillas dos contendores relampejavam sinistros clarões de impetuoso odio. De subito, ouviu-se um clamor.

—Minha filha! Acudam a minha filha, que a matam!

Os duellistas interromperam a briga. Os castelhanos olharam receosos em torno de si. Francisco de Padilha refreou uma praga e sem desfitar a vista dos contrarios, recuou prudentemente para se certificar do que occorria.

—Que bicho morderia n'aquella seresma?—exclamou Jorge de Aguiar, que, por causa da in-

sólita interrupção, sentira a ponta da espada de um dos castelhanos levar-lhe um boccado de passamane do justilho.

Na verdade corria desvairada pelo terreiro, onde até então só se viam os protagonistas da pendencia, uma mulher de não mais de quarenta annos, formosa ainda, e manifestando nos gestos e physionomia a mais alanceadora afflicção. Ao deparar-se-lhe o grupo, precipitou-se immediatamente para elle, bradando ainda com mais força!

— Socorro! Accudam a minha filha que a matam!

Francisco de Padilha ficou enleiado e perplexo e consultou com o olhar Manuel Gonçalves. Este virou-se para os seus adversarios e propoz-lhes, apontando para a tresloucada mulher:

— Ha ali quem precise com urgencia do nosso auxilio. Suspendamos a lucta por alguns minutos; nunca faltará tempo para nos matarmos uns aos outros.

D. Pablo de Ringuera resmoneou por entre dentes:

— *Caramba!* parece que o diabo protege estes portuguezes! Agora até apparece essa maldita dama a querer furtál-os ao nosso justo castigo. Quem sabe se será combinação?...

Mas os portuguezes n'um tacito accordo, fechando os ouvidos aos commentarios ultrajantes dos hespanhoes, mas não sem se acautelarem de qualquer aleivosa aggressão, encaminharam-se para a desolada creatura, e interpellaram-n'a:

— Que é? Que succedeu? Onde está sua filha?

— Além, meus senhores. Um punhado de ladrões, de malfeitores, atacaram-nos a casa e querem matar ou levar minha filha.

Os cinco portuguezes arrojaram-se na direcção indicada e viram junto de uma moradia isolada, mas de aspecto attrahente, uma mulher que se debatia no meio de uns cinco ou seis homens.

— Sus! A elles! É canalha vil! — gritou ainda a distancia o capitão.

Os bandidos, estupefactos, suspenderam durante segundos o seu acto aggressivo, consultaram-se rapidamente e vendo os recemchegados de espadas desembainhadas e de attitude resoluta, deliberaram fugir cada um para seu lado.

A victima cahiu desamparada no chão e não tardou que os cinco amigos a rodeassem solicitos.

— Pobre rapariga! — lastimou Manuel Gonçalves.

— E que linda que é! — disse Jorge de Aguiar com admiração.

— Parece um anjo fugido do paraizo! — ampliou Francisco de Padilha com enthusiasmo.

N'este instante resoou um grito de lancinante agonia. A joven que tombara desfallecida no solo, voltou a si com esse brado, muito mais rapidamente que o poderia fazer o mais energico cordeal, e gemeu com indizivel angustia:

— Minha mãe.

— Ah, os abjectos mescões!

E Manuel Gonçalves, que proferira estas ultimas palavras, galgou como o mais veloz lebreu até o sitio onde estava a mulher que primeiro pedira soccorro, e que não pudera na celere carreira acompanhar os seus generosos auxiliares.

— Infamissimos bandoleiros! — repetiu Jorge de Aguiar, seguindo-lhe no encalço.

Um dos malvados quando fugia, cruzou-se com a desventurada mulher e, sem abrandar a rapidez do andamento, cravara-lhe um punhal no peito. A infeliz despenhou-se no chão, soltando o grito que acordara do desmaio a filha.

— Portugal, desde que Castella o vergou ao seu jugo, transformou-se n'um covil de assassinos! — exclamou Lourenço de Brito.

No entretanto, a joven approximara-se do corpo da desditosa, e, debruçada sobre elle, confundia copioso pranto com o sangue que brotava rubro do largo ferimento aberto pela acerada lamina, soluçando:

—Minha mãe! Minha pobre mãe! Que vae ser de mim agora?

Presadissimos leitores, não imagineis que estamos dando largas á nossa phantasia de romancista. Não exaggeramos absolutamente nada. N'essa epocha o assassinio e o bandoleirismo campeavam á solta. A cidade e a provincia tinham-se convertido em impune arena de quantos crimes as indoles perversas se compraziam em praticar. Todos os dias e todas as noites se derramava sangue a jorros em

scenas tragicas das mais condemnaveis. As determinações régias a tal respeito consideravam-n'as os brigões lettra morta. E os nobres não constituiam excepção. Em 1624 a auctoridade encarcerou na cadeia do Limoeiro trez fidalgos por causa de uma rixa em que morreram duas pessoas, e na moradia de Gaspar de Brito Freire foi collocada uma força.

—Minha mãe! Minha pobre mãe! Que vae ser de mim agora?—continuava a soluçar a atribulada rapariga.

Os castelhanos, após um momento de hesitação e receando, talvez, que mais tarde ou mais cedo apparecesse a justiça, com a qual talvez não quizessem proseguir nas antigas relações travadas, e nada favoraveis para as suas personalidades, resolveram retirar-se não sem D. Pablo de Ringuera ter mandado perguntar onde se poderia encontrar de novo.

— Amanhã, onde quizerdes — respondeu-lhe Francisco de Padilha, com indifferente sobranceria.

—Então, á beira do rio, perto do bairro dos judeus—aprazou o emissario.

—Seja—accedeu o capitão, e em seguida additou, com uma leve intonação de ironia:—se topardes ahi com alguns quadrilheiros do corregedor do crime, mandae-os cá, por favor.

—Isso sim—commentou Luiz de Siqueira—tomaram elles não se avistar com quem lhes possa tomar contas de aguas passadas...

— Que podem ainda moer moinhos — accrescentou Lourenço de Brito.

— Minha mãe! Minha pobre mãe! Que vae ser de mim agora? — gemia com voz de profunda magoa a chorosa rapariga, sem se querer arredar do corpo ensanguentado de quem lhe dera o ser, apesar dos affectuosos esforços dos que a cercavam.

— Nós não podemos continuar aqui, nem deixar esta cachopa ao abandono junto da mãe — aconselhou Manuel Gonçalves.

— Torna-se necessario chamar um physico e prevenir a justiça — adduziu Francisco de Padilha.

Luiz de Siqueira encaminhou-se veloz para as portas de Santa Catharina para alli solicitar os soccorros precisos.

O capitão inclinou-se sobre o corpo da mulher apunhalada e buscou estancar o sangue que lhe borbotava em grosso fio do seio. A filha procurou ajudá-lo n'essa missão caritativa, mas a dôr não lhe consentia atinar com o menor movimento util.

— Lisboa cada vez está peor com os seus crimes — disse Lourenço de Brito, acompanhando com o olhar a marcha de Luiz de Siqueira.

— E é só em Lisboa? — acudiu Manuel Gonçalves. — Em Elvas as desavenças entre as familias Lobo e Mattos teem occasionado tantas mortes e revestiram-se de um caracter tão cruel, que as auctoridades se viram obrigadas a impôr-lhes a paz.

— Na Guarda — ampliou Lourenço de Brito — lá anda o bispo a pretender harmonizar os distur-

bios causado pelos dois partidos em que a cidade se divide, e que todos os dias veem ás mãos, havendo sempre mortos e feridos em resultado d'essas renhidas batalhas.

—E então em Castello Branco?—proseguiu Manuel Gonçalves—As quadrilhas de salteadores são ás dezenas, o povo anda desaforado. Assaltam-se e queimam-se as aldeias como se os hollandezes andassem por lá, e a ousadia é tanta que ha pouco tempo, como estivessem encarcerados na cadeia alguns criminosos, os seus cumplices metteram-lhe as portas dentro e soltaram os presos.

—Em Alcacer houve o demonio. Os freires das ordens militares atiraram-se aos apaniguados do arcebispo de Evora e na peleja sahiram muitos feridos— narrou Lourenço de Brito.

—E não corre o tempo mais fagueiro, para os christãos novos em Santarem e Torres Novas—pormenorizou Manuel Gonçalves;—a melhor maneira de ali provarem que não lhes infecta as veias nenhum sangue impuro é trucidando quantos descendentes de phariseus convertidos apanham.

—Ora, não importa, são judeus e bastam.

—Homens como vós e eu.

—Se algum familiar do Santo Officio vos ouve...

—A religião nunca foi menos reverenciada. A inquisição inspira medo pelo rigor e atrocidade das suas sentenças, mas não afervora o culto.

—Diminue-o?...

—Arvora-o em deprimente padrão da hypocrisia. As virtudes prégadas por Jesus cada vez se praticam menos; o dó e a commiseração pelos males alheios são uma burla, o exercicio das obrigações das consciencias honestas, simples mentira.

—Falae baixo.

—Falo alto, e é por isso que desejo partir para o Brazil. Nem dentro dos templos existe respeito pela divindade. Em as egrejas se enchendo, ha desordens, assassinios, sacrilegios e rixas.

—Exaggeraes...

—Em Lamego, quando o padre levantava a hostia, uma bala atravessou-lhe o coração. Em Bragança, na freguezia de Santa Clara, por occasião das Endoenças, com o Sacramento exposto, Diogo de Figueiredo Sarmento esburacou as paredes da nave a tiros de bacamarte e ensanguentou as lages das sepulturas.

—Houve sempre d'essas coisas.

—Não tanto como agora. Em Portalegre os habitantes da cidade imputaram aos judeus o terem levantado mãos sacrilegas sobre um Crucificado e alguns vão pagar com o corpo na fogueira, talvez innocentes, o resultado da devassa que não podia concluir sem encontrar criminosos verdadeiros ou suppostos.

— Carregaes as côres ao quadro.

—No templo de S. Francisco, em Estremoz e no do mesmo nome em Lisboa, na noite das Endoenças, foram tantas as navalhadas, os desacatos,

os apupos e as arruaças que auditorio e celebrantes tiveram que fugir a sete pés...

—Até que emfim apparece alguem—disse Lourenço de Brito, apontando para as bandas das portas de Santa Catharina, onde se divisava o vulto de Jorge de Aguiar, seguido por uma duzia de pessoas.—Agora continuae a malsinar a Inquisição...

—Para vós me denunciardes?...

—Havieis de fazer uma triste figura vestido com a samarra no auto-de-fé.

—E agora que ha um breve.

Chegaram junto do grupo constituido pela mulher apunhalada, por sua filha e por Francisco de Padilha uns cinco ou seis quadrilheiros, acaudilhados por um chefe um sangrador, á falta de physico e alguns curiosos.

—É esta a mulher apunhalada—perguntou o sangrador com a petulancia caracteristica de todos os curandeiros, tomando o pulso da infeliz e examinando o ferimento.

—Ainda querieis outra? interpellou Manuel Gonçalves, mal humorado.

—Está morta e bem morta; a punhalada era para matar duas pessoas em vez de uma—e o sangrador espraiou-se em considerações de ordem technica a que ninguem prestou a minima attenção.

—Sois vós a filha d'esta mulher?—inquiriu o quadrilheiro, dirigindo-se á joven, dominada pelo mais acerbo desespero.

—Sou—respondeu a moçoila n'um suspiro.

—Como vos chamaes?

—Luiza da Guarda—respondeu a cachopa com voz sumida.

—E vossa mãe?

—Antonia Pereira da Guarda.

—Dae-nos alguns esclarecimentos que nos possam servir para perseguir e encontrar os criminosos.

—Meu pae, João da Guarda, é piloto da nau *Nossa Senhora dos Milagres*, que navegou na ultima monção para a India; morávamos n'aquella casa que além vêdes, nossa, e onde viviamos com relativo cómodo.

—Tão só.

—Meu pae é um homem honrado, sem inimigos, ninguem preveria que nos quizessem fazer mal.

—Não desconfiaveis de ninguem?

—Ha uns dias para cá, principiaram a apparecer uns vultos suspeitos, mas nem assim presumimos que alguem desejaria causar a nossa desgraça.

—Não tinheis em casa mais ninguem?

—Uma serva.

—Onde está?

—Fugiu apenas esses homens nos entraram pela porta dentro, esta tarde.

—Talvez connivente no assalto...

—Hoje, minha mãe cosinhava, e eu cosia na casa de fóra, quando de subito me senti agarrada e levada por uns desconhecidos, que me ameaçavam matar se não me calasse e não os acompanhasse. O resto já o sabeis por estes senhores.

—Requestava-vos alguem?

A cachopa ruborisou-se como um medronho cahido entre as giestas, e respondeu de modo que logo se via não serem as suas palavras a expressão da verdade.

—Creio que não.

—Bem—disse o chefe dos quadrilheiros—rogo que me acompanheis todos á morada do corregedor do crime.

D'ali a meia hora, o cadaver de Antonia da Guarda era conduzido n'uma especie de maca, aos hombros de dois populares, e Francisco de Padilha, amparando cavalheirescamente Luiza da Guarda, seguido pelos seus quatro amigos e pelos quadrilheiros, encaminhava-se para a cidade, quando a noite pairava já por cima da casaria.

—Francisco de Padilha ainda não viu o epílogo da aventura em que se metteu com os flamengos e já anda a folhear o prólogo d'outra com a cachopa que se lhe encosta ao braço—commentou Manuel Gonçalves, entre risonho e azedo.

—Por fim, que quererá elle de nós?!—perguntou Jorge de Aguiar.

—Pregar com todos nas masmorras do Santo Officio—retorquiu Manuel Gonçalves.

—Se nos permittissem levar por companheira aquella rapariga, não me importava—declarou Luiz de Siqueira.

—Francisco de Padilha ha de querer as duas para si—murmurou Lourenço de Brito.

—«Muita cobiça e muita diligencia; pouca vergonha e pouca paciencia»—recitou Manuel Gonçalves.

—Tereis acaso zelos da cachopa?!—exclamou Jorge d'Aguiar.

—Da cachopa, não; penso no futuro e felicidade d'elle, que se anda a comprometter—respondeu o antigo marinheiro.

---

## VII

# Tortura moral

Bertha van Dorth fôra conduzida para o convento da Esperança, a que mais tarde a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, duqueza de Nemours e de Aumale, mulher do desequilibrado e infeliz D. Affonso VI, tanta notoriedade havia de transmittir. Por mais fortemente temperada que tivesse a alma, tantos abalos e tantas commoções produziram-lhe um natural desânimo, que Bertha não queria deixar transparecer atravez das lagrimas, teimosas em lhe inundar os olhos. A sua formosura, o seu porte donairoso e esbelto, a serena altivez que se desprendia das suas maneiras, a energia revelada, a despeito da sua situação melindrosa e cheia de angustias, attrahiram-lhe logo as sympathias da abbadessa, posta ao facto do succedido pelos familiares do Santo Officio, que ali a acompanharam.

—Confiae-me as vossas magoas, pesar-vos-hão

assim menos—disse-lhe a monja no flamengo mais correcto que possuia, pois n'aquella época todos mais ou menos praticavam essa lingua.

—Não são as minhas magoas que me affligem —respondeu a joven reprimindo um soluço,—é não saber ao certo o que terá acontecido a meu pae.

—N'esse ponto não vos posso fornecer esclarecimento nenhum, mas abri-vos com Deus e abrigae-vos na Santa Egreja Catholica que não vos faltará protecção.

—Bem o vejo!—retorquiu Bertha, que na sua dupla qualidade de sectaria da Reforma e de victima da ignobil violencia soffrida não poude conter a ironica exclamação.

A abbadessa, que, embora fanatisada como a quasi totalidade dos religiosos e religiosas d'aquelle tempo, dispunha de um coração bondoso, reconheceu a justiça da ironia, e replicou:

—A todos nós, n'esta peccaminosa vida, Deus distribue uma parcella de dôres e de soffrimentos para expurgar as nossas faltas e o nosso orgulho; acceitemos resignados a parte que nos cabe na expiatoria partilha.

—Se Deus significa o principio da suprema justiça e da sublime bondade, como eu creio—retorquiu Bertha van Dorth,—não atormenta propositadamente as suas creaturas, nem espalha males que repugnam com certeza á sua essencia benévola.

A abbadessa ia para responder, quando uma

das noviças, abrindo a cella onde este dialogo decorria, participou á sua superiora:

—Mandam avisar-vos, santa madre, que dentro em pouco recebereis a visita do inquisidor-mór.

—Será talvez por vossa causa—disse a abbadessa para Berta van Dorth, depois de lhe explicar o que a noviça lhe communicara.

—Oh! Poupae-me a vista d'esse homem que deve ser uma féra—impetrou a joven hollandeza em tom suplicante.

—Enganae-vos—protestou a monja e d'esta vez com a energia da convicção,—D. Fernão Martins de Mascarenhas possue uma alma generosa e caritativa. A provincia do Algarve deve-lhe os maiores desvelos; quando ali grassou a peste não se afastou da cabeceira dos enfermos.

—Mas é inquisidor-mór.

—Quando os habitantes de Villa Nova de Portimão se estorciam nas angustias da fome, repartiu por elles quanto trigo havia nos celleiros.

—Mas ordena os autos-de-fé e justifica-os com a sua presença.

—Quando uma vez aportaram a Faro três galeras castelhanas desarvoradas pelo temporal, com muitos mortos e feridos a bordo, soccorreu immediatamente os vivos e mandou sepultar os mortos. El-rei D. Filippe II muito lhe agradeceu esse acto de philantropía.

—Favoreceu os inimigos do vosso e meu paiz.

—Os moiros assolavam constantemente as cos-

tas do Algarve. Determinou sem demora a construcção de uma galeota, guarneceu-a de tripulantes aguerridos e libertou aquella gente das depredações dos berberes.

—Pelas pessoas a quem tem salvado a vida, quantas mandou matar ou consentiu que se matassem?!

De novo entrou a noviça e participou:

—Madre-abbadessa, o senhor inquisidor-mór espera-vos no parlatorio.

A monja dirigiu-se immediatamente ao ponto indicado e encontrou ali Fernão Martins de Mascarenhas, que os nossos leitores já conhecem da conferencia realisada com Francisco de Padilha, mas do qual ainda não esboçamos o retrato.

O inquisidor-mór contava então setenta e seis anos, pois nascera em Montemor-o-Novo em 1548. Attingira os mais altos graus ecclesiasticos. Era Mestre em artes e doutor em theologia; fôra conego da Sé de Evora, reitor da universidade de Coimbra, conselheiro de Estado, D. Prior-mór de Guimarães e sagrado bispo do Algarve em 1595. Passava por ser um dos mais abalisados theólogos do seu tempo. Na verdade, na historia da Inquisição, é dos que deixou rasto menos caudaloso de sangue e vestigios de menos requintadas atrocidades.

Trocadas as saudações impostas pela lithurgia e pela hierarchia clerical, Martins de Mascarenhas perguntou:

—Recebeste hoje uma estrangeira em deposito?

—Assim é, meu senhor; acabo de estar com ella.

—Não se resigna com a sua sorte; ha de dominal-a certamente esse endemoninhado espirito de heresia, a damninha semente da Reforma lançada por João Huss, Luthero, Calvino e outros relapsos? —informou-se o bispo.

—Não me chegou ainda o tempo para bem sondar o estado da sua alma—declarou a abbadessa,—mas creio que no presente momento o que mais a alanceia é o destino de seu pae.

—Mandae-a chamar, rogo-vos—solicitou o prelado.

A abbadessa levantou-se e determinou a uma das freiras que trouxesse ali a recemchegada flamenga.

Berta van Dorth não se demorou.

—Estaes na presença do inquisidor-mór—preveniu-a a abbadessa—deveis responder-lhe com a mesma verdade que se vos achasseis no confessionario.

Berta van Dorth inclinou ligeiramente a cabeça n'uma reverencia de simples cortezia, e retorquiu:

—A minha fé não admitte a confissão, mas condemna a mentira.

A abbadessa persignou-se devotamente, horrorisada pela desassombrada affirmativa e, erguendo-se, solicitou:

—Senhor, permitti que me retire.

—Não, ficae.

—Obedecerei.

—Sabeis—principiou o bispo dirigindo-se a Bertha van Dorth—que sois accusada de desembarcar com vosso pae e vosso primo, ambos inimigos reconhecidos de el-rei D. Filippe de Castella e de Portugal, a fim de melhor planearem a projectada invasão do Brasil, como o governo recebeu denuncia.

—Nada sei dos projectos de meu pae.

—Que viestes então fazer a Lisboa n'uma fusta com bandeira veneziana?

—Visitar uns parentes nossos.

—Quem são?

—Só meu pae os conhecia e não os chegamos a encontrar por motivos que de sobejo conheceis.

—Aconselho-vos a que não procureis illudir-me.

—Não vos posso falar com mais sinceridade.

—Não ignoraes os meios de que dispõe o santo tribunal, a que nós mui indignamente presidimos, para obrigar a soltar a lingua aos mais remissos.

—Procedei como entenderdes, sou uma pobre mulher sósinha n'uma terra inimiga, onde só lhe teem acontecido desastres desde que desembarcou. A unica pessoa que se interessava por mim, tambem essa desappareceu.

—Melhorareis a vossa situação confessando tudo.

—Nada sei. Melhorar em quê? Separaram-me violentamente do meu pae e do meu primo. O

destino entregou-me indefesa a um estranho. Como parecia magnanimo e cavalheiresco arrancaram-me á sua protecção e enclausuraram-me aqui. Que me pode succeder de peor? A tortura? Uma dôr mais ou menos transitoria. A morte?! Um allivio, a liberdade.

Bertha van Dorth proferiu estas palavras com tão suprema dignidade e estoica resignação, que o inqusidor-mór, apesar da inexoravel pratica do seu cargo, sentiu-se impressionado.

—Intelligente como sois e affeiçoada aos vossos como apparentaes, tomou-vos por certo vosso pae por confidente, não devia ter segredo para vós —argumentou o bispo do Algarve.

—Pela memoria de minha mãe, assim é, que não sei mentir! Mas o meu e o vosso Deus, porque só ha um, lançaria o seu mais fulminante anáthema sobre a filha que vendesse a troco fosse do que fosse a honra de seu pae.

—A religião paira por cima dos laços de familia.

—Não me ensinaram essa doutrina; ensinaram-me que respeitar pae e mãe era um dos mais sacrosantos mandamentos do principio divino.

—Como impõe tambem amar a Deus sobre todas as coisas.

—E amo-o com toda a força da minha alma, com tanta quanto odeio os que em seu nome expoliam, violam e assassinam.

—Contei-vos, senhora—recommendou a abbadessa.

— Confessae o que sabeis — ordenou o inquisidor-mór zangado e severo por encontrar tão tenaz obstinação n'uma rapariga.

— Não nos conheceis a nós lutheranos e calvinistas. Não ha ameaças, nem perspectiva de tormentos que nos intimidem. Lembrae-vos do decreto promulgado em 1535 pela princeza hespanhola Maria, regente dos Paizes Baixos, que mandava decapitar os meus patricios hereticos e enterrar vivas as mulheres, mesmo quando renegassem a sua crença primitiva.

— E queimar a fogo lento os impenitentes.

— Mas o mesmo archote que accendeu as fogueiras para consumir os hereticos abrasou toda a Hollanda n'uma revolta formidavel; a systematica ferocidade do duque de Alva excitou todos os assassinos; a guerra rebentou sem treguas nem mercê.

— Não podia haver piedade para relapsos.

— Nem nós a acceitavamos. Os cadaveres de velhos, donzellas e creanças formavam montes, constituiram um pedestal immenso por cima do qual se alteou a liberdade, a independencia da minha patria, durante tantos annos escravisada.

— Uma patria de herejes.

— De homens livres, de mulheres livres, de creanças livres; sacudimos as algemas dos pulsos de todos nós; não somos como Portugal que estendeu o pescoço ao jugo de Castella, como um boi de lavoura á canga que o sujeita, e que ainda

tem filhos que beijam as mãos que os captivaram, porque essas mãos regorgitam de ouro.

—Basta! —exclamou o inquisidor-mór enfurecido. —Recolhei-vos á vossa cella.

Bertha van Dorth levantou-se do escabêlo em que se assentara, fez a mesma cortez mesura da entrada e deslisou com a magestade serena de uma rainha e a modestia altiva de uma heroina.

—Não creio que se obtenha nada d'esse espirito rebelde; entrou-lhe no corpo o bafo de Satanaz e difficil será arranca-lo de lá—observou a abbadessa, desenhando-se-lhe inconscientemente no cerebro o lúgubre espectaculo de um auto-de-fé.

—É uma heretica convicta, sem duvida, mas possue um nobilissimo caracter—conceituou Martins Mascarenhas, como de si para si.

—Credo, anjo bento! —murmurou a abbadessa, reflectindo no seu intimo se Lúcifer não contaminaria a alma do venerando prelado.

—Talvez vos mande logo outra rapariga para tambem aqui ficar sob custodia.

—Outra?!

—Uma rapariga a quem apunhalaram a mãe fóra das portas de Santa Catharina, incidente no qual um dos corregedores do crime descobriu um terrivel mysterio que se prende com a segurança do Estado.

—Jesus, Maria e José! —exclamou beatificamente a attonita monja.

—E precavei-vos contra qualquer aconteci-

mento anormal, porque anda mettido em tudo isto, embora involuntariamente, o capitão de um terço portuguez Francisco de Padilha, que tem tanto de galanteador como de valente e ousado.

—Pois atrever-se-hia?...

—A tudo, madre abbadessa... a tudo.. até a raptar-vos.

—Senhor, amerceae-vos da vossa humilde serva! — balbuciou a freira estremecendo e vendo-se já, apesar da sua edade, convulsivamente estreitada pelos braços de um mocetão.

Martins de Mascarenhas despediu-se e, com os fâmulos que o esperavam n'outra casa, encaminhou-se, na sua liteira, para o palacio da Inquisição, que, como todos sabem, ficava no local onde existe hoje o Theatro de D. Maria II ou Normal.

Era um edificio pesado, de quatro andares. Só se lhe rasgavam janellas em todos na fachada do norte; as do sul e levante só se lhe abriam em três.

Os aposentos do bispo inquisidor-geral, os dos seus serviçaes, dignitarios que lhe andavam annexos, alcaide dos carceres e a sua guarda privativa estendiam-se pelo pavimento terreo e pelo primeiro andar na parte anterior; no segundo ficavam as dependencias dos demais inquisidores e sequito respectivo, a sala publica onde se reunia o tribunal, um oratorio com o seu retabulo e crucifixo, testemunha indispensavel dos autos de fé, oratorio onde os inquisidores e ministros do Santo Officio assistiam á missa, e que communicava com a

mesma sala, recinto onde tambem a ouviam os seus familiares, o thesouro, e a Mesa Grande com o seu cofre, destinado a archivar todos os processos, registos, livros e documentos secretos. Occupavam o terceiro andar as alcovas da creadagem dos inquisidores.

Martins de Mascarenhas apeou-se no espaçoso pateo situado a um lado do edificio, orlado de columnas, para onde se debruçavam as portas e janellas das habitações interiores e entrou na sua moradia, onde pouco se demorou, e subiu em seguida á sala do despacho da Mesa Pequena, á porta da qual o esperava Francisco de Padilha.

O inquisidor-mór esboçou um movimento de contrariedade que logo reprimiu e inquiriu do capitão:

—Esperaveis-me?

—Sim, senhor—respondeu o capitão curvando-se e beijando o annel do prelado.

—Entrae.

Francisco de Padilha seguiu após o bispo que logo que se assentou n'uma cadeira de couro de Utrecht, de alto espaldar, de sobrolho franzido e expressão austera, disse:

—Depois de decorrer quasi annos sem me procurardes, tendes amiudado agora as vossas visitas. Que motivo vos traz aqui de novo?

—Um e muito grave.

—Vindes penitenciar-vos de ter passado largas horas n'uma tavolagem das mais mal afamadas, do duello consequencia de uma rixa ao jogo e...

—Estaes bem informado e não negarei factos que são evidentes; não senhor; venho aqui protestar contra uma deslealdade vossa.

—Uma deslealdade minha?!—repetiu o inquisidor-mór recontrahindo os musculos da face n'um repente de cólera.—Lembrae-vos da pessoa com quem falaes.

—Um venerando ancião que minha familia me habituou a reverenciar e que uma acção indigna de um principe da egreja faz com que eu despreze.

—É demais semelhante linguagem, não quero continuar a ouvil-a.

—Só se me fizerdes expulsar pelos vossos esbirros, ou mandar aferrolhar pelos vossos carcereiros ou arrancar a lingua pelos vossos algozes.

—Abusaes da amizade que me liga a vosso pae e do carinho que vos dedico desde menino.

—Não abuso. Venho aqui com o direito que assiste a todo o homem de consciencia limpa, perguntar a outro, que a deve ter, a razão por que o ludibriou perfidamente.

—De uma vez para sempre, não vos consinto tal maneira de vos exprimir. Se vos referis á dama flamenga, dir-vos-hei que a puz em logar seguro porque a razão de Estado a isso me obrigava e por vosso proprio interesse.

—Por meu interesse?!

—Para vos livrar de serdes processado como cumplice de espiões.

—Mas havieis-me promettido...

—Não vos prometti absolutamente nada; apenas para vos socegar recommendei que a persuadisseis a conformar-se com a sua sorte.

—E essa desditosa rapariga a quem apunhalaram a mãe hontem ao entardecer tambem era espia dos inimigos de Castella?—perguntou Francisco de Padilha cada vez mais exaltado.

—É curioso!—exclamou o inquisidor-mór—Sois vós quem se devia limitar a responder ás minhar perguntas e sois vós quem me interrogaes. Não permitto mais a vossa presença aqui... Sahi!... A menos que não preferiraes...

—Preferir o quê?—bradou o capitão com a cabeça de todo perdida.

—Transitar da qualidade de visita para a de preso por suspeito de heresia e de traição contra el-rei D. Filippe IV, nosso senhor.

—Vosso e não meu, que eu nunca me vendi a Castella, e aspiro a quebrar esses grilhões que nos infamam a todos. Quero ser livre, morrer pela liberdade do meu paiz. Viva Portugal independente!

—Calae-vos, desventurado!—ordenou o prelado entre severo e afflicto, batendo n'um timbre que lhe ficava ao alcance da mão—calae-vos pelas cinzas de vossa mãe!

Francisco de Padilha quedou-se um tanto perplexo com esta impetração, e logo entrou um dos familiares que, com os braços em cruz e inclinando-se reverente esperou em silencio as ordens do seu superior.

—Apresentae o capitão Francisco de Padilha—disse o prelado—ao inquisidor Fr. Antonio da Encarnação, para que lhe mande mostrar ou mostre em pessoa todo o edificio da Inquisição, que muito deseja vêr. Que lhe seja patenteado tudo...

E Martins de Mascarenhas sublinhou muito accentuadamente estas palavras. Francisco de Padilha ergueu a cabeça, fitou com desassombro o bispo do Algarve, e todos podiam lêr no seu olhar a seguinte resposta:

—Nunca senti medo; não o sentirei agora. Fazei de mim o que entenderdes.

—Ide, meu filho—accrescentou o inquisidor-mór, n'um tom que tanto poderia significar um carinhoso conselho, como uma ironica ameaça,—examinae bem quanto se vos deparar, e lembrae-vos de como o Santo Tribunal sabe premiar os que seguem na vida o bom caminho e como se vê constrangido, com a dôr pungente de um pae, a punir os que trilham a vereda sinuosa da heresia e da desobediencia.

Francisco de Padilha não retorquiu, fez apenas um gesto que significava estar prompto a acompanhar o seu guia ou o seu... carcereiro... se não assumisse outras funcções ainda mais odiosas. Este apresentou-o ao inquisidor alludido, que immediatamente se dispoz a cumprir as indicações do seu chefe.

—Informaram-vos certamente dos quatro graus de culpabilidade religiosa em que a Inquisição tem

de entender: suspeitos, convencidos, penitentes e relapsos.

Francisco de Padilha limitou-se a inclinar a cabeça n'um signal affirmativo.

—Conheceis tambem que o verdadeiro fundador do Santo Officio foi juntamente com o bispo de Osma, um conego da sua sé, Domingos de Gusmão, e eis o motivo por que de 1232 em deante o venerando tribunal está entregue aos dominicanos.

Novo e mudo gesto de acquiescencia do capitão.

—O estabelecimento regular da Inquisição data de 1229 e foi o papa Gregorio IX quem lhe outorgou a categoria de tribunal regular. Muito tempo e muitas negociações, iniciadas no tempo de el-rei D. Manuel, se tornaram necessarias para que ella se implantasse em Portugal...

—Boa implantação, não resta duvida...—resmoneou Francisco de Padilha.

—Foi só no tempo de el-rei D. João III, por bulla de 23 de maio de 1536, que o Santo Officio se instituiu definitivamente entre nós, sendo primeiro inquisidor Fr. Diogo da Silva, substituido depois pelo cardeal D. Henrique, irmão de D. João III.

—A humanidade que lhe agradeça—murmurou o capitão.

—Logo se estabeleceram filiaes em Evora, Porto, Coimbra, Lamego e Thomar—continuou Fr. Antonio da Encarnação.—O primeiro auto-de-fé

effectuou-se em Lisboa, n'um domingo de setembro, de 1540, na Ribeira.

E emquanto o inquisidor historiava a existencia da implacavel instituição ia mostrando a Francisco de Padilha os carceres distribuidos em redor de um vasto pateo, lôbregos, escuros, humidos, repugnante sepultura de vivos, ainda mais ensombrados pelas grades, pelas golilhas e ferros de toda a especie que pesavam sobre os lividos e esqueleticos encarcerados; a ampla cosinha onde se preparavam rescendentes acepipes para os inquisidores e seus familiares e uma comida immunda para os desditosos presos; o ambito reservado para catacumba dos que ali morriam por enfermidade.

—Que vale o inferno, se existe, comparado com este?!—monologou o capitão imperceptivelmente.

Desceram ao andar terreo e o inquisidor parou um momento antes de ordenar que se abrisse uma porta de carvalho massiço chapeada de ferro. Fr. Antonio da Encarnação mediu Francisco de Padilha de alto a baixo e disse-lhe:

—É esta a sala dos tormentos...

## VIII

# Visita forçada

D'ali a segundos chegaram mais quatro homens, todos com capuzes, de forma a tapar-lhes completamente o rosto. Um d'elles, o mais espaúdo, trazia preso do cinto de couro um grosso molho de chaves.

—Abri essa porta—ordenou o inquisidor Fr. Antonio da Encarnação.

Francisco de Padilha, apesar da sua inegualavel valentia, sentiu uma onda de asco invadir-lhe o peito.

—É o carrasco e os seus ajudantes—explicou o minucioso guia, como que saboreando o tormento moral do capitão e que a despeito dos seus esforços se lhe pintava no semblante.

—Torna-se necessario entrar ahi?—perguntou o constrangido militar.

—Ficaria incompleta a visita se não entrasseis

aqui—declarou Fr. Antonio da Encarnação, com a unctuosidade peculiar aos da sua especie.

—Seja—retorquiu Padilha com ar sacudido.

Penetraram na immensa sala térrea.

Diminuta era a luz que se coava com difficuldade pelas esguias frestas retangulares, ainda mais escassa no embarrar com os grossos varões de ferro. Só depois dos olhos se habituarem á funérea escuridão é que se principiava a distinguir aqui e ali alguns vultos informes, sombras pavorosas que punham medo na alma do mais impávido, contornos de estranhas maquinas e apparelhos que os exaggeros da imaginação oriental nunca phantasiaram para as suas gehennas mais horriveis, nem mesmo no tempo em que os israelitas idólatras queimavam as çreanças, no valle de Hirunou, o que deu origem á palavra, em frente da estatua de Moloch.

Padilha deu um passo, mas logo recuou exclamando involuntariamente com horror:

—Meu Deus!

—É para sua maior gloria que esta sala e tudo quanto ha n'ella existem—redarguiu com o beatifico tom da mais refinada hypocrisia o inquisidor.

—Que blasphemia!—rugiu o capitão sem se poder conter.

—Illuminae a sala como nos momentos solemnes—ordenou Fr. Antonio da Encarnação para o verdugo e seus acolytos.

Decorridos instantes, espargia-se pelo sinistro

aposento uma claridade baça e vermelha, que descia das lampadas seguras a um aro de ferro suspenso das negras vigas do tecto, e penduradas nas paredes. Cada um dos lugubres objectos começou então a tomar corpo.

—Aqui é a sala dos tormentos, como vos disse —explicou o inquisidor;—além—e apontou para outra que lhe era attinente:—é onde permanecem os inquisidores durante todo o tempo que se procede aos interrogatorios com emprego da tortura.

Padilha diligenciava afastar a vista e alhear o espirito do angustioso espectaculo que se lhe offerecia, mas não o alcançava.

—Agora o carrasco vae relatar-vos como funccionam todos estes instrumentos, que conseguem, como nenhuma eloquencia humana, arrancar a confissão dos seus crimes aos malvados mais impenitentes.

—Confissão de crimes suppostos que a dôr desarreiga de almas innocentes e quantas vezes puras!—commentou Padilha a meia voz.

E as pupillas do capitão, agora já de todo acostumadas ao clarão sanguineo dos lampeões, incidiam nas escuras paredes núas, a ressumar humidade, onde só se viam manchas de animaes immundos a rastejar, fortes ganchos cujo uso só pensar n'elle arrepiava as carnes, moitões de diversos tamanhos, cordas de variadas espessuras, ferramentas singulares, látegos de dez feitios, grilhões, algemas, gargantilhas, grelhas de differentes configurações, em-

fim uma serie de modonhos e ascorosos utensilios, destinados a produzir soffrimentos que Dante nunca sonhara para o seu Inferno.

—Isto—principiou o algoz com voz roufenha,—são as varas para açoitar os pacientes, aquilo a roda onde se lhes despedaçam os membros, além o cavallete.

E o verdugo apontava para uma especie de pyramide de madeira extremamente aguda, no vertice da qual se assentava a victima, com enormes pezos atados ás mãos e pés, de modo que o vertice se lhe cravava no corpo.

—Acolá—continuou a nojenta individualidade,—é o brazeiro onde se queimam as extremidades do corpo a fogo lento; isto são as pinças com que se arrancam as unhas; ali estão os borzeguins onde os pés são esmagados por meio de cunhas de pau; áquelle canto está a vasilha onde se derrete o chumbo, que depois se deita em fusão nos ouvidos, na bocca e nos olhos dos relapsos.

—Que mesmo que o sejam se convertem em martyres com tão selvagens tratos—monologou Padilha, quasi sem mexer os labios.

—Estes baldes—proseguiu o algoz—servem para deitar, com o auxilio de um funil collocado na bocca do hereje, tanta agua quente quanta seja necessaria para elle vomitar todos os peccados que lhe pezam na consciencia.

—Ah!—acudiu o inquisidor—mas não se applica a tortura a ninguem, seja homem ou mu-

lher, judeu ou christão, sem que esteja ao lado um physico, para declarar se a prova pode ou não proseguir e em caso de morte subita qualquer de nós lhe presta os ultimos soccorros de religião.

—Ainda ha muito mais que visitar?—perguntou o capitão com os dentes cerrados.

—O mais importante está visto—retorquiu Fr. Antonio da Encarnação com zombeteira indifferença.

E o descaroavel inquisidor, depois de deixar ao vil carrasco e seus abjectos sequases o cuidado de fechar a porta da sala dos tormentos, conduziu Padilha á porta norte da construcção, virada para a rua da Horta da Mancebia, occupada tambem por quartos, salas e prisões, levou-o ao carcere da penitencia e seu oratorio, aos quintaes e eirados interiores, onde todo esse pequeno cosmo de inconscientes e fanaticos scelerados passeava e tomava fresco.

—Mostrei-lhe todo o palacio, todo, sem omittir o mais insignificante rincão—participou o inquisidor a Martins de Mascarenhas quando regressou á sala do despacho da Mesa Pequena, onde ainda se encontrava o bispo do Algarve.

—Estaes edificado sobre o poder do tribunal do Santo Officio?—perguntou o inquisidor-mór para o capitão.

—Edificado não, senhor; estou horrorisado... —replicou com o habitual desassombro Padilha.

—Sois incorrigivel—atalhou o prelado;—e,

como não quizestes sahir quando vos mandei, e eu tenho por indeclinavel obrigação tratar tanto da saude do vosso corpo como da salvação da vossa alma, ireis penitenciar-vos por tanto tempo quanto seja mister para um dos carceres que visitastes, apropriado para esse effeito.

O capitão sentiu percorrer-lhe a espinha um calafrio, mas conseguiu dominar-se, e respondeu:

—Sou militar, tenho um foro especial, e não me podeis deter aqui sem que os meus chefes me relaxem á vossa jurisdicção.

—É uma simples questão de fórmula; o commandante do vosso terço não pretenderá com certeza entravar a acção do Santo Officio n'uma das suas mais latas e caracteristicas attribuições—argumentou n'um tom de ineffavel brandura o bispo do Algarve.

Os nervos de Padilha tinham attingido o seu mais alto grau de tensão. Ergueu-se, como se recebesse em cheio um formidavel choque electrico, e, ora fitando o inquisidor-mór ora encarando o seu immediato subalterno, bradou, com a voz entrecortada pelo furor:

—Torturae-me, matae-me, mas terminae breve, porque, se o não fazeis, juro por aquella cruz—e o capitão apontava para um crucifixo suspenso por traz de Martins de Mascarenhas,—para mim symbolo do eterno perdão, e para vós emblema do mais cruel fanatismo, que vos atravesso aos dois com esta adaga.

No momento em que Francisco de Padilha desembainhava a adaga, que lhe pendia do boldrié, talvez para realisar o seu louco designio, o inquisidor-mór bateu de modo particular no timbre que lhe ficava fronteiro, e logo entraram de roldão innumeros quadrilheiros que, pelas costas e de salto, se apoderaram do dementado rapaz e o subjugaram.

Levae-o para o carcere da penitencia do andar-térreo — ordenou o prelado — mas que ninguem lhe toque com um dedo, ou lhe cause o menor damno, e fornecei-lhe tudo quanto requisitar.

Os esbirros tiraram a espada e a adaga a Francisco de Padilha, que, serenado aquelle accesso de furor, readquiriu o seu ar calmo e digno, e levaram-no sem o menor protesto ou gesto de resistencia para onde determinara o inquisidor-mór.

— Desgraçada Bertha van Dorth — murmurou o capitão quando sentiu fechar a porta do carcere e correr os ferrolhos exteriores.

Na horrenda prisão não havia luz. Por mais forte e de rija tempera que fôsse a energia de Padilha houve um momento em que o seu intrépido e leviano coração se abriu ao desânimo.

— Que quererá o inquisidor-mór de mim? — perguntou de si para si. — Brinquei-lhe nos joelhos, era amigo intimo de minha familia, não me pode ter odio... Quer separar-me a todo o transe da flamenga.

Agora já os olhos de Francisco de Padilha des-

cortinavam uns molhos de palha putrefacta n'um dos angulos da masmorra, uma cantara de barro mettida n'uma reentrancia da parede e gollilhas, algemas e grilhetas, algumas chumbadas ás pedras de cantaria do edificio, e nada mais se lhe deparou...

—Excedi-me—monologava o capitão—as minhas palavras foram além do que é permittido a um rapaz novo dizer a um velho, por mais indignado que esteja, e isto em presença d'outro inquisidor. Por muito benevolente que seja a alma de Martins de Mascarenhas não pode deixar de punir...

As suas considerações foram interrompidas pela bulha que de novo produziram os ferrolhos correndo nas oxidadas argolas e o ranger arrastado dos gonzos quando a porta girou sobre elles.

Ao mesmo tempo bateu na face do encarcerado a bruxuleante claridade de uma lanterna, deixando-o offuscado por instantes.

—Com vossa licença—solicitou uma voz por traz da lanterna.

—Entrae—respondeu instinctivamente o preso, surprehendido com tanta urbanidade n'uma conjuntura como a sua.

Em seguida entraram dois homens de capuz conduzindo um catre de madeira, novo, roupa correspondente, uma pequena mesa e um escabêlo. Arrumaram esse singelo mobiliario, sumptuosissimo comparado com o dos outros carceres, fizeram a cama e terminado esse labor um dos recemchegados inquiriu, com cortezia:

—Que desejaes para comer?

—Nada.

É um alimento que não causa indigestão a ninguem—observou o familiar n'um tom faceto que destoava em absoluto com o seu traje e com tudo quanto o cercava, e, após uma pausa, accrescentou:—Tenho ordem de vos fornecer a comida e a bebida que vos appeteça.

—Não quero nada.

—Se não a escolheis vós, serei eu obrigado a escolhê-la, e, crêde-me, não ganhaes nada na troca.

— Trazei-me o que entenderdes — retorquiu Francisco de Padilha com impaciencia.

—Bem, já que assim o quereis, obedecerei, e farei toda a diligencia para me desempenhar o melhor possivel da missão de que me incumbiram — e o loquaz carcereiro retirou-se com o seu companheiro, deixando ficar a lanterna em cima da mesa que trouxeram; mas fechando cuidadosamente a porta e correndo ainda com mais cuidado os ferrolhos.

O capitão perpassou pela memoria todos os estranhos acontecimentos d'esses ultimos dias. Reflectiu-se-lhe no espirito a imagem da hollandeza tão senhoril e imponente e ao lado d'ella o retrato de Luiza da Guarda, da joven que conhecera em tão tragicas circunstancias e cuja recordação não lhe apagava da mente. Em tropel, mas já em plano mais afastado, apresentavam-se-lhe as figuras de

sua ama Maria do Rosario, do seu escudeiro Pero Rodrigues e as dos seus amigos, todos a essa hora em grande sobresalto e anceio por causa da sua ausencia. A imaginação do preso corria a galope desfechado pelos páramos da chimera, quando o ruido dos ferrolhos, de novo em movimento, lhe quebrou o fio ao devaneio.

—Eis o que pude arranjar de melhor—disse a mesma voz de ha pouco.

E ao mesmo tempo um dos homens que viera da primeira vez, pousava em cima da tosca mesa um cesto d'onde se escapava um cheiro que não seria de todo para desprezar se o local não expulsasse o appetite do mais faminto.

—Não tenho vontade de comer—declarou Francisco de Padilha ao perceber quaes eram as intenções do familiar do Santo Officio.

—O comer e o coçar estão no principiar—aconselhou o loquaz carcereiro.—De mais não tendes razão de queixa. Tratam-vos como não me lembro que se tratasse ninguem, e ha mais de vinte annos que estou aqui.

—Ha vinte annos!—exclamou o capitão quasi espavorido.—E não podieis escolher outro modo de vida?

—A tudo a gente se acostuma—respondeu o carcereiro continuando a dispor a ceia.—Demais, na época que vae correndo, ou se ha-de pertencer á Inquisição, ou se ha-de ser perseguido por ella. E se não vêde. O Santo Officio, compõe-se,

além dos inquisidores, de deputados do seu conselho, promotores, notarios, theologos, revedores de livros, qualificadores, procuradores dos presos, visitadores, familiares, alcaides, meirinhos, eu sei lá quanta gente!...

—E não contastes ainda os carrascos... commentou Francisco de Padilha com azeda hostilidade.

—São muitos—retorquiu o carcereiro;—o que não inhibe de ser quasi todo o pessoal da Inquisição recrutado na classe nobre.

—Que lhes preste!—replicou o capitão.

—Então, senhor, ceie; quando não, dir-se-ha que não cumpri as ordens recebidas.

—É-me impossivel comer—explicou Francisco de Padilha.

—Vá, para não me deixardes compromettido.

Ao preso acudiu-lhe uma idéa. Era preferivel estar acompanhado tanto tempo quanto pudesse ser a ficar a sós com as suas pungentes reflexões. Ainda por cima, como o carcereiro era tagarella, podia talvez arrancar-lhe qualquer coisa ácerca dos projectos que o inquisidor-mór alimentava a seu respeito.

—Mas se eu não posso comer, comei vós—propoz o capitão—alcançareis assim uma justa recompensa do esmero com que procurastes ser-me agradavel.

Tornava-se evidente que a proposta não des-

agradara ao serviçal do Santo Officio, que retorquiu com mal disfarçado desejo de acceitar.

—Nunca me atreveria...

—Não sei porquê?!—argumentou o preso.—Tirae o capuz e banqueteae-vos á vontade, pois o salario que aqui recebeis não deve ser avultado e taes ensejos não abundam...

—Uma verdadeira miseria...—accentuou o carcereiro, e logo additou com manifesta intenção de que o convencessem do contrario:—A regra é severa, não me permitte tirar o capuz deante de estranhos.

—Tirae-o que vos dou a minha palavra que nunca ninguem o saberá.

—N'esse caso com vossa licença.

Tanto quanto a escassa luz o permittia, Francisco de Padilha viu deante de si um homem de rosto vulgar, de cerca de cincoenta annos, de expressão banal, mas cujas feições denotavam uma certa vivacidade e intelligencia.

—Comei e bebei quanto vos aprouver—insistiu o capitão.

O homemsinho não se fez rogado. Atirou-se com appetite ao farnel trazido e bebeu a pequenos golos, saboreando, o conteúdo de um pequeno cangirão.

—Sois então carcereiro do Santo Officio ha vinte annos—disse Francisco de Padilha,—deveis ter assistido a muitos episodios dramaticos...

—A muitos, meu senhor—retorquiu, o fâmulo,

cuja lingua se despegava á medida que amiudava as libações—a coisas verdadeiramente horrorosas, mas o que mais me confrangia o coração a principio, eram os autos-de-fé. Nunca assististes a nenhum?

—Nunca.

—Ah! é uma cerimonia solemnissima.

—É terrivel!

—Annunciam-se oito dias antes em todos as egrejas, e nos dias em que se effectuam não se póde celebrar nenhum outro acto religioso.

—E teem dia certo?

—Quasi sempre é no dia de Todos os Santos ou n'um domingo entre o do Espirito Santo e o Advento. Todos os inquisidores são obrigados a assistir a elles para lhes dar maior brilho.

—E para se reverem na sua obra.

—Convidam-se os bispos e mais personagens seculares e ecclesiasticas, convocam-se os familiares do Santo Officio, comparecem os artifices que pintam as tribunas e procedem a outros trabalhos e envia-se ao rei a communicação do facto acompanhada por uma lista dos padecentes.

—Quantos mais, mais luzida é a festa, não é assim?

—Assim é, senhor. Organisado o cortejo aqui, abrem-se as portas e desfila o prestito. Á frente vae o pendão do Santo Officio, de damasco vermelho bordado a ouro em alto relevo; de um lado, para dentro das tarjas, o emblema da Inquisição

coroando as quinas portuguezas, a cruz ponteada de S. Domingos, as chaves e a theara pontificaes; do outro, a imagem de S. Pedro Martyr, de Verona.

—Em que consiste o emblema do Santo Officio, nunca reparei bem n'elle.

—Na cruz da Redempção, no meio da oliveira, symbolo da paz, e da espada, distinctivo da justiça.

—Boa justiça, não ha duvida! E quem leva esse pendão?

—Pegam-lhe ás pontas, por ser graça muito apreciada, dois familiares da melhor nobreza do reino, e aos cordões dois qualificadores dominicanos. Caminham atraz a communidade de S. Domingos, a confraria de S. Jorge, o alcaide dos carceres empunhando a vara do meirinho...

—Essa é a vanguarda... e o resto?

—Segue-se o bando dos condemnados não relaxados, cada um escoltado por dois familiares. Vão pela ordem das abjurações...

— Como é isso?

—Primeiro marcham os que não abjuram; esses não levam habito; depois os que abjuram de leve, os que abjuram de vehemente, os que abjuram em forma de judaismo; estes vestem o *sambenito*. Esta ultima categoria comporta os que depois de tomarem nota para serem relaxados, confessam os seus crimes.

—Que é esse tal *sambenito?*

—Aos condemnados a penas mais severas enfiam-lhes uma samarra com labaredas pintadas ao inverso; é o *habito do fôgo revolto.*

—E as mulheres?

—Vão após os homens, ladeadas por dois familiares sisudos e graves, como determina o Regimento.

—Tapadas?

—É-lhes prohibido levar toucas, lenços ou qualquer especie de enfeite que lhes esconda a cara ou o habito. As que abjuram em forma levam um traje de baeta amarella, que desce até á cintura e n'elle traçada a cruz de Santo André. Vão sob a vigilancia da guarda dos carceres.

—Acaba ahi?...

—Não, senhor. Ha ainda mais a cleresia do hospital real, o capellão dos carceres da penitencia, com o grande crucifixo que está lá em cima e que vós deveis ter visto rodeado de seis familiares nobres de tochas accesas.

—Mais nada?

—Quando faltam os *relaxados em carne,* mais nada. Quando os ha, caminham primeiro os herejes e feiticeiros confidentes diminutos e simulados; negativos convictos, impenitentes e revogantes; relapsos por *ficção de direito* ou manifestos, e impenitentes teimosos em qualquer erro contra a fé.

—Contra a fé? Que irrisão! E esses desventurados não recalcitram, não reagem?

—Tomam-se todas as precauções para evitar conflictos; os pacientes vão amordaçados, com as mãos bem atadas por baixo dos habitos e os guardas levam sempre algumas mordaças e cordas de sobresalente. E para os auxiliar na hora do passamento acompanham-nos bastantes jesuitas.

—Felizes dos que conseguem escapar-se!

—Figuram no cortejo em estatuas, bem como os livros interdictos dentro de caixotes e os ossos dos que morrem nas prisões...

—E prompto?

—Fecham o cortejo uma escolta da guarda real e a guarda da Inquisição.

—E os inquisidores?

—Cavalgam soberbos corceis, seguidos de brilhante e numeroso prestito, precedidos de um meirinho de cruz alçada.

—Depois queima-se tudo...

—Tudo não. Ha os autos-de-fé na praça publica e dentro da egreja...

O palrador guarda calou-se de subito.

—Que é?—perguntou Francisco de Padilha.

—É a ronda que se approxima—respondeu o carcereiro muito baixinho.

E acto continuo principiou a gemer como se o estivessem açoitando.

—Que fazeis?

—Engano a ronda para que não entre aqui. Assim supporá que estou batendo em qualquer preso e passa adeante.

Effectivamente, do lado de fóra, uma voz cavernosa inquiriu:

—Ha alguma novidade?

—Um d'estes herejes que sentia frio e a quem eu estou aquecendo.

—Nunca as mãos vos doam.

—Infames!—exclamou Francisco de Padilha.

---

## IX

# Resolução temeraria

—O officio não é limpo, não senhor, mas a fome é aínda mais suja que o officio.

Francisco de Padilha comprehendeu que seria injusto magoar uma creatura que procurara por todos os meios ser-lhe agradavel n'uma situação angustiosa, e calou-se.

—Quando o auto-de-fé se realisa em qualquer praça publica—continuou o carcereiro reatando a conversa interrompida, pois como o leitor vê era um tagarella incorrigivel—ergue-se a meio uma especie de altar elevado onde se colloca o crucifixo e se dispõem alguns missaes. De uma e outra banda, conforme as categorias, prolongam-se os logares e tribuna para os que assistem á festa...

—Festa de Belzebut...—atalhou o capitão.

—D'aqui fica a alta cadeira do inquisidor-mór e outras de menor altura para os ministros do tri-

bunal—proseguiu o guarda não se importando já com as amiudadas interrupções do seu interlocutor.
—Perto d'esses, a justiça secular. Os condemnados assentam-se n'uma bancada ao fundo. Claro está que a côrte tem para si uma tribuna á parte.

—Nem podia faltar...

—Se o auto-de-fé se effectua na egreja, conservam-se as janellas fechadas, de maneira a ser completa a escuridão. Por traz dos criminosos agglomeram-se os fieis. Sobe então ao pulpito um pregador que não se cança de elogiar a missão purificadora do Santo Officio.

—Purificadora e bondosa...

—Em geral contradiz e impugna as crenças dos judeus, cita muitas passagens da Biblia, dos doutores da Egreja, e logo faz encomios ao papa, á Inquisição, ao monarcha que abre o thesouro para que a heresia seja de todo desarreigada, etc., etc.

—Adeante.

—Segue-se a leitura do *edital da fé* e do *monitorio geral*, uma especie de intimação feita a todos os bons christãos para que dentro de um mez denunciem, sob pena de excommunhão maior, quanto saibam contra a religião catholica, usos e doutrinas da Santa Madre Egreja e auctoridade pontifical. Os que não quizerem ou não puderem *denunciar* e *manifestar* essas occorrencias por si proprios devem fazel-o por interposta pessoa.

—Abjecto e villissimo ente é um denunciante!...

—Depois lê-se do pulpito o pregão das sentenças dos reconciliados.

—O que é isso?

—Cada um dos arrependidos ouve de joelhos e com uma vella amarella na mão, junto do altar, a sua sentença e jura ali a retractação que lhe indicam do pulpito, oscula o crucifixo e torna para a bancada. Por fim o inquisidor-mór, com os habitos das grandes cerimonias, circumdado os dignitarios e familiares, levanta-se da cadeira e absolve com toda a solemnidade aquelles a quem o Santo Officio concede essa mercê...

—E a quem despoja, em troco de mais alguns dias de vida, do direito de ser livre e principalmente de todos os seus bens.

—Acaba ahi o auto-de-fé quando não ha relaxados...

—E quando os ha?

—O inquisidor-mór volta para o seu logar e principia a ler a sentença dos condemnados. Isto acontece, é facil de comprehender, na praça publica. Os criminosos, acorrentados de pés e mãos, estão de pé e os exhaustos de forças comparecem em cadeiras de braços, com as estatuas dos que fugiram ligadas a postes toscos, cheias de diabos e labaredas, bem como as arcas dos livros, umas pretas e outras com pinturas allusivas a coisas infernaes.

—Uma ignobil e repugnante mascarada!... Essa condemnação dos mortos só serve para expoliar os herdeiros dos bens que possuiam e que são

confiscados sem o minimo vislumbre de honestidade em exclusivo beneficio da desinteressada Inquisição...

—Não é o Santo Officio quem queima os hereticos...

—Ainda mais essa hypocrisia.

—Ao auto-de-fé assiste o corregedor do crime ou qualquer outro alto magistrado, representante da justiça secular, a quem a Inquisição relaxa os condemnados. O inquisidor-mór pergunta por fim qual é a religião em que querem morrer, e, obtida ou não a resposta, toca-lhes no peito, o que equivale a declarar que a Egreja os expulsa do seu gremio e que os entrega ao... ao...

—Ao verdugo, conclua; com a irritante doblez de se affirmar que as sentenças do Santo Officio não *ordenam* mas *arrastam* a pena de morte.

—Então cada um segue o seu destino. Esses vão para os carceres para cumprirem as penitencias; os condemnados a degredo são entregues ao tribunal civil; aos reclusos ou removidos enviam-nos para os prelados dos mosteiros ou auctoridades das differentes terras.

—Acabou?

Pouco mais falta. Aos relaxados arrastam-nos para a fogueira. Os carrascos ligam-nos aos postes. Aos que se arrependem ou que declaram querer morrer na fé christã obteem o favor de serem garrotados primeiro.

—Deve ser pavoroso esse infamissimo especta-

culo, quando no meio de hymnos e lôas sagradas, por entre o rumor cavo da multidão em ancia por presencear os esgares afflictivos dos pacientes, ao som dos gritos lancinantes das victimas, se accendem as fogueiras, e que as chammas envolvem os desventurados e se espalha por todo o recinto o cheiro nauseabundo da carne humana a rechinar!

—Impressiona ainda os mais indifferentes... lá isso impressiona...

—Que triste paiz onde taes scenas de barbarie se produzem!

—Senhor, que estaes n'um carcere da Inquisição...

—Que me importa!—exclamou Francisco de Padilha exaltadissimo.

—Dos que figuram nos autos-de-fé publicam-se depois listas pormenorisadas—continuou o carcereiro diligenciando acalmar a excitação do preso—e no dia immediato affixam-se nas portas dos templos as effigies dos relapsos queimados na vespera, com o nome e todas as minucias da sua vida.

—Malvados, ainda nem depois de mortos perdoam!

—Esta exposição é feita em Lisboa na egreja de S. Domingos; em Coimbra, na de Santa Cruz; em Evora, na de S. Francisco.

—Agora que já acabastes de comer e de beber—disse Francisco de Padilha—podeis retirar-vos. Desejava ver se conseguia descançar um pouco.

— Da melhor vontade — acquiesceu o obsequioso guarda.

E, n'um instante, metteu os restos do festim dentro do cesto, despediu-se com palavras melifluas e retirou-se.

Quando Francisco de Padilha se encontrou só, quasi se arrependeu de ter mandado embora o seu lúgubre companheiro. A masmorra tornava-se ainda mais lúgubre sem essa galhofeira testemunha de tantas angustias e tormentos.

— Meu Deus, que irá ser de mim e d'essa desventurada rapariga flamenga!

A natureza recuperou os seus direitos sobre a tortura moral soffrida pelo joven capitão. O somno, que tantas vezes surge como um oasis no deserto esbrazeado de uma forte e insupportavel dôr, condoeu-se do atribulado rapaz, cerrou-lhe as palpebras n'um movimento instinctivo e roubou-lhe de momento a consciencia do seu estado actual. Dormiu e dormiu profundamente. Quantas horas esteve mergulhado n'aquelle aniquilamento de espirito? Nem elle soube.

Acordou quando o carcereiro da noite anterior o sacudia ao de leve e lhe murmurava ao ouvido:

— Senhor, senhor, levantae-vos, o inquisidor-mór, manda-vos chamar.

Francisco de Padilha deu um salto no catre, estremunhado, esfregou os olhos, e, sem apprehender ainda bem a sua situação, exclamou:

— Que é? Onde estou eu?

—N'um carcere da Inquisição, levantae-vos; o inquisidor-mór aguarda-vos na sala do despacho da Mesa Pequena.

Só então a medonha realidade se apresentou ante os olhos do capitão. Ergueu-se, fez uma ligeira ablução com a agua da cantara mettida na reentrancia da parede, compôz o desalinho do vestuario, e declarou:

—Estou prompto a acompanhar-vos.

Apesar do palacio da Inquisição ser um edificio sombrio, Francisco de Padilha comprehendeu que o dia já ia adeantado.

—Ao que me informaram, dormistes a somno sôlto—disse-lhe Martins de Mascarenhas.

—Dorme sempre bem quem tem a consciencia tranquilla—respondeu o capitão com a mesma altiva sobranceria da vespera.

—Assim deve ser, e assim é, na realidade—respondeu o prelado com rebuscada intonação de ingenuidade.—Eu, por exemplo, passei uma excellente noite.

O capitão abriu a bocca para responder, mexeu os labios para falar, mas não lhe sahiu nenhum som.

—Não concordaes?—perguntou o bispo do Algarve.

Francisco de Padilha esboçou um gesto incaracteristico.

O inquisidor-mór continuou:

—Tivera em vista que vos entregasseis á peni-

tencia no carcere para isso destinado, para vos arrependerdes dos vossos peccados. Tal não succedeu, dormistes. Convenço-me, pois, que os peccados não são muitos. E por isso...

—E por isso?... repetiu o capitão interrogativamente, não conseguindo refrear o seu anceio.

—E por isso principiarei por vos restituir a vossa espada e a vossa adaga, de que tão mau uso pretendieis fazer hontem—e apontava para as duas armas—e com ellas a liberdade.

O capitão inclinou-se n'uma reverencia polida, mas fria e incrédula.

—Estaes livre, podeis retirar-vos quando vos aprouver e socegar a vossa ama, a bondosa Maria do Rosario, e o vosso escudeiro, que ambos cuidarão que vos aconteceu emergencia de perigo e... principalmente não desattendaes o ensinamento...

Francisco de Padilha esforçou-se por se curvar n'uma reverencia respeitosa, mas a espinha dorsal reagiu contra esse acto de subserviencia, após tantas horas de sofrimento íntimo, e a cabeça mal se inclinou, e, quasi automaticamente, impellido por uma força, por assim dizer superior á sua vontade, sem soltar um som, virou as costas ao inquisidor-mór e sahiu, não sem que Martins de Mascarenhas murmurasse:

—Não é caracter que se amolde ao terror; creio que a lição recebida pecca por contraproducente. Convem que se afaste de Lisboa para não lhe suc-

ceder alguma desgraça de maior. Devo isso á memoria de sua mãe.

Francisco de Padilha sahiu do Palacio da Inquisição absolutamente aturdido. Batia n'esse momento o meio dia. Esfregou involuntariamente, e umas poucas de vezes, os olhos, para se convencer de que não experimentava os effeitos d'um medonho pesadêlo. Demonstrava-lhe com eloquencia o contrario o desarranjo do seu traje e até alguns rasgões que apresentavam evidente contraprova da sua lucta com os esbirros do Santo Officio.

—Que covil de monstros!—bradou elle fechando com rancor os punhos e voltando-se n'um gesto de revolta para a temida e odiosa construcção.

Caminhava ao acaso, sem uma idéa fixa, ou antes sem ainda assentar em definitiva base o pensamento que lhe avassallava o cerebro.

—Quizeste escarmentar-me, frade, mas erraste o caminho!—murmurou por entre os dentes cerrados.—Se Deus não se pronunciar contra mim, saberás que discipulo encontras na creança que tanto affagaste, inquisidor-mór!

Parou durante um segundo e logo se orientou deliberadamente pelo rumo da sua moradia.

—Jesus, senhor!—exclamou Maria do Rosario entre risonha e severa, apenas o viu—Que não ha de perder essa balda de passar a noite em más companhias.

—Tendes razão, ama; nunca na minha vida me acotovelei com gente tão ruim.

—Pois se vós conheceis isso—argumentou com aspera severidade Pero Rodrigues—porque não vos desviaes d'ella?

—Prenderam-me de tal modo que não pude deixar de ceder á sua vontade.

—Negregados que andam fora do gremio da Egreja!—obtemperou Maria do Rosario.

—Pelo contrario, muito dentro d'ella, e a tal ponto que a tornam odiada.

—Odiada?! Credo!

—Pero Rodrigues—disse o capitão fechando os ouvidos aos commentarios da ama e dirigindo-se ao escudeiro—procurae sem delonga Manuel Gonçalves e os seus companheiros e participae-lhes que os espero aqui no mais breve espaço. Trata-se de um caso grave e urgente. Descobri-os a todos, ainda que se escondam no inferno.

—Que blasphemia, santo Deus!—murmurou Maria do Rosario.

—Olhae, ama, o inferno deve ser um paraizo comparado com o sitio onde eu passei a noite!

—Por onde vós arriscaes a vossa alma!

—Peor do que o inferno só pode ser a inquisição!—monologou o escudeiro, aprestando-se para cumprir as ordens de seu amo.

Cerca das cinco horas da tarde, irrompiam pela residencia de Francisco de Padilha as pessoas a quem mandara chamar. Narrou-lhes minuciosamente quanto lhe occorrera.

—Procedeste levianamente, tratando com tal

desabrimento e até insolencia o inquisidor-mór. Se fosse com outro, não conversarias agora aqui comnosco.

—Não pude conter-me ante tantas abjecções.

—Que pretendeis de nós?

—Que me ajudeis a arrancar Bertha van Dorth do convento da Esperança.

—Ensandeceste?

—Nunca me senti com mais juizo.

—Porque modo?

—Por astucia ou á força.

—Expões-te a que te convertam o corpo em torresmos.

—Precaver-me-hei com a agua precisa para apagar a fogueira em que pretendam lançar-me.

—Bem, já todos sabemos que o tino nunca pesou muito na tua cabeça. Quaes são os teus projectos?

—Em globo: tirar a flamenga do convento, como vos disse, e conduzil-a para bordo de um navio em que todos embarcaremos.

—E fazes d'ella tua amante ou tua mulher?

—Nem uma, nem outra coisa. A Maria do Rosario embarcará tambem. Levamol-a até ao primeiro porto onde a possamos deixar em terra, ou trasbordamol-a para o primeiro barco neutro que avistemos.

Manuel Gonçalves, o primeiro interlocutor d'este dialogo, conservou-se calado e pensativo durante alguns minutos. Por fim, perguntou:

—E dinheiro?

—Ganhei mais de trezentos dobrões ao castelhano. É o sufficiente para o emprehendimento.

—E o duello?—perguntou Jorge de Aguiar.

—Lá isso poderia ficar para qualquer dia—retorquiu Lourenço de Brito.

—Podem divertir-se a apodar-nos de covardes, e como nós não o somos...

—O partir para o Brazil não me desagradava; ia ver o que é meu e viajava—explanou Manuel Gonçalves;—o demonio é que as probabilidades são tão poucas a nosso favor que metter hombros ao emprehendimento corresponde quasi a um suicidio.

—Nada, mãos á obra, se ha dinheiro—concordou Luiz de Siqueira—e ludibriar a Inquisição e o inquisidor-mór tambem representa um gosto nada para desprezar.

—Quem contracta o barco?

—Eu—replicou Francisco de Padilha;—conheço o mestre e o proprietario d'uma urca que veleja breve para a Bahia com carga e sem passageiros. É marinheiro da minha inteira confiança. Deve immensos favores a meu pae. Se lhe dermos cem dobrões, levar-nos-ha a todos e mais contente que um pintasilgo em manhã de primavera.

—Pois a mim—adduziu Manuel Gonçalves—tambem não é estranho um certo pirata a quem duas vezes salvei e vida, podendo ver como elle esperneava, enforcado, no laes de uma verga.

—A que vem esse pirata para o caso?—interrompeu Jorge de Aguiar.

—Calae-vos e não sejaes pouco cortez, que eu já sovava os inglezes e os hollandezes na India quando a vossa mãe ainda vos trazia arrastado pela saia—censurou Manuel Gonçalves.

—Mas?!...

—Esse pirata parece que se encadernou em homem de bem e desempenha agora as funcções de jardineiro no convento da Esperança.

—Ah! comprehendo agora.

—Custou. Apesar da encadernação talvez conserve a antiga pecha de querer ganhar muito dinheiro com pouco trabalho. Se assim fôr, tentarei convencel-o a que facilite a evasão d'essa flamenga, que Satanaz confunda, e que nos veiu metter em taes aventuras!

—Mãos á obra!—incitou Francisco de Padilha.

—Mãos á obra!—repetiram os quatro amigos despedindo-se.

—Voltamos aqui á noite—lembrou Manuel Gonçalves.

—Até á noite, tarde; vinde a um por um, e por caminhos diversos para não levantar suspeitas na ronda—recommendou Francisco de Padilha.

O capitão aprestou-se para sahir. Cogitava no seu projecto, aperfeiçoava-o. Dirigiu-se ao palacio de D. Manuel de Menezes. Queria pedir-lhe a sua palavra de honra de fidalgo de que não repetiria nada do seu plano, confiar-lh'o, e obter delle,

depois de ir pela barra fóra, que não o considerassem desertor no seu terço e sim ausente com licença e mais tarde ser transferido para um dos terços em serviço na Bahia. Caminhava depressa, mas de repente sentiu-se preso por um braço.

—Ora vêde—disse-lhe uma voz conhecida—não valia a pena el-rei D. Sebastião ter decretado em 1570 que «ninguem pudesse comer mais de um assado e de um cozido, de um picado ou cuscuz, ou arroz sem doce algum, como manjar branco, bolos, ovos mexidos ou outras confeitarias», para agora toda a gente ostentar este luxo.

Francisco de Padilha queria mandar a todos os demonios o seu importuno amigo, um antigo camarada de armas, mas não era tarefa facil de conseguir, e respondeu-lhe diligenciando furtar-se-lhe á prisão.

—Tendes razão, tendes.

—Assim como já não se cumpre a determinação que obstava a que qualquer moço fidalgo ascendesse a escudeiro ou a cavalleiro senão depois de militar n'um dos presidios de Africa ou nas armadas da côrte, nem se lhes consentia o uso da capa no paço até aos quinze anos.

—A desmoralisação é geral desde que Castella nos avassallou—redarguiu Francisco de Padilha, fazendo nova tentativa para se libertar.

—Já tudo usa capuzes, lobas cerradas ou abertas e tabardos e traz de cauda uma chusma de creados. E por mais que se prohibam os brocados,

telas de oiro, de prata, lavores de aljofre em seda ou panno, passamanes de oiro, ou tecidos de fio precioso, ou bordados da India e as joias esmaltadas, ninguem obedece aos alvarás régios.

—Mas vós tambem abusaes—interpellou o capitão, diligenciando assim descartar-se do companheiro.

—Não abuso; a pragmatica consente as joias em cintilhas, habitos e anneis, bem como os bordados, barras, serrilhas, entretalhes e pospontos e os córtes de seda imprensada ou cinzelada—defendeu-se o seu interlocutor.

—Concedei-me licença, que o tempo aperta commigo—rogou Francisco de Padilha a suar em bica.

—Bem sabeis—continuou o maníaco das modas, porque os houve em todas as épocas, sem se condoer da sua victima,—que se consente ás pessoas que possuem cavallo, terçados, punhaes, talabartes, dourados, guiões e bandeiras, e que os fidalgos e os desembargadores podem trazer barretes, gorras, pantufos, calças de golpes direitos, ornadas de espiguilha e passamanes.

—Mas eu tenho muita pressa, desculpae.

—Um instante só. Lisboa parece que nada em dobrões. As damas trajam vestidos de seda ou de panno com ricas barras e forros e apresentam toucados com guarnições de oiro e prata. Nos enterros e nos lutos dispendem-se rios de dinheiro a ponto das familias se arruinarem para todo o sempre.

—Mas consenti...

—Reparae. É como diz o alferes Martins Affonso de Miranda, creado da casa dos duques de Bragança no seu *Tempo de Agora:* «os homens trazem a honra nas costas e o interesse no rosto». Ha quem só possua quinze mil cruzados de renda e viva como principes, com uma infinidade de pagens, lacaios, creados, cuvilheiras, mais de cincoenta, e um estadão de cavallos e de cães de caça e de regalo.

—Por amor de Deus!

—Lançae os olhos para o passado. As mulheres recommendavam-se pela simplicidade do traje. Na cabeça toalhas de hollanda e de panno de linho, no corpo saias de lã com a sua barra, algumas enfeitadas com debruns da mesma fazenda, gibões de canequim, os mais ricos de tafetá, e só as titulares calçavam chapins envernizados e de Valença. Em tudo havia recato, virtude, nenhum desejo de ostentação.

—Por alma de quem lá tendes!

—Nas visitas e na frequencia ás egrejas só as acompanhavam um pagem ou um escudeiro, e as de mais alta estirpe conduziam-n'as uma cadeirinha com cortinas de encerado. Os mantos eram de filele, ou de sarja, e os da gente de posses de burato, uma especie de cendal preto ou de côres, e constituiam herança transmittida das mães ás filhas.

Tinham chegado em frente do palacio de D. Manuel de Menezes. Francisco de Padilha enfiou pela

porta dentro, atirando com um enfastiado «adeus» ao seu inaturavel camarada. Mandou-se annunciar. O bravo marinheiro recebeu-o acto continuo. O recemchegado informou-o rapidamente do motivo da sua visita, narrando largamente os factos succedidos.

— É uma temeridade o que pensaes praticar.

— Não me occorre outro alvitre.

— Lembraes-vos que quando aqui estivestes, na manhã do duello, o inquisidor geral me procurou? — disse D. Manuel de Menezes.

— Lembro-me.

— Vinha pedir-me para eu lhe indicar uma missão fóra de Portugal para vos confiar.

— Incommoda-o a minha presença.

— Considerae-o vosso amigo, que não vos enganaes. Concordo que a lição do Santo Officio excede talvez as raias do que é permittido a um amigo.

— Agradeço-lh'a infinitamente. Rasgou-me novos horisontes ao meu espirito.

— E se vos sahirdes mal do emprehendimento que planeaes?...

— Nunca faltam occasiões de atravessar o peito com a espada...

— Antes de recorrerdes a esse desesperado expediente, mandae-me aviso, farei o que puder por vós.

— Tanta bondade...

— Portugal carece de homens da vossa tempera, loucos mas generosos e patrioticos. Precisaes de dinheiro?

— Chega-me o que possuo.

— Se o necessitardes — propoz D. Manuel de Menezes depois de uma certa hesitação, — ponho ao vosso dispôr, para vos auxiliar n'essa magnanima loucura, uma duzia de marinheiros da minha absoluta confiança.

— Obrigado, senhor.

E Francisco de Padilha, apesar dos seus esforços em contrario, beijou as mãos de D. Manuel de Menezes.

---

## X

## O rapto

Bertha van Dorth recolhera á cella que a abbadessa lhe destinára, com a alma angustiada. A sua religião não lhe permittia suicidar-se, mas impetrava do seu íntimo que a morte lhe acudisse libertando-a das agruras da vida. Desde que entrára para o convento da Esperança não tomára ainda nenhum alimento, apesar das instancias da superiora. Assentara-se n'um escabelo e, com a cabeça deitada para traz, reflectia no seu destino. A dôr imprimia um cunho de especial belleza á sua physionomia attribulada.

—Ides ter uma companheira—participou-lhe a abbadessa.

Bertha van Dorth esboçou um gesto de indifferença e murmurou:

—Alguem tão desventurada como eu!

Na verdade, perto da noite, a abbadessa tornou a entrar conduzindo Luiza da Guarda, a mesma jo-

ven a quem tinham apunhalado a mãe. Os seus olhos continuavam prenhes de lagrimas e os soluços não consentiam repouso ao arquejar do peito.

—Junto-vos, minhas filhas, em primeiro logar, porque não sendo vós nem freiras nem noviças não disponho d'outro aposento para vos offerecer e depois porque a companhia allivia muitos pezares.

E a boa senhora, porque o era, apezar dos excessos da sua devoção quasi fanatica, não se retirou sem obrigar as suas duas novas pupillas a ingerirem algumas colheres de sopa e a beberem uns poucos de goles de vinho generoso. Dois corações alanceados depressa sympathisam e ainda mais velozmente expandem as suas maguas. A differença de idiomas não ergueu insuperavel obstaculo a que as duas raparigas breve se entendessem por meio de uma expressiva mimica.

—Porque estaes aqui?—perguntou a flamenga depois de se informar da desgraça que ferira a sua interlocutora.

—Por ordem do inquisidor-mór—respondeu Luiza.

—E eu tambem—declarou a hollandeza, após a descripção tão completa quanto pudera fazer das suas desditas.

Luiza, um pouco mais nova que Bertha, apresentava um soberbo tipo de mulher do sul. Branca, de cabellos e sobrancelhas negras, compridos e bastos uns, espessas e arqueadas outras, de olhos pretos e humidos como o dorso das vagas em noite

de vendaval, de labios rosados, de dentes brancos, de rosto oval, pescoço fino e seio opulento, exhalava de si um perfume subtil e dominador de extrema candura e virginal castidade.

—Soffreis?!—disse Luiza com tal inflexão de carinho que Bertha adivinhou logo o sentido da palavra pela expressão do seu olhar.—Tortura-vos as saudades de vosso pae e eu choro a perda de minha mãe.

E ambas cahiram nos braços uma da outra.

—Precisamos ter coragem—recommendou a flamenga com um gesto significativo.

—Vós alimentaes a esperança de que o futuro vos permitta tornar a ver vosso pae—soluçou Luiza; —eu nunca mais sentirei as caricias de minha mãe!

Berha van Dorth provinha de extirpe nobre, cada um dos seus meneios o denunciava; Luiza pertencia á classe burgueza, mas desprendiam-se d'ella tão doces efluvios de natural meiguice e de expontanea abnegação que o seu poder de attracção não descia a plano inferior do da neerlandeza.

Quando o sino do mosteiro tocou para que todas as suas enclausuradas se recolhessem, as duas jovens não só se tinham tornado amigas, como se se conhecessem ha largos annos, mas ainda as suas penas, embora se conservassem intensas, tinham perdido a sua mais forte acuidade.

—Dormi, diligenciae dormir—aconselhara-lhes a abbadessa na sua ultima visita, apontando para as duas camas alvissimas, da cella, abri-vos com

Deus, que elle mitigará os vossos males. Amanhã conceder-vos-hei uma ou duas horas de passeio na cêrca, e a misericordia divina não permittirá que o vosso futuro se cubra de tristezas.

Proximo das trez da tarde do dia seguinte passeavam as duas damas na cêrca, como lhes promettera a abbadessa, ainda muito penalisadas, mas já contemplando com mais attenção o convento e as suas dependencias e o pouco que se passava em redor.

—Que lindas rosas, além, aquellas, no jardim! —disse Bertha van Dorth por mimica.

—E devem cheirar muito bem, vamos vel-as de mais perto, e Luiza enfiando o seu braço no da hollandeza, sem raciocinar se ella a comprehendera ou não, arrastou-a comsigo.

Extasiavam-se as duas jovens ante as mimosas e rescendentes flôres, enlevo das freiras e noviças, que n'aquelle momento se entregavam ás orações impostas pelas regras e lithurgia, quando d'entre os rosaes, olhando para um e outro lado, como para se certificar de que ninguem o espiava, sahiu um homem com todo o aspecto de ser o jardineiro do convento.

As duas raparigas amedrontaram-se e accentuaram um movimento de recúo. O homem, sempre com a maior cautella, disse-lhes baixinho:

—Não se assustem, meninas; sou mandado por um amigo vosso; qual de vós é a flamenga?

—Esta—respondeu Luiza, apontando para Bertha.

—Aqui tendes este bilhete e, pelo amor de Deus escondei-o bem, não me compromettaes.

A hollandeza adivinhou o que o jardineiro lhe recommendava e ambas ficaram surprehendidas, e tambem mortificadas de anceio por se inteirar do conteudo da mysteriosa missiva.

O emissario sumiu-se acto continuo, como se o chão o tragasse.

—Que será isto?—perguntou Luiza com o auxilio dos dedos e dos olhos e estampando-se-lhe no rosto o mais completo pasmo.

—Já vamos saber—respondeu a hollandeza, apalpando por fóra do corpete o bilhete que occultára no seio.

Encaminharam-se as duas para um local que se lhes afigurava mais recondito, e ahi Bertha van Dorth com mão tremula, apesar do extraordinario dominio que exercia sobre si, desdobrou a clandestina mensagem e leu-a. Escrevera-a o seu auctor em flamengo.

*Minha senhora*

*Os seus amigos velam por si. Não se deite esta noite, e se, de qualquer modo, pudesse vir ao jardim, depois da meia noite, muito simplificava a tarefa dos seus salvadores. Responda se accede a este desejo e entregue o seu bilhete ao mesmo portador o mais breve que ser possa.*

*F. P.*

— Francisco de Padilha! — murmurou a hollandeza experimentando pela primeira vez, depois de tantos dias, um sentimento de reconfortadora alegria.

— Conheceis por certo quem vos mandou esse bilhete — inquiriu Luiza.

— Conheço — respondeu com a cabeça e com os labios a alvoroçada neerlandeza.

De subito, porém, sentiu uma dôr pungente. E se aquelle bilhete não fosse do capitão? Não lhe conhecia a lettra, não dispunha de meio de verificar a sua authenticidade.

— Estaes pensativa e ficaste de novo triste? — interpellou Luiza. — Pois não tendes razão. Sempre tendes alguem que se interessa por vós.

Bertha agradeceu-lhe com um sorriso e retomou o fio dos seus pensamentos. E essa companheira que a desgraça ou o acaso lhe trouxera? Tornava-a sua confidente? Abandonava-a ás incertezas do seu destino? Levava-a comsigo, caso accedesse a esse tão inexplicavel convite e fossem bem succedidas?

— Como vos preoccupa o tal bilhete?! — exclamou Luiza, impellida muito pela sua indole carinhosa e um pouco pela curiosidade que nunca abandona a mulher ainda a mais perfeita.

— Penso na resposta que lhe hei-de dar — redarguiu Bertha, pondo em acção as suas habilidades mimicas.

E se fosse uma armadilha preparada pelos que a queriam irremediavelmente perder? Conhecia bem que era um precioso refens para neutralizar os pla-

nos de seu pae. Meditou e meditou muito e profundamente. Ponderou todos os prós e contras e resolveu acceitar!

—Vamos em busca do jardineiro—disse Bertha para Luiza.

—Onde?

—Não sei, mas torna-se necessario que o encontremos e breve antes que nos obriguem a recolher a nossa cella.

Voltaram ao ponto onde lhes fôra entregue a inesperada missiva. O mensageiro, industriado, de que receberia resposta, aguardava-as perto.

—Tomae—disse Luiza ao emissario, a pedido da flamenga,—levae esta resposta a quem vos encarregou da incumbencia.

O homem tirou o barrete, metteu lá dentro o que lhe deram e afastou-se veloz.

O bilhete que Bertha escrevera rapidamente, gravando as palavras n'um pedaço de pergaminho, cahido n'uma das ruas do jardim, com o espinho d'uma rosa, constava apenas do seguinte:

*Acceito. Deligenciarei descer ao jardim. Somos duas.*

Bertha resolveu contar tudo a Luiza. Por certo condescenderia em tentar a fuga. O anceio da liberdade dominaria quaesquer temores ou vacillações de futil timidez. Transmittir-lhe-hia, se tanto fosse necessario, a coragem que lhe faltava.

— Pois sim, ajudar-vos-hei em tudo quanto possa — acquiesceu Luiza, depois de longa discussão por gestos. — Que me importa a mim agora viver, com minha mãe morta e meu pae tão longe d'aqui!

— Não amaes ninguem? — perguntou a flamenga.

Luiza córou como as papoulas em maio e retorquiu a custo:

— Gostava de vêr um guapo moço que todas as tardes passava a cavallo por nossa casa, e á noite sonhava com elle.

— Isso ainda não é amôr, é desejo de o sentir — commentou Bertha, pensando involuntariamente em Francisco de Padilha.

D'ali a meia hora as duas enclausuradas tomavam o caminho da cella. Examinaram-n'a detidamente. Defendiam as duas janellas grossos varões de ferro. Tornava-se absolutamente impraticavel qualquer evasão por esse lado.

— Só se não fecharem a porta da cella á chave, e mesmo dando-se tão improvavel circumstancia restam as outras do corredor e principalmente a que abre para a cêrca — murmurava Bertha van Dorth.

— Meu Deus, meu Deus! Como o meu coração palpita! O tempo decorre simultaneamente vagaroso e rapido! — balbuciava Luiza da Guarda, apertando o peito com as mãos.

A abbadessa visitou-as em seguida ás ultimas orações no côro e communicou-lhes:

—Dormi em paz, que o Senhor velará por vós; já comeis alguma coisa, breve voltará o appetite. É natural que ámanhã recebaes a visita do venerando inquisidor-geral.

As duas jovens estremeceram e ambas pensaram instinctivamente na projectada fuga. A abbadessa despediu-se depois de Luiza lhe beijar devotamente o crucifixo que lhe pendia da cintura.

—Que o céo nos ampare!—supplicou inaudivelmente a rapariga portugueza apenas a porta se cerrou.

Com toda a cautela, decorridos cinco minutos, Bertha van Dorth foi certificar se a superiora correra o ferrolho exterior.

—Está aberta, está aberta!—exclamou jubilosa voltando para junto da sua companheira.

Apagaram a luz e deitaram-se, mas a tensão nervosa em que as duas jovens se encontravam, varrera-lhes das palpebras o somno.

Qual seria o resultado d'essa tentativa de fuga?

E como não achavam nem podiam achar resposta plausivel que as satisfizesse, a insomnia cevava-se n'ellas com implacavel obstinação.

Bertha van Dorth precavera-se estudando minuciosamente, quando regressara da cêrca, a topographia dos logares percorridos. A escuridão não se converteria em estorvo invencivel.

As horas seguiam a sua marcha immutavel. A noite toldava-se cada vez mais apagando um a um quantos luzeiros scintillavam no firmamento.

— Como o céo ennegreceu! — murmurou Luiza tranzida de medo.

— Sinto passos no jardim — monologou a joven flamenga applicando com mais attenção o ouvido.

Todos sabem como as nossas faculdades se multiplicam e adquirem extraordinario poder em certas emergencias.

Tocou ao de leve no hombro de Luiza que se tornara a vestir e se deitara de novo em cima da cama, presa de afflictivas allucinações, e disse-lhe:

— Chega o momento, vamos. Coragem!

— As pernas de Luiza vergaram-se-lhe quando se poz de pé, e gemeu:

— Meu Deus, não posso!

A neerlandeza amparou-a pela cintura e impelliu-a deante de si. Esta prova de coragem da dama flamenga reanimou Luiza. Caminharam nas pontas dos pés e com todos os cuidados possiveis até á porta, que abriram com as maiores precauções, e cruzaram-na.

— Ha luz no corredor — segredou Luiza apontando para uma lampada que espalhava uma mortiça claridade só em redor do local d'onde pendia.

— Tanto melhor — retorquiu Bertha comprehendendo o gesto e o reparo da sua companheira.

O trajecto realizou-se até á outra porta, ao fundo, sem nenhum embaraço digno de nota. A dama hollandeza, ao chegar ahi, tateou com as suas mãos mimosas as asperas ferragens, ergueu uma

aldrava e empurrou. Tambem essa porta estava aberta.

—Que felicidade!—ciciou Luiza um tanto mais afoita.

—Falta a da cêrca—commentou Bertha pretendendo dominar a sua cruciante anciedade.

O resto do percurso effectuou-se com egual ausencia de impedimentos. Erguia-se-lhes agora em frente, como uma muralha inexpugnavel, um alto e solido portão d'esses que resistiam sem porfiado custo ás balas da artilharia da época.

—D'aqui não podemos passar!—bramiu por entre dentes e a chorar de raiva a neerlandeza.

—Senhor Deus, valei-nos!—supplicou Luiza encostando-se á parede para não cahir desfallecida nas lages.—Anda gente na cêrca.

—Devem ser os nossos salvadores—observou Bertha van Dorth recuperando o alento que principiava a escassear-lhe.

—Como hão de saber que nós estamos aqui?

—Se tivessemos qualquer meio de lh'o indicarmos!.

A flamenga procurava no seu espirito a maneira como havia de fazer conhecer ás pessoas de fóra a sua presença ali. N'um movimento instinctivo, baixou-se e palpou o solo em redor. Providencialmente topou com uma pedra que servia para manter o portão aberto durante o dia. Agarrou-a suffocando um grito de jubilo e bateu com ella nas espessas almofadas.

—Jesus! Todo o convento vae acordar em sobresalto!—clamou Luiza.

Pelo jardim resoou um ruido mais accentuado de passos e ouviu-se distinctamente o murmurio de vozes conversando baixinho. Bertha monologou:

—Que irão fazer? Não conseguirão arrombar a porta se não alarmando todo o mosteiro com o barulho.

As duas fugitivas comprehenderam que se agglomerava do lado de lá um grupo de quatro ou cinco pessoas.

De subito uma voz da banda exterior perguntou em flamengo:

—Estaes ahi, Bertha?

—Estou—respondeu na mesma lingua a hollandeza.

—Só?!

—Não, acompanha-me outra joven.

Francisco de Padilha, porque era elle, como os leitores já sem difficuldade adivinharam, ficou intrigadissimo.

Bertha attingira o mais alto grau da impaciencia; Luiza sentia augmentar de momento para momento o seu pavor.

Por baixo do massiço portão fumegava qualquer coisa de estranho.

—Meu Deus, que será?!—balbuciou Luiza.

O portão começou a ranger, as taboas da parte inferior estalavam, as chapas de ferro uivavam como os latidos de um cão alvorotado.

— Tentam arrombar a porta — monologou Bertha.

Effectivamente, os de fóra mettiam uma alavanca, das chamadas *pé de cabra*, entre a pedra e a soleira do portão, e empregavam os mais persistentes esforços para a erguer e deslocar.

— Não acabam nunca! — commentou Bertha van Dorth, vendo deslisar os minutos com a velocidade de um aerolitho.

A bulha causada pela acção da alavanca, vigorosamente manejada, assemelhava-se á de uma trovoada longinqua.

— Estamos perdidas! Estamos perdidas! — soluçava Luiza.

Um arranco mais e todas as pranchas chiaram com mais força que o eixo de um carro mal azeitado; retumbou como o ruidoso estralejar de uma girandola de foguetes e o portão secular e carunchoso, soltou um derradeiro gemido, uma parte desfez-se em hastilhas e tombou para dentro do corredor lageado, produzindo um estampido egual ao de um tiro de canhão.

— Má peste rôa o diabo! — praguejou Manuel Gonçalves.

— Depressa, não ha um momento a perder — ordenou Francisco de Padilha, dirigindo-se a Bertha, que logo reconheceu, não obstante as densas trevas.

— Conduzi essa joven, porque a supponho incapaz de andar pelo seu pé — preveniu a hollandeza, apontando para Luiza.

— Jorge de Aguiar, pegae ao collo n'aquella

dama, mais bella que uma huri—indicou Francisco de Padilha, não perdendo nunca o sangue frio, nem a bossa do galanteio.

—Se quizessemos convidar toda a cidade para assistir a este capitulo de romance não faziamos mais bulha—commentou Lourenço de Brito.

Na realidade, todo o mosteiro despertára em alvoroço, e, como não se sabia a que attribuir tão insólito fragor, qualquer pessoa mais apavorada, berrou:

—Fogo!

Ninguem se lembrou de verificar se havia causa justificada para soltar aquelle brado, e todos repetiram, como succede na mais contagiosa de todas as epidemias, no panico:

—Fogo!

Monjas novas e velhas, noviças, creadas, açafatas, emfim, todo esse pequeno mundo que constituia então um convento, pondo de lado o pudor para só obedecer ao instincto da conservação, saltou da cama para fóra, com as roupas em desalinho e, ou pulou como doido pelos corredores e cellas, ou se prosternou e ajoelhou vendo sahir labaredas de todos os recantos, ateiadas pelo tridente de Satanaz em pessoa.

—Se o perigo não nos empresta azas, somos apanhados como um salmão na gambôa—disse Manuel Gonçalves, fechando a cauda da pequena columna, que corria em direcção do sitio que escalara.

Galgaram n'um instante por cima do muro, levando como puderam as duas senhoras, já sob as vistas da visinhança, que, acordada por tão estrepitoso clamor, abria as adufas e portaes, e, ao deparar-se-lhe o estupendo espectaculo de tantas sombras a evadirem-se da cêrca conventual, bramavam:

— Fogo! Ladrões! Salteadores!

A confusão era medonha. Ninguem se entendia. Propalavam-se as versões mais extravagantes.

— São os piratas argelinos que veem roubar mulheres para os seus serralhos!

— São os inglezes que invadem a cidade e levam tudo a ferro e fogo!

— São os flamengos, os herejes, que queimam todas as egrejas e conventos!

— Sacrilegio!

— Profanação!

— O Anti-Christo!

— Quem vos arrancára a lingua! — exclamou Francisco de Padilha apertando insensivelmente contra o peito Bertha van Dorth.

Não sabemos até se o velho adagio que se refere a «não conhecer flamengos á meia noite» deve a sua origem a esta terrivel conjunctura.

Esta mesma confusão auxiliou a principio o audaciosissimo rapto. A desordem, o borborinho e o desvario dos espectadores da scena attingiram taes proporções que uma das rondas que por ali andava mais perto se viu constrangida, bem a seu pesar, a intervir.

*

— Quem vem lá? — Perguntaram alguns dos burguezes mais destemidos cruzando as partazanas.

— Gente de paz — respondeu Francisco de Padilha desembainhando a espada, e, virando-se para os companheiros, accrescentou: — Meus amigos, não temos tempo a perder, sus a elles!

E de cabeça alta, como nos campos de batalha, correram sobre os desditosos quadrilheiros, destroçando-os, é verdade, ás primeiras pranchadas, mas augmentando consideravelmente o côro de imprecações que os perseguia.

O convento da Esperança, situado no mesmo local onde hoje se ergue o quartel dos bombeiros na Avenida das Côrtes, ficava situado quasi á beira do rio.

— Rapazes, — bradou Francisco de Padilha, mais meia duzia de toezas e estamos dentro do escaler que nos espera!

Os camaradas do valente capitão não careciam d'esse incitamento para abrir caminho á viva força deante de si. O peor é que o ajuntamento cada vez se tornava mais compacto e mais ameaçadora a turba que o compunha.

— Matam-nos a todos — suspirou Luiza aferrada ao braço de Jorge de Aguiar.

— Nunca poderemos alcançar o barco — observou Bertha van Dorth inclinando-se ainda mais sobre o hombro de Francisco de Padilha.

— A Providencia não nos abandonará depois de tantas luctas e sacrificios — redarguiu-lhe o capitão.

A onda do povo adquirira n'esse momento ainda mais furia e mais violencia. Contava já algumas centenas de pessoas, vestidas com os trajes mais elementares e caricatos e munida com as armas mais disparatadas e comicas.

—Vamos ser triturados por este bando de corvos como grãos de trigo n'uma mó, rugia Manuel Gonçalves, não batendo já com a folha da espada, mas com o gume.

A situação torna se o mais precaria possivel. A nenhum dos cinco amigos se antolhava meio de conjurar aquella crise.

—Matamos tantos quantos pudermos e depois deixamo-nos matar a nós—resmungava Lourenço de Brito, atravessando o braço direito de um dos adversarios que lhe despedira um golpe com a alabarda.

Francisco de Padilha e os seus companheiros, abrigando com os corpos as duas jovens, já não podiam avançar um passo, nem fazer um movimento. A populaça comprimia-se como n'um torno e a isso deveram momentaneamente a salvação, porque era tal o aperto que nem os podiam hostilizar.

—Abre da proa, ou racho-lhes a cabeça!—ameaçou uma voz de estentor dominando o borborinho e os insultos da multidão.

—Mais herejes! Mais piratas!—regougaram alguns dos mais timoratos.

E logo se alargou uma ampla clareira, e em

seguida, com a rapidez que só o medo transmitte, tudo fugiu mettendo-se em casa e trancando as portas, ou arrojando-se como cegos pelas ruas e congostas adeante, só parando quando a respiração se recusou a fornecer-lhes mais ar e as pernas se negaram terminantemente a ir mais além.

—Pero Rodrigues! exclamou Francisco de Padilha com jubilosa surpreza.

—Em corpo e alma, e a tempo para vos tirar de algumas das onze varas da camisa em que vos mettestes—respondeu o escudeiro.

—Mas... como?

—Estes doze marinheiros mandou-os o snr. D. Manuel de Menezes para vos coadjuvarem n'esta insania de roubar freiras dos conventos, e, como elles e eu estavamos ali na praia, sem mesmo sequer podermos pescar ao candeio, viemos até cá, e a proposito—explicou Pero Rodrigues.

—Salvaste-nos a todos, Deus te recompensará—agradeceu-lhe o capitão.

—Duvido—retorquiu o rabugento veterano—porque só sirvo Satanaz!

Meia hora depois encontravam-se todos são e escorreitos na camara da arca, onde os esperava Maria do Rosario, muito lacrimosa e dorida.

Bertha van Dorth estendeu a mão ao capitão e com as suas rutilantes pupillas fixas nas d'elle, disse-lhe:

—Obrigada, nunca me esquecerei da vossa dedicação.

—O meu reconhecimento será eterno—declarou Luiza, imitando-a.

—Vós aqui, que pasmosa coincidencia!—exclamou Francisco de Padilha.

Bertha van Dorth envolveu a sua nova amiga n'um olhar de ciumenta desconfiança.

—Mau principio de viagem—commentou Manuel Gonçalves, de si para si, entre grave e faceto:—levamos ciumes a bordo.

Na manhã seguinte a arca afastava-se a todo o panno das costas de Portugal.

---

SEGUNDA PARTE

# A invasão da Bahia

## I

## Receios e discordias

— O Brasil, n'esse ponto, está ainda peor do que Portugal. Os piratas assaltam as nossas costas por todos os lados. A côrte de Madrid não se importa nada com o que é patrimonio portuguez.

— Como quereis vós que os castelhanos se importem comnosco se teem a luctar ao mesmo tempo com a Inglaterra, a França e a Hollanda?

— O peor é a expedição que os hollandezes preparam contra nós.

— Cá os receberemos, portuguezes e brasileiros, como pudermos.

— Os mais terriveis não são os inimigos de fóra. São os de dentro. Toda a gente quer enriquecer depressa e sem trabalhar. O luxo, o insaciavel desejo

do goso, os roubos, as mortes á mão armada são pratos de todos os dias.

—Olhae o que succedeu, ha pouco, já no governo de Diogo Botelho, que se viu obrigado a mandar para o Limoeiro de Lisboa Antonio Vaz, Antonio da Rocha e Antonio Barbosa, juiz das execuções da alfandega de Pernambuco, escrivão da mesma e feitor, por descaminhar pau Brasil e trazerem contrabando de um navio francez de Saint Malo.

—E Sebastião da Rocha que se oppoz com as armas nas mãos aos soldados de Alexandre de Moura mandados para apprehender uma nau ingleza que commerciava sem licença?

—E os funccionarios quasi todos cumplices de assassinios?

—E as desavenças entre o poder ecclesiastico e o secular?

—Para mais ajuda, os francezes, hollandezes e inglezes, que trabalhavam nos engenhos e que sempre se portaram lealmente, escrevem agora aos seus compatriotas relatando todas as riquezas que o Brasil encerra.

—Pois sim, por isso o governo de Lisboa prohibiu, sob pena de morte, que para aqui viessem estrangeiros e que os que cá viviam fossem mandados pelo menos doze leguas para o interior.

—E os judeus e christãos novos que ora são perseguidos, ora agazalhados; ora são exilados, ora protegidos?

— Tudo se volta contra nós, até os turcos e os moiros, como succedeu na ilha do Porto Santo e nos Açores, em que levaram da primeira toda a população, captiva.

— E navios apresados? Em 1616 levaram-nos os hollandezes vinte e oito navios da carreira do Brasil e em 1623 setenta!

— Ordens veem muitas da metropole para afundar os barcos inimigos, para enforcar os seus tripulantes e para lançar um tributo afim de organisar uma esquadra guarda costas. O peor é que para afundar os navios é preciso tomal-os e não ha com quê.

— E a justiça? Os magistrados vendem as suas sentenças por quatro ou seis caixas de assucar... [1]

— Mas nem tudo é podridão; tambem existem virtudes.

— Deus nos livre que assim não fôsse!

— Os hollandezes são inimigos terriveis...

— Para os castelhanos, e podiam e devem ser nossos amigos e alliados.

— Não o são e veem agora atacar-nos, como já o teem feito n'outros pontos, e depois de capturar não sei quantas *frotas de prata*, ou sejam os galeões de Castella que todos os annos transportam da America para Hespanha incalculaveis riquezas.

---

[1] Não se pense que exaggeramos. Todas estas affirmativas são baseadas nas descripções do P. Galanti, Varnhagen, Manoel Calado R. Southey, Rebello da Silva e Rocha Pombo.

Este dialogo decorria cerca de anno e meio depois dos acontecimentos que narramos na primeira parte, em 1624, na cidade de S. Salvador da Bahia, então capital d'aquella possessão portugueza, entre o nosso conhecido Manuel Gonçalves e Lourenço de Brito.

—A expedição que ha de atacar o Brasil ficou organisada em fins do anno passado, 1623. Querem uma base de operações para lhes facultar as suas manobras no Atlantico. Os capitalistas da Hollanda subscreveram com alvoroço com as sommas necessarias e o governo deu logo a sua sancção á companhia.

—Deve ser poderosa a expedição.

—Constituem-n'a vinte e seis velas, das quaes treze são da companhia; entre estas contam-se o *Hollandia*, o *Neptuno*, o *Geldria*, o *Gromingue*, o *Nassau*, o *Zelandia*, *Haya*, *S. Christovão*, *Tigre*, *Samsão*, *Estrella*, e os outros treze fretados, com quinhentas peças de artilharia.

—Quem os commanda?

—O vice-almirante Pieter Heyn, o mais audaz e intrepido dos marinheiros hollandezes.

—E gente?

—No total três mil e tresentos homens, alistados entre os mais audaciosos e ávidos aventureiros flamengos, que veem com a mira nas riquezas. D'esses, mil e setecentos são tropas de desembarque, ás ordens do senhor de Horst e Pesh, do coronel Johan van Dorth.

— Do pae de Bertha van Dorth?

— O proprio.

— Que coincidencia!

— De ha muito se sabia isso.

— E Francisco de Padilha casa ou não com ella?

— Não se sabe. Ali anda mysterio e grande. Quando sahimos de Lisboa, depois d'aquella tragica noite em que iamos deixando iá a pelle, a idéa, como vos lembraes, era deixar a flamenga no primeiro porto para ser transportada para a sua terra.

— Ou entregal-a ao primeiro navio neutro que avistassemos.

— O que não se pôude effectuar, por não podermos aportar a terra nenhuma, nem termos encontrado embarcação com bandeira amiga.

— De forma que veiu para aqui, para a Bahia, e aqui ficou grangeando as sympathias de todas as pessoas que com ella lidam.

— Vae encontrar-se agora n'uma situação difficil. Os seus compatriotas e o proprio pae vem atacar aquelles de quem recebe hospitalidade e que a estimam.

— Eu, se fosse ao governador Diogo de Mendonça Furtado, apenas houvesse signal de qualquer barco hollandez, mandava-a entregar aos seus, n'um baixel com o distinctivo de parlamentario.

— E os hollandezes não se devem demorar, porque se são verdadeiras as noticias recebidas, a

poderosa esquadra velejou da Hollanda em fins de dezembro e principios de janeiro, d'este ano, 1624, e concentra-se na ilha de S. Vicente de Cabo Verde.

—Diz-se tanta coisa, que não se sabe já o que se deve acreditar; até talvez nem cheguem a vir.

—Talvez; mas assegura-se com a maior intimativa que o *Hollandia*, exactamente a nau que transporta o coronel van Dorth, se perdeu do resto da frota.

—Podem ser boatos espalhados adrede para mortificar a filha.

—Não creio, todos a respeitam e até a amam, repito.

—O que fôr soará.

N'esta altura da conversa acercou-se dos dois interlocutores o nosso conhecido Jorge de Aguiar. Apenas o viram Lourenço de Brito perguntou:

—Que novidades ha?

—Que a esquadra hollandeza sahiu de Cabo Verde a 26 de março.

—E a respeito do pae da pequena?

—Que o diabo o confunda! Assegura-se que o *Hollandia* que o transporta tomou outro rumo, que foi bater á Serra Leoa, que navega agora sósinho e que vem cruzar aqui nas nossas costas.

—Quem viu tudo isso?

—Vozes que correm, como tambem se affirma que Pieter Heyn, o almirante hollandez mandou em S. Vicente construir as chalupas, vindas desarmadas a bordo, preparar ali todo o seu material

de guerra, prégou ás tropas e se abasteceu de agua e comestiveis.

—O governo de Madrid avisou os governadores e capitães d'esta mais que provavel acommettida.

—E elles não se teem descuidado, na medida das suas forças. O capitão-mór de Pernambuco, Mathias de Albuquerque, aprestou o melhor que pôde as fortificações que estão debaixo do seu commando, e principalmente as da barra do Recife, e para isso pediu a *imposição,* finta ou *esmola* lançada pelas camaras, para occorrer ás despezas necessarias. As camaras, com particularidade a de Olinda, recalcitrou, declarando que não tinha dinheiro d'essa proveniencia, mas os camaristas offereceram o que se tornasse preciso, do seu bolso.

—Auguro que vamos passar bem maus boccados.

—As capitanias que estão mais arriscadas aos enxovalhos do inimigo são aqui a Bahia, a do Rio de Janeiro e de Pernambuco.

—No Rio de Janeiro, Martim de Sá poz em estado de defesa os dois fortes da barra: Nossa Senhora da Guia [1] e S. João; ampliou o de Sant'Iago, na ponta do Calabouço; melhorou, no alto do Castello, o de S. Sebastião, mandou construir mais um fortim em Santa Cruz dos Militares e diversos baluartes do outro lado da bahia e, com

---

[1] Hoje Santa Cruz.

o auxilio dos missionarios, attrahiu aos arredores da cidade farto numero de indios, organisando com elles companhias permanentes, ora para uns, ora outros guarnecerem os fortes e repellirem qualquer aggressão quando ella se manifestasse.

—Ah! já sei a tal *companhia dos descalços*...

—Que é isso?

Quando Martim Affonso mandou vir a gente do Reconcavo, muitos não appareceram por não ter calçado nem se poderem fardar. Elle então formou a *companhia dos descalços*, á frente da qual se poz, indo descalço e com umas ceroulas de linho, sendo o primeiro a comparecer nos alardos e merecendo tal confiança dos seus subordinados, que breve essa unidade foi invejada pelas outras ricamente uniformizadas.

—Este governador chegou á terça-feira que é dia aziago. Como veiu cá parar?

—Diogo de Mendouça Furtado serviu na India e andava em Lisboa a requerer recompensa dos serviços ali prestados. Como o governador então nomeado, Henrique Correia da Silva, não quiz tomar posse do logar, porque o mandaram ir directamente á Bahia com ordem de não tocar em Pernambuco, e que se ali arribasse não lhe obedecessem, proveram-no então a elle no logar.

—É o duodecimo governador do Brasil. Desembarcou a 12 de outubro de 1621 e levara á Sé com solemne cortejo e de lá até á sua residencia, onde, antes de subir, quiz visitar os depo-

sitos de armas e polvora, situados nos baixos d'aquella moradia.

Permitta-nos agora o leitor que lhe façamos um rapido esboço do aspecto da cidade de S. Salvador, fundada em 1544 por Thomé de Sousa, então, como atraz dizemos, capital do Estado do Brasil, categoria que conservou até 1763. Não era n'essa época o que é hoje, embora já accusasse um desenvolvimento e uma importancia que promettiam o grau de prosperidade e de opulencia de que actualmente gosa.

O seu principal nucleo estendia-se pela faixa oriental da bahia de Todos os Santos, na costa occidental de uma lingueta de terreno elevado, um tanto arqueada e apresentando um ponto de vista dos mais majestosos e bellos. A cidade já n'essa quadra se repartia em duas accentuadas secções: a baixa e a alta. A primeira, que tambem se denomina Praia prolonga-se por mais de uma legua de extensão, cortada por innumeras vias, que da falda da montanha se dirigem para a beira-mar. Toda esta parte se enchia de casaria, egrejas, estabelecimentos, edificios mais ou menos ricos. Hoje ha o elevador da Conceição, que transporta commodamente o transeunte da cidade baixa para a alta, mas n'aquelle tempo as ladeiras ingremes e asperas custavam a subir e duplicavam os noventa a cem metros de differença de nivel, embora depois de se chegar lá acima a vista se extasiasse n'um dos mais bellos panoramas que se podem contemplar.

A cidade de S. Salvador, além de capital, era séde do tribunal da Relação, creado por Filippe III, do bispado do Brasil e do principal collegio dos jesuitas. Continha dentro da sua area mil e quatrocentas casas, dois templos e três mosteiros.

O governador geral, activo e energico, fez prodigios de actividade, auxiliado pelo civismo de muitos capitães da colonia. Acudiu logo a reforçar as fortificações. Mandou levantar com a maior celeridade trincheiras, a fim de defender o povoado da banda da terra. As duas unicas fortalezas em estado de defesa, a de Santo Antonio, collocada na parte oriental da barra, e a de Itapagipe e S. Filippe, ao norte da cidade, receberam os melhoramentos compativeis com os escassos recursos de que se dispunha. Á primeira d'estas fortalezas faltava acção offensiva, porque os navios inimigos que se alargassem para as bandas de Itaparica escapavam aos effeitos da sua artilharia, e essa circumstancia havia de ser aproveitada pelos hollandezes. O engenheiro Francisco Frias, que já combatera no Maranhão, encarregou-se de fortificar o recife em frente da cidade, onde existia o forte de S. Marcello, e ahi construiu uma bateria triangular.

Utilisara-se o governador, para satisfazer estas despezas extraordinarias, de uma parte do *premio das avarias,* destinado aos mestres dos barcos, e da contribuição do vinho, creadas para outras emergencias, o que levantou ainda mais protestos e sizanias, das que já existiam, que não eram poucas.

Dadas estas explicações indispensaveis, voltemos a registar o que conversavam os três amigos.

—E para resistir á acommettida d'essas naus que partiram de Texel, Mose e Soerée, dispõe o governador apenas de trezentos e cincoenta soldados, e, entre indios e milicias da ordenança, mil homens.

—A accrescentar á falta de recursos militares, para todos, cá dentro, andarem em opposição uns aos outros, juizes, clerigos, funccionarios, moradores, classes populares, etc., até o bispo Marcos Teixeira se collocou á frente dos descontentes para negar ao governador as quantias necessarias para occorrer á defesa—commentou Manuel Gonçalves.

—Ha muita gente que não acredita na precisão nem urgencia d'essas medidas—retorquiu Lourenço de Brito.

—Mas porque é que o bispo se indispoz com o governador?—perguntou Jorge de Aguiar.

—Questões de precedencia. Sempre a vaidade! —elucidou Manuel Gonçalves.—Quando o bispo chegou á Bahia, a 8 de dezembro de 1622, ao que me consta, o governador não o quiz ir receber senão com a condição de virem ambos debaixo do pallio conversando. O prelado escusou-se á companhia declarando que desembarcaria com capa de asperges, mitra e baculo, abençoando o povo, como determina o cerimonial romano, e que não podia ir conversando.

—O governador não foi?

*

—Não foi. Mandou o chanceller e desembargadores, visitou-o depois em casa, teem trocado mais visitas e até presentes, mas logo se levantou outro obice: o dos logares na egreja. O governador queria que ambos se assentassem do mesmo lado; o bispo argumentou que era contrario ao cerimonial. O caso subiu até el-rei, que determinou n'uma sentença e provisão que no Brasil o governador se assentasse da banda da Epistola, e que primeiro se incensasse o bispo e depois o governador.

—Nunca mais se puderam ver.

—O governador deu logo a sua palavra de que nunca mais estaria onde o bispo estivesse, e tem-n'a cumprido até hoje.

—Ahi está o motivo porque sendo o bispo convidado para benzer a primeira pedra para a construcção do forte, se recusou terminantemente a isso, declarando que se ali fosse seria para o amaldiçoar, pois que construindo-se o forte cessaria a obra da Sé feita com o dinheiro da *imposição*.

—E os de fóra, os hollandezes, a aproveitarem-se de tão mesquinhas discordias.

—O governador deu provas da maior condescendencia. Reservou seis mil cruzados para custear a obra da Sé; o demonio foi a historia do desembarque!

—Ora se o governador não gosta do bispo, os seus partidarios ainda mais azedam a questão—explicou Manuel Gonçalves.—Ha dias, o prelado

mandou regressar a Portugal dois homens casados ali e que viviam aqui com outras mulheres. Os desembargadores impediram a viagem dos frascarios e o bispo, desesperado, excommungou o procurador da corôa, principal auctor da partida.

—Tudo são maus prenuncios!—acudiu Lourenço de Brito.—A residencia do governador, de pedra e cal, solida e que ha tantos annos, de pé, nunca dera de si, ameaça tal ruina, que, se não lhe mettessem fortes escoras, esboroava-se e cahia.

N'esta altura da conversação, approximou-se dos três o nosso conhecido Luiz de Siqueira, muito agitado.

—Que tendes, homem? Melhor cara traga o dia de amanhã.

—Sabeis o que affirmam os jesuitas?

—Alguma calamidade em perspectiva... Que affirmam?

—Affirmam que a dois d'elles, estando hontem a rezar no côro, se lhes deparou Jesus Christo com uma espada desembainhada ameaçando a cidade da Bahia, e que hoje lhes appareceu o mesmo Jesus com três lanças com que parecia atirar para o templo. Isto é castigo! Isto é castigo!

—Isso o que é é uma refinadissima pêta—epilogou Manuel Gonçalves.—Tomae juizo.

A conversa interrompeu-se com o alarido de varia gente que corria tresloucada de um lado para o outro, berrando:

—Valei-nos!

— Estamos perdidos!

— Accudi-nos, Virgem Maria!

Manuel Gonçalves sahiu do grupo, deteve com gesto sobranceiro a turba desvairada e, com entono de auctoridade inquiriu:

— Que é? Que clamor é esse?

— A dez ou onze leguas para o sul, pelas alturas de Boipeba, avistou-se uma nau hollandeza — respondeu uma mulher, largando novamente a correr.

— E apresou um barco negreiro que vinha de Africa — accrescentou outra, seguindo no encalço da primeira.

— Quem vos deu essas informações?

— Um marinheiro que veio d'aquelles sitios — adduziu uma terceira mulher.

Manuel Gonçalves conservou-se durante uns segundos a meditar e logo se voltou para os seus amigos, dizendo-lhes:

— Isto agora é mais serio. Vamos a casa de Francisco de Padilha.

Brevemente se encontraram com elle. O capitão não mudara nada durante aquelles escassos dois annos. Apenas a sua tez se ressentira, tornando-se um pouco mais morena, do sol ardente da America. Vivia na cidade baixa, junto com seu pae André de Padilha, homem já provecto, com a cabeça aureolada pelas neves da velhice, mas que conservava a sua linha fidalga. Possuidor de importante riqueza, vira as contrariedades arrancarem-lhe a

melhor parte d'ella. Fixara residencia na Bahia na esperança de reconstituir e legar ao filho um patrimonio digno do seu nome.

—Já sabeis a novidade?—perguntou Manuel Gonçalves a Francisco de Padilha, preenchidas as formalidades de cortezia para com o dono da casa e seu descendente.

—Já, acabo de a transmittir a meu pae.

—Que te parece?

—Que teremos de combater.

—Dão licença?—solicitou uma voz feminina, com pronunciado accento estrangeiro.

—Entrae, Bertha, sois sempre bemvinda.

Entre os humbraes da porta desenhou-se o perfil elegante e senhoril de Bertha van Dorth, acompanhada por Luiza da Guarda e por Maria do Rosario. As três mulheres saudaram os presentes e em seguida Bertha inquiriu:

—O que motiva todo este alvoroço?

—Um navio da vossa nação que appareceu na costa.

O rosto da flamenga não deixou transparecer nada do que sentia ao ouvir a inesperada nova. Quedou-se alguns instantes pensativa, e depois, com o desassombro e a intrepidez, que era uma das caracteristicas da sua indole, declarou:

—Desejo fallar-vos a sós, Francisco de Padilha.

Nas pupillas do capitão fuzilou um relampago de jubilo e apressou-se a responder:

—Immediatamente.

Homens e mulheres sahiram discretamente d'aquelle aposento.

— Torna-se necessario que eu parta sem delonga da Bahia.

— Bem sabeis que esse vosso desejo tem sido impossivel de realisar. A guerra que sustentamos com o vosso paiz ainda não nos proporcionou ensejo de vos enviar para junto da vossa familia. Eis o motivo por que ha tanto tempo residis entre nós. Tendes alguma razão de queixa dos portuguezes da Bahia?

— Nenhuma, se exceptuar o não poder esquecer que são inimigos da minha patria.

— Ou os vossos compatriotas da nossa.

— Não devo continuar na Bahia por mais tempo. Em que situação ficaria permanecendo aqui, no meio de vós, assistindo á lucta com tropas commandadas por meu pae?

— Esperae, que venham, se vierem... nós encontraremos meio de vos mandar para o lado do vosso pae. No presente momento como pretendieis superar essa difficuldade? Senti-vos mal n'esta cidade, pergunto de novo.

— Não, decerto, porfiam todos em qual será mais gentil commigo. Vosso pae cedeu-me uma das suas melhores vivendas. Acompanhada de Luiza da Guarda e de Maria do Rosario nada me falta, nem a opulencia material, nem o requintado carinho das duas virtuosas creaturas, nem o respeito e consideração de todos os habitantes da cidade.

—Saudades dos vossos... é tudo quanto ha de mais natural e comprehensivel.

—Profundas, indeleveis... mas não é só esse o principal motivo.

—Amo-vos, Bertha, como um homem da minha especie é capaz de amar uma mulher como vós. Tenho vol-o dito tantas vezes... tantas...

—Tambem eu vos amo, já o advinhaste, já o sabeis, como se ama pela primeira e unica vez na existencia, e como só ama um coração como eu possuo, feliz ou infelizmente.

—Porque não acceitaes então o meu nome e a minha mão?

—Porque não devo, porque não posso. Ponderae quantos obstaculos se erguem contra esse enlace. Vós sois portuguez, eu hollandeza, pertencemos a dois povos em guerra aberta ha muitos annos...

—Não abriamos nós o exemplo a um consorcio que conta similares aos milhões pela Historia adeante...

—Vós sois catholico e eu protestante, nem eu, nem vós quereriamos abjurar...

—O amor opera milagres...

—Luiza da Guarda, uma das almas mais puras que Deus tem creado, hoje como uma irmã para mim, morreria se perdesse completamente a esperança de casar comvosco...

—Bertha!

—Amo-vos, declarei-vo-lo já algumas vezes,

com toda a força e energia do meu caracter impetuoso, mas não quero, não posso, não devo ser para vós senão uma dedicadissima amiga que nunca, nunca a esquecerá da estima que lhe votaste, dos sacrificios que por ella fizestes.

—Bertha...

—Eis a razão essencial por que desejo affastar-me d'aqui sem delonga. O demorar a minha permanencia na Bahia seria perpetuar um inegualavel supplicio moral.

—Bertha, sê minha mulher...

—Não insistaes. Seria escusado e atormentar-me-hieis. Buscae, rogo-vos, um meio rapido e conveniente de eu me afastar d'aqui sem demora.

—Bertha, pelo amor de Deus!

—Estamos fazendo soffrer Luiza, apezar de toda a bondade da sua indole angelica; concluamos.

—Bertha, amo-te, amo-te perdidamente, não posso viver sem ti. Prefiro cem vezes morrer. Se não accedeis a ser minha mulher, procurarei a morte com tal pertinacia que ella me abrirá os braços que vós não quereis abrir-me!—perorou com vehemencia Francisco de Padilha.

—Entrae, Luiza,—disse Bertha dirigindo-se á porta, chamando, e, virando-se com significativa expressão para Padilha, adduziu:—já disse o que tinha a dizer.

II

## Perigo desprezado

Tornaram a entrar todos na mesma casa onde antes estavam reunidos, e com esse admiravel instincto de coração, que com tanta frequencia nos alegra e tantas vezes nos faz soffrer, Luiza da Guarda comprehendeu que entre Bertha van Dorth e Francisco de Padilha occorrera qualquer coisa que muito de perto a interessava.

—Vêde como são as coisas do mundo—observou Maria do Rosario;—o que é bom para uns é mau para outros; a vinda dos hollandezes, que nós aguardamos com o pavor na alma e a maldição nos labios, representa para vós, Bertha, todos os vossos desejos e aspirações.

—Nem todas, senhora Maria do Rosario, nem todas—retorquiu a flamenga com mais vivacidade do que talvez desejasse.

—Francisco de Padilha—disse Manuel Gonçalves,—o bispo envia-te a ti e a nós um convite

para que compareçamos immediatamente em sua casa a fim de ali se effectuar uma reunião.

— Para quê?

— Para se tratar da maneira de resistir o mais efficazmente possivel á imminente investida dos hollandezes.

Francisco de Padilha apertou affectuosamente a mão de Bertha, que lh'a estendeu quasi com frieza; fez um gesto de adeus a Luiza da Guarda, que, não se podendo conter, como que o devorava com os olhos; outro a sua ama, e sahiu com a frente ensombrada.

— Então, o bispo, com aquella edade ainda se sente com genio batalhador?! — commentou Jorge de Aguiar.

— Com aquella edade?! — atalhou Manuel Gonçalves.

— Então, orça pelos oitenta annos — affirmou Lourenço de Brito. — Marcos Teixeira foi já conego e arcebispo de Evora e depois, em 1578, inquisidor. Transferiram-n'o de Evora para a Casa da Supplicação e mais tarde para a Mesa da Consciencia. Em 1592 foi deputado do Santo Officio.

— É um homem grave e ponderado, doutorado em cânones — assegurou Manuel Gonçalves.

— Mas não alheio a ambições — acudiu Luiz de Siqueira; — não descançou emquanto se não crearam na Bahia alguns officiaes do Santo Officio e elle obteve provisão de inquisidor commissionado no Brasil.

—A maledicencia morde em todos—contestou Lourenço de Brito.

—Talvez; mas os seus detractores asseveram que se oppoz á instituição de um bispado no Maranhão, e depois conseguiu que lhe ficasse sujeita não só essa diocese, mas ainda as de Pernambuco e Parayba—accentuou Luiz de Siqueira.

—E se foi tão duro com o procurador da corôa, Francisco Mendes Mareco, excommungando-o, não se deve buscar a causa só na historia dos taes homens casados, e sim porque esse magistrado defendeu sempre os foros do throno contra as suas pretensões—retorquiu Lourenço de Brito.

—O que eu não percebo é porque ha de ser o bispo quem convoca a reunião e não o governador—expoz Jorge de Aguiar.

—Naturalmente, foi de combinação.

—Os dois combinados?!...

—Talvez a fortissima lei da necessidade os congraçasse.

A reunião effectuou-se, e, na verdade, com o beneplacito do governador. O bispo D. Marcos Teixeira, em linguagem inflammada e patriotica, levou a coragem e a esperança de triumpho a todos os animos.

A Bahia transformou-se dentro em poucos dias n'um bellicoso acampamento. A população dos arrabaldes desamparou os engenhos, as officinas e os trabalhos agricolas e concentrou-se na cidade.

Só se conversava em combates, em armas, em derrotas do inimigo e victorias dos defensores.

— O bispo nasceu mais para militar que para andar a dizer missas — commentava tempos depois com menos azedume Lourenço de Brito.

—Não ha duvida—acquiesceu Manuel Gonçalves, — incumbiu-se do commando de uma parte das tropas; é elle quem encaminha todo o serviço, quem fiscalisa a disciplina das unidades, quem preside aos exercicios, quem nos quarteis e nas egrejas préga sempre a sublimidade da ideia da patria, quem mantem em vibração o enthusiasmo dos valentes e quem reaccende o fogo dos desalentados.

Sobre estas exaltações decorreram duas ou três semanas. N'uma das praças discursava um d'esses oradores de todos os tempos que, quanto maior somma de dislates profere, mais numeroso é o auditorio e mais delirantes applausos provoca.

— Então o inimigo? Onde está essa tão apregoada esquadra hollandeza que ha quatro mezes partiu da Europa?—berrava o orador.—Não passa de uma phantasmagoria. Para que ha de a gente andar com sustos e receios? Moem já tantos sobresaltos sem causa. O tal navio, se se avistou, não passa d'um chaveco sem importancia.

—Tendes razão—apoiava um dos ouvintes, arvorando-se por seu turno em orador, — só ao governo e aos capitães é que lhes apraz estes rebates de guerra que roubam braços á lavoura e lesam os interesses do povo.

— Olhae para o nosso bispo — proseguiu o primeiro tribuno popular — que tanto a peito tomou a defesa da cidade e que presentemente não acredita em nenhum d'esses boatos inventados pelos medrosos. Se a esquadra flamenga se fez no rumo da America, navegou para outro sitio, e não com prôa á Bahia.

— Praza a Deus — notou um ouvinte mais sensato — que não se engane e que não haja de se arrepender das palavras que pronuncia agora!

Com estas e outras investigações os moradores dos arredores, os do Reconcavo, principiaram a recolher-se ás suas moradias, completamente incrédulos ácerca de qualquer proximo ataque. O proprio governador não se esforçou por conter a deserção; apenas recommendou que se conservassem vigilantes para voltar para a cidade ao primeiro rebate.

Effectivamente, o bispo commettera a leviandade de aconselhar a gente do campo a que regressasse aos seus labores, pois não havia perigo agora, nem talvez nunca o tivesse havido. O descuido e a negligencia excederam em muito o desvelo dos dias anteriores. Ninguem se preoccupava já com os hollandezes, nem sequer falava n'elles.

O mez de maio annunciara as suas galas. A população da Bahia entregava-se com a mais doce paz de alma á sua labuta quanda viu cruzar as ruas em direcção á residencia do governador um mensageiro que, como o Mercurio da mythologia, parecia ter azas nos pés.

Logo se espalharam boatos assustadores.

Mais se accentuaram esses boatos quando o filho do governador, Antonio de Mendonça, montou a cavallo e partiu á desfilada para as bandas de Boipeba.

—Veio aviso—propalaram os noveleiros—de que se avistam muitos navios lá para os lados do sul.

Francisco de Padilha, os seus amigos, o bispo D. Marcos Teixeira, tudo quanto desempenhava um cargo militar ou antes estava incumbido de auxiliar a defesa tudo correu á residencia de Diogo de Mendonça Furtado.

—Que ha ao certo?—perguntaram ao governador.

—Dentro em breve o saberemos, meu filho não se póde demorar—respondeu a primeira auctoridade da colonia.

Pouco depois retumbava pelas pedras da calçada o tropear de um cavallo a todo o galope. Decorridos minutos, entrava na sala onde se reuniam as visitas Antonio de Mendonça.

—Podeis falar, meu filho, deante d'estes senhores; não ha motivo para lhes occultar seja o que fôr.

—Hoje, 4 de maio, entre os Ilheus e o morro de S. Paulo, pairam muitos navios—informou o interrogado.—Não ha a menor duvida que é a frota hollandeza que se prepara para a investida.

—E digam lá agora que não veem, não obstante

passarem já quatro mezes — commentou Manuel Gonçalves.

— Ouvem, meus senhores, — disse o governador, estampando-se-lhe no rosto uma funda expressão de energica varonilidade — creio que cada um saberá cumprir o seu dever.

O bispo, com visiveis signaes de arrependimento e de pena, adeantou-se, seguido de todos os seus familiares e clero, e declarou:

— Senhor governador: comquanto na minha edade mais me convenha pelejar com orações do que com armas, confio que o Senhor dos exercitos me dê forças para, se fôr necessario, sacrificar a minha vida em beneficio das minhas ovelhas, e eu vos ajudarei contra um inimigo rebelde a Deus e ao rei. (1)

— Muito vos agradeço em nome d'el-rei e no meu — retorquiu Diogo de Mendonça Furtado.

— É notoria — continuou o prelado — a minha pobreza, pois nunca recebi do Estado o que me deve para meu sustento, mas ainda me fica alguma baixela, e se vós a quizerdes para serviço de Sua Magestade, e bem da cidade, prompta está.

— Mais uma vez vos agradeço, senhor bispo — repetiu o governador.

— Peço-vos ainda que, esquecido de qualquer

---

(1) Palavras textuaes.

desagrado, me marqueis um logar onde melhor seja aproveitado.

—Exulto com o exemplo que daes, senhor bispo, —declarou o governador commovido.—Incumbo-vos de, á frente dos vossos creados e clero, guardardes e defenderdes a Sé.

—Agora, meus senhores, cada um aos vossos logares, porque o tempo urge e o inimigo anda perto.

Tudo sahiu disposto a defender a cidade com valentia e intrepidez. N'um instante se removeu toda a população. O perigo immimente e até ahi desprezado acrisolou simultaneamente o sentimento religioso e patriotico. Os desavindos reconciliaram-se, os odios acalmaram-se, e, como resultado do espirito devoto da época, todos prepararam com egual cuidado as almas para a morte e os corpos para a guerra, como escreve o padre Galanti.

—Quem é aquelle jesuita tão novo que anda pelas ruas, moradías, engenhos e fortalezas a incitar os soldados e voluntarios a que pelejem até morrer?—perguntou Francisco de Padilha para o seu visinho, na praça principal, e apontando para um religioso extremamente novo, de cerca de dezesseis. annos.

—Bem se vê que andastes muito tempo fora da Bahia—respondeu o interpellado—É o padre Antonio Vieira, filho de Christovam Vieira Ravasco, fidalgo de nobre extirpe. Veiu para aqui ha dez annos, em 1616, com o pae, nomeado secretario

do governo da Bahia. E escapou de boa, na viagem para cá: em janeiro d'esse anno, esteve para naufragar nos baixios de Parahyba.

—Não se pode dizer que fosse uma viagem propicia —observou Francisco de Padilha.

—Não, certamente, e logo que desembarcou cahiu gravemente enfermo — proseguiu o obsequioso informador; —depois de curado frequentou o collegio da Companhia de Jesus, onde a principio foi mau estudante.

—Mau estudante!

—Os jesuitas espalharam até por ahi a lenda que fôra a Virgem Maria quem lhe inspirara o talento que hoje patenteia.

—Lendas!

—Conta o proprio padre Antonio Vieira que a vocação irreprimivel que hoje sente para a carreira ecclesiastica lhe foi suggerida por um sermão prégado em março de 1623, sobre o inferno, pelo padre Manuel do Carmo.

—Ora e os jesuitas não hão ter influido n'essa vocação?!

—Talvez. Quando um dia declarou aos parentes a profissão que pretendia abraçar, tentaram desviá-lo d'ella, mas nada conseguiram. Christovam Ravasco declarou então que nunca auctorizaria o filho a tomar ordens.

—Amor paterno...

—O rapaz teimou e na noite de 5 de maio de 1623 fugiu de casa e acolheu-se ao collegio dos

jesuitas. A familia empregou todos os esforços para o rehaver, mas baldadamente. Está agora a terminar as provas do noviciado e deve professar para o anno, em 1625.

—Pobre pae e pobre rapaz!

—Ah! é um talento formidavel, um orador como poucos. Ha de ir longe.

Interrompeu esta conversa a chegada do governador á praça, seguido de muitos dos capitães que estavam então ao seu serviço.

—Com quantos homens posso então contar?—perguntou Diogo de Mendonça Furtado.

—Com soldados do presidio, oitenta—respondeu-lhe Manuel Gonçalves—e com voluntarios, entre mil a mil quinhentos.

—Bem—disse o governador,—n'esse caso fica a commandar a companhia de soldados pagos pela fazenda de el-rei meu filho Antonio de Mendonça, para acudir onde se fizer mister; outra companhia, capitaneada por Gonçalo Bezerra, occupará o posto de Villa Velha, a meia legua da cidade.

—Vamos já tomar conta dos nossos logares—responderam os nomeados.

—O escrivão da Camara Ruy Carvalho—proseguiu Mendonça Furtado—encarrega-se de acaudilhar cem arcabuzeiros do povo, e Affonso Rodrigues, da Cachoeira, põe-se á frente dos seus sessenta indios armados de flechas.

—A's suas ordens, senhor governador,—declararam estes dois ultimos.

— A vós, Lourenço de Brito, dou-vos a companhia dos aventureiros, e a vós, Vasco Carneiro, confio-vos a fortaleza nova ainda incompleta, mas que já possue alguma artilharia e para onde irão uns quinhentos homens.

— Fazemos quanto pudermos — affirmaram os dois.

— Os navios mercantes — continuou o governador — devem ter todos guarnição sufficiente para combater e collocar-se-hão em sitio onde possam molestar o inimigo.

— E o forte da barra? — perguntou Manuel Gonçalves, dos presentes o mais velho e o que gosava de maior auctoridade militar.

— Receberá duzentos homens, além dos indios frecheiros — respondeu-lhe o governador.

— Nenhumas instrucções tendes mais que nos dar? — inquiriu Manuel Gonçalves.

— Vinde commigo ao alto da Sé — convidou Mendonça Furtado.

O grupo acompanhou o governador até o sitio indicado. Trabalhavam ali varios carpinteiros e viam-se no chão diversos postes. Juntara-se muita gente em redor dos operarios e cada um conceituava acêrca da obra conforme lhe aprazia a mente.

— Vae aqui levantar-se uma forca — declarou Mendonça Furtado, olhando severo para o povoleu que o circumdou; — e n'ella morrerão ignominiosamente todos que não cumpram o seu dever.

O ajuntamento dispersou-se pouco a pouco. O

governador voltou para a sua residencia. Os capitães encaminharam-se cada um para onde as suas obrigações os chamavam.

— Não me parece que o remedio da forca atalhe radicalmente o mal — commentou Jorge de Aguiar para Manuel Gonçalves. — Não é o medo do supplicio que expulsa o outro medo que entrou em quasi todas as almas.

— O que isso prova, aqui para nós, á puridade, é que o governador teme hesitações e desfallecimentos — adduziu Manuel Gonçalves.

— Tambem não surtiu grande resultado a prohibição dos habitantes levarem para fóra da cidade os seus bens moveis, a fim de impedir o desamparo da praça — accrescentou Jorge de Aguiar.

— Quando os hollandezes apparecerem, vereis. A maior parte das familias hão de preferir pôr o corpo a bom recato a defender os seus haveres. E o espantalho da forca ainda mais ha de apressar essa resolução — concordou Manuel Gonçalves.

— Não ha duvida. Apenas serve para annunciar o critico da conjunctura e que os timoratos e hesitantes se escapem como puderem.

— O panico invadiu quasi todos os peitos, não ha confiança em nada nem em ninguem. Ainda não se trocou um só tiro e já a derrota moral é completa.

— E que despojos opulentissimos apanha o inimigo se cá entra!

Amanheceu o dia 8 de maio. Quem se levantou

cedo e subiu a pontos elevados avistou na barra, a nove leguas da costa, a esquadra hollandeza. Se o terror já principiara a assolar muitos corações medrosos, a apparição da temida frota acabou a desmoralisação iniciada. A insania apoderou-se da maioria dos habitantes.

—Senhor Deus, e escolheram logo o dia da apparição de S. Miguel para nos apparecerem a nós! —clamavam uns.

—São herejes convictos!

—Incendiarios de egrejas!

—Bandidos sem fé nem lei.

—Violadores de mulheres!

E cada um, principalmente as mulheres, agarravam á pressa no que possuiam de mais valioso, susceptivel de transporte, e fugiam para o campo.

O commandante da esquadra hollandeza Jacob Willekens e o vice-almirante Pieter Heyn obtiveram informações completas do que occorria na praia. Aos altos dotes estrategicos dos marinheiros flamengos e em accrescimo ás suas comprovadas faculdades militares addiccionaram os espiões esclarecimentos utilissimos ácerca do paiz, do triste estado de espirito dos moradores e dos escassissimos elementos de defesa de que os portuguezes dispunham.

No conselho de guerra, realisado antes da esquadra transpôr a barra, assentara-se no plano da acommettida. Consistia elle em juntar as forças de desembarque em quatro navios dos mais ligeiros,

munidos com as lanchas precisas para conduzir os soldados de bordo até á praia. O resto da frota approximar-se-hia do ancoradouro investindo immediatamente com as fortificações. Proceder-se-hia ao bombardeamento, e no instante azado, quando a nau almirante içasse o signal proprio, as columnas de desembarque, perto de mil e quinhentos homens, saltariam em terra, junto da fortaleza da barra.

Esta parte do plano denunciava o perfeito conhecimento dos defficientes elementos defensivos. Se o forte de Santo Antonio se encontrasse em circumstancias de entravar a marcha d'essas columnas, ou sequer de as deter efficazmente durante algumas horas, o emprehendimento podia mallograr-se. Quem ordenara o movimento sabia muito bem com o que podia contar no ancoradouro e na bahia e esperava a victoria, aspirando a empolgal-a velozmente com a rapidez dos movimentos das suas tropas.

—Ahi veem! Já entram!—exclamavam todos que guarneciam os parapeitos e trincheiras no alvorocer do dia 9.

—Lá surgem os primeiros quatro navios e na frente navega o que desfralda o distinctivo do vice-almirante—explicou Francisco de Padilha assestando o oculo n'aquella direcção.

—E velejam galhardamente. Ouvem-se já os sons das trombetas bastardas entoando a marcha de guerra e mostram todos os pavezes vermelhos

como a prophetisar o sangue que d'aqui a minutos se vae derramar—observa Manuel Gonçalves.

—Conheço aquellas primeiras naus—declarou Francisco de Padilha.—São a *Neptuno*, *Geldria*, *Gromingue* e *Nassau*.

N'este momento as embarcações do inimigo cobriram-se, desde o galope dos mastros até aos cascos, de bandeiras, flammulas, signaes e estandartes da sua nacionalidade. Toda essa roupagem multiculor ondeava ao sopro de uma brisa fresca, como se commemorasse um acontecimento festivo. Dir-se-hia um enorme bando de passaros de tons vivos tão vulgares na America, que adejavam alegremente em torno das pesadas e bojudas embarcações neerlandezas. Algumas signas tocavam na agua, assemelhando-se a phantasticas aves aquaticas, com uma magestade e uma graça que o espectaculo arrancaria applausos á assistencia se não occultasse nos seus atavios a morte e o exterminio.

—Fogo! Fogo!—bradaram os commandantes dos fortes.

A terra, sempre tão verdejante e tão gracil, escondeu-se n'uma extensa e compacta nuvem branca e tremeu toda como se um abalo cosmico a sacudisse com formidavel impeto.

—Os pelouros cahiram todos áquem das embarcações hollandezas—bramiu Manuel Gonçalves.

—Ai! Os desalmados não respondem! Limitam-se, aproveitando a amplidão da bahia, a velejarem fóra do alcance das balas.

Assim acontecera. Os navios hollandezes proseguiram no seu rumo sem soffrer a menor avaria até pairarem em frente da cidade.

—Mas que fazem esses malditos?—rugiu Francisco de Padilha.

A nau almirante, a capitânea, como então se lhe chamava, principiou a salvar com polvora secca e arriou um escaler com a bandeira branca de parlamentario desfraldada. O escaler remou com prôa ao forte do mar.

—Que querem esses bandidos? Fogo! Fogo sem cessar—ordenou Francisco de Padilha e demais capitães para as forças do seu commando.

Iniciou-se então o combate. A esquadra inimiga desenvolveu-se em linha e, sempre navegando, três vezes virou a sua artilharia para a cidade, despejando sobre o povoado, sobre o forte e sobre os navios atracados perto consecutivos chuveiros de metralha. Era uma ribombante tempestade de ferro e fogo, com tamanho estrépito e semeando tão tremenda confusão, que até os mais impávidos se entreolhavam surprehendidos e perturbados. O clarão das bombardas offuscava os olhos mais firmes e o fumo acabava por cegar quem mais desejava vêr. O fragor das detonações de tal modo se succedia que não se ouvia a transmissão das ordens, nem aos ouvidos era permittido distinguir outros sons, embora as trombetas, os tambores, dezenas de outros instrumentos bellicos concorressem para augmentar o ensurdecedor estrondo.

—Aproam a terra—disse Manuel Gonçalves—parece que querem dar abordagem á fortaleza.

—Os baixios não lhes consentem acercar-se mais—respondeu Francisco de Padilha, e em seguida accrescentou:—É meio dia e a peleja não affrouxa nada.

—Não soffrestes nada, não é assim?—inquiria uma voz meiguissima repassada de commoção.

—Vós aqui, Bertha?!—exclamou Francisco de Padilha espantado e afflicto.

—Não devia vir, bem sei; combateis contra os meus; mas talvez alguma bala se amerceie da minha sorte.

—Retirae-vos immediatamente—supplicou o capitão.—Não é sitio para estarem damas.

—Cuidaes que me assustam os pelouros? Enganae-vos. Considero esta bulha do combate uma musica deliciosa.

—Que faz esta dama aqui?—perguntou a voz severa do governador em visita pelos sitios mais arriscados da peleja.

—Senhor, não está por vontade nossa—redarguiu-lhe Manuel Gonçalves.

—Ah! É a dama hollandeza!—murmurou Mendonça Furtado e levou cortezmente a mão ao bacinete que lhe cobria a cabeça.

Bertha correspondeu com austera urbanidade á saudação do governador, e disse-lhe:

—Se o meu coração está com os vossos inimi-

gos, o meu reconhecimento prende-me aqui aos vossos amigos.

O governador reflectiu durante um segundo, e em seguida convidou:

—Minha senhora, Francisco de Padilha, daeme uma palavra em particular.

Ambos ficaram attonitos com este subito convite de Mendonça Furtado, mas ambos se acercaram d'elle com anciosa curiosidade.

—Ha muito tempo que estava para vos communicar o que n'este momento vos vou dizer. Recebi aviso de Lisboa a proposito dos factos que ali occorreram e em que vós dois, Luiza da Guarda e os vossos amigos tomaram parte—principiou o governador.

Francisco de Padilha e Bertha von Dorth estremeceram. Suppunham todo aquelle passado esquecido e que o inquisidor geral teria perdoado o rapto do convento.

No final d'esse aviso recommendava-se-me—continuou Mendonça Furtado—que fingisse ignorar todas essas emergencias e que não incommodasse nenhum de vós, mas...

—Ha então um mas?... observou involuntariamente Francisco de Padilha, e ainda mais involuntariamente acompanhou com a vista o final da trajectoria de um projectil que cahira perto do grupo.

—Ha um mas, ha, e nada agradavel!—repisou Mendonça Furtado.

O capitão e a dama neerlandeza pregaram a vista no seu interlocutor, tão cheio de reticencias, como se lhe quizessem arrancar o que tanto lhe custava a proferir.

—Que, se os hollandezes atacassem a Bahia, eu vos prendesse a vós, Bertha van Dorth, e vos conservasse em refens para exigir a sua retirada immediata...—interrompeu ainda o governador.

—E... quê? Prosegui. Encontraes no meu peito um reducto onde nunca penetrou um desfallecimento—insistiu a destemida joven.

—E que a vossa vida responderia pelo bom ou mau resultado d'essas negociações—adduziu o governador.

—Villões! Ides mandar-me prender, não é assim?—perguntou Bertha fixando desassombrada o chefe da colonia.

—Não, minha senhora—respondeu Mendonça Furtado—sou um homem honrado e nasceram-me os dentes nas batalhas de terra e mar. Não sei guerrear mulheres. Nunca fiz caso d'essa ordem. Estaes livre, como até aqui, mas peço-vos uma coisa.

—Fá-la-hei immediatamente, se puder...

—Retirae-vos da cidade para qualquer roça, até que eu vos faculte meio de vos enviar a vosso pae, que combate álém, na esquadra inimiga.

—Sois um cavalheiro, senhor. Obrigada. Dentro de uma hora estarei muito longe d'aqui. Participar-vos-hei o meu retiro, para quando vos aprouver enviar-me a meu pae.

—Afastae-vos d'este ponto sem demora. Bertha, os pelouros cahem como granizo.

—Até á vista, meu...

Bertha calou-se subitamente, levou a mão ao peito, deu uma volta sobre si mesma e tombaria redonda no chão, se Francisco de Padilha a não amparasse nos braços, murmurando com desespero:

—Ferida... talvez morta, meu Deus!

---

III

## O combate

—Forte mania a das mulheres de se metterem onde não são chamadas!—exclamou Manuel Gonçalves reprimindo uma praga.

Francisco de Padilha não podia retirar-se da linha de fogo, fosse qual fosse o pretexto, e olhava desvairado, não atinando com a solução a tomar. Da ferida borbotava um fio de sangue que avermelhava o vestido branco de Bertha e alastrava consecutivamente.

—Eu me encarrego d'essa desventurada senhora —disse Mendonça Furtado,—comprehendendo a perplexidade de Francisco de Padilha;—enviá-la-hei com os possiveis resguardos para a sua residencia e ali lhe mandarei um physico.

—Muito vos agradeço, senhor governador – declarou o capitão olhando angustiado para o rosto cada vez mais pallido da flamenga, e voltando para o seu logar.

Mendonça Furtado retirou-se com Bertha, transportada n'uma maca improvisada.

O combate prolongou-se com a mesma intensi-

dade até o entardecer. A artilharia não cessou de jogar, nem a fuzilaria de crepitar com crescente furia até ás sete da tarde.

—Os hollandezes mandam três lanchas que se vão introduzir no meio dos nossos—preveniu um dos subordinados de Manuel Gonçalves.

—E o bombardeamento contra o forte de S. Marcello redobra de actividade — observou outro.

—Oh! com mil raios!—bradou Francisco de Padilha, que se batia como um leão—as tripulações das lanchas inimigas apoderam-se de sete dos nossos navios mercantes. Alguem que vá ali ordenar que incendeiem e mettam no fundo os oito restantes para lhes não succeder o mesmo.

Partiu immediatamente um mensageiro a cumprir a ordem recebida.

—Ah! elles são muitos e nós poucos!—esbracejava Manuel Gonçalves, chorando de raiva.

No meio da escuridão da noite, apenas interrompida pelos clarões intermittentes e rubros do canhoneio, principiaram a tremeluzir pequenas labaredas sahidas dos cascos dos navios mercantes. Breve as chammas tomaram incremento e começaram a ascender como se quizessem lamber com as suas linguas afogueadas o firmamento opaco. O breu e o assucar juntos com a madeira das embarcações forneciam adequado combustivel para aquellas fogueiras se transformarem em gigantescos fachos, que illuminavam com uma claridade sinistra a pavorosa scena de carnificina e exterminio.

—Era de esperar,—monologou Francisco de Padilha—Pieter Heyn aproveita-se da confusão e da luz que o incendio lhe proporciona para accommetter.

Effectivamente o almirante inimigo arremmette com quatorze lanchas, guarnecidas por duzentos e oitenta marinheiros, o forte de S. Marcello. Levam escadas e quanto é necessario para o assalto. Os marinheiros hollandezes, electrisados com o exemplo do seu chefe, o primeiro a subir á muralha, realisam prodigios de valor. A resistencia dos bahianos fraqueja. Cedem. Os defensores, uns fogem, outros capitulam. O inimigo apodera-se de doze canhões, que apontam immediatamente contra a cidade. Este triumpho parcial custa aos hollandezes quatro mortes, e entre elles o cammandante de uma das naus, Andries Nieuwkerk, e doze feridos. Os nossos accusaram ainda mais baixas.

—Covardes!—Mulheres!—berrava como um possesso Vasco Carneiro, o commandante do forte, como os nossos leitores estarão lembrados, procurando obstar á fuga dos seus homens.

O panico minara fundo, ninguem o attendeu. Conseguiu, porém, empregando inauditos esforços, entrincheirar-se na praia com os mais intrépidos. D'ali principiou a fuzilar os hollandezes. Nenhum se mostrava nas baterias que não cahisse varado por uma arcabuzada. Até que por fim se viram obrigados a restituir a sua tomadia, não sem primeiro encravarem os canhões.

—Ah! que se nós fossemos mais! —esbracejava Manuel Gonçalves enraivecido—Mas temos que acudir a tanta parte.

O movimento operado pelo vice-almirante Heyn era habil e estrategicamente secundado pelo do major Albert Schouten, que desembarcava com as forças do seu commando proximo do forte de Santo Antonio. Esta manobra effectuou-se com incrivel facilidade. Havia ali duzentos defensores que se sumiram como se o chão os tragasse. A entravar a deserção d'esses homens pusillanimes surgiu um ancião aleijado, Francisco de Barros, que lhes disse:

—Parae, creaturas; sou velho e coxo, mas d'aqui não arredo pé. Fazei como eu.

—Tresloucados, não abandoneis assim a vossa terra. A patria nunca vos perdoará e Deus desviará a sua vista de vós—lembrou-lhes com energica intonação o padre Jeronymo Peixoto.

Não havia freio que detivesse os poltrões.

Os atacantes, mil e duzentos soldados e duzentos e quarenta marinheiros, armados de enxadas e machadas e com munições em abundancia, encaminharam-se desassombradamente para a cidade por Villa Velha. Guiavam-nos os hollandezes Dirck de Ruyter e Dirck Pieterszoon Colser, que tinham estado prisioneiros na Bahia e a conheciam a palmos, na conjuntura preciosos auxiliares para os seus compatriotas.

—Rapazes, ahi vem o inimigo; juram pelejar até morrer?

—Juramos.

Fez a pergunta Antonio de Mendonça, commandante das forças entrincheiradas no alto de S. Bento. As tropas neerlandezas atacaram a posição com denodo, mas os seus defensores cumpriram a palavra dada, portaram-se com valentia.

—Acampam! Acampam!—participou uma esculca a Antonio de Mendonça.

Assim succedia. Os hollandezes, ou por temerem qualquer desesperada resistencia, ou por se acharem fatigados de todo um dia de combate, acamparam em S. Bento. Gradualmente, diminuiram até acabar as refregas no mar. A cidade e a bahia immergiram então n'um completo silencio, contraste frisante e até certo ponto temeroso do continuo estrondear do dia. Esta absoluta quietação apavorou os moradores da cidade. O panico cevou-se nas suas almas timoratas e multiplicou-lhes o susto. Alguem no socego das trevas ameaçadoras, segredou:

—Já entraram os inimigos! Já entram,... os inimigos já entram!

Nunca se soube quem proferira essas primeiras palavras de terror. O cançaço do dia, a insomnia da noite, a angustia que a todos estrangulava, os espectros que os fracos divisavam a cada canto, as vozes de medo, punição e anniquilamento que soavam aos ouvidos atordoados pelo fragor do combate, tudo concorreu para avolumar o sobresalto. O clamor cresce como uma onda chicoteada pelo ven-

daval, a demencia empolga os cerebros, o borborinho corre como lava pela encosta de um vulcão e incendeia e calcina o povo a correr pelas ruas e praças, gemendo e rugindo baixinho.

—Os hollandezes veem pelo sul!

—Sobem do mar pelas ladeiras!

—As tropas arrasam os muros de todos os lados!

—A cidade está nas suas mãos!

—Está tudo perdido!

Ninguem atina com o que lhe convem fazer, ninguem grita com receio de orientar os invasores para o sitio onde se agrupam, ou se tresmalham como um rebanho perseguido pelos lobos. Alguns dos capitães tambem perdem a tramontana.

—Meu Deus!—exclamou o bispo—vejo-me abandonado de todos. N'esta tremenda desgraça a idéa da religião e da patria desamparou todos os corações.

D. Marcos Teixeira encaminha-se quasi só, sem famulos, para o collegio dos jesuitas. Descreve ali as circumstancias da população. Dividem-se então as opiniões.

—Se fugimos—argumentaram alguns—é condescender com os desejos do inimigo; assenhorar-se-hão de tudo, dos templos, das familias dos sacerdotes; é facilitar as suas extorsões, consentir nos sacrilegios.

—Mas os hollandezes estão de posse da cidade—replicaram outros,—não ha quem a defenda;

quem d'aqui se puder escapar póde lá fóra começar a organisar os elementos para uma futura reivindicação.

Não houve mais reflexões.

—Arrecademos então o que possa ser, de objectos de valor; consumamos as hostias consagradas das custodias e retiremo-nos—propoz um padre mais apressado.

Pouco tempo depois realisava-se o exodo. [1] Sacerdotes milicianos, empregados publicos, as poucas familias que ainda permaneciam de muros a dentro, tudo fugiu e terminaram a noite a meia legua das muralhas, na chamada Quinta do Collegio.

—Que triste espectaculo este!—lamentava D. Marcos Teixeira enxugando uma lagrima teimosa e olhando para o tristissimo quadro.

Do capim e do tojo desprendiam-se magoadas lastimas das mulheres e creanças; os filhos berravam por quem lhes dera o ser; as esposas gritavam pelos maridos; não havia um só d'esses fugitivos que não chorasse amargamente o seu destino.

—Como vamos atravessar o rio Vermelho?—clamavam uns.

—Os hollandezes veem-nos no encalço, e a noite não nos deixa ver nada.

---

[1] Toda esta descripção é baseada na excellente *Historia do Brasil*, erudita e pacientemente escripta e compilada pelo pujante escriptor brasileiro Rocha Pombo.

E as lamentações e o pranto continuavam a correr caudalosamente. No entanto, o inimigo não soubera nada absolutamente d'aquella tumultuosa e espavorida emigração.

Ao alvorocer, os soldados do major Albert Schouten dispõem-se a rasgar uma entrada nos muros á força de pelouros. Por cima da porta escolhida para esse effeito desfralda-se uma bandeira branca.

—Cautella que pode ser uma emboscada—recommendaram os chefes aos seus subordinados.

—Não ha ninguem na cidade—responderam alguns que se tinham internado mais.

Quasi ao mesmo tempo os navios hollandezes romperam fogo, mas nem uma só bombarda se disparou dos fortes. Estavam egualmente desertos.

—Vamos ao palacio do governo—ordenou o major Albert Schouten.

Diogo de Mendonça Furtado portara-se denodadamente. Até os derradeiros momentos comparecera em todos os pontos onde o risco era maior e ali, como no meio dos fugitivos, animava todos, exhortando:

—Vale mais morrer com honra que ter a vida sem ella.

O estoico exemplo não podia já fructificar. Quando todos fugiam, manteve junto de si a familia. Rodeavam-n'o apenas um punhado de heroes e o capitão Lourenço de Brito, o sargento-mór Francisco de Almeida de Brito, o auditor geral Pero Casqueiro da Rocha e seu filho Antonio de Mendonça.

Este ultimo honrara a extirpe d'onde provinha. Lembram-se os leitores que commandava a companhia de reforço, a reserva, como hoje lhe chamariamos. Correu primeiro em auxilio de Vasco Carneiro para o ajudar a recuperar o forte, depois para collaborar com Lourenço de Brito, ferido, com treze dos seus aventureiros mortos, e ainda teve tempo de acudir á praia e disputar aos contrarios a entrada da cidade pelo lado sul

Despenhara-se durante a refrega tal aguaceiro de balas sobre o forte de S. Marcello, que um monge Fr. Gaspar do Salvador, a quem um pelouro levara já uma parte do habito, salvou a vida, porque se baixou para consolar um moribundo no momento em que outro lhe passava á altura da cabeça.

Diogo de Mendonça Furtado dispuzera uma porção de barris de polvora, do deposito que ficava nos baixos da sua residencia para ir pelos ares quando não pudesse resistir mais, o que não levaria muito tempo.

A energia do governador obrigou os hollandezes a estabelecerem um cerco em fórma á sua residencia. A lucta ahi ainda se demorou por mais algumas horas.

—Rendei-vos—gritou o major Albert Schouten, quando ja não havia nenhuma probabilidade mais de prolongar o homerico prélio.

—Nunca! —respondeu Diogo de Mendonça Furtado.

E, como doido santificado pelo patriotismo, pegou n'um murrão e desceu a caminho dos barris de polvora, disposto a epilogar n'um desenlace exterminador a covardia dos que o tinham abandonado e a infelicidade propria.

—Senhor, que fazeis?—disse o auditor Casqueiro da Rocha, atirando-se a elle e arrancando-lhe a fatal mecha.—A nossa honra está salva, não a mancheis com um suicidio inutil.

Privado d'aquelle ultimo meio de desforço, desembainhou a espada e arrojou-se cego do desespero e de coragem contra os mosquetes e alabardas do inimigo.

—Desarmae-o, mas que ninguem lhe toque—ordenou o major Albert Schouten com voz que cobriu o estrépito da briga.

Agarrado de todos os lados, entregou-se.

—Conservae a vossa espada—disse-lhe o official neerlandez—quem d'ella faz tão honroso uso merece todo o respeito e toda a veneração.

O governador e os seus companheiros foram mandados para bordo da nau almirante, e ali tratados com a maior deferencia e estima. Diogo de Mendonça Furtado seguiu mais tarde para a Hollanda onde o conservaram prisioneiro dois anos, sendo libertado a 23 de novembro de 1626.

Se pouco trabalho custára aos officiaes hollandezes incitar as suas tropas a tomar a cidade, muito lhes deu a reprimir a indisciplina e o espirito de rapina que manifestaram apenas se effectuou a conquista.

— Senhor — participaram ao major Albert Schouten varios dos seus logares tenentes, — se não sofreacs a pilhagem a que a soldadesca se entrega, a Companhia não receberá um unico despojo.

Effectivamente a pleiade de aventureiros, que tomando parte n'aquella expedição, só miravam ao saque, encontrando as portas abertas e os edificios ás escancaras, entravam, roubavam os objectos de ouro, de prata, as coisas mais preciosas e quebravam e arruinavam tudo o mais, deixando-o pelas ruas.

— Nas egrejas então a orgia não conhece limites — expunha uma testemunha occular ao commandante das forças invasoras — penetram ali, arremettem com as imagens, decepam a cabeça a um santo, amputam os pés a outro, acutilam aquelle, queimam o que não podem despedaçar.

— É um mal da guerra, e tambem o reflexo do fanatismo que nós soffremos na Hollanda! — respondeu Albert Schouten contristado.

— As cruzes são apeadas, os altares servem-lhes de mesas, paramentam-se com as vestes sacerdotaes, comem nos vasos sagrados, bebem nos calices — é uma completa devastação.

— Prendei, castigae os mais delinquentes.

— Torna-se necessario appellar para as medidas energicas, quando não, d'aqui a pouco veem as retaliações e as vinganças, e a nossa gente não é tanta que um homem que nos matem não faça falta.

Os dois officiaes hollandezes principiaram então a conversar em voz baixa ácerca das providencias que convinha pôr em execução para evitar aquella rapinante indisciplina.

* * *

Francisco de Padilha e Manuel Gonçalves defenderam as suas posições até final, até ao momento em que, apesar dos seus esforços sobrehumanos, não contavam já com um unico soldado ás suas ordens.

Quando se viram de todo sós, com as espadas torcidas por baterem nos desertores, com o fato em farrapos, com as peças da ligeira armadura emmossadas, perguntaram um para o outro:

—Que vamos fazer?

Ambos cruzaram os braços meditando. Depois Manuel Gonçalves expôz:

—Se continuamos na cidade, seremos irremediavelmente aprisionados pelos hollandezes, e a patria exige alguma coisa mais do que isso.

—Tendes razão—concordou Francisco de Padilha.—Vamos para o campo organisar os elementos militares que d'aqui fugiram, hostilisar constantemente o inimigo e diligenciar retomar-lhe a cidade.

—De mais a mais—accrescentou Manuel Gonçalves—deves informar-te do que succedeu a teu pae e... e do estado de Bertha van Dorth.

Francisco de Padilha passou a mão pela testa n'um movimento de desânimo, e exclamou:

— Partamos.

Os dois amigos conseguiram, não sem custo, sahir de S. Salvador e dirigirem-se para a roça de André de Padilha, onde era natural que todos se tivessem refugiado e onde se encontraria tambem Bertha, se o seu ferimento lhe permittisse tão brusco e incommodo transporte. Não se enganaram. Toda a familia ali chegara a salvo.

— Onde está Bertha? — perguntou Francisco de Padilha depois de abraçar seu pae.

— Além, n'aquella camara — indicou o ancião.

O capitão precipitou-se para o aposento e entrou n'elle com as maiores precauções. Rodeavam a cama de Bertha a ama e Luiza da Guarda. A joven flamenga abriu os olhos, fixou o recemvindo, aflorando-lhe aos labios um sorriso, e murmurou:

— Salvo! — e, após uma pausa, accrescentou: — E meu pae?

Francisco de Padilha, antes de responder á enferma interrogou com os olhos as pessoas que a rodeavam. Luiza da Guarda comprehendeu, com esse admiravel instincto do coração, a pergunta, e informou:

— O ferimento não é de cuidado, segundo nos communicou o physico, a bala apenas passou de raspão pelo peito de Bertha, mal perfurando a pelle. Recommendou-nos, porém, que a obrigassemos a ter o maior repouso. Abalaram-lhe mais a

saude os acontecimentos d'estes dias que a offensa feita pelo pelouro dos seus compatriotas.

— E meu pae? — perguntou de novo Bertha.

Francisco de Padilha approximou-se então do leito da dama hollandeza, apertou-lhe a mão que ella lhe estendia, e respondeu:

— Soube, por um prisioneiro que fizemos, que a nau que o transporta, a *Hollandia*, ainda não chegou, mas em compensação vosso primo Jacob van Dorth está entre as forças que nos acommetteram.

Bertha franziu a testa n'um movimento de contrariedade, sem se poder afirmar se era pela ausencia do pae, se pela presença do primo. Talvez pelas duas coisas. Depois d'aguns minutos de silencio, adduziu:

— Desejava muito que fizesseis as diligencias possiveis para me communicar a chegada de meu pae, logo que ella se effectuasse.

—Descançae—redarguiu Francisco de Padilha—envidarei para isso as maiores deligencias, mas agora descançae, socegae o vosso espirito. Até depois.

E o capitão despediu-se da enferma e das duas enfermeiras, não sem que Maria do Rosario lhe saltasse ao pescoço cobrindo-o de beijos e que Luiza da Guarda o envolvesse n'uma nuvem de effluvios em que, mau grado seu lhe patenteava todo o seu irreprimivel affecto.

— Acautela-te! — recommendou-lhe seu pae quando elle sahia. — Os hollandezes depois de

roubarem quanto quizeram na cidade, espalham-se agora pelos campos.

—Tanto peor para elles—redarguiu-lhe o filho beijando-o na testa.

André de Padilha não exaggerava.

Sete hollandezes, sem armas de fogo, invadiram a quinta dos jesuitas nos arredores de S. Salvador, onde estavam alguns feridos e com elles um padre. Este, julgando chegada a sua ultima hora confessou os feridos e confessou-se a si. Um dos invasores encolerisou-se e cresceu de espada nua para um crucifixo. O religioso impediu o sacrilegio, o soldado conteve-se, mas exigiu-lhe carne. Como era dia de magro, recusaram-lh'a, mas forneceram-lhe outra comida e vinho. Antes dos protestantes saborearem o piteu, o padre abençoou a mesa, citando as pessoas da Trindade. Enfureceram-se. Partiram tudo, derrubaram as imagens, espalharam as reliquias, roubaram calices, lampadas, tudo quanto era prata. Os jesuitas juraram vingar-se. Mandaram escravos seus armados de arcos e frechas. Os hollandezes, sentindo-se alvo de uma nuvem de settas, julgaram preferivel largar o roubo e fugir.

Pelo sertão e beira mar andavam cerca de dez a doze mil pessoas soffrendo as maiores inclemencias. Abrigavam-se sob a ramagem das arvores, outras dormiam ao relento, á mercê do calor, dos aguaceiros e da humidade nocturna. A maioria levava uma vida nómada, descalços e quasi nús.

Recebiam o pago do seu louco terror. Todos juntos, unidos na defesa e valentes em affrontar o inimigo, teriam certamente repellido a acommettida. Assim morriam de fome e de sede muitas que tinham abandonado sem o menor vislumbre de resistencia moradias sumptuosas com magnifico recheio.

A pilhagem custava, no emtanto, cara aos hollandezes.

Outro exemplo.

Três ou quatro voltaram de novo á quinta dos jesuitas, a um terço de legua da cidade, como acima dissemos, e um d'elles disse em latim para os proprietarios:

— *Quid existimabatis quando vidisti classem nostram.*

E ao mesmo tempo, fazendo dos calções alforges, encheu-os de prata. Os demais imitaram-n'o e carregaram aos hombros quanto puderam. Os jesuitas empregaram o mesmo estratagema. Emboscaram no matto varios negros, que mataram o do latinorio e obrigaram os outros a desapparecer e a abandonar o latrocinio.

Francisco de Padilha dirigiu-se no dia seguinte para o sitio que Manuel Gonçalves escolhera para seu refugio, na varzea de Tapuype, a cerca de meia legua de S. Salvador. Quando ali chegou encontrou o seu velho amigo muito excitado ouvindo uma narrativa de Jorge de Aguiar e d'outro seu concidadão chamado Francisco de Castro.

— São uns trinta hollandezes; mataram uma vacca, e estão-n'a esfolando com todo o seu descanço — relatava o primeiro.

— Não ha tempo a perder, vamos a elles!

— Vamos lá, — condescendeu Francisco de Padilha não precisando de mais explicações.

Juntaram-se-lhe pelo caminho mais cinco homens brancos e uns doze indios e cahiram de improviso sobre o bando dos inimigos, que não esperavam tão desagradavel surpreza.

A referta pouco durou. Os neerlandezes tomaram-se de medo e fugiram. Manuel Gonçalves matou quatro á sua parte ([1]) e feriu mais dois, que apesar dos ferimentos corriam como gamos.

— Guardado está o boccado para quem o ha de comer — dizia o intrépido guerreiro para Francisco de Padilha, que tomara não pequena parte na aventura.

E ao proferir estas palavras apontava para a vacca morta e esfolada, que os indios tinham apprehendido e que comiam com delicia, bem como para as armas deixadas pelos fugitivos nas mãos dos nossos.

— Sabes alguma coisa a respeito do coronel Johan van Dorth? Sabes se já chegou? — perguntou Francisco de Padilha.

— Incumbencia da filha, aposto?!

---

( ) Historico.

—É. Deseja ir para o lado d'elle, e agora tambem eu acho de toda a conveniencia que vá.

—Já não gostas d'ella?!

—Essas ideias não são para agora.

—Como gostas de todas.

—Sabes ou não sabes se chegou?—insistiu Francisco de Padilha, com tal ou qual impaciencia.

—Não te impacientes. Chegou sim, homem, e olha que um dos seus primeiros actos não deixou de me agradar, apesar de nosso inimigo.

—Que foi?

—Não ignoras que os escravos andam indolentes e rebeldes, desde que os hollandezes nos derrotaram.

—É mais um mal a addicionar a tantos outros.

—O escravo de um serralheiro prendeu o seu senhor na roça de Pero Garcia, onde se encontra. Insultou-o, esbofeteou-o e por ultimo cortou-lhe a cabeça [1].

—Ora ahi está um serviçal dedicado.

—Esta façanha foi praticada hontem mesmo pelo escravo, ajudado por outros negros e por quatro hollandezes. O escravo muito ufano levou a cabeça do seu senhor ao coronel Johan van

---

(1) Para não estarmos a repetir as notas, quasi sempre enfadonhas, affirmamos aos leitores que todos os factos aqui exarados são absolutamente historicos.

Dorth, que lhe mandou dar duas patacas e em seguida... enforcar.

—É um homem ás direitas!

—Disse-lhe, á guisa de elogio funebre, que quem fizera aquillo ao seu senhor, peor lhe faria a elle se pudesse.

Francisco de Padilha despediu-se de Manuel Gonçalves e tomou o caminho da cidade. Á noite recolheu á roça de seu pae e dirigiu-se immediatamente ao quarto de Bertha. Depois d'algumas palavras banaes declarou-lhe:

—Falei hoje com vosso pae.

—Com meu pae?!—exclamou a joven tentando levantar se na cama, tentativa que Maria do Rosario e Luiza da Guarda contrariaram.

—Mandará amanhã por vós. Virá aqui vosso primo Jacob van Dorth e os homens necessarios para vos conduzir á cidade com a bandeira de parlamentarios—explicou o capitão.

Bertha deixou pender outra vez a cabeça sobre o travesseiro e ficou immersa durante largo tempo n'uma especie de somnolencia, que ninguem se atreveu a interromper. Depois abriu de novo os olhos e murmurou quasi inintelligivelmente:

—Já amanhã!...

---

## IV

# Pae e filha

A nau que transportava o coronel Johan van Dorth só entrára na Bahia no dia 11, dia immediato á tomada da cidade. Parece que a Providencia ou o acaso se comprazera em lhe negar o seu quinhão na victoria obtida pelas tropas hollandezas. Tomou posse immediatamente do seu logar, que era o de commandante geral das forças e o de administrar a nova conquista na qualidade de governador. Em menos de dois dias, a Companhia das Indias Occidentaes dominava como senhora absoluta na capital do Estado do Brasil.

Não precisamos apresentar de novo o coronel Johan van Dorth, que os leitores conhecem do principio d'esta veridica historia. O almirante Pieter Heyn tomára energicas precauções para que a soldadesca não destruisse ou não se apoderasse do despojo que pertencia á Companhia. O coronel,

*

apenas desembarcado, publicou editos severos e começou a punir com rigor os que os transgrediam.

—Torna-se necessario proceder immediatamente ao arrolamento dos bens moveis e immoveis deixados pelos portuguezes—ordenou elle.

—Uma parte já está feito—respondeu-lhe o funccionario a quem se dirigira.

—De que consta?

—Além dos edifficios, de innumeros fardos de couros, tabaco, azeite, vinho, alfaias de seda, joias, ouro, prata, dinheiro, mobiliario, armamento, de três mil e novecentas caixas de assucar, vinte e três peças de artilharia de bronze, vinte e seis de ferro.

—A Companhia não tem de que se queixar d'esta expedição.

—De modo nenhum. Entre as numerosas imagens de prata tomadas, treze são de grande tamanho e valor. Representam a Virgem e os doze apostolos.

—São entidades contrarias á nossa religião, derretem-se.

—No surgidoro estão ainda ancorados trinta navios, uns carregados com as fazendas que trouxeram de Portugal, outros com assucar promptos a partir, outros com farinha da terra e alguns com mantimentos para Angola.

—Optimo—approvou o coronel.—Mande transbordar a carga d'esses navios portuguezes para os

nossos, escolhem-se os melhores e guarnecem-se para nosso uso; os avariados afunde-os.

— Que destino se dá ás egrejas, collegios e conventos?

— Converta-os em quarteis para os nossos soldados e outros em armazens para ali se guardar o que tomamos.

Os despojos não podiam ser mais ricos, e ainda por cima appareciam a miudo outras presas de navios mercantes, que, não sabendo da tomada da cidade, entravam na Bahia despreocupados e logo eram apprehendidos. Entre estes, conta-se o de corregedor do Potosi, D. Francisco Sarmento, que regressando com outros passageiros a Buenos Ayres com rumo a Lisboa, se lhe avariou um mastro e entraram de noite no porto. Ao amanhecer perceberam que, se achavam no meio de inimigos e entregaram-lhe setecentos mil pesos, ficando captivo o corregedor, mulher e filhos. No tempo que os hollandezes ali dominaram, orça por mais de setenta as embarcações tomadas por elles. Arrecearam-se de enviar uma parte d'essas riquezas para a Hollanda por causa dos cruzeiros dos navios portuguezes e castelhanos; de forma que mais tarde encontraram-se nos armazens da Companhia três arcas repletas de prata amoedada e de peças lavradas do mesmo metal, umas velhas, imprestaveis e outras partidas e amolgadas.

Os vencedores, depois de roubar o que acharam na cidade, espalharam-se pelos arredores e

ahi commettiam toda a casta de depredações. Não o faziam a salvo. Já narramos varios incidentes. Accrescentaremos mais outro para finalisar, n'esse ponto.

Um negro chamado Sebastião aggrediu alguns hollandezes n'uma das hortas. Quizeram tirar-lhe uma faca que trazia e ameaçaram-n'o que o enforcavam. O preto escapou-se-lhes, reuniu-se a mais dois ou três, mas logo por infelicidade esbarraram com seis soldados que principiaram a apalpá-los. O da faca, com receio de ser pendurado pelo gasnete, cravou a faca no peito de um, matou-o e fugiu em direcção do rio Vermelho, onde se juntou com uns creados de Antonio Cardoso de Barros e todos se postaram de emboscada á espera dos hollandezes que os perseguiam.

Os desventurados cegos, na carreira, foram atacados pelas costas. Conduziram-n'os a um lameiro, onde assassinaram quatro e atiraram com outro para o lodo. Este, já velho, era tão valente e destro, que, enterrado até á cintura no pantano, desviava e cortava no ar, com a espada, as flechas que lhe disparavam, até que por fim o Sebastião se metteu ao paul e lhe vibrou uma cacetada n'um braço desarmando-o. Pouco depois morria crivado de flechas.

O coronel Johan van Dorth, depois de dispensar largo tempo aos assumptos mais instantes da administração, attendeu seu sobrinho, que, tendo chegado primeiro e assistido aos combates, lh'os narrava pormenorisadamente.

— Os soldados bateram-se com denodo — expunha Jacob van Dorth — mas valeu-lhes a pena. Mediram o ouro e a prata aos chapeus cheios, e ha quem tenha parado n'um lance de dados trezentos e quatro centos florins (1).

— Nem elles vieram cá para outra coisa; seduziu-os mais a miragem do lucro que o amor da gloria — commentou o coronel que conhecia no intimo a gente que commandava.

— E de Bertha; que pensaes vós de Bertha? — perguntou Jacob.

— Apenas aqui cheguei, mão amiga deu-me noticias de que soffria de um ligeiro incomodo e que mal cessasse o combate eu teria o prazer de a abraçar — respondeu o coronel.

— Estes malvados portuguezes, tudo quanto se lhes faça soffrer é pouco! — exclamou Jacob van Dorth, com entonação rancorosa.

— A inquisição e os seus ignobeis sequazes, o governo e alguns padres fanaticos merecem que se lhes deite pez a ferver pela bocca abaixo; ha outros, porém, que são verdadeiros fidalgos, como Francisco de Padilha...

— Miseravel!... — rugia Jacob.

— Miseravel, porquê? — atalhou o coronel. — Minha filha tem-me escripto tudo quanto lhe tem

---

(1) Soutney.

succedido e não vejo no procedimento d'esse rapaz senão rasgos dignos do mais subido elogio.

—E quem vos diz a vós, meu tio, que a sua conducta não foi pautada pelos interesses da Inquisição, que queria segurar Bertha como refens e neutralisar a vossa acção?

—Não creio; se servisse o inquisidor geral e a sua nefanda politica, não a raptava do convento com perigo da sua vida e da dos seus amigos.

—Uma rapariga nova e bonita, tanto tempo em companhia de homens sem fé, nem lei!...

—Nem mais uma palavra a tal respeito, meu sobrinho. Devolvo-vos a vossa palavra, não casareis com Bertha.

—Mas...

Jacob van Dorth ficou a meio da phrase porque entrou um dos ajudantes do coronel e participou-lhe:

—Está ali um capitão portuguez, que se apresentou n'um dos nossos postos avançados com a bandeira branca, pedindo para ser conduzido á vossa presença o mais breve possivel. Affirma ter communicações importantes a fazer-vos.

—Que entre—ordenou o coronel.

Segundos depois entrava Francisco de Padilha, desarmado, com ar altivo e desassombrado.

—Que pretendeis?—inquiriu de sobrecenho severo o coronel sem bem attentar na sua visita.

—Já não me conheceis, coronel Johan van Dorth? Sou o capitão Francisco de Padilha.

A este nome, tio e sobrinho ergueram-se, n'um pulo, das cadeiras em que se assentavam.

O rosto do primeiro abriu-se n'uma manifestação de sympathia; o segundo empallideceu como se vira um precipicio abrir-se-lhe aos pés e levou a mão direita aos copos da espada n'um gesto de concentrado furor.

—Francisco de Padilha! E minha filha!?—exclamou, n'um arranco de effusão que não pudera conter o coronel, dirigindo-se ao capitão, de mão estendida para elle.

—Procurei-vos para combinar comvosco o modo de vir para o vosso lado o mais depressa que ser possa—respondeu Francisco de Padilha, curvando-se n'uma reverencia cortez, mas fingindo que não via a mão de Johan van Dorth estendida para elle.

—Que venha immediatamente, porque espera? Vamos buscal-a—propoz o coronel comprehendendo o motivo porque Francisco de Padilha não lhe apertava a mão, mas batendo com a sua amigavelmente nas costas do seu interlocutor.

—Não poderá vir tão breve quanto vós e ella desejaes—respondeu o capitão.

E com a maior delicadeza relatou-lhe como Bertha fôra ferida por uma bala dos seus compatriotas.

—Que me aconselhaes então, Francisco de Padilha?—inquiriu o coronel.

—Ordenae a alguem da vossa confiança que se apresente amanhã, com uma rêde e os respectivos carregadores, no mesmo posto onde eu ha pouco

solicitei para ser conduzido á vossa presença. Eu ali estarei com vossa filha e as duas pessoas que lhe teem servido de enfermeiras.

—Porque não me escreveu?

—Primeiro porque o medico lhe recommendou o mais absoluto socego; segundo porque não lhe participei que vinha falar comvosco. Podia não o conseguir e seria um desgosto escusado.

—Sois um fidalgo, um homem na verdadeira accepção da palavra. Nas cartas recebidas de Bertha ella não se cança de elogiar a nobreza do vosso coração. Que pena não terdes nascido na Hollanda!

—Mas nasci em Portugal e sinto n'isso a maior ufania.

—Pena é que em vez de nos hostilizar mutuamente não nos pudessemos alliar para combater o inimigo commum.

—Mas vós agora hostilizaes o que é portuguez e não castelhano.

—Emfim a guerra é a guerra e não ha remedio senão conformarmo-nos com ella—conceituou o coronel, e logo mudando o tom, disse:—Jacob!

—Meu tio.

Foi só então que Francisco de Padilha reparou no primo de Bertha. O olhar dos dois homens cruzaram-se como duas espadas n'um duello de morte. Ambos inclinaram ligeiramente a cabeça n'uma mesura de fria urbanidade, feita exclusivamente por consideração a Johan van Dorth.

—Preparae tudo para amanhã esperardes vossa

prima no sitio indicado por Francisco de Padilha —ordenou o coronel.

—Para que esperar tanto tempo? Levo agora mesmo meia duzia de homens e trago-a sem mais demora. Nem é preciso mais gente para esses poltrões que fogem aos centos ante um só hollandez.

—Não insulteis nunca os vencidos, meu sobrinho; taes assertos só provam muita insolencia na paz e pouca bravura na guerra—censurou o coronel com voz severa.

Francisco de Padilha cravou os dentes com tal força nos labios, que logo se humedeceram de sangue, mas não proferiu uma unica palavra.

—Desculpae, Francisco de Padilha, esta fanfarronada de guerreiro moço. Meu sobrinho esqueceu-se n'este momento de que vós falaveis correctamente o flamengo—disse Johan van Dorth.

—Obrigado pela vossa fidalga cortezia, mas sempre direi a vosso sobrinho que nem sempre haverá entre nós uma dama, e não será, espero-o bem em Deus, a ultima occasião que nos encontraremos —disse com a mais despreoccupada serenidade o capitão portuguez.

—Basta—atalhou o coronel,—ámanhã ao entardecer e no local apontado ali estará a quem entregueis minha filha. E, inimigos ou amigos, nunca esquecerei quanto fizestes por ella nas horas em que a adversidade a perseguiu.

E d'esta vez o coronel Johan van Dorth procurou obstinadamente a mão de Francisco de Padi-

lha e apertou-a effusiva e commovidamente nas suas.

Ao cahir da tarde do dia seguinte, Bertha, transportada com todos os desvelos n'uma rêde vagarosamente conduzida, acompanhada por Luiza da Guarda, Maria do Rosario, Francisco de Padilha, seu pae e o velho Pero Rodrigues, a quem uma pertinaz enfermidade impedira de tomar parte nos ultimos acontecimentos, aguardava junto da porta do Carmo a chegada dos hollandezes, que não se demoraram.

—Felicito-vos, minha prima, por terminar tão demorado captiveiro entre inimigos de tal especie —disse Jacob van Dorth para Bertha, apenas a viu.

—Nunca estive captiva, senhor meu primo; fui sempre hospede e tratada com a mais gentil galhardia por todas estas delicadas creaturas, que são para mim como uma segunda familia.

Jacob fez um esgar, mas não respondeu, limitando-se a beijar a mão de Bertha, que accentuou um primeiro impulso para lh'a retirar.

—Senhor André de Padilha—proseguiu a joven neerlandeza voltando-se para o pae do capitão e demais pessoas—mil agradecimentos por todas as vossas bondades, e a vós, minha querida Maria do Rosario, e a vós, Luiza da Guarda, e a vós, Pero Rodrigues, um adeus bem sentido e bem do fundo da minha alma.

As duas companheiras inseparaveis de Bertha

durante dois annos debruçaram-se sobre ella e cobriram-n'a de beijos.

Jacob começou a andar de um lado para o outro patenteando manifestos signaes de impaciencia.

—Tendes pressa, meu primo?

—Muita. Espera-vos vosso pae, a quem pareceis querer menos que a estes estranhos.

—Enganaes-vos, meu primo, estremeço meu pae, mas se não manifestasse a estes meus amigos toda a pungente magua que neste momento me alanceia o coração e toda a infinda saudade que me estrangula a alma, seria o mais ingrato dos seres creados.

—Empregaes bem o vosso sentimento—resmoneou Jacob por entre dentes.

Bertha conservou-se calada por alguns instantes; depois, com voz muito lenta e solemne, chamou:

—Luiza da Guarda, Francisco de Padilha, acercae-vos de mim!

Os dois approximaram-se da rede, Luiza quasi desfallecida, o capitão enleiado.

—Francisco de Padilha—disse Bertha falando com a pausa de um sacerdote n'uma ceremonia religiosa,—Luiza da Guarda é filha de um modesto piloto, é verdade, mas não ha meiguice egual á do seu peito, nem affecto que se assemelhe á pureza do seu amor. Ama-vos extremosamente, casae com ella.

Luiza fechou os olhos. Se Maria do Rosario não

a amparasse, cahiria desmaiada. Francisco de Padilha, muito commovido, apezar do imperio que exercia sobre si, redarguiu:

— Agora só pensamos em vós. Deixae que n'estes curtos instantes que nos restam para ficar juntos só pensemos em vós, só em vós.

— Então esta scena de comedia-drama não acaba?! — resmungou de novo Jacob, mas não tão baixo que Francisco de Padilha não ouvisse.

— Haverá outra, de tragedia — redarguiu-lhe a meia voz o capitão, — mas essa ainda levará menos tempo.

— Veremos quem o ha de contar — replicou-lhe o hollandez.

Francisco de Padilha voltou-se então para Bertha, e aconselhou-a:

— Vosso pae espera-vos, senhora; não prolongueis a anciedade que lhe molesta o coração.

— Adeus, Francisco de Padilha, até á vista... não... até á morte.

Estas ultimas palavras brotaram da garganta da joven neerlandeza n'um soluço plangente.

— Até á vista, Bertha van Dorth, até á vista — repetiu em tom saudoso, mas energico, o capitão.

A rede e os hollandezes que a escoltavam entraram pela porta do Carmo na cidade. Os portuguezes não arredaram os olhos d'ella emquanto foi visivel. Antes de transpôr os muros, um lenço agitado por mão nervosa provava á evidencia que Bertha não se esquecia dos seus antigos companheiros.

O encontro entre pae e filha foi commovedor, apesar da seccura militar do coronel. Passadas as naturaes effusões, Johan van Dorth expoz:

—Vosso primo tem andado ralado de ciumes, minha filha.

—De quê e de quem?—retorquiu-lhe a joven.

—Que pergunta?! Pois não tinha elle já pedido a vossa mão na Hollanda? Não lh'a tinheis vós concedido?

Bertha conservou-se silenciosa por largo tempo e depois, em tom resoluto, declarou:

—Não me quero casar, meu pae.

—Não vos quereis casar? Amais o portuguez?

—É verdade, meu pae, amo o portuguez. Sabeis que nunca minto. Mas nunca me casarei com elle, nem com outro.

—Por ser nosso inimigo? Por professar uma religião diversa da nossa?

—Por ser amado de outra.

—Essa vossa resolução é inabalavel?

—Inabalavel, meu pae. Mas não fallemos mais em mim. Que pensa fazer da desgraçada e vencida população portugueza?

—Inflingir-lhe uma dura e perduravel lição.

—Erraes o caminho, meu pae. Os portuguezes possuem todos as inegualaveis qualidades de uma bola de marfim. Maltratem-n'os, offendam-n'os, opprimam-n'os, nada modificará a sua fórma, a sua indole, boa e generosa na paz, indomita e for-

midavel na guerra. Tornae-os vossos amigos, como o foram meus.

—E os inquisidores? A vossa prisão? As torturas moraes que passastes?

—Sois um homem ponderado, leal, equitativo, meu pae, condoei-vos da desventura de tanta gente atirada para a miseria e para o luto.

—A facilidade com que tomámos a cidade ha de ter a sua reacção, acreditae.

—Tomae as vossas precauções, todas quantas quizerdes, mas não façaes de mim a filha de um tyranno.

E pae e filha conversaram demoradamente.

Ou resultado d'esta conversa, ou por politica, ou porque o fundo do coronel Johan van Dorth fosse realmente bondoso, publicou-se um bando em que o governador neerlandez garantiu á população os direitos de propriedade e de religião, o gozo da vida civil, logo que reconhecessem a soberania dos Estados Geraes da Hollanda. Convidou-os com palavras insinuantes a que regressassem a suas casas, offerecendo-lhes todas as garantias imaginaveis, facto que lhe valeu não poucas críticas dos seus subordinados menos condescendentes e mais ferozes.

Dias depois de correr este bando, reuniam-se na sala do despacho Johan van Dorth, a mesma que pertencera a Diogo de Mendonça Furtado, sua filha Bertha; agora já quasi completamente restabelecida, e seu primo Jacob.

—Affirmaes então, meu sobrinho, que as minhas medidas teem sido mal vistas por alguns dos nossos compatriotas?

—Assim é, meu tio, consenti que vol-o diga. Concedestes aos portuguezes salvos-conductos para entrarem e sahirem da cidade e auctorisastes esses bandidos a visitarem os prisioneiros a bordo.

—Qual é então o inconveniente que apontam a essas concessões?

—Favorecer a espionagem e tramar conjuras.

—Sempre ha de haver uma e existirem outras.

—Tambem vos censuram deixar retirar da cidade os três navios, onde embarcaram trezentas pessoas, dirigindo-se um para Pernambuco e dois para o Rio de Janeiro, meu tio.

—Não podia consentir que morressem de fome em S. Salvador.

—E os que se internaram no arraial dos insurrectos para engrossar as fileiras dos que pensam em nos expulsar d'aqui?

—Tambem hão de censurar a meu pae—interveiu Bertha com a sua voz metalica—distribuir cada semana aos portuguezes pobres que residem na cidade a mesma ração de pão, vinho, azeite, carne e peixe, que aos nossos.

—Isso acima de tudo. É acalentar uma vibora no nosso seio—respondeu com o olhar tôrvo Jacob.

—E não lhe verberam a maneira como procede á fortificação da praça?—continuou Bertha

—Não lhe estranham pôr aqui em execução toda a arte da guerra que aprendeu em Flandres, reparando os fortes antigos, ampliando outros, nos quaes trabalham dois engenheiros nossos? Não merece a approvação d'esses enexoraveis censores o projecto de isolar a cidade, abrindo-lhe um córte através da lingua de terra em que assenta?

—Acham que a distancia é muito grande.

—Pois infelizmente enganam-se, em parte—observou o coronel.—Apesar de todas as minhas promessas exaradas no bando, e religiosamente cumpridas, á cidade só se teem recolhido indigenas, escravos negros fugidos aos seus senhores e cerca de duzentos christãos novos.

—As familias ricas e pessoas de consideração não acceitaram o convite de meu pae—argumentou Bertha,—a maioria toma-o até como um insulto.

—Esses—appressou-se a responder Jacob,—os que acompanham o bispo, preferem ficar escondidos no sertão, com medo que o poder dos hollandezes não seja bastante forte para os defender da vingança dos hespanhoes [1].

—Tambem se murmura da maneira como procedestes, meu tio, com aquella mulher casada, que veiu do acampamento dos portuguezes fugida ao marido com uma filha bonita...

---

[1] Netscher.

—Porquê? Por eu ter consorciado a filha com um mercador hollandez e commemorar o enlace com festas, musicas, danças e banquetes durante três dias? Mas eu o que pretendo é congraçar as duas nações, conseguir o mais depressa possivel que não haja amigos nem inimigos, meu sobrinho.

O dialogo foi interrompido pela voz do major Albert Schouten, que antes de entrar perguntou:

—Daes licença, coronel?

—Entrae, meu caro major. O que vos traz por aqui?—respondeu Johan van Dorth.

Albert Schouten olhou para Bertha, a quem cumprimentara com a maior sympathia, um tanto enleiado.

— Retiro-me immediatamente — participou a joven hollandeza depois de retribuir o cumprimento do major.

—Não, ficae, minha filha, sois sempre de bom conselho?—instou o coronel.

Bertha tornou assentar-se.

— Completou-se hoje a investigação ácêrca do portuguez que fala a lingua flamenga, que se offereceu para nos coadjuvar e de quem por ultimo tivemos suspeitas de que nos atraiçoava—expoz Albert Schouten.

—E o que concluiu a devassa?—inquiriu Johan van Dorth.

—Que é um traidor. Não só elle, mas o irmão e o mulato que acompanha os dois. Está tudo de-

vidamente explicado n'estes documentos que aqui vos trago — informou o major.

O coronel pegou no masso que lhe era apresentado e começou a examinar detidamente o seu conteudo. Quando concluiu, disse:

— A traição dos três está absolutamente comprovada. Torna-se necessario dar um exemplo retumbante. Enforquem os três.

— Meu pae — implorou Bertha, erguendo-se do seu lugar e approximando-se do coronel; — commutae essa pena n'outra menos dura.

—Serei inexoravel, minha filha. Sabeis que não sou cruel e que evito sempre que posso derramar sangue. Mas o crime d'esses três homens é dos taes que na situação em que nos encontramos não póde deixar de ser punido com o maximo rigor.

— Meu tio, não perdoeis. Se não, dentro em pouco, rodear-nos-ha a traição por todos os lados. Não tendes feito já pouco em beneficio dos nossos inimigos, que, se alguma vez puderem, esquecerão todos os favores recebidos de vós. Entregae ao algoz esses três traidores.

Bertha conhecia bem o caracter de Johan van Dorth e sabia que quando tomava uma deliberação d'aquella importancia nunca a modificava, mas lançou sobre seu primo um tão soberano olhar de desprezo que Jacob recuou, mau grado seu.

O coronel, percebendo que não fizera bem em tratar de semelhante assumpto na presença de Bertha, retirou-se com Albert Schouten para outra sala.

— O vosso longo captiveiro no meio dos portuguezes, em vez de avivar o vosso odio contra elles, parece que despertou uma commiseração doentia, só propria das almas fracas.

— O meu convivio com os portuguezes só confirmou o que eu ha muito tempo conjecturava. É que em todos os paizes ha almas generosas e almas torpes.

— Torpes como a d'esse Francisco de Padilha, a quem vós despejadamente amaes.

— A quem eu amo com toda a energia do meu peito e com toda a veneração da minha alma, um homem que se differença de vós como uma aguia de um reptil.

— Fostes seu amante?!...

— Não fui, como nunca quiz ser sua mulher, que era a realisação de todos os meus sonhos, o anhelo de todas as minhas ambições. Mas é em nome d'elle, em nome do amor que lhe dedico, que castigo a vossa insolencia.

E Bertha, pegando n'um chicote que seu pae deixára em cima da meza, fustigou com elle, vigorosamente, a cara de seu primo, bradando:

— Lacaio, fóra d'aqui!

---

V

## Fermentos de revolta

Os habitantes que evacuaram S. Salvador, na noite de 9 para 10 de maio de 1624, acolheram-se por onde encontraram guarida nas visinhanças da cidade. Já atraz descrevemos que magua affligia todos. Como succede sempre em emergencias semelhantes, a desgraça commum despertou a necessidade da união e tornou solidarios todos na infelicidade que pungia a maioria. As fazendas, os engenhos, os tugurios mais modestos abriram-se aos foragidos, a quantas familias e individuos isolados vagueavam tristes e famintas pelas selvas e capim. Como consequencia d'esta consoladora hospitalidade, os homens, envergonhados pela fraqueza manifestada na defesa da praça, principiaram a juntar-se aos bandos em diversas povoações de indios mandes ao norte de S. Salvador. Alcançada uma relativa segurança para suas mulheres e filhos, trataram de combinar os meios de reagir contra os

invasores. A maior parte concentraram-se em aldeias para além do rio Vermelho, e nomeadamente na do Espirito Santo.

Do Reconcavo e das suas immediações affluiam para ali, não só os brancos arrependidos da sua passada tibieza, mas grupos importantes de indios que affimavam aos portuguezes a sua incondicional dedicação. Logo desde o dia 11, fortes nucleos de gente razoavelmente armada, e agora corajosa e resoluta, se incumbiram de policiar o matto e os bosques proximos para refrear a audacia do inimigo. Em poucas semanas a residencia de verão dos jesuitas converteu-se n'um amplo acampamento militar. Ali se foram reunindo, ao rebate do perigo geral, homens do povo, funccionarios da camara, juizes, grande parte do clero, muitos capitães e o bispo D. Marco Teixeira.

— Como cahistes prisioneiro, Fr. Vicente do Salvador? — perguntavam no acampamento, n'um grupo, a um franciscano anafado.

— Um dos primeiros navios tomados pelos hollandezes — narrou o franciscano — foi o da companhia de Jesus, que visita as casas e collegios que existem na costa. Vinhamos do Rio de Janeiro o padre Domingos Coelho, provincial, o padre Antonio de Mattos, seu successor, varios padres e irmãos da companhia, ao todo dez, quatro religiosos de S. Bento, eu e outro franciscano como eu.

— Era um carregamento de padres, por isso

lhe aconteceu desastre — commentou um gracioso.

— Ao amanhecer de 28 de maio, na ponta do morro de S. Paulo, a primeira bocca por onde se entra na Bahia — proseguiu o franciscano — avistamos duas lanchas e uma nau, que logo nos abordaram, sem resistencia, porque vinhamos desarmados, e apoderaram-se de tudo quanto traziamos, assucar, marmellada, dinheiro, encommendas e levaram-nos para o ancoradouro...

— Onde vos conservaram presos...

— Distribuiram-nos pelas suas naus, dois a dois e quatro a quatro, e ali estivemos até ha tempo, até que o seu commandante Viclekens partiu com onze naus para as salinas e o almirante Pieter Heyn com cinco e dois patachos para Angola.

— Mas foram mais.

— Foram. Partiram quatro naus carregadas de assucar para a Hollanda a bordo de uma das quaes mandaram o governador Diogo de Mendonça Furtado, o filho, o ouvidor geral Pero Casqueiro da Rocha, o sargento-mór e varios padres e jesuitas de S. Bento.

— Os hollandezes embirram com os padres.

— Talvez. A nós deixaram-nos para sermos trocados por gente sua, aprisionada nos combates de 9 de maio. O meu companheiro, cançado de estar a bordo, atirou-se ao mar e escapou.

— E vós porque não fizestes o mesmo?

— Porque não sei nadar. Lá me demoraram

mais quatro mezes até que por fim Manuel Fernandes de Azevedo, um dos moradores que ficaram em S. Salvador, se condoeu de mim e obteve dos hollandezes que eu fosse para sua casa, pudesse andar em sua companhia pela cidade, comtanto que não me approximasse dos muros e fortificações.

—E fugistes?

—Apenas pude. É então hoje que se vae saber quem succede ao governador geral D. Diogo de Mendonça Furtado?

—É. As vias de successão estão depositadas nas mãos dos jesuitas. Quem será o successor?

D'ali a pouco, reunidos os homens de maior representação na residencia dos jesuitas, procedeu-se á abertura do documento vindo de Lisboa, que se conservava cuidadosamente lacrado e guardado até que por morte ou impedimento da primeira auctoridabe do estado se abria, a fim de ser conhecida a vontade régia ácerca de quem o substituia.

—Quem é o escolhido?—perguntou unisonamente a assembléa, a arder em curiosidade.

O bispo D. Marcos Teixeira, depois de lêr de principio a fim o diploma, respondeu:

—Sua Magestade o rei de Hespanha e de Portugal Filippe IV nomeia para successor de Diogo de Mendonça Furtado, como governador geral e capitão general do estado do Brasil, o governador de Pernambuco Mathias de Albuquerque.

—Já o sabiamos; até a patente real lhe foi le-

vada pelo doutor Antonio Marrecos — disseram uns.

— Mas está em Olinda... — objectaram outros.

— Expede-se-lhe immediatamente um proprio relatando o acontecido a D. Diogo de Mendonça Furtado — retorquiu o prelado.

— Torna-se necessario constituir uma auctoridade a quem obedeçamos até a sua chegada, ou á do seu representante.

— Elejamos então um capitão-mór interino.

— Quem ha de ser? — exclamaram varias vozes.

Houve uma rapida consulta entre os presentes.

— Escolhemos o desembargador [1] Antão de Mesquita de Oliveira — declarou a maioria.

A assembléa dissolveu-se decorridos minutos, mas ficaram alguns grupos a conversar.

É homem fraco de mais para cargo de tamanha responsabilidade — commentou um que não ficára satisfeito com a nomeação.

— E nós precisamos andar depressa, quando não os hollandezes não nos deixam nada, mandam tudo para a sua terra — obtemperou outro.

— Nem pensam n'outra coisa. Essa rapina que constitue um grande mal para nós, póde vir a converter-se n'um bem, pois se só pensam em rou-

---

[1] Antonio Vieira chama-lhe chanceller da Bahia, e Rocha Pitta auditor geral.

bar, descurarão as precauções militares—argumentou outro.

—Como relatou Fr. Vicente Salvador, Villekens sahiu com onze velas e muita gente do mar para carregar sal no Rio Grande do Norte ou no Ceará, a fim de o transportar para a Europa.

—E Pieter Heyn?

—Ao que consta, recebeu instrucções da Companhia das Indias Occidentaes para se apoderar de Loanda, a fim de dispor de um porto para fazer o commercio com o continente, segurar em beneficio da Hollanda o mercado dos escravos para o Brasil e fechal-os por essa fórma aos portuguezes.

—Mas, ao que consta tambem, não lhe sahiu o emprehendimento como esperava. Na barra de Loanda encontrou mais algumas das suas naus, queimaram varios dos nossos navios e apresaram outros, devido á fuga do governador João Correia de Souza. A este, porém, succedeu Fernão de Souza que se aprestou e fortificou de tal modo que, quando os hollandezes ali chegaram, o unico damno que puderam fazer foi tomar uma nau de Sevilha, que ia entrando e dois outros navios pequenos.

—Tambem os do Espirito Santo os tosaram. Incitado Pieter Heyn por um flamengo que ali residira, que ali fôra condemnado á morte e perdoado, e considerando facil a victoria apresentaram-se em frente da villa. As mulheres e creanças fugiram immediatamente para o matto.

— O panico que esses flamengos causam!

— O capitão Francisca de Aguiar Coutinho mandou reunir a gente de que dispunha, escassa e desarmada, pois mesmo na residencia do governador só existiam doze arcabuzes. Os demais só brandiam espadas e rodelas.

— O combate não primava pela egualdade.

— Felizmente estava ali Salvador Correia de Sá, filho de Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro, com quarenta portuguezes bem armados e setenta indios com frechas, que vinham de reforço para aqui.

— Era melhor que nada.

— Salvador mandou fechar as emboccaduras das ruas viradas para a praia. Os hollandezes entraram no porto com grande alardo de artilharia e desembarcaram trezentos mosqueteiros. Travou-se a peleja e ao cabo de um quarto de hora, o guardião de S. Francisco, Fr. Manuel do Espirito Santo, talvez mais soldado do que monge, começou a gritar como um possesso: «Victoria! Victoria!» Os nossos metteram-se em brios, o inimigo fraquejou e houve por bem recolher-se ás lanchas.

E não voltaram á carga?

— Voltaram, no outro dia. Mas, logo ao pôrem pé em terra, uma setta varou um dos seus e não quizeram prolongar a experiencia.

— Retiraram?...

— Não. Houve um traidor nosso, um tal Rodrigo Pero, que se comprometteu a guiál-os pelo

rio acima até o ponto onde as mulheres se tinham refugiado.

—Infame!

—Partiram com quatro embarcações. Então o capitão-mór João de Azevedo ordenou que alguma gente acudisse áquelle local. Os hollandezes, porém, apresaram algumas canôas e um caravellão de Salvador de Sá. Este ficou furioso, esperou-os de emboscada e deu abordagem ás lanchas inimigas.

—Luctaram como desesperados!

—Está de vêr. Na lancha maior só dois hollandezes ficaram com vida e n'outra só quatro escaparam á morte.

—E dos nossos quantos morreram?

—Dois homens e varios feridos. O inimigo deixou ali mais de cem homens e entre esses o almirante Guilherme Ians e o traidor Rodrigo Pero. Ainda se demoraram mais uma semana despejando sobre o povoado para cima de oitocentos e cincoenta pelouros.

—Era uma vingança... de longe.

—No dia seguinte, ao ultimo revez das lanchas o almirante hollandez escreveu a Francisco de Aguiar um bilhete concebido pouco mais ou menos nos n'estes termos: «Nossa Senhora estará tão contente do successo passado quanto eu estou sentido; mas são acontecimentos da guerra. Se me quizer mandar os meus, que lá tem captivos, resgatá-los-hei; quando não, caber-nos-ha mais mantimentos aos que cá estamos.»

—O almirante não se mostrava muito penalizado com a perda dos seus?

—Mostrava, sim. Enviou novo recado pedindo um sobrinho seu, que suppunha ter sido aprisionado, e que os jesuitas lhe remettessem alguns refrescos pelo bem que tratara os outros jesuitas da Bahia.

—E que respondeu o capitão Francisco de Aguiar a esse novo recado?

—Quanto ao sobrinho do almirante, «que devia ter morrido na peleja, porque o não tinha ali; quanto á segunda parte, que não havia na terra outro refresco senão o que nos dias anteriores elles experimentaram, e com elle estava apparelhado para os receber a qualquer hora que viessem.»

—Bem respondido.

Os conversadores do grupo dispersaram-se, seguindo cada um o seu rumo.

* * *

Alguns dias se passaram depois da eleição do desembargador Antão de Oliveira para capitão-mór interino. A escolha feita pela maioria não tardou a desagradar mesmo aos que o tinham elegido com mais enthusiasmo. Tramou-se então uma especie de conjura contra o escolhido no anterior plesbicito e á frente d'ella collocaram-se os officiaes da Camara.

—Urge proceder com energia e não cruzar os braços ante o inimigo—clamava um.

—Os hollandezes aproveitam-se da nossa indolencia, atacam-nos isoladamente, acommettem as nossas vivendas e cada vez se afoutam mais para o interior—argumentava outro.

—Assim, á mercê de ser assassinado a cada momento, prefiro voltar para a cidade e submetter-me ao jugo dos invasores—berrava outro.

—O actual capitão-mór é velho, doente e não possue nenhum geito para nos mandar—objectava outro.

—Mas fostes vós mesmo que o elegestes—commentou um ouvinte mais atilado.

—Porque não vamos offerecer esse logar ao bispo D. Marcos Teixeira?—lembrou o que já planeara e ponderara essa propostas antecipadamente.

—Muito bem, ao bispo! O bispo é que nos serve—acquiesceu quasi por unanimidade o auditorio.

—Não ha tempo a perder, pois, porque está prestes a partir para Sergipe—incitou um dos vereadores.

A multidão foi d'ali á residencia do prelado, e os manifestantes nomearam para convèncer o bispo a acceitar o cargo o mesmo edil que suggerira a sua personalidade.

—Senhor—principiou o orador,—vimos pedir que troqueis o baculo pela lança, o roquete pela

saia de malha e de prelado ecclesiastico fazer-vos capitão de soldados (1).

O bispo fez um gesto de recusa.

— Pedimo-vos todos nós que não desampareis n'este momento, de profundo desanimo e de crise irreductivel, a santa causa da patria e da nossa crença. Se vos retiraes, a colonia fica irremediavelmente perdida, porque todos seremos obrigados a abandonar estes sitios.

O espirito de D. Marcos Teixeira elevava-se na realidade aos altos páramos do amor patriotico. Vacillou e acabou por ceder. No mais recondito da sua alma a predilecção pelas armas dominava o seu cargo de missionario. Possuia o coração de um soldado opprimido pela batina do sacerdote.

— Senhor — proseguiu o improvisado tribuno, — todos conhecemos o vosso animo, quanto amaes o nosso paiz, quanta dedicação encerra o vosso peito para com todos os patriotas, quanto é pungente a nossa dôr e afflictiva a nossa situação. Ficae comnosco e guiae-nos.

— Bem, comvosco ficarei, mas para participar dos mesmos perigos e agruras que vós, visto como fui eu que vos aconselhei a abandonar a cidade.

O prelado tornou-se então alvo de uma delirante ovação.

---

(1) **Padre Antonio Vieira.**

—Veremos agora o que faz—obtemperou um incrédulo,

—Não pode ser peor que esse decrépito auditor-geral a quem se viram obrigados a dar-lhe por coadjutores seis capitães e a ladear, principalmente de dois promovidos a coroneis, Antonio Cardoso de Barros e Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, a fim de dirigir todos os assumptos militares—replicou o visinho.

—Antes de o eleger ponderassem todos esses inconvenientes,—acudiu o outro.

—Não se fizera ainda a experiencia—recalcitrou o primeiro.

D. Marcos Teixeira tomou a sério o seu papel de commandante d'aquelles pusillanimes regenerados. Agradecendo no seu fôro intimo o poder redimir o imprudente acto commettido de capitanear o povo na deserção da cidade, dedicava-se com todas as forças e energias ao bom desempenho do seu novo posto. Tomou o habito de penitente e passou muitas horas entregando-se a preces publicas. Os foragidos em peso quizeram assistir á solemne ceremonia effectuada na Pitanga, termo da cidade.

—Que devoção a do prelado!—commentavam os presentes.—Dictou o seu testamento, como se esperasse para breve a visita da morte e deixou crescer a barba.

O bispo, por instincto ou por conhecimento do caracter dos homens, vestiu um arnez e por cima

d'este uma roupeta esmaltada no peito por uma cruz; ao lado da espada trazia o baculo, e, como distinctivo, o chapéu verde. Este traje, grotesco n'outro momento, assumia proporções épicas nas circumstancias especiaes em que se encontravam os habitantes de S. Salvador.

—Sois o chefe d'esta nova cruzada contra o inimigo hereje—bradaram alguns enthusiastas.

—Meus amigos—perorou o bispo, dirigindo-se ás suas ovelhas decididas todas a converterem-se em lobos—a primeira medida a tomar sem hesitações nem fraquezas é cortar em absoluto quaesquer relações com os hollandezes. Pactuar com elles de qualquer fórma que seja constitue um crime de lesa patriotismo.

—Á morte os hollandezes! Á morte os hollandezes!—respondeu electrisada a turba.

—Tambem se torna necessario não cultivar mais assucar nem tabaco. Assim perderá o inimigo toda a esperança de traficar comvosco.

—Assim faremos, assim faremos—protestou o auditorio.

—Outro dever ainda se vos impõe; toda a gente válida da Bahia deve pegar em armas.

—Como um só homem! Como um só homem—applaudiram os ouvintes.

O acampamento do Espirito Santo transformou-se, como por effeito de um d'esses bons genios dos contos de fadas. O receio e o silencio que até ahi dominavam soturnos o espirito da população meta-

morphoseou-se em confiança e algazarra. D'aquelle dia em deante convergiu para o arraial immensa quantidade de povo armado com tudo quanto poude haver á mão, e enorme porção de generos, para o que concorreram todas as fazendas ainda as mais sertanejas. A dedicação patriotica contaminou os mais timidos. Os cordeiros volveram-se leões.

— Os indios! Os indios — gritaram as esculcas, uma tarde, no acampamento.

Preenchidas as diversas formalidades militares, apresentaram-se ao bispo uns doze a treze indios.

— Que quereis? — perguntou D. Marcos Teixeira ao chefe.

— Somos parentes dos indios mortos pelos hollandezes na bateria do forte, queremos vingar a sua morte, principalmente a de meu pae, — declarou o chefe.

— Pois vingae-a — accedeu o prelado.

Sahiram do acampamento e acercaram-se da cidade. A quantos contrarios encontraram desgarrados, a quantos arrancaram a vida. O chefe tornou-se heroe de uma acção que a lenda ainda hoje perpetúa na Bahia. Acercou-se dos muros e, d'ali, n'um movimento de intrepida loucura, desafiou os soldados distribuidos pelos baluartes, alvejou-os com as suas settas a peito descoberto, matou alguns e acabou por ser atravessado por uma arcabuzada.

Outra duzia dos mesmos indios toparam, em Villa Velha, n'uma moradia de palha, com egual

numero de hollandezes. Accommetteram-n'os. Entrincheiraram-se os flamengos lá dentro. Mas no mais acceso da peleja a casa incendiou-se. A lucta degenerou em morticinio. Os que escapavam da fogueira pereciam trespassados pelas settas.

Todos os dias se feriam escaramuças d'este genero, ora perto de S. Bento, em que portuguezes e frécheiros mataram sete inimigos, e entre esses um capitão de nome, aprisionando dois, ora junto do Carmo, em que houve outras tantas victimas da banda dos adversarios. Emfim, a hostilidade era tão mortifera e pertinaz, que a fortaleza de Santo Antonio chegou a ser evacuada pela sua guarnição.

D. Marcos Teixeira não descançava pelo seu lado. Reuniu os officiaes mais grados n'um conselho de guerra, e, quasi sem prévio arrazoado, disse-lhes:

—Contamos já perto de dois mil combatentes, com os indios, que, não obstante a inferioridade do seu armamento, a supprem com as suas emboscadas e especial maneira de guerrear.

—Divididos em 12 companhias, commandados por capitães de incontestavel valor e capacidade—observou um dos circumstantes.

—Estão decididos a tentar a reconquista da cidade?—perguntou abruptamente o prelado.

—Estamos—affirmou unisonamente o conselho após uns segundos de hesitação.

—Bem, nomeio para dirigir esse movimento os coroneis Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e Melchior Brandão.

— E quando se executa esse ataque? — inquiriram alguns dos membros do conselho de guerra.

— Na madrugada do dia de Santo Antonio — declarou o bispo.

— Proponho ainda outra coisa — disse o nosso conhecido Lourenço de Brito.

— O quê?

— Que tentemos tambem libertar os prisioneiros que estão a bordo das naus hollandezas.

— O meio?

— O coronel Johan van Dorth concedeu-me a mim e a alguns outros salvos-conductos para entrar na cidade sempre que queiramos, bem como nos auctorisou a visitar os que se encontram presos no mar.

— Até ahi não ha obice de maior.

— Uma vez ali, combino enviar-lhes uma jangada tripulada por indios, onde elles se evadam de noite, fugindo para terra.

— Pois tentae o emprehendimento, oxalá elle seja bem succedido.

O conselho passou então a discutir a investida á cidade. Quando os seus vogaes se levantaram d'ali, o plano estava perfeitamente assente em todos os seus pormenores.

Na noite escolhida para a tentativa achava-se tudo a postos e as differentes columnas, ou mangas, como se lhes chamava então, concentraram-se nos pontos antecipadamente designados.

— Vós capitão Francisco Dias de Avila — disse

o coronel Melchior Brandão — sabeis onde está o mosteiro do Carmo, não é assim?

— Perfeitamente. Fica mesmo defronte da porta de egual nome — respondeu o interpellado.

— Sabeis tambem que recebem agasalho no convento dois portuguezes com as mulheres e familias?

— Até se murmura que servem de espias aos flamengos.

— Exacto. Segundo informações que recebemos estão encarregados de tocar o sino para avisar o inimigo se descobrirem qualquer manobra suspeita do nosso lado.

— Mescões!

— Vós, capitão Avila, marchaes adeante de nós com alguns arcabuzeiros e indios com frechas e apoderae-vos d'esses degenerados aleivosos, mas de maneira que não se faça a menor bulha e que elles não possam dar rebate. Do silencio com que fôr executada esta missão depende o bom sucesso da empreza.

O capitão Francisco Dias de Avila recommendou a maior circumspecção aos seus subordinados. Os indios a principio procederam com a sua cautela peculiar. A porta do convento só cedeu a muito custo, mas á força de pertinazes diligencias e de repetidos empuxões foi dentro. Então os indios, não se podendo conter soltaram um urro atroador. Só uma descarga de muitas peças de artilharia ao mesmo tempo excederia o intempestivo estrépito.

O alardo estrugiu por todo o mosteiro. Os tredos esculcas dos hollandezes, servindo melhor o inimigo que os seus compatriotas, correram ao sino e tangeram-n'o com desespero. Tombaram, é certo, crivados de estocadas e de fréchadas, mas os flamengos acordaram em sobresalto e guarneceram logo os seus postos.

—Não importa! Avante, rapazes! Que Deus seja comnosco!—animou o coronel Belchior Brandão, correndo á frente da sua manga pela ladeira do Carmo abaixo.

Outras columnas subiam a encosta da cidade em direcção de uma das portas fortificadas. O sol nascera e illuminava com as suas fulgurantes scintillações o temerario designio dos portuguezes. Os flamengos depressa fizeram jogar a artilharia sempre carregada, e a metralha varreu as fileiras dos assaltantes. As investidas repetiram-se com inexcedivel denodo. Houve soldado a cavallo que pregou a sua lança nas taboas das portas, acutilando e atropelando quem as defendia. Mas que podia o pessoal contra a acção exterminadora de pelouros certeiros? As mangas ainda se fraccionaram para accommetter outros pontos das muralhas, que se presumiam fracos ou desamparados, mas em toda a parte o inimigo se conservava álerta.

O ataque mallograra-se completamente.

Francisco de Padilha, que nunca estivera inactivo, batendo-se constantemente, quizera acompanhar o seu amigo Lourenço de Brito na tentativa

de evasão dos prisioneiros a bordo das naus. Julgara a empreza mais arriscada e escolhera-a por essa razão, ou levara-o á cidade a vaga esperança de ver Bertha van Dorth?

Os factos nas embarcações dispuzeram-se de modo a augurar um pleno exito á diligencia.

—Estão salvos—disse baixinho Francisco de Padilha para Lourenço de Brito, vendo os prisioneiros aprestarem-se a descer para a jangada sem serem presentidos.

N'este momento retumbou o clamor dos indios ao penetrar no mosteiro do Carmo.

—Perdidos é que elles estão, e tambem nós—retorquiu Lourenço de Brito, vendo os marinheiros correrem á amurada, segurar os fugitivos e principiar a disparar os mosquetes em todos os sentidos.

Francisco de Padilha apertou os punhos com furia.

—Atiremo-nos ao mar, quando não fuzilam-nos!—aconselhou Lourenço de Brito, a seguir, tomando logo o conselho para si.

Francisco de Padilha imitou-o, afastando-se para assim repartir a attenção dos contrarios. O tiroteio de bordo fez com que alguns soldados de terra acudissem á beira-mar, e, vendo os que nadavam, trataram de lhes não perder a pista para os capturar. O capitão nadou até ser dia claro e chegou um momento em que não podia fugir do seguinte dilema: ou deixar-se afogar, ou entregar-se á prisão. Optou por este ultimo alvitre. Na praia

poderia ainda luctar, na agua admirado estava de não ter sido já devorado por qualquer tubarão.

Saltou na areia e atirou-se immediatamente a um soldado com a vaga esperança de o desarmar em seu proveito. Realisou em parte o intento. Mas logo viu dez arcabuzes apontados ao seu arcabouço.

—Rendei-vos ou mato-vos ahi como um marrano—intimou um dos hollandezes.

—Pois matae-me, cão de hollandez—bramiu Francisco de Padilha, vibrando uma cutilada no arcabuzeiro.

Um dos camaradas do ferido desfechou, mas alguem, que surgira por traz, levantara-lhe o braço e a bala perdeu-se no ar.

---

## VI

# A emboscada

Nunca um homem, salvo da morte, sentiu menos reconhecimento pelo seu salvador.

—Jacob van Dorth!—exclamou Francisco de Padilha com raiva concentrada.

E, não medindo bem as consequencias do seu procedimento, ergueu de novo a espada para ferir o official neerlandez. Os presentes, não conhecendo o motivo de tão singular conducta do capitão portuguez, e só vendo n'elle a mais negra ingratidão em recompensa do acto de generosidade do seu chefe, dispunham-se a fazer justiça pelas suas mãos, quando Jacob com a voz severa, ordenou:

—Não lhes façaes mal. Conduzi-o ao vosso quartel e guardae-o cautelosamente. É um espião do inimigo e como tal será tratado.

O capitão, reconhecendo ser inutil qualquer tentativa de resistencia, deixou-se conduzir pelos

soldados ao ponto determinado por Jacob. O peito d'este rejubilava n'uma alegria feroz. Chegara o momento de se vingar retumbantemente do seu detestavel rival.

Não podendo esconder o seu jubilo e querendo saborear golo a golo todos os crueis requintes do seu mesquinho desforço, dirigiu-se para a residencia do coronel, a fim de participar a importante nova a sua prima, a quem, apesar da chicotada recebida e de todas as affrontas inffligidas, continuava a amar com toda a intensa violencia dos seus sentimentos abjectos. Amava-a e odiava-a simultaneamente. Soffria pungentemente quando não a via, quando não respirava a mesma atmosphera que ella, quando não divisava os olhos de Bertha desviarem-se com tedio e repugnancia da sua desdenhada personalidade, e ao mesmo tempo o odio crescia-lhe no peito em ondas alterosas quando se recordava, e essa recordação nunca se lhe apagava da mente, que essa mulher formosa, intelligente, dedicada, cuja alma formava o mais completo contraste com a sua, constituiria sempre para elle um segundo supplicio de Tantalo, pois nunca possuiria esse corpo esbelto nem esse coração meigo e justo.

Estes pensamentos referviam-lhe no cerebro como n'uma cachoeira agitada tumultuam as aguas despenhadas de muito alto. De subito cruzou-lhe o cerebro um projecto... infame, é claro, porque no seu espirito não germinavam outros.

— Experimentarei... — monologava Jacob. — Já que não me quer pertencer legalmente, mitigando assim esta sêde que me devora, será minha contra vontade, obedecerá ás imposições que me aprouver dictar-lhe, curvar-se-ha á dureza das minhas condições. Será minha porque eu quero que o seja.

O coronel Johan van Dorth partira n'uma expedição contra o morro de S. Paulo, nos arredores de S. Salvador. A circumstancia era azada para o caracter turvo de Jacob executar o seu plano. Logo que chegou á residencia mandou-se annunciar a Bertha.

—Que pretendeis, meu primo? Não ignoraes que meu pae está fóra, e que o meu desejo, bem assente, é não manter comvosco senão as relações indispensaveis á nossa posição e parentesco — disse a joven sem occultar o aborrecimento que a inesperada visita lhe occasionava.

—Conheço de ha muito a insuperavel aversão que vos inspiro, pois nem sequer vos daes ao incommodo de a dissimular — redarguiu Jacob.

— A culpa não é de certo minha — atacou a joven.

—É minha e de mais alguem, e é d'esse alguem que vos venho falar — retorquiu o official neerlandez.

—Oh! poupae-me discretear sobre um assumpto que vos irrita a vós e me molesta a mim — rogou Bertha com uma altivez que desmentia a humildade das palavras.

—Não é possivel e ides ajuizar por vós mesma—declarou Jacob, e depois de um silencio prepositado, accrescentou:—Francisco de Padilha foi preso como espião... Sabeis o que isso significa?

Bertha estremeceu, apesar de todo o seu animo sereno, mas retorquiu:

—Sei. Segundo a lei marcial deverá ser julgado immediatamente e convencido do crime, enforcado dentro de vinte e quatro horas.

—Sem appello nem aggravo.

—Mas tendes a certeza de que Francisco de Padilha entrou na cidade como espião?

—Após os ataques d'esta noite e das tentativas de evasão a bordo das naus, encontrei-o vindo do mar. Matou um soldado e delligenciou matar-me a mim... depois de eu eu lhe ter salvado a vida—expoz Jacob.

—E salvaste-lhe a vida para ter o prazer de o vêrdes enforcar em seguida.

—Quem o enforca é a lei e não eu.

—Pois é pena, porque daveis um zeloso verdugo.

—Prima!...

—Insultaes-me lembrando-me que sou vossa parente.

—Vinha aqui com intenções pacificas e vós recebeis-me com incomprehensivel hostilidade.

—Vós... com intenções pacificas?!... o diabo feito frade?!... Ahi ha de andar qualquer satanico ardil... mas... falae... claro... com fran-

queza... ide direito ao fim... Acreditae que não me surprehenderá nada vindo de vós.

—Falarei então com a maxima lisura.

—Folgo.

—Francisco de Padilha está perdido. Abusou do salvo-conducto que vosso pae lhe concedeu, preparou a fuga aos prisioneiros de bordo, arrancou a espada a um soldado á traição, assassinou-o e capturaram-no em plena rebeldia dentro da cidade...

—Assassinou, não; Francisco de Padilha é incapaz de assassinar seja quem fôr; matou-o em combate leal, com a sua extremada valentia e sangue frio; mas continuae...

—Será irremediavelmente condemnado á morte... a um supplicio ignominioso. Ora eu posso salval-o...

—Por que preço?

—Concedendo-me vós, prima, a vossa mão, como se combinou na Hollanda.

—A minha mão?!

E Bertha levantou-se n'um salto, como se a picasse qualquer d'esses reptis venenosos tão vulgares nas regiões tropicaes. Empallideceu e córou. Os labios tremeram-lhe como n'um accesso de febre, rangeu os dentes, faiscaram-lhe os olhos, parecia a personificação da dignidade feminina offendida. O proprio Jacob, que não era cobarde, retrahiu-se amedrontado e exclamou entre compungido e ironico:

—Como vós me odiaes!...

—Odeio sim. Afigurava-se nunca me poder caber no peito tal sentimento. Mas entrou dentro de mim e taes raizes ganhou que não o consigo expulsar. Sois a creatura mais ignobil da Hollanda.

—Bertha!

—Não me maculeis o nome. Sabeis que amo outro; declarei-vo-lo primeiro com a maxima lealdade; insististes em casar commigo; o que representa da vossa parte uma incrivel aberração moral; empregastes todos os esforços para rebaixar e perder aquelle que possue o meu affecto; tendes-me vexado, insultado, vilipendiado; obrigastes-me a azorragar-vos o rosto; tendes inventado as maiores infamias, commettido as maiores villezas, e ainda me vindes fazer uma proposta d'estas?

—Porque não?! Esta proposta só significa que continuo a amar-vos apezar de tudo, que o meu amor se eleva ao maior nivel que pode attingir no coração de um homem.

—Não. Essa proposta só significa que acabastes de perder o pouco que vos restava de brio e de honra, significa que descestes ainda mais abaixo da villania do algoz, significa que inferior á depressão do vosso espirito nem o mais abjecto criminoso se colloca.

—Cautela!

—Ultrajae, torturae, enforcae Francisco de Padilha, prefiro tudo, tudo, absolutamente tudo, a admittir sequer a hypothese de que vos pudesse pertencer.

Os membros todos de Jacob tremiam como nos primeiros symptomas de um ataque epileptico, e de subito, completamente desvairado, como a hyena que salta sobre a presa, arrojou-se a Bertha, esvurmando:

—Ao menos o primeiro beijo será meu!

Mas um braço robusto, dispondo de força herculea, segurou-o a meio da infame tentativa, ao mesmo tempo que uma voz bem conhecida exclamava com funda irritação:

—Sandeu indigno!

—Meu pae!—bradou a joven n'um suspiro de allivio.

—Meu tio—rugiu o scelerado attonito.

—Sim, sou eu—declarou o coronel Johan van Dorth, porque era elle, continuando aferrar o braço do sobrinho,—que recolhia á cidade prevenido do ataque d'esta noite, e que venho encontrar aquelles que deviam prover á sua defeza dispostos a praticar acções despreziveis e hediondas.

—Meu tio!

—Não sou já vosso tio. Sou um chefe severo que vos vae julgar, como militar e como homem. Expulso-vos desde este instante do exercito neerlandez; o vosso procedimento, continuando n'elle, enlameal-o-hia.

—Senhor!

—Recolhei ao vosso aposento e prohibo-vos de sahir d'ali até minha ulterior deliberação, e preparae-vos para embarcar, porque partireis para os

Paizes-Baixos no primeiro navio que para ali veleje.

—Senhor!

—Porque esperaes? Sahi. Ou quereis que vos mande enxotar por um negro?

Esta nova affronta fez transbordar a enorme quantidade de fel e de odio que se agglomerava no peito de Jacob. Assaltaram-lhe o cerebro mil idéas de atroz vingança, e mais exarcebava o seu rancor a certeza de que não as podia realisar immediatamente. Retirou-se por fim, não envergonhado e contricto, mas de cabeça erguida e murmurando:

—É preciso que Francisco de Padilha e meu tio desappareçam quanto antes. De Bertha me encarregarei eu depois.

Logo que pae e filha se encontraram a sós, o coronel Johan van Dorth, inquiriu:

—Que loucura foi esta?

A joven relatou a seu pae minuciosamente quanto occorrera. O coronel ouviu-a com reflectida attenção, meditou, e depois commentou:

—Francisco de Padilha não devia ter abusado do meu salvo-conducto. As determinações militares são expressas e comminatorias sobre o assumpto.

—Que pensaes fazer, meu pae?

—Não sei ainda. Não posso deixar de cumprir a lei, nem mesmo que fosse para um filho meu.

—Mas não ides julgal-o sem o ouvir—insinuou Bertha.

—Vou mandal-o chamar.

—Retiro-me.

—Procedei como entenderdes.

O coronel chamou um dos seus ajudantes e ordenou-lhe que conduzisse á sua presença o capitão portuguez.

—Fostes um imprudente, capitão Francisco de Padilha, aproveitando-vos de uma concessão minha e abusando d'ella—increpou o coronel logo que o caudilho portuguez entrou na sala do despacho e se assentou, a convite de quem o ia interrogar.

—Houve, na verdade, quem abusasse do vosso salvo-conducto, mas não eu, coronel Johan van Dorth—respondeu o accusado com a maxima serenidade.

—Mas vós estivestes a bordo?

—Não cheguei a subir lá.

—Peço que vos expliqueis.

—Da melhor vontade. Do sitio d'onde acampamos parti eu junto com as mangas destinadas a investir a cidade; contornei depois os muros e embarquei n'uma das jangadas preparadas para conduzir para terra os primeiros evadidos. Nunca me servi do vosso salvo-conducto, embora tal apparentasse, nem me utilisei da vossa licença para entrar a bordo.

—Mas houve quem a utilisasse...

—Houve.

—Quem foi?

*

—Não é pergunta que vós façaes a um homem como eu, perdoae o reparo—disse Francisco de Padilha com urbanidade, mas com firmeza.

— Tendes razão, desculpae-me — acquiesceu com fidalga sinceridade.

Johan van Dorth quedou-se um instante a meditar. Francisco de Padilha perscrutava os recantos com a esperança de lobrigar em qualquer sitio a adorada physionomia de Bertha, mas não a divisou. Por fim o coronel ergueu a cabeça, passou a mão pela testa, e declarou:

—Estaes livre, Francisco de Padilha. É uma illegalidade que commetto, mas eu explicarei a minha conducta perante a Companhia e os meus compatriotas. Evitae, porém, o mais possivel vir á cidade. Já que vós e os vossos compatriotas teimam em não ser nossos amigos, não tenho outro remedio senão tratal-os como inimigos.

—Sois sempre a mesma alma boa e generosa, meu pae, e eu orgulho-me em ser vossa filha—interrompeu Bertha afastando um cortinado por traz do qual ouvira toda a conversa.

—Minha senhora...—balbuciou o capitão levantando-se e ruborisando-se mais que um collegial na sua primeira entrevista amorosa.

—Folgo muito em vos vêr, Francisco de Padilha,—saudou Bertha com tanta naturalidade, que era cordeal de mais para não ser affectada, e estendendo-lhe a mão—como estão vosso pae, Maria do Rosario e Luiza da Guarda?

—Sem novidade—respondeu Francisco de Padilha sem ainda ter sacudido de todo o seu enleio.

—Reforçando a solicitação de meu pae, tambem eu vos peço em nome da nossa velha amisade, Francisco de Padilha, que eviteis o mais possivel vir á cidade... Sabeis quanto me custa não vos poder vêr ameudadas vezes, mas torna-se necessario que assim aconteça—disse Bertha com um desassombro e uma hombridade que a divinisavam.

—Pois bem, dou-vos a minha palavra de honra que não transportarei mais os muros de S. Salvador senão por um motivo tão forte que perigue a minha honra.

O capitão despediu-se e voltou para o acampamento.

* * *

Após o mallogro do ataque á cidade, reuniu-se de novo o conselho de guerra na aldeia do Espirito Santo [1].

—Proponho-vos, meus senhores—disse o bispo—que para dar maior incremento ás operações que vamos iniciar transfiramos o nosso arraial para o Rio Vermelho.

—Approvamos—responderam todos.

---

[1] Actualmente villa de Abrantes.

— D'ali — continuou o prelado — estabeleceremos um apertado bloqueio em redor da cidade. Os invasores render-se-hão pela fadiga e pela fome.

— Viva Portugal! — bradaram os circumstantes n'um arranco de enthusiasmo.

Pouco depois erguia-se o acampamento no Rio Vermelho, a cerca de uma legua da cidade, no alto de uma eminencia. Só se podia lá subir por três lados. Fortificaram esses três pontos com trincheiras, respectivas platafórmas, fossos e parapeitos, sobre os quaes assestaram alguns canhões de uma nau que escapara aos flamengos, occultando-se pelos rios do Reconcavo, e tornando-os d'esse modo inaccessiveis. A meio do acampamento construiram com rama de palma uma capella e um certo numero de palhotas, onde se abrigavam os militares, clerigos, os frades e os empregados da justiça. N'essa cidade em miniatura realisavam-se as cerimonias religiosas e procedia-se aos julgamentos de crimes e de causas civeis. Ali se armazenavam as provisões de bocca e de guerra, lá se preparavam as investidas contra os invasores e ali se curavam os feridos, enterravam os mortos e retemperavam as forças e a energia dos vivos.

D. Marcos Teixeira a tudo acudia, tudo deliberava e em tudo superintendia.

— Ah! elles hão de saber quanto custa luctar com portuguezes, quando elles se dispõem a combater até á ultima — conceituava o bispo conversando com os seus capitães.

— O arraial está prompto, e cá não entram — declarou um dos presentes.

— Agora precisamos estabelecer pelo caminho diversas fortificações ligeiras, construidas de modo que as suas guarnições estejam em contacto umas com as outras e possam prevenir-se e auxiliar-se mutuamente.

— Mandam-se construir immediatamente — concordaram os militares.

— No acampamento não falta que comer. Cá veem vender carne, peixe, fructas, farinhas, tudo quanto o Reconcavo produz — lembrou um.

— O vinho e o azeite é o que escasseia mais, pois vem de Pernambuco em barcos até á fazenda de Francisco Dias de Avila e de lá por terra até aqui — lamentou outro.

— Mas mais falta de tudo isso existe na cidade; se os flamengos querem comer e beber teem que combater para o alcançar — contrariou outro.

O bispo, concluidas as obras defensivas mais urgentes, chamou os diversos coroneis e capitães e assentou com elles nas seguintes disposições:

— Vós, Vasco Carneiro e Gabriel da Costa, com uma companhia de presidio, formada de quarenta soldados, levantaes uma trincheira, com duas peças de bronze, em Tapagipe, defronte da fortaleza de S. Filippe.

— D'ali incommodaremos o inimigo a valer — responderam os nomeados.

— Vós, Manuel Gonçalves, Luiz Pereira de

Aguiar e Jorge de Aguiar, levantaes outra perto d'aquella e trataes de a guarnecer com cinco falcões e duas roqueiras; e vós, Jordão de Salazar, da ermida de S Pedro, ergueis outra pegada ao mar e ancoradouro.

—Serão cumpridas as vossas ordens—certificaram os indigitados.

—A vigia, rondando de um para outro lado, confio-a aos capitães Francisco de Casto e Agostinho de Paredes, com sessenta homens.

—Faremos o mais que pudermos—informaram os dois.

—Entrego o commando de quarenta homens de reserva em Rio Vermelho, mas aquartelados na roça de Gaspar de Almeida, a Francisco de Padilha e Luiz de Siqueira.

Além d'estes, receberam outros encargos os capitães Pero de Campos, Diogo Mendes Barradas, Antonio Freire, etc. Exerciam superintendencia sobre os seus camaradas, ao norte da cidade, onde fica o mosteiro da Senhora do Carmo, Manuel Gonçalves, e do lado sul, no districto de S. Bento, Francisco de Padilha. A faina de correr onde se tornasse necessario commettera-a D. Marcos Teixeira a Lourenço de Brito, commandante dos aventureiros.

Estas forças, constituidas por seis unidades importantes, formavam dois corpos principaes, commandados por coroneis. Os historiadores não estão de accordo sobre os seus nomes. Os citados pelo

chronista são Antonio Cardoso de Barros com variações na disposição dos dois ultimos apellidos, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque e Melchior Brandão.

O coronel Johan van Dorth, engenheiro conhecedor da sua profissão, realisava do seu lado consideraveis obras de defesa, represando, na parte oriental, junto dos muros, por meio de um dique levantado em frente do convento de S. Francisco, as aguas correntes de fontes, arroios e riachos. Esse dique ia desde a porta do Carmo, ao norte, até á de S. Bento, ao sul. Com essa represa formaram os hollandezes uma especie de lagôa invadeavel, o que tornava a passagem difficil, difficultando-a ainda mais a bateria que a reforçava. Os logares mais fracos das posições dos hollandezes eram então o norte e o sul da cidade.

Estabelecido o acampamento do Rio Vermelho os flamengos, embora melhor armados e disciplinados que os portuguezes, não tornaram a gosar nem mais um instante de socego. Todos os dias e todas as noites soffriam investidas, assaltos, ataques inesperados, emboscadas habilmente urdidas em que deixavam sempre alguns dos seus. Ao mesmo tempo o bispo mantinha o bloqueio em redor da praça, tão rigorosamente cingido, que por terra não entravam ali viveres.

Francisco de Padilha dava ordens aos seus subordinados quando se approximou d'elle um preto com ares mysteriosos e lhe participou:

—Siô, uma carta vinda da cidade.

O capitão lembrou-se logo de Bertha e abriu apressadamente a missiva. Esperava-o um desapontamento. Era letra de homem e a mensagem resava assim:

«Previno-vos, se quereis ter occasião de vos vingardes de um dos vossos mais terriveis adversarios, que Jacob van Dorth irá amanhã ao alvorecer examinar as obras que os hollandezes estão fazendo no forte de S. Filippe.»

*Um amigo.*

—Será uma cilada que nos pretendem armar? Será a cauta prevenção de um verdadeiro amigo?

Era este o monologo a que se entregava o capitão portuguez retratando-se-lhe na mente o aborrecido semblante do official neerlandez. Por fim concluiu:

—Seja como fôr, irei; tomarei as minhas precauções, mas irei. Talvez não se me depare outro ensejo de liquidar as minhas contas com elle.

—Porque andaes tão pensativo, meu primo? —perguntou um rapaz de vinte e cinco para vinte e seis annos, batendo-lhe confiadamente uma palmada nas costas.

—Olá, Francisco Ribeiro, appareceis em excellente occasião. Quereis pregar ámanhã uma boa partida aos hollandezes?—interrogou o capitão.

—Nem se pergunta. Vamos a elles ámanhã, logo, já, sempre! — respondeu o interpellado.

Francisco Ribeiro, filho de uma irmã de André de Padilha, por consequencia primo direito do capitão, apresentava um typo de meridional, de cabellos e olhos negros, physionomia resoluta e de porte decidido.

—Aqui tens o que acabo de receber — disse Francisco de Padilha mostrando-lhe a mensagem.

—Precavemo-nos. Se não houver aleive atacal-os-hemos com afoiteza, se houver já estamos prevenidos.

Francisco de Padilha tomou as suas medidas para o ataque do dia immediato. Para maior segurança preveniu Affonso Rodrigues da Cachoeira, que, como os leitores se lembrarão, commandava um troço importante de indios selvagens, do movimento emprehendido.

Ao romper da aurora encontrava-se tudo a postos.

—Senhor — participou um esculca a Francisco de Padilha — são cem soldados, de cavallo e a pé, commanda-os um official, que não pude saber quem é, porque traz a cabeça resguardada por um capacete que lhe tapa o rosto.

—O illustre cavalleiro sr. Jacob toma as suas precauções para que não o desfeiem.

O forte de S. Filippe erguia-se a cêrca de uma legua da porta do Carmo. Á ida para lá ninguem incommodou a columna neerlandeza. Demorou-se

ali largo tempo. Tantas tinham sido as cautelas de que se rodeara o commandante na marcha para o forte, como no regresso se tornara negligente. Caminhavam todos, soldados e officiaes, á vontade, não se lembrando de mandar explorar o arvoredo que orlava a estrada e o matto que crescia alto e denso n'uma grande extensão.

—Elles ahi estão —disse Francisco Ribeiro para seu primo;—veem mesmo metter-se na bocca do lobo.

N'esta altura o commandante e o trombeta distanciaram-se do grosso da força.

—Nem de proposito, meu caro Jacob—monologou Francisco de Padilha com ironia—podemos ajustar as nossas contas sem que nenhum dos teus nos possa interromper e acudir-te.

—Que descuido,—commentou Ribeiro muito baixinho para o primo e quasi contendo a respiração—nem se lembram que possamos estar aqui emboscados!

—Ainda bem—retorquiu Francisco de Padilha —entrego-te o trombeta e eu escolho para mim o commandante.

O coração de Francisco de Padilha não lhe cabia no peito. Pulava com desusada força. Ia ao cabo de tanto tempo medir-se com o homem que mais odiava. Não tanto pelas offensas que d'elle recebera, mas principalmente pelas torturas inflingidas a Bertha.

Os dois portuguezes estavam armados de mosquetes.

—A elles! — disseram ambos ao mesmo tempo.

E ambos saltaram para o meio do caminho de arma engatilhada, e, por um sentimento de generosidade, que aos dois salteou, sem prévia combinação, bradaram:

— Rendam-se!

A esta intimação o oficial neerlandez tirou dos coldres um pistolete, ou pistola de grandes dimensões, no que foi imitado pelo trombeta e desfecharam sobre os seus adversarios. Nenhum acertou. Francisco de Padilha e Francisco Ribeiro dispararam então os seus mosquetes sobre os cavallos. Os animaes cahiram arrastando na queda os cavalleiros. O tempo que estes levaram a desembaraçar-se dos estribos permittiu aos portuguezes tornarem a carregar as suas armas.

Quando os neerlandezes atiraram de novo com os segundos pistoletes, com tão má pontaria como d'antes, os nossos levaram a arma á cara e cada um atravessou pelo peito o seu contendor. Ao trombeta agitou-o uma convulsão e inteiriçou-se sem accusar mais movimento. O official abriu os braços, largou o pistolete ainda fumegante, e murmurou:

— Bertha!... Hollanda!...

Esta voz fez estremecer Francisco de Padilha que correu para o official, exclamando:

—Mas a quem é que eu matei?!...

---

## VII

# Fatal engano

O capitão tirou apressadamente o capacete do seu infeliz antagonista, e logo recuou espavorido, levou as mãos á fronte e gemeu:

—O coronel van Dorth! [1]

Ergueu-o nos braços para o soccorrer e transportar, mas o coronel fez com a cabeça um signal negativo e balbuciou já a muito custo:

—Sim, sou eu, Francisco de Padilha. Os acasos da guerra determinam coincidencias terriveis. Sinto a morte... não por mim... mas por minha filha... e tambem por vós...

Sacudiu-o um forte estremeção, e o coronel Johan van Dorth, governador da Bahía em nome da Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes, expirou.

---

[1] **É rigorosamente historica a morte do coronel Johan van Dorth pelo capitão Francisco de Padilha.**

Francisco de Padilha recusava-se a acreditar no que os seus olhos lhe patenteavam. O pae de Bertha morto ás suas mãos! Que horror! Elle que suppunha ter matado Jacob, o vilissimo sobrinho do generoso coronel. Que horror! Sentiu varrer-se-lhe do cerebro o juizo, e, louco, dementado, não sabendo o que fazia, precipitou-se para o matto, internando-se ali, como se pretendesse esconder-se á sua propria consciencia. Francisco Ribeiro vendo-o assim desvairado e, não sabendo a que mobil abedecia tão singular procedimento, correu-lhe no encalço.

Os dois cadaveres ficaram abandonados no meio da estrada. Deu-se então um facto repugnante, muito vulgar nas guerras coloniaes, em observancia de velhos e inveterados costumes, mas sempre condemnavel. Os indios, não tendo ali nenhum europeu a sopear-lhe os instintos selvagens e actos tradicionaes, cortaram a cabeça dos dois desventurados hollandezes, bem como os pés e as mãos, e levaram comsigo os sangrentos trophéos para os expôr á entrada das suas aldeias, [1] não sem primeiro terem acommettido a columna neerlandeza e obrigarem-n'a a entrar na praça quasi em desordem.

O corpo do coronel Johan van Dorth recebeu sepultura na sé de S. Salvador, no dia immediato

---

[1] Historico.

ao da sua morte, 15 de julho de 1624, com a pompa consentanea com a sua religião, isto é, sem acompanhamento de cruzes, musica, agua benta, etc. Só o feretro se cobria de pesado luto.

Bertha recebeu a noticia do passamento de seu pae com estoica resignação e não lhe desamparou o decapitado corpo até se correr sobre elle a fria lage que o havia de cobrir para sempre.

Quando regressava á residencia do governo, de volta da funebre cerimonia, encontrou seu primo, actualmente sôlto e livre do castigo que seu tio e chefe tencionava impôr-lhe.

— A perda que ambos acabamos de soffrer deve terminar qualquer sombra de desavença entre nós — propôz Jacob.

— Sim, meu primo, procurarei esquecer tudo quanto de desagradavel se passou, mas é ainda cedo de mais para pensar nas coisas do mundo. Deixae que me entregue agora toda á saudade que devo á memoria de meu pae.

— Se vós soubesseis...

— Não, não quero n'este momento saber nada...

— Se soubesseis quem o matou...

— Poupae-me, por caridade. Morreu n'um combate leal...

— Não vos contaram tudo... por commiseração...

— Que vós não tendes.

— Ha factos que não se podem ignorar.

— Ouvil-os-hei — declarou Bertha com energia.

—Vosso pae foi attrahido a uma emboscada.
—Deploraveis contingencias da guerra.
—Mataram-lhe primeiro o cavallo...
—Meu pobre pae!...
—Derrubado, entalado debaixo do animal, com os pés presos nos estribos, sem se poder defender...
—Conclui... por misericordia.
—Dispararam-lhe um tiro á queima roupa.
—Infeliz!
—Não contentes com o assassinio, alguem chamou os indios e apontou para o cadaver... que para todos devia ser sagrado, e...
—E quê? Acabae de uma vez por Deus!
—Ordenou com a maior impassibilidade que lhe cortassem a cabeça e a extremidade dos membros.
—É falso!
—É verdadeiro. Ahi tendes a razão porque não vos deixaram vêr nem approximar do corpo de meu tio...
—Senhor! Senhor, tende compaixão de mim! —implorou Bertha, não podendo refrear a sua magua e erguendo os olhos para o alto.
—E sabeis quem é o culpado d'essas inexcediveis infamias?...
—Quem? Por Deus quem?!—exclamou a joven n'um chôro de convulsiva indignação.
—Francisco de Padilha.
Não ha penna que descreva, nem pincel que

reproduza expressão identica á que se espelhou na physionomia de Bertha.

Transformou-se na estatua da dôr torturada pelo desespero. Houve um momento em que Jacob se capacitou de que a joven enlouqueceria. Aplacou-se, porém, e, sem proferir nem mais uma palavra, voltou as costas a seu primo e recolheu-se aos seus aposentos, dando ordem terminante que não estava visivel para ninguem, absolutamente para ninguem.

Foi Jocob que, na qualidade de parente varão mais proximo do fallecido, recebeu as visitas de pezames.

* * *

A noticia do acontecimento em que o governador hollandez perdera a vida espalhou-se immediamente pelo acampamento portuguez de Rio Vermelho.

—Quem o substitue agora?—perguntou o coronel Cavalcanti de Albuquerque ao bispo.

—Por informações que me enviaram da cidade, é o major Albert Schouten.

—Não vale o coronel Johan van Dorth.

—Ensina a egreja que não nos devemos regosijar com a morte de ninguem, mas esta pode considerar-se providencial para a nossa causa. O desapparecimento do coronel ha de marcar o período da declinação do dominio hollandez na Bahia. O seu prestigio era grande. Fará muita falta aos seus.

*

—Todos exultam com esse inesperado successo.

—Agora o que se torna instante é apertar mais o assedio.

—Todos os dias ganhamos alguns palmos de terreno das bandas do Carmo e de S. Bento.

Não exaggerava nada o bom e intrepido D. Marcos Teixeira.

Francisco de Padilha andou como um doido durante alguns dias. Pensou em se suicidar. A sua vida, porém, não lhe pertencia em tão critica conjunctura. Era da patria, exclusivamente da patria. Só a ella se podia sacrificar. Resolveu então diligenciar que os hollandezes o matassem, mas com proveito para o seu paiz.

—Ah! não lhes concederei um momento de descanço—monologava o capitão;—a existencia d'esses homens, entre os quaes vive o meu mais mortal inimigo, Jacob, ha de ser um longo martyrio encurralados dentro dos muros da cidade.

Como se respondesse ao seu pensamento, surgiu-lhe Jorge d'Aguiar, e disse-lhe:

—Distrae-te, homem, comprehendo o teu desgosto, mas acredito que foi a Providencia que te armou o braço.

—Mudemos de assumpto—rogou-lhe Francisco de Padilha.

—Pois mudemos—condescendeu Jorge de Aguiar—nem era para te falar n'isso que te procurei.

—A que vens?

— Lembras-te da moradia de Christovam Vieira, escrivão dos aggravos?

— Lembro-me. Fica a pouco mais de um tiro de pedra fóra da muralha e porta da cidade.

— Pois os hollandezes estabeleceram ali um posto. Vamos enxotal-os de lá?

— Immediatamente.

— Immediatamente, não; esta noite.

Pela madrugada, os dois, acompanhados de dez portuguezes, acercaram-se d'ali, accommetteram o posto de espada em punho, mataram quatro dos contrarios e expulsaram os restantes. Não se quedou lá um unico para amostra. (1)

— Olha como elles se vingam — dizia na manhã seguinte Jorge de Aguiar para Francisco de Padilha.

— Como?

— Pois não vês? Demoliram e incendiaram a casa que hontem assaltamos e quantas existem por aquellas immediações e tratam de roçar todo o matto para poderem manobrar á vontade e impedirem ao mesmo tempo que nós ali nos acoitemos.

— Estão levando uma cresta, que d'aqui a pouco não lhes resta um homem só!

— N'outro dia, como te deves recordar, Lourenço de Brito e Antonio Machado, com a sua gente, mandaram d'esta para melhor, de uma for-

(1) Todos os factos, como os que se seguem, são rigorosamente historicos.

nada, quatro, e de outra o mesmo Lourenço de Brito e Luiz de Siqueira esquartejaram uma porção.

—Hão de começar a arrepender-se de vir ao Brasil.

—Não te contaram o que fez aqui ha pouco o negro Sebastião, o que tem já dado cabo de tantos hollandezes?

—Não, conta.

—Atacou com outros um bando de flamengos. Mas acercava-se tão perto d'elles que os demais lhe recommendavam prudencia. Elle então respondia na sua algaraviada: «Como a flecha do preto não chega tão longe como o pelouro dos arcabuzes, preciso approximar-me mais.»

—É destemido.

—E de outra, em que se pelejava já a arma branca, gritando-lhe os companheiros que se acautelasse, replicou-lhes: «Não retira, não, sipanta, sipanta!»

—Como joga bem as armas, conhece que os hollandezes são muito mais destros com os arcabuzes do que com a espada, que elle maneja na perfeição.

A conversa foi interrompida por insolita bulha.

—Que novidade é essa?—perguntou Jorge de Aguiar.

—Acudi-nos, senhor, acudi-nos!—berrava um homem esbaforido por longa e apressada carreira.

—Que ha?—repetiu Francisco de Padilha.

—Os hollandezes continuam a queimar todas

as habitações nas visinhanças da cidade, roubam quanto encontram, o que obriga todos os moradores a refugiarem-se no matto.

—Isso, infelizmente, não é novo.

—Mas ha um instante, á minha desventurada mulher, que não póde fugir, ameaçaram rasgar-lhe as orelhas para lhe arrancar uns cercilhos e pendentes de ouro, se ella lh'os não der.

—Onde é isso?

—Perto d'aqui. Se não lhe acodem breve ainda são capazes de lhe fazer peor.

Francisco de Padilha e Jorge de Aguiar chamaram immediatamente os seus homens e, n'uma carreira doida, ainda toparam com os hollandezes a aggredir a afflicta mulher. A refrega pouco durou. Morreram quatro logo na primeira investida. Os demais fugiram, sendo seguidos até o Rio Vermelho.

As escaramuças repetiam-se quotidianamente.

Diogo de Sodré possuia um vergel chamado da Vigia. Era d'ali que se faziam signaes ás embarcações que surgiam na costa, antes de entrar a barra, a fim de as prevenir de que a cidade cahira em poder dos hollandezes. Os inimigos invadiram a propriedade em grande numero, levando comsigo um avultado bando de negros seus affeiçoados para os carregar de laranjas, limas doces, limões e cidras, ao pezo das quaes vergava o arvoredo.

Sahiram-lhes ao encontro os capitães Antonio Machado e Antonio de Moraes, cada um á frente

de cincoenta combatentes. Pelejaram rijamente. Dos contrarios morreram nove. Dos nossos ficaram dois mortos e bastantes feridos, sendo obrigados a retirar. Francisco de Padilha, avisado do acontecido, reuniu vinte soldados e carregou os vencedores com tal impeto quando regressavam já á cidade, que se feriu nova refrega, voltando á lucta os dois capitães derrotados. Assim lhe foram no encalço, até os postos avançados da praça. Ahi suspenderam a perseguição por falta de polvora e outras munições. Ainda ali as baixas da sua parte foram importantes, e capturaram um portuguez traidor, que com elles se bandeara, e a quem conduziram á presença do bispo.

Manuel Gonçalves e os outros capitães dos lados do Carmo não se portavam com menos brio, nem exerciam menor vigilancia do districto sob a sua inspecção. N'uma tarde mataram seis junto do mosteiro, n'outra, três; e uns que sahindo do forte de S. Filippe pescavam n'umas gamboas proximas foram por seu turno pescados, perecendo e sendo aprisionados três, e entre esses o commandante da fortificação, a quem egualmente apresentaram ao prelado.

O prélio debatia-se tremendo de parte a parte.

Os bloqueados, porque podemos dar este nome á guarnição neerlandeza, comprehendendo que se tornava necessario derribar todas as construcções proximas dos muros, nomeadamente uma, residencia do commandante do forte em tempo de paz,

escolheram uma madrugada para a demolir. Eram cinco os operarios, escoltados por uma força numerosa. Prevenidos Manuel Gonçalves, Jorge de Aguiar e Pero do Campo, emboscaram-se no matto, e, logo os apanharam entretidos a destelharem a moradia, arremetteram, mataram dois e precipitaram-se sobre os outros até á porta da fortaleza, onde teriam certamente penetrado, se os de dentro não assestassem uma peça, carregada de metralha, que sustou o impeto dos nossos.

A ousadia dos portuguezes attingiu tal grau que um preto do capitão Pero do Campo, se apoderou de um barco fundeado debaixo das peças do forte. Atiraram-lhe com varios pelouros, mas nenhum lhe acertou. Suppoz Manuel Gonçalves que, faltando aos hollandezes a embarcação, iriam por terra participar o que occorrera, e esperou-os no caminho. D'esta vez, porém, mallograram-lhe o intento. Metteram-se dois n'uma jangada. O capitão ordenou então que os perseguissem a nado para os aprisionar, o que não conseguiu, porque os soccorreu uma lancha ida da cidade.

D. Marcos Teixeira multiplicava a sua actividade. Trabalhava na sua elementar sala do despacho quando lhe entra pela porta dentro açodadissimo, a arquejar, apoquentado, um dos seus familiares de maior confiança.

—Que más novas trazeis?—inquiriu o bispo.

—Senhor, senhor, sabeis?...

—O quê? Despachae-vos.

—Francisco de Figueiredo e Manuel Gonçalves...

—Quem, o capitão?

—Não, senhor.

—Os espiões que vossa senhoria traz na cidade para conhecer das manobras do inimigo, e um d'elles que tambem fala a lingua flamenga...

—Finalisae.

—Encontraram-lhe aquella carta em que Vossa Senhoria promettia perdão aos rebeldes que quizessem vir juntar-se a nós...

—Só a esses dois?

—Só a estes. O outro que vossa senhoria lá traz ainda não lhe aconteceu precalço de maior, mas que ponha as barbas de molho...

—Que linguareiro sois!

—Como possuiam um salvo-conducto para entrar e sahir quando melhor entendessem...

—Ainda não achaes tempo de dizer o principal?...

—Mataram-nos e penduraram-nos depois em S. Bento, n'uma picota, com cadeias de ferro e em cima uma sentença escripta em pergaminho, que reza assim: «Condemnados á morte Manuel Gonçalves de Almeida e Francisco de Figueiredo, por serem tredos ao conde Mauricio Stathouder da Hollanda, e com o seu passaporte entrarem e sahirem da cidade a tratar de negocios dos portuguezes.

O prelado reuniu immediatamente o conselho e participou-lhe a lúgubre emergencia.

—É preciso vingar esses compatriotas nossos, que muito nos ajudavam, informando-nos das sortidas que a guarnição tencionava fazer—propoz o bispo.

—Vinguemo-los—accordaram todos os capitães ali reunidos.

Cumpriram a promessa. Decorridos poucos dias, mataram um hollandez em Tapagibe, e junto da porta de Santa Luzia, das bandas de S. Bento, quando ali estavam de guarda com alguns escravos, três.

—Senhor Manuel Gonçalves, vão direitos a Villa Velha mais de duzentos hollandezes, sem falar na nuvem de pretos que os acompanha—participou uma das esculcas do capitão.

—Vamos a elles—respondeu o denodado portuguez.

Minutos depois dirigia-se com a sua *bandeira* ou companhia para o ponto indicado. Travou-se immediatamente o combate. A superioridade do numero era enorme do lado do inimigo, mas ninguem arredou d'ali pé. Quando, porém, a situação ameaçava tornar-se critica, ouviu Manuel Gonçalves bradar de longe:

—Aguentae-vos, rapazes, mais um pouco, que prestes seremos comvosco!

—E, realmente, appareceram sem demora três capitães, entre os quaes Francisco de Padilha, com os seus homens, que se atiraram á columna neerlandeza com furia incalculavel. A victoria não se

demorou a enfileirar-se com os bahianos. O inimigo deixou no campo quarenta e cinco mortos e um sargento prisioneiro. Os demais fugiram com extraordinaria pressa. Nós só tivemos a lamentar a perda de um morto e de bastantes feridos.

Este triumpho reboou por todo o sertão e desanimou por algum tempo os adversarios. A alegria dos nossos expandiu-se em repetidas manifestações. O bispo exultava, e, para demonstrar o jubilo que lhe enchia a alma, distribuiu presentes e honras para os que n'esse combate se tinham distinguido. Para que a recompensa de tão alto valor assumisse ainda maior solemnidade, armou alguns dos mais intrepidos cavalleiros, procedendo a essa medieval cerimonia com todos os requisitos e formalidades que as leis militares impunham.

* * *

Chegara-se aos principios de setembro de 1624. Para reforçar e robustecer o corajoso desejo dos portuguezes, de expulsarem os flamengos da Bahia, aportaram á costa as duas caravellas com despachos, instrucções e alguns soldados sob o commando de Pedro Candena e de Francisco Gomes de Mello. D. Marcos Teixeira, apesar dos seus longos annos, andava lépido e sentia por vezes remoçar-se n'esta lucta sem treguas. O seu regosijo ainda mais cresceu quando ali desembarcou,

vindo de Pernambuco, o capitão Antonio de Moraes, com uma companhia organizada á sua custa.

—Navios á vista! Navios á vista!—annunciaram uma manhã.

—Portuguezes—inquiriu o bispo.

—Portuguezes—responderam os de melhor vista.

Horas depois encontravam-se na moradia do prelado, em Rio Vermelho, D. Marcos Teixeira e Francisco Nunes Marinho d'Eça. Conversavam os dois a só.

—Senhor bispo—disse o recemvindo,—Mathias de Albuquerque, escolhido para governador geral do estado do Brasil, envia-me para vos substituir na direcção das operações...

—Substituir-me, a mim?!—exclamou D. Marcos Teixeira, fazendo-se pallido como um cadaver.

—Reconhece o novo governador geral—continuou Marinho de Eça—quanto Vossa Senhoria tem praticado em favor da patria e muito o agradece e muito o elogia, mas...

—Ouçamos esse mas, quasi sempre arauto da ingratidão, retorquiu o denodado velho.

—Ao que parece—proseguiu o novo capitão-mór—constou-lhe que existiam divergencias entre Vossa Senhoria, o ouvidor geral Antão Mesquita de Oliveira e entre outras personalidades d'este arraial, e como deveis estar fatigado d'esta labuta incessante, e ainda como é de todo o ponto conveniente que volteis toda a vossa attenção para as

coisas espirituais, impedindo acima de tudo que os contrarios propalem as suas doutrinas hereticas... o que os portuguezes temem mais ainda que a força das armas ([1]).

—Percebo—redarguiu D. Marcos Teixeira com voz resignada,—e não falemos mais em tal. Podeis tomar conta do meu cargo logo que vos aprouver. Quem tanto honrou o serviço de el-rei na India, n'outras terras e como capitão-mór de Parahyba, dando em tudo satisfação á patria, será aqui recebido de braços abertos por todos nós! Dizei-me que tal vos correu a jornada?

—Não foi de feição. Viemos para aqui com dois caravellões, um sob o meu commando e outro sob o commando de Antonio Carneiro Falcato, com trinta soldados, polvora, munições, vinho, azeite, quanto vos falta n'este arraial.

—E bem precisamos de tudo isso—observou o prelado.

—No mar desencadeou-se sobre nós uma formidavel tormenta. A tal ponto que nos obrigou a arribarmos e a entrarmos no rio de Sergipe com as vergas e os mastros quebrados, mas cá estamos.

—Lamento tal contrariedade, mas como aqui aportastes são e salvo, dou graças a Deus pela sua infinita misericordia!

—Muito vos agradeço, senhor bispo.

---

([1]) **Esta maligna observação é de Soutney.**

— Vamos agora á entrega do meu cargo.

Emquanto o prelado e o novo capitão-mór conversam sobre o andamento das operações, acompanhemos uma rede, transportada por alguns negros e custodiada até certa distancia dos muros da cidade por soldados hollandezes. Depois essa rede dirigiu-se afoitamente para a roça de André de Padilha. Eram cerca das três horas da tarde e o sol ainda despedia sobre a terra os seus raios mais fulgurantes.

Reuniam-se na estancia principal da casa o seu proprietario, Maria do Rosario, Luiza da Guarda, Pero Rodrigues, a quem um teimoso ataque de gotta não deixava tomar parte nas operações, e Francisco de Padilha. Este ultimo, desde o triste acontecimento da morte do coronel van Dorth, espaçára cada vez mais as visitas á roça de seu pae. Não só o cumprimento dos seus deveres militares lhe tomavam quasi todo o tempo, mas ainda parecia constrangido na presença de Luiza da Guarda, embora esse constrangimento a trouxesse a ella melancolica e preoccupada.

Entregava-se cada um a mister diverso, quando, entre os humbraes de uma das portas, se desenhou um perfil de mulher, coberta de luto rigoroso da época. Da bocca de todas as pessoas ali reunidas, e com entonações muito differentes, escapou-se a mesma exclamação:

— Bertha van Dorth!

— É verdade, meus amigos, sou eu; estranham

certamente a minha apparição aqui, e com fundamentado motivo, mas tambem eu tenho um e muito forte.

E Bertha beijou Maria do Rosario e Luiza da Guarda, estendeu a mão a André de Padilha, fez um gesto amigavel a Pero Rodrigues, que por tal signal mostrou muito má cara á heretica, e curvou-se n'uma reverencia cortez ante Francisco de Padilha.

Apoderou-se do capitão um desejo louco de fugir, elle a quem tal pensamento nunca atravessara o cerebro nas conjuncturas mais criticas. Ficou, todavia. Dominava-o uma força magnetica mais imperiosa que a sua vontade, e apenas conseguiu balbuciar:

—Bertha, a que vindes aqui?

—Despedir-me de corações que me são caros, pois parto breve para a Hollanda, a alliviar o meu peito de um peso tremendo.

Francisco de Padilha olhou para Bertha como um réu convicto encara um juiz austero. Então a joven hollandeza com voz forte, quasi sibilante, perguntou:

—Relatae-me como mataste meu pae. Não omittaes nenhum pormenor, nada, absolutamente nada.

Na alma de Francisco de Padilha operou-se a natural reacção de uma consciencia pura e tranquilla. Seguro de si mesmo, satisfeito até por se lhe deparar ensejo para reduzir aos seus verdadeiros limites a lenda que se espalhara, narrou com

simplicidade e firmeza tudo quanto ocorrera, sem esquecer o pormenor da carta, e como matara o coronel Johan van Dorth, suppondo ser Jacob, mas depois de o intimar a render-se e de ter por duas vezes, primeiro, servido de alvo aos seus tiros de pistolete.

Bertha ouviu attenta e calada toda a narrativa; em seguida perguntou;

—Tendes essa carta?

—Trago-a sempre commigo.

E Francisco de Padilha puxou do bolso interior do seu justilho de uma especie de carteira, dentro da qual tirou a carta que recebera prevenindo-o da ida da columna inimiga á fortaleza de S. Filippe, commandada por Jacob, e entregou-a á joven flamenga. Esta, apenas viu a lettra não se poude refrear, não obstante toda a sua energia, e murmurou:

—Ah! Agora comprehendo tudo!

—Conheceis a lettra d'essa carta?—perguntou Francisco de Padilha agitadissimo.

—Muito bem. Quem a escreveu nem sequer se deu ao incommodo de a disfarçar.

—Foi então?...

—Meu primo, Jacob van Dorth—concluiu Bertha, denunciando na tremura da voz tão fundo desprezo, repugnancia e magua, que todos se condoeram d'ella.

—Ninguem mais do que eu lamenta essa fatal occorrencia...—principiou Francisco de Padilha.

—Sei-o; tanto como eu—atalhou Bertha, —e, como se a minha desventurada existencia não regorgitasse de pezares, precisava de mais este, incommensuravel na lancinante ferida aberta, para fazer transbordar a taça cheia de amarissima triaga.

—Bertha, perdoae-me—exclamou Francisco de Padilha, tentando pegar-lhe nas mãos e com os olhos humidos de pranto.

—Não tenho nada que vos perdoar. Vós batestes-vos como um leal e destemido cavalleiro que sois. O crime, porque houve crime, commetteu-o um assassino, em cujas veias corre o mesmo sangue que corre nas minhas e que corria nas de meu desventurado pae.

—Preciso do vosso perdão completo.

—Tendes o meu perdão completo.

—Preciso de mais alguma coisa—insistiu o capitão, desvairado, sem se lembrar que o escutavam tantos ouvidos.

—Não vos posso dar mais nada, declarei-vol-o sempre com pena, mas tambem com a maior sinceridade. Apartava-nos outr'ora um coração, que não tendes o direito a despedaçar; separa-nos agora o abysmo que nada poderá superar, da morte de meu pae. Fostes um adversario leal, mas uma filha não pode, não deve amar o homem, que, embora no duello mais cavalheiresco, a priva do auctor dos seus dias.

—Bertha! Bertha!

—Lembrae-vos que nem um derradeiro beijo

pude dar na sua fronte bella e augusta... pois a sua cabeça nunca mais appareceu.

Francisco de Padilha deixou-se cahir succumbido n'uma cadeira.

—Adeus, adeus para sempre!—disse Bertha para todos e, virando-se particularmente para Luiza da Guarda, accrescentou:—Mais uma vez, sê feliz.

---

*

## VIII

# Auxilio precioso

D. Marcos Teixeira, ou minado pela fadiga do extraordinario trabalho que tivera, ou resentido da ingratidão patenteada, que foi sempre recompensa de quem se dedicou ao serviço da patria, finou-se a 8 de outubro d'esse anno de 1624. A perda do valentissimo prelado entristeceu todos no acampamento. Enterraram-n'o n'uma capella em Itapagipe, mas sem lhe assignalar a campa, de modo que rodados annos, quando alguem quiz em parte attenuar a irremediavel ingratidão, não puderam descobrir onde jaziam os seus restos [1].

Francisco Nunes Marinho d'Eça orçava pela edade do bispo, e, apenas D. Marcos Teixeira soltou o ultimo suspiro, o novo capitão-mór poucos dias mais poude erguer a cabeça do travesseiro. Como, porém, era um portuguez de lei e um sol-

---

(1) Soutney.

dado brioso, não deixou conhecer a fraqueza da sua saude, occultando cuidadosamente os estragos da enfermidade a todos a quem ella poderia desanimar.

Vamos encontral-o deitado n'um catre da sua tosca moradia, no arraial do Rio Vermelho. A seu lado, escutava-lhe as recommendações e as ordens João Barbosa, que o acompanhára e servira desde Parahyba.

—Mas, senhor,—argumentava o fiel companheiro — como quereis vós dissimular a vossa doença?

— Calae-vos, João Barbosa, nunca propaleis taes boatos entre os soldados — determinou o enfermo; — quando a febre me obscurecer a razão, tomaes-lhe o seu recado, participaes-lhe que m'o vindes trazer e voltae com a resposta em meu nome, segundo o que melhor entenderdes. O que se torna preciso é que não desconfiem que eu tremo aqui com sezões, como uma velha ao relento em janeiro.

Tão sensata e habilmente procedeu João Barbosa n'este difficil papel de intermediario, por vezes, de si mesmo, que todos andavam enganados e contentes.

—Senhor, os soldados queixam-se da escassez da polvora — participou-lhe uma vez o infatigavel João Barbosa, — e que, a miudo, não podem perseguir o inimigo, pois a meio do caminho lhes faltam as cargas.

— Olhae — recommendou o doente — affirmae-

lhes que dispomos de muita polvora, enchei por vossas proprias mãos botijas com areia e mostrae-lh'as assegurando que são de polvora e que a que lhes distribuimos é bastante.

— Chamar-vos-hão avarento.

— Deixae que me chamem o que quizerem. Tudo é preferivel a desconfiar que nos falta a polvora. Se o descobrem, a maior parte desfallece e abandona o arraial.

Os ataques á praça continuavam e os trabalhos de sitio obedeciam ao mesmo plano ordenado pelo bispo. No tempo de Marinho d'Eça accrescentaram-se mais duas trincheiras ás já construidas: uma em Tapugipe e outra das bandas de S. Bento. Logo que o novo capitão-mór conseguiu levantar-se da cama, ordenou que andassem dois barcos de vigia, um na Itapoan, outro no morro, para darem rebate aos navios que vinham de Portugal, medida que salvou três ou quatro, que confiadamente navegavam para dentro do Porto. Egualmente, sem mudar o acampamento, encurtou-lhe a distancia para a cidade em cerca de um terço de legua, para assim mais rapidamente poderem os portuguezes acudir a qualquer investida.

— Muito combatestes, durante a minha enfermidade, valente Manuel Gonçalves — disse o capitão-mór para o nosso velho conhecido.

— Fez-se o que se poude, senhor — respondeu o elogiado; — quando soube pelos espias que os hollandezes se tinham mettido de novo no mosteiro

do Carmo fui lá desalojal-os com alguns dos nossos e lá ficaram dois de cada lado, além dos feridos pois o cozinhado cheirou a esturro.

—Esta guerra é das mais mortiferas a que eu tenho assistido—commentou Marinho d'Eça, e em seguida adduziu:—e o caso da fortaleza de S. Filippe?

—Quasi não valeu a pena! Estavam uma porção d'elles a sahir da fortaleza. Saltamos-lhes em cima, matamos dois, os demais metteram-se na cóxa e queimamos-lhes um batel.

—Emfim já bastante se tem conseguido. A não ser por mar poucos passos ousam dar fóra da fortaleza—commentou o capitão-mór.

—Sempre suppuz, perdoe Vossa Mercê, que a morte do finado bispo desanimasse alguns dos nossos, mas felizmente não succedeu assim, ainda andam mais cheios de confiança—conceituou Manuel Gonçalves.

—É que esperam que o defunto alcance do céo maior somma de triumphos do que se permanecesse cá por este mundo—obtemperou Marinho d'Eça entre ironico e crédulo.

—Talvez não se enganem. Pelo menos até agora as coisas não podem correr melhor...—respondeu no mesmo tom Manuel Gonçalves.

—Preparaes então outra emboscada?

—Se Vossa Mercê não ordenar o contrario. Embocamo-nos na Fonte Nova, n'uma ilha do matto, e verá que apanham nova sova.

Na verdade a emboscada realizou-se, mas os

hollandezes presentiram os nossos e acudiram em grande numero, suppondo ir ali buscar uma boa porção de lã. A tosquia, porém, foi monumental. Não só morreram alguns na refrega, mas tornou-se necessario a bastantes largar as armas a fim de transportar os feridos graves. Escarmentados, mandaram no dia seguinte uma numerosa leva de negros roçar o matto, escoltados por uma companhia de mosqueteiros.

Avisados, os bahianos escoaram-se por meio das selvas, silenciosos e arrastando-se como cobras no intuito de surprehender o inimigo. No momento critico disparou-se por descuido um arcabuz. Baldara-se a surpreza, mas não arrefeceu a coragem. Os portuguezes arremetem com os roçadores e com a escolta. Foi uma temeridade, mas epilogada do melhor exito. Na perseguição dos flamengos acercaram-se dos entrincheiramentos. Os parapeitos cobriram-se de defensores e das roqueiras choveu um vendaval de metralha. Pelejaram corpo a corpo durante largo tempo, e ahi foi ferido, entre outros, um dos assaltantes que matara dois na crista da trincheira. [1]

— Vamos enviar um desafiio aos hollandezes? — propoz n'um dos conselhos Francisco de Padilha.

— Como na época dos torneios — observou Lourenço de Brito.

---

[1] Padre Antonio Vieira.

— Approvado — acquiesceram todos.

— Quem o ha de levar?

— Um prisioneiro. Temos por ahi uns poucos de hollandezes e de negros da Guiné. Vae um d'esses.

Effectivamente no dia seguinte escolheram um preto, dos fugidos do acampamento e que tinham optado pelo serviço do inimigo, cortaram-lhe as mãos e penduraram-lhe do pescoço um pergaminho, pelo qual reptavam os contrarios a medir as suas forças em campo descoberto, fóra do matto e de ciladas. [1]

— E se surgem em maior numero que nós?

— Cada um de nós que se desdobre em dois ou em três.

Os neerlandezes acceitaram o cartel. Na manhã seguinte formava a pequena hoste luzitana em S. Pedro, nas visinhanças de S. Salvador. Reuniam-se ahi os mais esforçados capitães, Francisco de Padilha, Manuel Gonçalves, Lourenço de Brito, Luiz de Siqueira, Jorge de Aguiar e outros da sua tempera.

— Olha, são mais de quatrocentos.

— Mais do dobro de nós.

— Com um esquadrão.

— E homens escolhidos.

— E bem armados.

— Pouca conversa, que não conduz a nada —

---

(1) Padre Antonio Vieira.

recommendou a gracejar Francisco de Padilha.— Não os façamos esperar; corramos ao seu encontro.

—As nossas armas são inferiores ás d'elles.

—Olhem, meus filhos—disse Manuel Gonçalves, o mais edoso dos presentes;—d'aqui não ha que sahir, ou temos que largar a vida pelejando ou depôr a honra fugindo. (1)

—Mas quem duvida d'isso? Melhor é perder a vida que pôr em risco a honra—retorquiu sem demora aquelle que recebera o remoque.

Então, aquelle punhado de cento e tantos homens desfraldou as bandeiras das suas companhias, e, de cabeça erguida, carregou sobre os quatrocentos hollandezes com tão vehemente ímpeto, que meia hora depois fugiam em debandada, a abrigar-se nas suas fortificações.

—Ora aqui está,—commentava Manuel Gonçalves parando um instante para tomar fôlego na sua veloz carreira,—vão lá entendel-os. A maior parte d'esta gente abandonou a cidade aos hollandezes como se fossem pintainhos espavoridos por um milhafre e agora entretem-se a desancal-os e a malhar n'elles como um mangual em trigo maduro.

Na verdade os flamengos tinham soffrido uma valentissima derrota. Era uma guerra de extermi-

---

(1) Padre Antonio Vieira.

nio, de armadilhas, de traições, de crueldades; uma guerra em que o vencido se queria tornar vencedor a todo o transe e que não olhava aos meios para conseguir os seus fins. O bloqueio do lado de terra tòrnara-se quasi completo. Todo o littoral do Reconcavo se guarnecera de turmas de frécheiros que impediam qualquer desembarque. Nem na ilha de Itaparica, onde se abasteciam, podiam descançar. Só á custa de dispendioso desenvolvimento de forças e de perdas importantes é que ousam voltar ali.

Decorridos alguns dias após este feliz duello para os portuguezes, encontrava-se Francisco de Padilha, o capitão dos assaltos, como lhe chamavam, a repousar no acampamento, quando um mensageiro de seu pae o procurou, e lhe disse:

— Senhor, antes de hontem os hollandezes desembarcaram perto do engenho de Manuel Rodrigues Sanches, apoderaram-se de cincoenta caixas de assucar, queimaram-lhe a casa e a egreja.

— Não houve quem lhe pudesse acudir? — perguntou o capitão.

— Acudiram-lhe Manuel Gonçalves e vosso pae, André de Padilha, mas não eram os sufficientes. Se não apparece o coronel Lourenço Cavalcanti com quarenta homens, obrigando-os a embarcar, matando-lhes varios e ferindo bastantes, não deixavam pedra sobre pedra — informou o emissario.

— Começam a aprender comnosco — commentou Padilha.

—Hontem—continuou o recemvindo—atacaram o engenho de Estevam de Brito Freire. O capitão da freguezia, Agostinho de Paredes, com alguns arcabuzeiros, pretendeu fazer-lhes frente. Era, porém, o poder do mundo, e retiraram-se para a moradia de um lavrador, para além dos postos do engenho.

—E desampararam o engenho?

—Que remedio! Abateram ali uns poucos de bois, mantiveram nutrido tiroteio com os nossos. Á noite embarcaram á pressa, deixando ainda dois bois esfolados, levaram vinte caixas de assucar, que toparam no engenho, além de doze de retame e de um engenho de mel, porcos, etc.

—Não foram mal servidos.

—Ameaçaram voltar hoje. Se vossa mercê não acode lá, e com bastante gente, ficamos até sem a camisa que vestimos.

Não se tornava preciso dizer mais a um homem como Francisco de Padilha. Mandou recado immediatamente ao capitão de Paraguassú, Melchior Brandão, e ei-lo a caminho.

—Ninguem, nem sombra de hollandezes—exclamou Francisco de Padilha desapontado, ao chegar ao ponto indicado, e não vendo nem um vulto de flamengos.

—Como presentiram quem os possa tosar não se mostram—commentou Melchior Brandão.

—Se quereis tentar uma empreza arriscada, mas de resultados remuneradores, offerece-se-vos

agora occasião — suggeriu o já citado capitão d'aquella freguezia, Agostinho Paredes.

— Que é então? — perguntaram os dois capitães ao mesmo tempo.

— Além, na praia, está uma nau inimiga em secco, ha três ou quatro dias que a estão a calafetar, passaram a artilharia para as lanchas. Vamos lá?

— Sem a minima delonga.

E a força bahiana embarcou para aquelle ponto, guiada pelo Paredes. Esperaram baldadamente que a guarnição saltasse em terra, mas os de bordo adivinhando as boas intenções dos portuguezes, alliviaram a nau, aproveitaram a maré e navegaram para o ancoradouro.

— O peor são estas e outras contrariedades — commentava Francisco de Padilha, de regresso ao acampamento.

— Que não são poucas — redarguiu-lhe Melchior Brandão.

— Que são mesmo muitas — insistiu Padilha — Estamos toda a noite de vigilia para evitar qualquer surpreza.

— Passamos os dias sem sombra de descanço.

— A maior parte das vezes temos por tecto o céo e por cama o chão.

— Não ha frio que não curtamos, nem calor que não nos abafe; temos fome para o almoço e sede para o jantar.

— Quando apanhamos farinha e agua é um banquete.

—De pratos servem-nos as folhas das arvores e de copos as palmas das mãos.

—Pois sim, mas acima de tudo está a idéa da patria, que nos ha de recompensar de todas estas agruras, e, quando o não faça, recommendar-nos-ha a consciencia, affirmando-nos que bem cumprimos o nosso dever—conceituou Francisco de Padilha.

—O peor é a falta de polvora—notou Melchior Brandão.

—De armas e munições—accrescentou Padilha;—agora que todos o sabem não causa damno repetí-lo. O soldado que dispara segundo tiro já não pode desfechar terceiro.

—Tem havido occasiões em que se leva o arcabuz á cara a fingir que se atira para que o inimigo não desconfie da nossa penuria

—Chegou um momento em que em todo o arraial só existia um barril, e bem pequeno, de polvora. N'essas alturas o capitão-mór, Marinho d'Eça, apregoava por toda a parte que o paiol abarrotava de barris cheios... de areia.

—Foi por isso que elle mandou fazer setenta escadas a fim de escalar a fortaleza de S. Filippe, em Tapugipe, e tomar a polvora que os hollandezes lá armazenavam, o que não se realizou.

—Em muitos combates acontece os nossos verem-se obrigados a matar primeiro o contrario, tirar-lhe as munições para poderem continuar a atirar sobre os outros.

—E, todavia, nunca lhes faltou a coragem. Quando os hollandezes saem de traz das suas fortificações, poucos ou muitos, nunca voltam os mesmos para ellas.

— Os nossos teem pago com usura a fraqueza de abandonar a cidade ao inimigo.

—E os indios?

—Não é a parte menos importante do nosso exercito, e a que mais terror incute aos hollandezes.

—São terriveis nas emboscadas. Quando as tropas neerlandezas, escrupulosamente armadas e formadas em companhias, marcham por esses caminhos fóra, com o sol sem uma sombra, nem o firmamento com uma nuvem, sentem despenhar-se sobre elles um chuveiro de frechas.

—E o caso é que acabam por desmoralisar as tropas melhor disciplinadas, porque emquanto carregam o mosquete atravessam o corpo de cada homem duas ou três frechas.

—E por mais que corram fugindo, as settas correm mais do que elles; voam como as aves de rapina, nunca errando a presa ([1]).

E, quando lhes não dão a morte immediatamente, como a maior parte estão hervadas, o effeito do veneno não tarda a fazer-se sentir.

---

([1]) Padre Antonio Vieira.

—São destrissimos no manejar das suas armas, bem como inexcediveis em valentia.

—O seu odio aos invasores eguala a fidelidade que nos guardam a nós portuguezes.

—Assim é, e triste se torna confessal-o: ao passo que muitos negros da Guiné e alguns brancos se metteram com os hollandezes, não houve nenhum indio que travasse amizade com elles. (1)

Cerca de dois mezes depois de Marinho d'Eça tomar conta do seu cargo, teve de ceder o seu logar, a 3 de dezembro de 1624, ao pernambucano D. Francisco de Moura, logar tenente do governador geral Mathias de Albuquerque, e incumbido de dirigir os colonos como capitão-mór do Reconcavo (2). A sua chegada alvoraçara todos de alegria. Não porque o seu antecessor provocasse descontentamentos, mas por causa das excellentes noticias que trazia.

Os do arraial cercavam os que tinham acompanhado o novo capitão-mór e assaltavam-nos com perguntas. Um dos recemchegados, o capitão Francisco Gomes de Mello, relatava:

—A conquista da Bahia causou um enorme abalo em Portugal e Hespanha. Toda a população se lamentou, doeu e sobresaltou, pois raciocinavam, e com razão, que, senhores os hollandezes

(1) Padre Antonio Vieira.
(2) Rocha Pombo.

d'este porto, ficavam com a porta aberta para se apossarem de todo o Brasil e Novo Mundo.

—Mas Filippe IV e o seu ministro, o conde-duque dos Olivares, pouco se importou com mais essa desventura acontecida a Portugal—argumentou Francisco de Padilha, sempre patriota.

—Tambem sentiu, se não pela perda, por vaidade—retorquiu Gomes de Mello.—Comprehendeu que os flamengos pretendiam distrahil-o da guerra que traz nos Paizes-Baixos, e que para a sustentar e repellí-los nas costas de Hespanha não vos soccorreria n'esta em que vos empenhastes.

—O raciocinio é exacto, mas o caso não lhe deu muita freima.

—Ordenou o immediato apresto das armadas, e que, emquanto não se apparelhassem devidamente, se enviasse de Lisboa todo o auxilio possivel não só aqui para a Bahia, mas tambem para outras partes do Brasil, para que não creassem por cá raizes.

—Por causa dos engenhos do assucar do Reconcavo, que tanto rendem para as alfandegas, é claro, e não por estarmos nós aqui a fazermos das fraquezas forças—observou Manuel Gonçalves.

—Seja como fôr—proseguiu o recemvindo—os governadores do reino D. Diogo de Castro, conde de Bastos e D. Diogo da Silva, conde-mordomo-mór, transmittiram ás intancias competentes determinações rigorosas, e no dia 8 de agosto d'este anno de 1624 sahiram do Tejo duas caravellas com destino a Pernambuco.

— Vá lá, já é alguma coisa.

— O capitão-mór D. Francisco de Moura conferenciou em Olinda com o governador geral Mathias de Albuquerque e aqui estamos.

— E o que trazem ao certo?

— Trazemos, eu e o capitão Pero Cadena, o que coube nos dois nossos navios; cento e vinte homens de guerra, cincoenta quintaes de polvora, mil e cem pelouros de ferro de todos os adarmes, vinte quintaes de chumbo, mil e trezentos arcabuzes de Biscaia apparelhados, quatorze quintaes de chumbo em pelouro, duzentas lanças e piques de campo e quatro arrobas de morrão.

— Foi demorada a viagem?

— Eu fundiei em Pernambuco nos ultimos dias de setembro, onde me receberam com festas e repiques de sinos. O capitão Cadena demorou-se um pouco mais pois teve de avisar os habitantes da ilha da Madeira do que acontecia.

— E em Lisboa não tomaram mais providencias?

— Tomaram. Os governadores mandaram egualmente a 19 de agosta Salvador Correia de Sá e Benevides, no navio *Nossa Senhora da Penha de França* com oitenta homens armados com arcabuzes, quatorze quintaes de polvora, oito de chumbo e três de morrão, ao Rio de Janeiro, que seu pae Martim de Sá está governando.

— Quer dizer, temos mais homens e material para esfolar os hollandezes — observou Francisco de Padilha.

*

— D. Francisco de Moura, o novo capitão-mór, e que já governou Cabo Verde, traz mais cento e cincoenta homens, trezentos arcabuzes apparelhados, cincoenta quintaes de polvora, dez de morrão, vinte e nove de chumbo e cento e cincoenta fôrmas de fundir pelouros.

— Bello — Magnifico! — dizia Manuel Gonçalves, esfregando as mãos.

— D. Francisco de Moura veiu de Pernambuco, d'onde é natural, na caravella que commandava, mais as duas capitaneadas por Jeronymo Serrão e Francisco Pereira de Vargas. Ali juntaram-se-lhe Manuel de Sousa de Sá d'Eça, capitão-mór do Pará, e Feliciano Coelho de Carvalho, filho do governador do Maranhão, que se offereceram para o acompanhar e ambos experimentados nas esfregas dadas aos francezes na conquista do norte.

— Cada vez melhor! — applaudiu Francisco de Padilha.

— O governador geral mandou metter todos os soccorros em caravelões, entregou oitenta mil cruzados ao capitão-mór e dentro de oito dias partimos do Recife para aqui,

— E desembarcaram na torre de Francisco Dias de Avila, porto a doze leguas da Bahia [1].

---

[1] Os relatos dos chronistas não concordam ácerca do local do desembarque. Pretendem uns que fôsse no porto de « Braz Affonso » ao sul de Tatuapará, e outros na foz do Rio Jacuipe.

—Desembarcamos, e cá viemos por terra até o arraial do Rio Vermelho n'este dia 3 de dezembro de 1624.

—D. Francisco de Moura gosa da fama de ser um homem que conhece o officio da guerra a valer —observou Manuel Gonçalves.

—E merecida—affirmou Gomes de Mello.—De Madrid e de Lisboa recommendaram ao governador geral Mathias de Albuquerque que combinasse todas as operações com elle; que emquanto a frota de soccorro se aprestava mandasse alistar e organisar toda a gente das ordenanças e que tivesse prevenido os indios do Rio Grande e Parahyba e os demais até o rio de S. Francisco, armados de fréchas, para os conduzir aqui para a Bahia, logo que a esquadra partida do reino ali ancore.

—E como se ha de sustentar tanta gente?

—Tambem ordenaram que se providenciasse a tal respeito. Que requisitasse da capitania de Sergipe e d'onde houvesse gados as carnes seccas ou enxercadas; da do Rio de Janeiro, a farinha de guerra; da de S. Paulo, porcos salgados.

—Soberbo!—Exclamou Francisco de Padilha.

—D. Francisco de Moura—proseguiu Gomes de Mello—tambem traz comsigo cartas régias para os coroneis Antonio Cardoso de Barros e Lourenço Cavalcanti, este ultimo até seu parente.

Interrompeu a conversa uma salva de seis tiros dada no acampamento portuguez. O estrondear da

artilharia causou immenso jubilo em todos quantos ali se encontravam.

—Que dirão os hollandezes a esta novidade?!—observou Manuel Gonçalves satisfeitissimo.—Salva-se ao novo capitão-mór.

—Informae-me agora de uma coisa—solicitou Gomes de Mello, dirigindo-se a Francisco de Padilha—onde poderei encontrar uma rapariga, filha de um piloto da nau *Nossa Senhora dos Milagres*, da carreira da India, e que actualmente exerce identico logar no galeão *S. João,* capitânea da armada real, onde vem o general D. Manuel de Menezes?

—E como se chama esse piloto?—perguntou o capitão.

—Chama-se—respondeu Gomes de Mello,—João da Guarda e a filha Luiza da Guarda. Conhecei-la?

—Reside em casa de meu pae, com a minha ama de leite—esclareceu Francisco de Padilha.—Trazeis alguma incumbencia para ella?

—Trago um recado.

—Podeis, quando vos aprouver, desempenhar-vos da vossa missão.

—D'aqui a um instante serei comvosco—declarou o recemchegado,—vou ultimar uns arranjos mais urgentes e dentro de um *Credo* ter-me-heis a vosso lado.

Passada uma hora entrava Francisco de Padilha, acompanhado de Gomes de Mello, na residencia paterna, o que era sempre motivo de alvoroto na familia.

— Aqui tendes pessoa vinda de Lisboa, que traz noticias de vosso pae, Luiza — disse Francisco de Padilha depois das saudações costumadas.

— De meu pae! — repetiu Luiza tornando-se simultaneamente córada e pallida. — Está de saude, não é assim?!

— Cada vez mais forte, mas com muito cuidado em vós e sentindo immensas saudades vossas — respondeu o capitão. — Ides vêl-o breve; acceitou um logar na armada de soccorro para vos vir buscar.

Luiza não respondeu, mas pregou os olhos na physionomia de Francisco de Padilha com tão angustiosa expressão, que bem patenteava os sentimentos que nutria por elle.

— Quereis conversar a sós, retiramo-nos — disse polidamente o dono da casa.

— De modo nenhum — redarguiu Gomes de Mello, — nada mais tenho a accrescentar, e preciso agora tratar da minha prisioneira.

— Tendes alguma prisioneira a bordo? — perguntou André de Padilha.

— Tenho. Apresámos uma embarcação hollandeza que se dirigia para os Paizes-Baixos e que levava a bordo uma grande dama e as suas creadas.

— Uma grande dama?! — inquiriu Francisco de Padilha apprehensivo.

— Uma grande dama, sim — repisou Gomes de Mello — a filha do antigo governador hollandez, do coronel Johan van Dorth.

IX

## A ferro e fogo

A esta inesperada noticia, todos exclamaram, cada um com intonação differente:

— Bertha!

— Sabeis o seu nome?! — exclamou muito admirado Gomes de Mello.

— Conviveu comnosco durante perto de dois annos — elucidou André de Padilha, relatando em seguida, nas suas linhas geraes, quanto occorrera com a joven hollandeza.

— Tanto melhor, folgo com essa declaração — disse Gomes de Mello — porque me livram de um serio embaraço. Voltará a hollandeza aqui, se não se oppuzerem a isso, até que tomemos a cidade ou que a troquemos por qualquer dos nossos, prisioneiro dos flamengos, e que valha o seu resgate.

— Pois não — respondeu immediatamente André de Padilha — é uma excellente menina, que deixou entre nós as maiores saudades; teria o

maior gosto em a tornar a receber, se não houvesse um obice terrivel...

—Um obice?!—repetiu Gomes de Mello intrigado.

—Sim, seu pae morreu ás mãos de meu filho n'um recontro—esclareceu André de Padilha—certamente, mesmo que nós lhe offerecessemos hospitalidade, recusa-la-hia.

—Sinto. Procurarei outro abrigo, para a pobre rapariga, que tanto tem soffrido já.

Maria do Rosario olhára de soslaio para Francisco de Padilha; este fez todos os esforços para reprimir a alegria que lhe transbordava da alma, mas não o conseguiu; as suas pupillas faiscaram n'uma explosão de regosijo. Pero Rodrigues enguliu uma praga, resmoneando palavras inintelligiveis. Luiza da Guarda experimentou uma sensação indefinida; exultava com o imprevisto regresso da sua carinhosa amiga, mas ao mesmo tempo as lagrimas teimavam em lhe humedecer os olhos n'uma ascensão dolorida.

Gomes de Mello sahiu acompanhado por todos até á porta, Francisco de Padilha voltou e assentou-se n'um banco de madeira, collocado no exterior da residencia. Deixou-se ahi empolgar pelos seus pensamentos. A sua fantasia adejou em largos vôos até que uma voz de indizivel meiguice inquiriu:

—Sonhaes, pensaes no regresso de Bertha.

O capitão acordou em sobresalto e respondeu

com o descaramento peculiar aos homens... e mulheres, em conjuncturas semelhantes.

—Não, minha cara Luiza, pensava em coisa bem diversa.

—Não pretendaes enganar-me, e para quê? Leio em todo o vosso semblante que toda ella vos absorve e vos domina. Que pena que não possaes ser felizes um com o outro!—respondeu a joven portugueza.

—Não, não podemos, minha boa Luiza—redarguiu Francisco de Padilha, cortando a meio um suspiro;—mas não falemos em mim, conversemos antes a vosso respeito. Sentis-vos satisfeita com a proxima vinda de vosso pae?

—Certamente—retorquiu Luiza com muito menos emoção que seria de esperar em coração tão terno,—ha perto de três annos que o não vejo e se não fosseis vós teria morrido de saudade.

—Estimávamos immensamente ter-vos sempre aqui ao nosso lado, mas vós, Luiza sois nova, bonita, o vosso coração é um inexgotavel manancial de bondade. Precisaes encontrar outro que vos comprehenda, que vos ame, que se renda ao vosso.

—Não me magoeis, senhor, que nunca vos fiz mal. Guardae essas palavras para vós, se não podeis refrear a indifferença que vo-las dita, mas amerceae-vos dos meus ouvidos, que são n'este momento crueis algozes da minha alma.

—Sois injusta, Luiza; incorreis exactamente na crueldade que pretendeis censurar em mim. Nunca

me fostes indifferente; estimei-vos sempre como... uma irmã, como uma... amiga da infancia. E se nós, fracas creaturas, pudéssemos mandar no coração...

—Que succederia?

—Esse coração seria vosso.

—Não o quereria eu para mim, sabendo que elle é todo d'outrem.

—Luiza—e Francisco de Padilha pegou nas mãos da joven attrahindo-a a si—fazei um esforço, esquecei-me, diligenciae amar outro homem. Voltae com vosso pae para o nosso querido Portugal, escolhei ali d'entre tantos mancebos valorosos e guapos algum que vos mereça.

—Não, senhor, tal não farei; já que a adversidade quer que eu ame sem esperança, o meu coração pertencerá sempre áquelle a quem se devotou, mas entregar-me-hei toda ao serviço de Deus.

—Não sejaes louca, Luiza. Promettei-me solemnemente que não praticareis semelhante desvario.

—Não posso prometter semelhante coisa, porque de ha muito eu jurei ao Supremo Juiz, ao que pesa todas as nossas acções e ao qual não se póde occultar nenhuma, que procederia como vos acabo de declarar.

—Vinde para dentro, que vos crestaes com semelhante soalheira—gritou do limiar da porta Maria do Rosario.

—Vamos já, ama, descançae. O sol e eu somos velhos conhecidos, já não fazemos mal um ao

outro—respondeu Francisco de Padilha com certa impaciencia.

—Mas não succede o mesmo com Luiza—insistiu Maria do Rosario com solicita obstinação—que qualquer restea logo a põe trigueira e doente.

—Promettei—teimou Francisco de Padilha em tom supplicante e chamando Luiza ainda mais a si.

—Já prometti a um e a esse não se pode faltar.

Maria do Rosario, enfadada por não lhe obedecerem, acercou-se dos dois, o que suspendeu immediatamente o dialogo nos termos em que proseguira até ahi.

Uma hora depois encontrava-se Francisco de Padilha no acampamento do Rio Vermelho. Notava-se ali uma certa effervescencia.

—Que aconteceu?—perguntou Francisco de Padilha ao primeiro dos seus camaradas que encontrou.

—A salva dada esta manhã no arraial deu que entender aos hollandezes—informou o interrogado.

—Como o sabeis?

—Quizeram á viva força inteirar-se do que a motivara e sahiram com um troço em S. Bento. Correu-lhes ao encontro Lourenço de Brito, mas os tredos tinham preparado uma cilada e mataram um sargento dos nossos e aprisionaram outro, muito mal ferido.

—Ficaram então conhecendo que o capitão-mór D. Francisco de Moura substituiu Francisco Nunes Marinho d'Eça e que o bispo D. Marcos

Teixeira fallecera, o que talvez não fôsse ainda do seu conhecimento.

—Francisco de Padilha dirigiu-se ao sitio onde abivacava a sua gente e meditava e reflectia, não sendo capaz, por mais esforços que envidasse, de afuguentar da mente a imagem de Bertha.

—Nada — monologava — preciso entreter o tempo n'alguma coisa que m'o furte a esta obcessão constante.

De subito bateu uma palmada na testa e exclamou como respondendo a uma pergunta intima:

—Já sei! Mãos á obra!

Chamou quatro dos seus homens em quem depositava maior confiança, falou com elles demoradamente e ao cabo da conversa, perguntou-lhes:

—Estão promptos a acompanhar-me?

—Até o meio do inferno!—redarguiram todos persignando-se.

—Não ignoraes que entre as embarcações com que o inimigo nos incommoda no Reconcavo, a melhor em ligeireza de remo e concerto de falcões é um bergantim que pertencera ao governador Diogo de Mendonça Furtado—expoz Francisco de Padilha.

—Ninguem o ignora.

—Projecto arrancá-lo ao poder dos hollandezes.

—Mas fundeia no meio das naus!—objectaram os circumstantes assombrados.

—Que importa?

—Bem, promettemos acompanhar-vos e não faltaremos á nossa promessa. Vamos lá!

N'essa noite, no meio de um silencio profundo, que só o zumbir dos insectos e os estalos caracteristicos do crescer das plantas perturbava, Francisco de Padilha atravessa a espada nua na bocca e nada em direcção do bergantim. O emprehendimento accusava uma louca temeridade. Se alguem álerta désse o rebate o capitão seria irremediavelmente morto. Felizmente a guarnição abandonara o bergantim e pernoitava n'uma das proximas naus. Então o chefe da estupenda tentativa, convencido que ninguem dormia a bordo, chamou os seus quatro dedicados companheiros. Saltaram lá dentro de espadas em punho, promptos a cravar as laminas no primeiro contrario que surgisse.

—Ninguem, absolutamente ninguem!—disseram baixinho os quatro denodados rapazes.

—Tanto melhor—retorquiu Francisco de Padilha—peguem nos remos e levemos o bergantim para onde o tenhamos seguro.

Foi esta a primeira embarcação ligeira de que os portuguezes dispuzeram para ir ao encontro dos navios que se approximavam da costa, e prevenilos de como deviam proceder (1).

A proeza repércutiu por todo o arraial como um festivo repique de sinos. O capitão-mór man-

(1) Padre Antonio Vieira.

dou chamar o intrepido caudilho á sua presença, abraçou-o e declarou-lhe:

—Consola commandar homens como vós. Entre tantos valentes, vós sois um dos que mais honram a nossa patria...

Francisco de Padilha curvou-se n'uma reverencia, e tão córado como uma donzella ao ouvir a primeira declaração de amor.

—Torna-se preciso—continuou D. Francisco de Moura—apertá-los cada vez mais não só do lado de terra como estão, mas ainda da banda do mar. A nossa divisa será avançar constantemente.

—Podeis contar sempre commigo e para o que quizerdes—respondeu com simplicidade o intrepido mancebo.

* * *

As refregas succediam-se sem interrupção. Nunca os portuguezes, nem mesmo nos seus dias mais gloriosos da epopêa da India, tinham pelejado com mais extrema fé e mais acrisolado patriotismo. O major Alberto Schouten, promovido a coronel e successor de Johan van Dorth, apenas soube da chegada de reforços de Lisboa, decuplicara a sua actividade, reforçou ainda mais as fortificações da cidade e do porto e ordenou que se acabasse e aperfeiçoasse o forte da praia que Diogo de Mendonça principiara e não pudera acabar. Mas, espirito folgazão, gostava immensamente de festas e banquetes, tanto em terra como nas naus, em que

tinha por companheiro inseparavel o seu prisioneiro hespanhol D. Francisco Sarmiento, corregedor em Potosi, capturado com a familia, como os nossos leitores se lembrarão, no regresso de Buenos Ayres para Lisboa, quando entrou descuidado com o seu navio na Bahia, já então na posse dos hollandezes.

Chegara-se assim, no meio de tragicas peripecias, ao dia 25 de janeiro de 1625. D. Francisco de Moura visitava os entrincheiramentos dos bloqueantes. Subitamente surgiu-lhe um homem açodado, vindo dos lados de S. Salvador, e que lhe participou:

—Senhor, uma grande novidade.

—Uma grande novidade!?—repetiu o capitão-mór, sem poder conter a sua anciosa anciedade.

—Morreu hontem o coronel Albert Schouten!

—Como?—interrogou D. Francisco de Moura.

—Cá fóra dos muros da cidade ainda não se sabe bem ao certo—informou o novelleiro.—Uns dizem que de uma subita enfermidade, outros que de uma bala n'um recontro com os portuguezes. (1)

—Quem tem a certeza d'isso?—perguntou o capitão-mór.

—Do que lhe causou a morte, não tenho; mas

(1) O chronista Fr. Vicente do Salvador testemunha dos acontecimentos, escreve que o coronel Albert Schouten succumbiu a uma rapida doença; Soutney relata que o matou uma bala.

que falleceu hontem não ha duvida. Enterraram-n'o hoje na Sé com as mesmas formalidades com que foi sepultado o coronel Johan van Dorth. Por tal signal que até lhe deram mais duas descargas que ao seu antecessor.

—Porquê?

—Ou porque quem o substitue no cargo é seu irmão, o já agora coronel Guilherme Schouten, ou por chegar hoje mesmo uma nau da Hollanda com sessenta soldados.

A noticia era verdadeira. O governador Albert Schouten finara-se, assumindo o commando da praça seu irmão Guilherme, até ahi mestre de campo, e provido n'este ultimo logar o capitão Kijff.

Todo o campo em redor da cidade se ouriçara de obras de fortificação passageira, mais ou menos resistentes. Podia considerar-se todo o Reconcavo como um enorme campo entrincheirado. A não ser um ou outro raro traidor, que sempre os houve em todas as eras, ninguem se amerceava dos hollandezes. A 11 de março d'esse anno de 1625 avistou-se ao largo uma nau. Escasseára o vento e o seu capitão bordejou durante dois dias, talvez para se certificar se o ancoradouro ainda continuava a ser pertença da Companhia das Indias Occidentaes. Estes bordos da desconhecida embarcação causaram não pequenos sobresaltos na cidade, pois houve quem a suspeitasse de esculca ou mexeriqueira da armada de soccorro, esperada a todo o momento de Portugal e Hespanha.

O capitão-mór lançou immediatamente os seus melhores lebreus e mandou vir á sua presença os espias que trazia no seio dos flamengos. É a uma conferencia d'essas a que o leitor vae assistir.

—Por fim era uma nau hollandeza?—interpellou o capitão-mór para um d'esses esclarecedores.

—É sim, senhor; e não pequenos sustos produziu o seu apparecimento entre os hollandezes. Andava tudo alvorotado e em preparativos de defesa—informou o espião.

—O susto transformou-se em alegria quando se convenceram da verdade—commentou D. Francisco de Moura.

—Tanto mais que os seus porões abarrotam de ladrilho o que muito os alegrou, para continuar a torre que já começaram na porta do muro que vae para o Carmo, para a qual se estão servindo da pedra tirada da capella nova da Sé.

—Construam as torres que quizerem, nós havemos de os expulsar da Bahia—assegurou o capitão-mór, batendo um forte murro na mesa.

—O que mais os apoquenta é a falta de cal, mas contam ir buscal-a...

—Onde?

—Á casa onde ella existe, além do Carmo, junto da ermida de Santo Antonio.

—E quando tencionam proceder a essa diligencia

—No dia 17 pela manhã.

—Mais nada?

—Nada mais tenho que vos informar.

—Trazei-me bem ao facto das mais pequenas minudencias que occorrerem na cidade, que não vos arrependereis.

—Faço todo o possivel por bem cumprir o meu dever—respondeu o espião, arqueando-se n'uma respeitosa mesura.

O capitão-mór esboçou um gesto de repugnancia ao ouvir exaltar aquelle cumprimento do dever e atirou com uma mão cheia de patacas ao ambiguo servidor.

No dia 17 de março d'esse anno de 1625, sahiu pela porta do Carmo um bando numeroso de negros de saccos de serapilheira vazios, ás costas, e escoltados por cento e vinte mosqueteiros. Apenas transpuzeram os muros desencadeou-se sobre elles um formidavel aguaceiro. Abrigaram-se negros e brancos na casa da cal e outras vivendas proximas, descurando as devidas precauções militares e não desconfiando, nem por sombras, de qualquer imminente investida dos portuguezes. O capitão Jordão de Salazar, occulto na ermida, no momento propicio, gritou para os seus homens:

—Não me deixem escapar um só.

Os soldados neerlandezes, surprehendidissimos, precipitaram-se em tropel para fóra das moradias, ao passo que os negros fugiam, como corvos, quando um tiro os enxota de cima dos cadaveres.

—Que nenhum vá repetir aos seus o que aqui

succedeu!—recommendou Jorge de Aguiar á frente d'outra força.

—Rapazes,—excitou a voz sonora e varonil de Francisco de Padilha—chove como se o mar subisse ao céu e de lá quizesse voltar outra vez para onde estava, não podem fazer uso dos arcabuzes. Á espada! á espada!

A lucta durou um quarto de hora. Ao cabo d'esse tempo os hollandezes perdiam nove mortos, entre os quaes um tenente-coronel, e muitos feridos, e nós dois mortos e doze feridos. [1]

—Lá veem mais forças soccorrel-os—avisou um dos portuguezes incumbido d'essa missão.

—Retiremo-nos—aconselhou Francisco de Padilha.

—Assim poderão elles levar os seus mortos e feridos—objectou Jordão de Salazar.

—Mas ao menos não levam a cal que vieram buscar—observou Jorge de Aguiar.

—E nós levamos-lhes dezoito mosquetes, duas alabardas, um tambor e algumas espadas [2]—concluiu Francisco de Padilha.

A torre não se concluiu por falta de cal.

O capitão-mór quasi não dormia e não descançava nunca.

Nomeou o capitão Manuel de Sousa d'Eça para

---

[1] Fr. Vicente do Salvador.
[2] Fr. Vicente do Salvador.

fortificar e defender convenientemente o Reconcavo e organisou para melhor proteger os engenhos, a fim de poder hostilisar os barcos neerlandezes que cruzavam pela bahia, lagamares e foz dos rios, uma esquadrilha de lanchas canhoneiras, que confiou á direcção de João de Salazar de Almeida. Por este tempo houve nova sortida dos flamengos das bandas do Carmo, mas a repressão foi tão severa da parte dos portuguezes que o governador hollandez determinou que, «sob pena de morte», ninguem mais transpuzesse os muros da cidade. ([1])

Nos principios de 1625, a 27 de janeiro, finou-se, com setenta e cinco annos, o jesuita Fernão Cardim, reitor do collegio da Bahia, a quem o Padre Antonio Vieira tece os mais levantados elogios pela influencia exercida sobre os seus compatriotas e pelo patriotismo desenvolvido na guerra de exterminio movida aos hollandezes.

D. Francisco de Moura conhecia palmo a palmo quanto os inimigos praticavam e até o que projectavam. N'um conselho de guerra reunido no arraial e a que assistiam todos os capitães não impedidos pelas exigencias do serviço, o capitão-mór expunha aos seus cooperadores n'aquella santa causa:

---

([1]) *Hollandezes no Brazil,* Varnhagem. *Historia do Brasil,* Rocha Pombo.

—Os hollandezes perdem terreno constantemente e não encontram, felizmente para o bom nome portuguez, apoio em parte nenhuma. Ainda ha poucos dias mandaram uma nau com um patacho e lanchas ao Camamu, e ahi, no engenho do collegio, apprehenderam algum gado.

—Sahiu-lhes, porém, o gado mosqueiro, como se costuma dizer—ampliou Manuel Gonçalves.—Correram-lhe ao encontro três ou quatro indios n'um batel seu, e, como eram sete os bois, mataram sete hollandezes.

—Tambem fizeram uma excursão pacifica á villa de Cayru e diligenciaram commerciar com os moradores—proseguiu D. Francisco de Moura—mas estes responderam-lhes: «que nem queriam, nem podiam ser tredos; porém, se quizessem por força fazer o contracto, que seria de polvora e pelouro».

—Bem respondido—approvou a assistencia.

Tentaram egualmente, como sabem—continuou o capitão-mór—aproveitar os recursos da ilha de Itaparica, onde existem muitos curraes de vaccas e onde se pesca excellente e abundante peixe.

--A tomadia era de primeira ordem.

—Projectaram apoderar-se d'aquellas fazendas e engenhos. Para o conseguir embarcaram em duas naus quatrocentos soldados commandados pelo capitão Kijff, esse traidor de Francisco... cujo appelido omitirei por vergonha nossa.

—Morra o traidor!—bradaram os circumstantes.

— Desembarcaram no engenho de Sebastião Pacheco, mas achava-se ali o capitão da ilha, Paulo Coelho, por traz de uma cava ou bardo de bagaceira da canna, com alguns dos nossos, que de tal modo os receberam que o ultimo remedio que lhes ficou foi o de volverem para as embarcações.

— Viva o capitão Paulo Coelho!

— O inimigo queima os ultimos cartuchos para obter víveres e não morrer de fome, e como se torna necessario a todo o transe disputar-lh'os, todo o Reconcavo será uma continua fortificação.

— Elles já cessaram os ataques por mar.

— Ao que consta elucidou o capitão-mór, — pelo Natal chegou-lhes um navio da Hollanda, que apresára outro nosso durante a viagem, vindo de Lisboa para Pernambuco, e que trazia cartas de Filippe IV prevenindo que a armada de soccorro partiria breve.

— Mas tambem os hollandezes esperam reforços.

— E importantes. A Companhia avisada dos enormes preparativos effectuados por Portugal e Hespanha para nos acudir, deliberou equipar duas formidaveis esquadras, o que está fazendo com a maior presteza.

— Cá estamos para as receber o melhor que pudermos.

— A primeira esquadra compõe-se de dezoito naus e sete hiates, quatrocentas e noventa peças de artilharia e mil trezentos e cincoenta soldados. Commanda-as Van Dirk Zoon Lam.

—É uma força respeitavel.

—A segunda formam-n'a quatorze navios e dois hiates, com trezentos e trinta e oito canhões e quinhentos e cincoenta homens; é seu general o burgomestre de Edam, Bandewin Hendrikszon.

—A visita é de respeito.

—Além d'estas forças, a Companhia mandou três naus e quatro hiates, a fim de hostilisar as costas de Hespanha e participou para aqui, ao seu governador, que estas frotas lhe appareciam breve, pelo hiate *Windhond*, e quando sahirem de lá enviarão outro hiate, o *Haese*, communicando essa sahida. Já vêdes que estou bem informado.

—O melhor possivel.

—Vejamos agora de que elementos dispõem os hollandezes em S. Salvador para essa defesa. Teem fundeados no ancoradouro dez navios de guerra e dezoito mercantes. As fortificações da banda da terra são das mais aperfeiçoadas. Como os muros e portas se apresentavam fracos, ergueram altissimas trincheiras e abriram profundissimas vallas que ninguem pode transpor, que ainda por cima estão revestidas de paus, de tal modo aguçados, que quem lá cahir não sae com vida. Tudo isto armado com cento e cincoenta peças de artilharia das suas e das nossas, que utilisaram dos navios apresados.

—Não contando, como temos observado, que os arredores da cidade e as embocaduras das ruas estão coalhadas de estrepes de ferro, tão juntos, que, por mais devagar que se ande, se ha de sem-

pre espetar n'uma das suas três pontas aceradissimas.

—E a guarnição assume um total de mil e seiscentos flamengos, setecentos mercenarios francezes e inglezes, quinhentos negros armados e... alguns portuguezes degenerados.

—Com mantimentos e munições para muitos mezes.

—Não teem para mais de seis semanas, affirmou Francisco de Padilha.

—E a guarnição está descontentissima—adduziu o capitão mór.—O actual governador Guilherme Schouten é um homem descuidado, arrogante, só pensa em mulheres. Insulta os soldados, castiga-os sem justiça, passa o tempo embriagando-se ou nos braços das amantes.

—A defesa corre á mercê dos subordinados—observou Manuel Gonçalves.

—A indisciplina é completa, ninguem cumpre o seu dever e até os mais intrépidos se deixam enervar com estes maus exemplos ([1])—notou Jorge de Aguiar.

—O mau estar é tamanho que corre que Jacob van Dorth, sobrinho do fallecido coronel van Dorth, fomenta a sizania e a intriga, fingindo-se ao mesmo tempo muito amigo do actual governador, a fim de lhe usurpar o lugar—declarou Lourenço de Brito.

---

([1]) Netscher, Bartholomeu Guerreiro, Medeiros Correia.

—Francisco de Padilha é que póde dizer se elle é capaz d'isso ou não—insinuou Luiz de Siqueira.

—Nunca falo n'esse homem, nem gosto de ouvir falar d'elle—disse o capitão.

—Tendes então que fechar muitas vezes os ouvidos—commentou Manuel Gonçalves entre serio e risonho.

O conselho terminou pouco depois.

Francisco de Padilha atirava-se como um doido para o meio das refregas, buscava a morte com afan, praticava as mais loucas temeridades, pretendia alijar a vida como um fardo pesadissimo, tudo isto para esquecer Bertha, mas a recordação da gentil e desditosa neerlandeza cada vez se enraizava mais na sua mente e no seu coração.

A saudade é um dos mais cruciantes espinhos que tortura a alma, e quanto mais diligencias se effectuam para a arrancar, mais ella se crava, mais penetra e alarga a ferida, mais se compraz em a fazer sangrar, mais se delicia em nos affligir e amargurar. Francisco de Padilha, um leão nos combates, sentia correr as lagrimas em fio quando a sós com o seu pensamento se lembrava de Bertha e que se convencia que ella nunca lhe poderia pertencer. Esta idéa tornava-se para elle uma tão forte obcessão, que havia momentos em que julgava endoudecer, não achando meio de a diminuir ou, ao menos, afastar.

N'essa tarde a saudade, a dôr, a angustia mi-

naram-no de tal modo que não as poude refrear dentro de si e deliberou procurar Bertha na moradia onde Gomes de Mello a depositara, e onde era a miudo visitada por Maria do Rosario e Luiza da Guarda.

—Que me quereis?—perguntou a joven neerlandeza, apparecendo a Francisco de Padilha, pela primeira vez, depois que desembarcara prisioneira.

—Nem eu sei, Bertha, ou antes, sei-o muito bem. Vêr-vos, só isto, vêr-vos e nada mais. Não protesteis, não aggraveis ainda mais este meu tormento que não se pode comparar a nenhum dos que me explicaram quando foi obrigado a visitar a Inquisição em Portugal — exclamou o capitão, vendo a dama hollandeza levantar as mãos como para occultar o rosto.

—Se vós soffreis, Francisco de Padilha, eu não soffro menos, mas creio que será menos intenso o meu soffrimento quando separados, que, agora aqui, em frente um do outro—expoz Bertha com ineffavel doçura.

—Reconheço que vos inspiro horror, que sou a vossos olhos um monstro, um assassino, quasi um parricida, mas não fui eu o culpado!—exclamou Francisco de Padilha n'uma explosão de lancinante magua.

—Não, não sois culpado, nem eu vos culpo. O destino, os designios do Senhor são mais fortes que os nossos melhores desejos; conformemo-nos com elles; a resignação é o unico balsamo que

póde mitigar as nossas penas, lancemo-nos nos seus braços — recommendou Bertha com infinita meiguice.

— Não é nos seus braços que eu me queria lançar, é nos vossos — rugiu o capitão completamente desvairado, pegando nas mãos da flamenga e beijando-lh'as com delirio.

— Oh! não, por Deus, não! — supplicou Bertha, fechando os olhos e sentindo a cabeça esvahir-se-lhe n'uma vertigem — oh! não, por Deus, não!

— Sê minha, Bertha! Não posso soffrer mais. Se me repellis mato-me aqui a vossos pés — prometteu Francisco de Padilha com as pupillas a relampejar.

---

## X

# A esquadra

Deixemos por um instante os dois infelizes namorados, entregues ao desespero de um amor correspondido, mas a que os preconceitos, a alma generosa de Bertha e os caprichos inexoraveis da fatalidade não permettiam o natural curso, e vejamos o que causava tão ruidosa alegria no acampamento de Rio Vermelho.

Acabava de chegar um mensageiro de Portugal, que desembarcára, por precaução, a algumas leguas da Bahia e que viera por terra até o arraial. Rodearam-n'o todos e quasi não o deixavam falar, de tal modo o assaltavam com perguntas.

—Contae tudo, tudo. Desde que se recebeu em Lisboa a noticia da tomada da cidade—impuzeram os mais anciosos e impacientes.

—A tristissima nova—principiou o orador—chegou a Lisboa a 25 de julho, do anno passado, 1624. Os governadores do reino D. Diogo de Cas-

tro, conde de Basto, e D. Diogo da Silva, conde de Portalegre, expediram-n'a logo para Madrid, e com tal pressa, que no fim d'esse mez já Filippe IV e o conde de Olivares a conheciam com todos os seus pormenores.

—Não era para elles novidade de costa acima —observou Manuel Gonçalves, um dos presentes. A infanta D. Isabel communicára de Bruxellas á côrte castelhana todos os preparativos realisados na Hollanda, e os espiões que o governo mantinha em Amsterdam apoderaram-se d'esse segredo.

—Assim succedeu—retorquiu o recemvindo.

—O valido—continuou na sua objurgatoria Manuel Gonçalves,—o homem que mais damno tem causado a Portugal, é o conde de Olivares, estupido e incrédulo, soubera a tempo do perigo que se acastellava, mas, orgulhoso, arrogante, repugnava-lhe que a Republica Hollandeza ousasse arrostar os leões de Castella.

—O choque por isso mesmo foi mais duro. Viu que a sua posição estava em jogo, encolerisou-se e fez com que Filippe IV tomasse a peito tão grave affronta—proseguiu o orador.—Portugal convulsionou-se ainda n'um dos seus velhos accessos leoninos; não houve nenhum portuguez que não se indignasse, furioso, contra o governo de Madrid.

—Resoaram por cá os echos d'essa indignação —interrompeu Lourenço de Brito;—accusaram com vehemencia o pobre governador d'aqui, Diogo de Mendonça Furtado, que se portou como um va-

lente, e imputaram, e com fundada razão, todas as nossas infelicidades ao dominio castelhano.

—Gritava-se por Lisboa, alto e bom som,—relatou o emissario—que os hollandezes, que n'um escasso dia de batalha tomaram a Bahia, não excediam no valor aos seus concidãos, duas vezes batidos em Moçambique, derrotados na costa da Mina por Christovam de Mello, e em Malaca por André de Mendonça Furtado.

—Houve muita culpa da parte dos moradores da Bahia, não ha duvida—concordou em tom mais sereno Manuel Gonçalves,—mas redimem agora sobejamente essa passada fraqueza.

—Perdoae—declarou o orador—não vos censuro, apenas repito o que por lá occorria, como me pedistes. Diziam que a 24 de junho de 1622 a cidade de Macau, accommettida por quinze naus e duas escunas, ás ordens do almirante Cornellius Rei Jertz, não só escarnecera da artilharia das embarcações, como forçara a recolher a bordo, dizimados, os seiscentos mosqueteiros enviados ao assalto das fortificações.

—Não exaggeravam—commentou Luiz de Siqueira.—O abandono d'esta cidade, por quem tinha por patriotico dever e por principal interesse defendêl-a, constituiu um flagello sem nome e representa uma negra mancha na historia do Brasil, para que o paiz em peso não tente apagál-a, tomando um desforço condigno.

—Foi o mesmo que pensaram na Europa—

elucidou o mensageiro — portuguezes e castelhanos, o rei, os ministros, os governadores, o povo, tudo quanto em Portugal tinha a noção do brio e do pundonor.

— Ainda bem — approvou Jorge de Aguiar.

— Filippe IV mandou lavrar uma carta régia na qual determinava que se procedesse com todo o rigor e escrupulo a uma devassa acerca do procedimento havido pelo governador Diogo de Mendonça Furtado, capitães e seus subordinados.

— Que venha a devassa — exclamaram muitos individuos em côro.

— Supersticioso e fanatico, como é o monarcha, quiz penitenciar-se dos peccados publicos e particulares e ordenou que se castigassem com a maior severidade os escandalos, os delictos, os crimes, convidou os bispos e os mosteiros a que com o auxilio de preces e praticas religiosas attrahissem os catholicos ás egrejas, a fim de obterem commiseração do ceu com o seu arrependimento, o olvido dos peccados e o patrocinio da omnipotencia divina.

— Armas e homens é do que nós precisamos — objectou Manuel Gonçalves mui pouco devotamente.

— O arcebispo D. Miguel de Castro, todo o clero secular e regular, o capellão-mór D. João da Silva e o colleitor apostolico Antonio Albergati deram immediato cumprimento aos desejos do soberano, manifestando em Lisboa o seu zelo pelo

ponto religioso do caso e fazendo activa propaganda n'esse sentido.

—Agua benta de sobra tivemos nós por aqui, o que nos falta é polvora, armas e quem as maneje —conceituou ainda menos piedosamente Lourenço de Brito.

—Não se tratou apenas de exercicios espirituaes, como suppondes—continuou o orador,—Filippe IV escreveu a 7 de agosto d'esse anno de 1624 participando aos governadores que o reino de Hespanha resolvera mandar a esquadra do Oceano com três mil soldados para rehaver a cidade de S. Salvador, esperando que Portugal não regateasse quanto auxilio pudesse fornecer n'essa crise, que a todos incumbia conjurar, como o exigiam os dictames da honra e o fervor da religião.

—Se o inimigo não fosse heretico talvez não o incendesse tanto zelo—commentou Jorge de Aguiar.

—Filippe IV accrescentava mais que as duas frotas deveriam estar promptas n'esse mesmo mez e que sentia funda pena por não tomar o commando em pessoa das tropas de terra e mar. Terminava fazendo votos pelo progresso e gloria dos seus vassallos portuguezes.

—O lobo transformado em cordeiro!—obtemperou Lourenço de Brito.

—Portugal ergueu-se então cheio de enthusiasmo e de fé.

— Essas palavras de incitamento sublimaram as almas e outhorgaram nova vida ao coração amorte-

cido de muitos. A afflição do povo, mitigada com estas phrases de consolo, converteu se em excitação patriotica.

—Tambem já era tempo da nossa terra acordar do lethargo em que jaz ha quarenta e cinco annos—disse Manuel Gonçalves sem dissimular a sua alegria.

—Com esse exemplo do rei tão marcial e do conde de Olivares, tão impregnado de espirito bellico, pensando todos vencer com facilidade os hollandezes, anniquilar os dias e as semanas, saltar por cima de todos os entraves, correu sangue novo pelas veias dos nossos compatriotas e a terra portugueza pareceu voltar aos tempos invejaveis de D. João II e de D. Manuel.

—Contae, contae; é de pé, a combater, e não de joelhos, a rezar nos templos, que deve estar o nosso povo.

—Tudo então rivalisou em sacrificios. Os governadores e fidalgos, os mercantes ricos, a gente pobre, tudo quiz levar o seu óbolo ao altar da patria. Filippe IV promettera soccorros em dinheiro e deu a sua sancção aos contractos feitos pelos governadores em nome e por conta da corôa de Castella.

—Não foi sem segundo sentido—observou Jorge de Aguiar.

—O paiz ergueu-se em peso. Assumiu as responsabilidades dos gastos e nunca do Tejo largou frota mais completa.

—Viva Portugal!

—Os moradores de Lisboa entregaram um do-

nativo de cento e vinte mil cruzados subscrito por todas as classes. O duque de Bragança enviou vinte mil cruzados para munições e polvora. O duque de Caminha, marquez de Villa Real, D. Manuel de Menezes, dezeseis mil e quinhentos. O conde de Ficalho, duque de Villa Hermosa, presidente do conselho de Portugal, o marquez de Castello Rodrigo, conselheiro de estado mais de três mil ([1]).

— Foram todos á porfia!

—Como quereis vós que tal não succedesse, se Filippe IV, repito, declarou textualmente: «se lhe fôra possivel elle mesmo houvera de vir em pessoa,» e depois escreveu: «Não duvido que taes vassallos em tal occasião por me servirem se sacrifiquem, e que mais necessidade haverá de contêl-os que não embarquem, do que de incital-os a fazerem-no. Pois por minha fé tanto os amo e estimo que me alegro de arriscar na jornada a minha propria pessoa, provando-lhes o meu desejo, não só de conservar essa corôa, mas de augmentál-a e de engrandecel-a, como taes vassallos merecem ([2]).

— Lagrimas de crocodilo! — sublinhou Lourenço de Brito.

—Houve grande numero de fidalgos e titulares que se einpenharam para concorrer dignamente para a empreza. D. Miguel de Castro, arcebispo de

---

([1]) Rebello da Silva.
([2]) M. Severino de Faria.

Lisboa, offereceu dois mil cruzados; o arcebispo de Braga, D. Affonso de Mendonça Furtado, dez mil e o de Evora, D. José de Mello, quatro mil. Os prelados do Porto, de Coimbra, da Guarda e do Algaver entraram n'este rateio com importantes quantias.

—Pois se são portuguezes... notou Manuel Gonçalves.

—Ao serviço de Castella—acudiu do lado Jorge de Aguiar.

—Os mercadores allemães entraram com cincoenta quintaes de polvora e os negociantes, na maioria, com trinta e quatro mil cruzados—continuou o orador.—Emfim, sem extorsões nem exacções arranjaram-se duzentos e trinta e quatro mil cruzados, somma que custaram a esquadra e as tropas n'ella embarcadas. O erario régio não gastou um real.

—Apesar da boa vontade do conde de Olivares, é claro—observou ironicamente Lourenço de Brito.

—Se o dinheiro appareceu depressa, os homens ainda se apressaram mais. Nunca desde o assédio de Mazagão, nos primeiros annos de D. Sebastião, surgiu exemplo entre nobres e ricos, entre villões e pobres, de tão grande afan em se alistar para viagem tão distante, a mil e quinhentas leguas de Lisboa.

—Tambem nós cá estamos—accentuou Manuel Gonçalves.

—O effectivo da expedição portugueza não excede quatro mil homens, mas é o beijinho da nobreza, pois não ha memoria de expedição com

mais brilho, nem de pessoas da melhor extirpe, desde que os areaes de Alcacer-Kibir absorveram o mais generoso sangue de Portugal.

—É bom que o paiz comece a acordar.

—Os voluntarios bulhavam para ser acceites. Lá vem n'essa qualidade Affonso de Noronha, outr'ora vice-rei da India. E a expedição podia duplicar ou triplicar o seu effectivo. Por exemplo, em Vianna três irmãos chegaram a tirar sortes sobre qual havia de ficar na patria com sua mãe, que não quiz deixar vir todos, e entre um pae e um filho houve larga disputa ácerca d'aquelle que deveria embarcar, tendo o conde governador da provincia de intervir na contenda, pronunciando-se a favor do filho mais novo e por consequencia mais resistente ás fadigas.

—E a expedição o que é?—perguntou Lourenço de Brito com impaciencia.

—Lá vamos. Os preparativos da expedição adeantaram-se rapidamente. O conde de Olivares andava phrenetico e os governadores do reino desenvolveram prodigiosa actividade. O conde de Bastos, caracter integro, encarregou-se das coisas de terra, o conde de Portalegre, habil e diplomata chamou a si os assumptos navaes que mais agradavam e prendiam o povo.

—Andava á caça da popularidade.

—Fosse como fosse, nenhum passou adeante do outro no zelo e empenho como se dedicaram ao emprehendimento, na revelação dos seus senti-

mentos patrioticos e na reciproca estima que mantinham entre si.

—E o Porto ficou quieto?

—Não senhor. O conde de Miranda, Diogo Lopes de Sousa, não se quedou de braços cruzados. nem se poupou a canceiras; expediu ordens acertadas, inspeccionou os portos de mar da provincia de Entre Minho e Douro, fretou e armou os navios que por ali navegavam, metteu-lhes guarnição a bordo e abasteceu-os de munições. Em Coimbra, o conde de Cantanhede tornou-se um digno émulo dos demais, alistando toda a gente da terra que podia.

—Mas vamos ao ponto importante—insistiu Luiz de Siqueira.

—Nada se faz sem tempo—retorquiu o orador. —Tão activamente se trabalhou nos aprestos da frota, que três mezes depois estava tudo concluido, não se devendo um ceitil do que se comprara ou manufacturara, e havendo tanta pontualidade, tanto escrupulo e abundancia tal no armamento, que o exemplo mereceu que o citassem por modelo ás administrações do Estado, mandando o rei louvar em seu nome, collectiva e individualmente, os testemunhos de dedicação tanto para os que embarcaram como para os que ficaram, e pediu o nome dos que mais se tinham evidenciado para os recompensar [1].

---

[1] Rebello da Silva.

—Mel pelos beiços...—objectou Manuel Gonçalves.

—Três empregados superiores dividiram entre si aquelle collossal trabalho. Vasco Fernandes Cesar, provedor dos armazens, tomou a seu cargo os fornecimentos e mercados; João Paes de Mattos, thesoureiro dos armazens, acudiu aos pagamentos e transacções; e o corregedor Luiz Goes de Mattos, arrogou a si a superintendencia do civel e do crime na armada e no exercito.

—Mas então porque se demorou tanto tempo a esquadra?—perguntou, quasi irado, Luiz de Siqueira?

—O governo de Madrid instava quotidianamente com o general da armada do Oceano para que a Hespanha andasse tão veloz como Portugal, mas não o conseguiu. Convencidos que se tornava impossivel a partida em agosto, e até em setembro, o conde duque de Olivares marcou-a definitivamente para 20 de outubro, ordenando que a reunião das duas esquadras, da portugueza e da hespanhola, se effectuasse em Lisboa.

—Os castelhanos não mostravam grande pressa.

—Não mostraram tanta como nós, realmente. É que a affronta doía-nos mais a nós que a elles. Por ultimo resolveram os governadores do reino com o beneplacito da côrte de Madrid que a nossa esquadra zarpasse só e aguardasse a de D. Fradique nas aguas de Cabo Verde, d'onde então singrariam de conserva.

—Por fim, em que dia levantou ferro a nossa frota?

—No dia 22 de novembro do anno passado, 1624.

—E que navios a constituem?

—São, ou melhor, eram vinte e duas velas, isto é dezeseis naus de guerra, quatro caravellas, um navio redondo, etc. Entram na sua composição galeões e navios da armada do consulado e onze vindos do Porto e de Vianna. Estes ultimos, na viagem para Lisboa, esbarraram com um navio turco, cheio de munições, apresaram-n'o, o que foi considerado de bom agouro para o feliz exito da expedição.

—Deus vos ouça.

—Todo o povo de Lisboa correu ás margens do Tejo para se despedir da armada. Não houve enthusiasmo, foi um delirio. Tudo chorava e ria ao mesmo tempo. O acenar dos lenços lembrava que na praia pousara enormes bandos de passaros multicôres, todos a bater com as azas.

—E quem vem de certeza?

—No galeão *S. João,* capitânea da armada real, vem o general D. Manuel de Menezes, homem de sciencia e impávido no perigo; no galeão *Sant'Anna* desfralda o seu distinctivo o almirante D. Francisco de Almeida; no galeão *Conceição* embarcou Antonio Moniz Barreto, mestre de campo, fidalgo affabilissimo, denodado, mas d'uma infelicidade rara na carreira maritima...

—E armamento?

—Trezentas e dez peças de artilharia, mil e seiscentos mosquetes e arcabuzes, mais de mil e trezentos piques e meios piques e quatro mil homens, entre marinheiros e soldados, como já vos disse.

—E os castelhanos?

—A frota hespanhola compõe-se de trinta e sete navios, sendo vinte e três grandes, e que comprehendem naus, urcas, galeões, patachos e caravellas, transportando sete mil e quinhentos homens, ás ordens do almirante D. Juan Fajardo de Guevara.

—Quatro mil portuguezes e sete mil e quinhentos hespanhoes perfazem mais de onze mil homens, com sessenta e tantas velas. É gente de mais para tão poucos hollandezes. Para elles quasi bastávamos nós—commentou Manuel Gonçalves.

—E quando se juntaram as duas esquadras? —perguntou Jorge de Aguiar.

—No dia 6 de fevereiro d'este anno, de 1625, na ilha de Sant'Iago de Cabo Verde. Ahi tomou o commando em chefe das duas frotas o general castelhano da armada do Oceano, D. Fradique de Toledo, marquez de Valdueza.

—Está claro, sempre haviam de nomear um general d'elles para commandar os nossos,—resmoneou Lourenço de Brito.

—Assim é, mas o commandante em chefe portou-se com a mais fidalga galhardia com os offi-

ciaes portuguezes — proseguiu o orador. — Apenas a esquadra castelhana avistou a nossa salvou immediatamente, no que foi correspondida acto continuo, sendo sempre a hespanhola quem dava maior numero de tiros. Logo que fundeou, D. Fradique de Toledo metteu-se n'um batel e foi visitar o seu collega portuguez D. Manuel de Menezes e encontrando-o já no caminho, acompanhou-o a bordo da sua nau. Em seguida visitou os commandantes de todos os outros galeões; e como o morgado de Oliveira se encontrava mal disposto em terra, foi buscal-o a sua casa. ([1])

— Maneira de assucarar a pillula — conceituou o incorrigivel Lourenço de Brito, e em seguida adduziu: — e quando velejou para aqui?

— Cinco dias depois, a 11 de fevereiro.

— Disseste ha pouco que eram vinte e duas velas as nossas; porque já o não são? — inquiriu Jorge de Aguiar.

Naufragaram dois navios. O galeão *Conceição*, commandado por Antonio Moniz Barreto, separou-se do resto da esquadra a 14 de janeiro, e a 20 apanhou uma tão forte tormenta que o atirou para os baixios de Sant'Anna, na ilha do Maio, das onze horas para a meia noite.

— Morreu muita gente?

— Morreram cento e cincoenta soldados, que,

---

([1]) Manuel Severim de Faria.

vendo os fidalgos embarcarem primeiro, se lançaram ao mar. E mais pereceriam se o capitão de infantaria D. Antonio de Menezes, filho unico de D. Carlos de Noronha, rapaz de vinte e dois annos, não os animasse com o seu exemplo e não os exhortasse a que tivessem paciencia, assegurando-lhes que a lancha voltaria, que confiassem na misericordia divina e que elle não se affastaria do lado dos naufragos até estarem todos salvos.

— Foi o unico que cumpriu o seu dever — commentou com sinceridade Manuel Gonçalves.

— Não foi o unico, para honra da officialidade — objectou o orador. — D. Francisco d'Eça, filho de Jorge d'Eça, secundou valorosamente o seu camarada D. Antonio de Menezes. O exemplo d'estes dois valentes susteve o panico e principiou se então a organisar o serviço de salvação com os meios que cada um inventava: jangadas, pranchas, madeiras, taboas, etc. Tambem se salvaram os dois capellães do galeão, Fr. Antonio e Fr. Francisco, um, n'um dos escaleres, o outro, em cima de dois madeiros em cruz.

— E digam lá que a cruz não salva até os frades — commentou de lado, a rir, Luiz de Siqueira.

— E ninguem lhes acudiu? — perguntou Jorge de Aguiar.

— O general D. Manuel de Menezes, apenas soube da catastrophe, mandou immediata communicação ao governador de Cabo Verde, Francisco

de Vasconcellos, e a João Coelho da Cunha, senhor da ilha do Maio, que socorressem os naufragos e salvassem o que pudessem.

— Pouco se havia de salvar.

— Acudiram aos homens e ainda conseguiram roubar ao furor das ondas artilharia, munições, enxarcias do galeão, varios objectos do navio e bagagem da tripulação.

— Quer dizer que, se não fosse o medo, não haveria a lamentar a perda das cento e cincoenta vidas. Má pecha é a do medo! — obtemperou Manuel Gonçalves.

— E qual foi o outro navio que se perdeu?

— Foi a nau *Caridade*, já aqui, nas costas do Brasil. Commandava-a o capitão Lançarote de França. Bateu nos recifes de Parahyba, mas com tanta ventura que logo lhe acudiu seu tio Affonso de França, capitão-mór de Parahyba, com embarcações e marinheiros e quatro caravellões enviados pelo governador de Pernambuco.

— Então o prejuizo não foi de maior.

— Salvou-se a gente toda, excepto dois homens que, precipitadamente, se atiraram ao mar. Mais tarde tambem se safou o casco da nau, o massame, armas, artilharia, munições, etc. Ao capitão Lançarote sobra tanta vontade de combater os hollandezes, que abandonou a nau para que lhe puzessem arvoredo, pois tinham-lhe cortado os mastros, e dirigiu-se só com os seus soldados para Pernambuco, e d'ali, em sete caravellões que o governa-

dor lhe forneceu, deve egualmente estar ahi a rebentar na Bahia com a esquadra.

* * *

Voltemos agora á pathettca scena de desespero de que eram protagonistas Francisco de Padilha e Bertha van Dorth. A gentilissima hollandeza, ás ultimas palavras do capitão, esboçou como um movimento para lhe abrir os braços e apertal-o demoradamente d'encontro ao seu seio offegante. Depois chamou em seu auxilio toda a sua energia e dignidade, e disse:

—Francisco de Padilha, sejamos dignos um do outro. Não maculemos por um instante de desvario todo o nosso passado, façamos com que no futuro, quando olhemos para traz, quando as saudades nos invadirem a alma, não tenhamos nada de que nos envergonharmos.

—Ah! Bertha! Bertha!—exclamou o capitão com a voz entrecortada pelos soluços—bem se vê que não sentis por mim o mesmo amor que abafa e esmaga no meu peito qualquer outro sentimento. Sois fria como uma mulher do norte; não se vos incendeia o sangue nas arterias, nem se vos esbrazeia o ar nos pulmões como nas raças do sul a que pertenço.

—Sou uma mulher, Francisco de Padilha, uma mulher que tem nervos, coração e cerebro como as demais, que tem soffrido como poucas, que da vida

só conhece tristezas e nem um só dos gozos que Deus e a natureza concederam ás outras.

—Porque não quereis esses gozos—atalhou o capitão,—porque entendeis a generosidade acima do que é dado a um ser humano praticar?

—Allucina-vos a paixão, cahi em vós, Francisco de Padilha, e não sejaes injusto commigo.

—Não vos é permittido fallar a vós em justiça, nem censurar que os outros não a exerçam. Que me tendes feito vós a mim, que a vossa alma não condemne como excesso de crueza, como requinte de desdem, que nenhuma religião, nenhuma sensibilidade poderá perdoar?

—Em nome do muito que vos amo, não prosigaes. Não derrubeis o ídolo que ergui no intimo sacrario do meu peito. Calae-vos, peço-vos, e mais ainda, retirae-vos. Vós e eu estamos em casa alheia.

—Não, nem me calo, nem me retiro sem levar d'aqui a certeza de que sereis minha mulher, ou, não me dando essa certeza, como sei que o vosso amor por mim é tão fundo e grande como o meu por vós...

—Contradizeil-os...

—Como o sinto, como essa convicção não se aparta do meu pensamento...

—Que intentaes fazer?

—Raptar-vos.

—E meu pae? O espectro de meu pae?—murmurou Bertha.

—Oh! horror, três vezes horror! Que anáthema

cahiu sobre mim! — rugiu Francisco de Padilha arrepellando os cabellos n'um ímpeto de desespero.

— A esquadra de soccorro! A esquadra de soccorro que está á vista! — gritou fóra da casa um clamor retumbante.

—É a voz do dever que vos chama Francisco de Padilha, insinuou a joven flamenga.

—Sim, o dever! O dever! É o unico amparo a que me posso abraçar, já que a morte e a vida se conjuraram ambas para me repellir.

Francisco de Padilha sahiu como um louco.

---

## TERCEIRA PARTE

# O destino

## I

## O assédio

Amanhecera o dia 1 de abril de 1625 e no acampamento do Rio Vermelho festejava-se a Paschoa da Resurreição com o devoto fervor caracteristico da época. Dia fatal, porém, era esse para os hollandezes. A frota portugueza e castelhana de soccorro, retida pelas calmarias na região do equador, pairava á vista da Bahia no dia 29 de março. No dia immediato, 30, as duas esquadras combinadas estabeleciam o bloqueio na faixa maritima. O capitão-mór do Reconcavo, D. Francisco de Moura, dirigira-se logo a bordo da nau almirante para combinar com os commandantes hespanhoes o plano das operações ulteriores. Reunido o conselho de guerra, trocados os cumprimentos do es-

*

tylo e feita uma exposição prévia, D. Manuel de Menezes e D. Fradique de Toledo perguntaram a D. Francisco de Moura...

—Que fôrças tendes ao vosso dispôr?

O capitão-mór relatou o que os nossos leitores já conhecem.

—Estamos scientes,—declarou D. Manuel de Menezes depois de consultar rapidamente os outros membros do conselho,—vós continuaes com a vossa gente, cerca de mil e quatrocentos homens arregimentados, sem contar com as quadrilhas dos indios, a guarnecer as posições tomadas do lado de terra.

—Nós—accrescentou D. Fradique de Toledo—fundeados como estamos, dentro do ancoradouro, impedimos a sahida aos navios neerlandezes e conservaremos a nossa linha de noroeste a sueste, e ámanhã começaremos o desembarque.

O conselho durou ainda mais duas horas e em seguida cada chefe voltou a occupar o seu posto.

No dia 31 iniciou-se o desembarque ao sul da cidade, na praia entre S. Bento e o pontal de Santo Antonio. As embarcações dos engenhos aprestaram-se para desempenhar esse serviço. Cada uma das barcas transportava para terra uma companhia. Assim pisaram solo brasileiro, n'esse dia, mil e quinhentos portuguezes, dois mil hespanhoes e quinhentos italianos dos terços de Napoles, com alguma artilharia.

Era indescriptivel o enthusiasmo que reinava

entre os sitiantes. Em compensação os hollandezes mostravam-se apprehensivos, quasi desanimados, mas continuavam a luctar pertinaz e corajosamente.

—E o tal feiticeiro inglez, que promettia aos flamengos que a esquadra hollandeza chegaria breve, que diz aos seus vaticinios?—perguntava rindo com boa vontade Jorge de Aguiar.

—A bandeira enorme com as suas armas ainda continua a fluctuar no pinaculo da torre da Sé, e é bem visivel porque está no sitio mais alto da cidade—observou Luiz de Siqueira.

—Bem visivel é. Os hollandezes podem entrar afoitamente, pois a sua signa lá se desfralda orgulhosa—sublinhou Lourenço de Brito com ironia.

—Mas não ha de ondear por muitos mais dias, espere-o em Deus!—concluiu Manuel Gonçalves.

—O inimigo já abandonou os fortes de Monserrate, perto de Itagife e o de Agua de Meninos entre Itagife e a cidade—obtemperou Jorge de Aguiar.

—Recolhe e concentra todos os seus soldados dentro dos muros da cidade para sua defesa—elucidou Lourenço de Brito.

—Não me direis porque Francisco de Padilha, anda cada vez mais taciturno, fugindo de todos, commettendo temeridades que representam não valentia, mas desejos de suicidio?—perguntou Manuel Gonçalves.

—Ora o caso é facil de explicar. Tem duas mulheres que ambas se acham perdidas de amor

por elle. Não se póde duplicar e essa idéa rala-o, apoquenta-o — explicou a rir Luiz de Siqueira.

— Não brinqueis com coisas sérias. O nosso amigo soffre um desgosto profundo e é preciso que a Providencia o tenha protegido extraordinariamente para ainda se manter illeso — commentou Manuel Gonçalves.

— Que case aqui com uma, que mande a outra para a Hollanda e que se consorcie lá com a outra quando se assignar a paz. Elle não tem culpa nenhuma que as duas bebam os ares por elle. Nem a religião nem a lei civil o podem condemnar — disse com a maior seriedade Jorge de Aguiar.

— Paz aos gracejos e vamos visitar D. Manuel de Menezes a quem ainda não vimos desde que chegou.

Emquanto os quatro amigos procuram o general portuguez, vejamos quaes as posições que as tropas combinadas tomaram em redor da cidade. Todas as alturas circumvizinhas da praça estavam occupadas pelas forças expedicionarias.

D. Fradique de Toledo estabelecera o seu quartel general no Carmo e os outros chefes estenderam os seus postos pela banda oriental da cidade, encerrando-a n'uma gargalheira de bateriaes ouriçados de canhões do lado de terra, ao passo que a frota hispano-portugueza «engarrafava», como modernamente se diz, os navios neerlandezes. Ao sul do acampamento onde se concentravam as operações, havia dois mil e trezentos homens, ás or-

dens de D. Francisco de Almeida, com grande numero de fidalgos portuguezes. D. Pedro Osorio e o terço napolitano de Carlos Caracciolo, marquez de Torrecusa, commandados superiormente pelo marquez de Coprani. Ao centro ficava, como dissemos D. Fradique de Toledo, tendo como seus immediatos os mestres de campo D. Lourenço de Orelhana, Antonio Moniz Barreto, o commandante do naufragado galeão «Conceição», Tristão de Mendonça, capitão-mór da esquadra do porto; com dois sobrinhos Francisco e Christovam de Mendonça e mais alguns nobres voluntarios.

Todos os dias se levantavam novas trincheiras cada vez mais perto dos muros da cidade. O quartel-general de D. Fradique de Toledo, no Carmo, situára-se a menos de tiro de mosquete do inimigo. Na esquerda do monte das Palmeiras ergueram-se mais fortificações passageiras, immediatamente guarnecidas de veteranos experimentados e dos melhores canhões da época. Dirigiam a artilharia e a engenharia do arraial o marquez de Coprani e o sargento-mór Giovano Vicenzo Salfeliçe, conde de Bagunto.

Amanhecera, portanto, fatal para os hollandezes, como escrevemos no principio do capitulo, o dia 1 de abril de 1625. Não desesperaram immediatamente do bom exito da defesa, e aprompta-ram-se para não entregar a cidade com tanta facilidade como a tinham recebido dos portuguezes.

Francisco de Padilha multiplicava-se. Parecia

dotado do dom da ubiquidade. Onde havia qualquer trabalho perigoso a desempenhar ou sério risco de vida a affrontar, elle ahi estava, impávido, desprezando a morte como um principe despreza o jogral que não o diverte, que nem sequer lhe mitiga a tristeza que o atormenta.

—Então é verdade que os hollandezes vão abandonando successivamente todos os fortes?—perguntou D. Francisco de Moura ao nosso protagonista.

—Além dos que vós sabeis, desampararam tambem os de Itapagite e de S. Alberto e todos os entrincheiramentos construidos por elles fóra dos muros ou que tinham melhorado.

—No mar não bolem, estão quietos como um coelho na lura quando presente o caçador cá fóra—disse o capitão-mór do Reconcavo.

—Veremos o que fazem quando as nossas naus os atacarem—retorquiu Francisco de Padilha.—Rebusteceram tanto quanto puderam o baluarte de S. Marcello, e fundearam o mais abrigados possivel os navios que estavam no porto, protegidos assim ao mesmo tempo pela linha de entrincheiramentos da banda de terra.

Este dialogo cruzava-se na bateria que D. Francisco de Moura organisara com a gente da Bahia, com os capitães que sempre tivera ás suas ordens, com alguns serviçaes e subordinados de Duarte de Albuquerque Coelho, capitão, governador e senhor de Pernambuco.

Era uma das posições mais arriscadas dos sitiantes. Delinearam-n'a á frente da de D. Fradique de Toledo a um tiro de arcabuz, muito perto da cidade, defronte do Collegio dos jezuitas, onde os hollandezes tinham assestado seis canhões e d'onde dizimavam quem os guarnecia. Francisco de Padilha comprazia-se a passear por cima do parapeito como se para elle não existisse melhor musica do que ouvir sibilar os pelouros em redor da sua cabeça. Umas poucas de vezes o capitão-mór o mandara retirar d'ali, sem que realisasse tal intento. Só obrigando-o a conversar comsigo é que momentaneamente obtivera detê-lo junto de si. Terminada a primeira parte do dialogo, perguntou-lhe:

—Já vistes D. Manuel de Menezes?

—Ainda não, e ha de chamar-me não só ingrato, mas até incivil.

—Sabeis onde estão os seus entrincheiramentos?

—Sei. Estão ainda um pouco mais para além dos nossos, o de D. João de Menezes e de D. João Fajardo de Guevara, para a parte de S. Bento, n'um morro proximo do mar, sobre a ribeira que chamam de Gabriel Soares.

—Postaram ali cinco peças, d'onde incommodam immensamente não só os navios inglezes, e as fortificações da praia que toda d'ali se descobre, mas ainda algumas da cidade.

—De modo que temos ao todo—rememorou Francisco de Padilha—sete baterias.

—São sete, não ha duvida: a do Carmo, a de S. Bento, a das Palmeiras, aquella onde está D. Henrique de Menezes, senhor do Louriçal; Ruy Correia Lucas, Nuno da Cunha, Antonio Taveira de Avellar, o capitão Lancerote da França, o capitão Diogo Ferreira e outros, a nossa, a de D. Manuel de Menezes e de D. João Fajardo, e a do marquez de Torrecusa—esmiuçou o capitão-mór do Reconcavo.

—Os hollandezes nunca suppuzeram ser atacados d'este modo. Apanham uma lição mestra—commentou Francisco de Padilha.

—Porque não ides agora visitar D. Manuel de Menezes?—perguntou D. Francisco de Moura, mudando de assumpto.

—Lembraes bem. Se m'o permittis irei lá.

—Da melhor vontade.

Francisco de Padilha encaminhou-se para o entrincheiramento do general D. Manuel de Menezes. Recebeu-o o almirante portuguez com a sua galharda affabilidade.

—Já vos esperava—declarou o fidalgo militar,—sahiram d'aqui ha pouco os vossos amigos, e comprehendi que a vossa visita não se poderia demorar.

—É um remoque merecido que me daes, senhor D. Manuel de Menezes, mas ha occasiões que o homem põe...

—E Deus dispõe—concluiu o almirante.—Não penseis que houve remoque, nem por som-

bras, convencei-vos antes que é o muito desejo que tenho de vos ver.

— Confundis-me, senhor — retorquiu Francisco de Padilha curvando-se n'uma reverencia de agradecimento.

— Demais acabo de receber uma proposta, e para a resolver preciso da vossa collaboração.

— Da minha collaboração?!

— Tal e qual. O governador hollandez Guilherme Schouten propoz-nos trocar um dos nossos officiaes superiores, aprisionado pelas suas tropas, por uma senhora da sua nacionalidade que está no nosso acampamento tambem prisioneira.

Francisco de Padilha empallideceu, mas não pronunciou uma unica palavra.

— Conheceis, por certo, de quem se trata? — concluiu D. Manuel de Menezes.

— Presumo que se trata de Bertha van Dorth, filha do antigo coronel do mesmo nome, a quem eu matei em combate — adduziu o capitão com ar sombrio.

— D'essa mesma. Como antigamente estaveis intimamente ligados, lembrei-me que vos seria agradavel incumbir-vos d'esta missão. De mais a mais veiu aqui um parlamentario para ultimar essas negociações.

— Um parlamentario! — exclamou Francisco de Padilha.

— Um seu parente até, creio — ampliou D. Manuel.

—Jacob van Dorth.

—Parece-me que sim, vou mandal-o chamar.

E antes de Francisco de Padilha poder de qualquer forma suster o movimento o general chamou um dos seus ajudantes e disse-lhe:

—Ordenae que seja conduzido aqui o parlamentario hollandez.

O capitão resolveu ficar silencioso. Minutos depois appareceu Jacob, que, ao deparar-se-lhe Francisco de Padilha, se tornou livido de odio e de furor.

—Conheceis-vos já?—lembrou D. Manuel de Menezes.

—Conhecemo-nos—responderam os dois unisonamente, cada um em seu tom diverso.

—Podeis então conduzil-o até onde está sua prima—suggeriu D. Manuel de Menezes.

Francisco de Padilha ia para protestar e recusar-se terminantemente a tal incumbencia, mas atravessou-lhe o cerebro um subito pensamento e, com a maior calma, retorquiu:

—Cumprirei as vossas ordens, senhor D. Manuel de Menezes.

—Ide então.

Veiu um trombeta que tornou a vendar os olhos a Jacob e que se collocou ao lado do parlamentario.

—Segui-me—convidou com secura Francisco de Padilha.

O hollandez e os dois portuguezes puzeram-se a caminho.

* * *

Bertha não queria acreditar nos seus ouvidos quando lhe annunciaram a visita de seu primo Jacob van Dorth. Appareceu-lhe com uma inilludivel expressão de repugnancia e de horror pintado no rosto, e ainda mais surprehendida ficou quando o viu acompanhado por Francisco de Padilha.

—Retiro-me já, minha senhora—disse o capitão fazendo uma reverente cortezia e dispondo-se a sahir.

—Não, de modo nenhum; este senhor não tem nada que me dizer que vós não possaes ouvir—declarou Bertha.

Nenhuma bala de mosquete ou de arcabuz se cravou nunca com maior rancor em peito de homem do que os olhos de Jacob se pregaram em Francisco de Padilha.

—Quantas considerações para o assassino de vosso pae—commentou o official neerlandez com entranhada aversão.

—Communicae breve a que vindes porque das minhas acções só eu sou juiz—retorquiu Bertha.

—Aproveitaes-vos com singular pressa da vossa sagrada qualidade de parlamentario para insultares quem n'este momento não vos póde responder—respondeu o capitão crispando os dedos n'uma contracção de ira, e virando-se com fria palidez para Bertha, accrescentou:—retiro-me.

—Ficae, senhor Francisco de Padilha, peço-vos.
E a joven reforçou este rogo com um olhar tão supplicante que o capitão não se mexeu d'onde estava. As pupillas de Jacob relampejaram de furor, mas os dois fingiram não reparar em tão odientos clarões.

—Venho buscar-vos, minha prima—declarou Jacob com um sardonico sorriso de triumpho.

—Buscar-me a mim, vós? Mas eu estou prisioneira dos portuguezes!—exclamou Bertha sem fazer nenhum esforço para occultar o seu profundo desgosto.

—Já o não estás—redarguiu o official neerlandez sem deixar de franzir os labios no mesmo sorriso impertinente.

—Como assim?—balbuciou a joven neerlandeza sobresaltada.

—Fostes trocada por um mestre de campo portuguez, que nós tinhamos aprisionado ha dias—elucidou Jacob.

—Mas eu não acceito essa troca—accentuou com energia Bertha.

—Não tendes outro remedio—argumentou o official neerlandez.

—Não quero e ninguem me obrigará a isso.

—Seria pouco generoso que por vosso capricho continuasse a bordo das nossas naus um homem a quem podeis libertar, libertando-vos vós mesma.

—Se eu não pretendo exhimir-me ao meu captiveiro...

—Deve ser extraordinariamente doce para vós, mas daes com essa recusa uma triste prova da vossa falta de patriotismo. Como explicareis essa repulsa em virdes para o lado dos vossos compatriotas e parentes?

—Porque os compatriotas que guarnecem a cidade a poucos conheço e ao parente não só o detesto, mas desprezo-o.

Jacob ia para abrir a bocca, mas Francisco de Padilha deu dois passos para elle, e n'um tom que não deixava a minima duvida ácerca da immediata realisação do que promettia, ameaçou:

—Medi as palavras que ides proferir. Ao mais pequeno vislumbre de insulto dirigido a esta senhora, não vos corrigirei como mereceis, mas mando amordaçar-vos.

Os labios de Jacob franjaram-se com uma espuma branca e mastigou em seco algumas palavras.

—Não quereis, pois, acompanhar-me?—perguntou por fim.

—Não, prisioneira ou livre, quero continuar no acampamento.

—Ao lado dos inimigos do vosso paiz?

—Ao lado de homens que me patentearam sempre a alta noção do seu cavalheirismo.

—Comprehendo, escusaes de accrescentar mais.

—Cautella!—bradou do lado o capitão.

—Senhor Francisco de Padilha—solicitou Bertha van Dorth, virando-se para o capitão—desejava que obtivesseis do vosso chefe permissão para con-

tinuar a viver n'este arraial, mas não queria que esta minha resolução prejudicasse o prisioneiro com quem devia ser permutada.

— Cumprirei immediatamente as vossas ordens — declarou o capitão, e em seguida, chamando o trombeta que ficara á porta do aposento, ordenou-lhe: — torna a tapar os olhos ao parlamentario hollandez e guia-o.

— Obrigado, sr. Francisco de Padilha — agradeceu Bertha.

— Convencei-vos que me hei-de vingar dos dois — rugiu Jacob.

— Como vos vingastes do desventurado coronel Alberto Schouten — retorquiu, vibrante, a juvenil hollandeza.

— Que sabeis a tal respeito para fazer semelhante affirmativa? — inquiriu colerico Jacob emquanto o trombeta lhe atava um lenço em redor dos olhos, não entendendo uma palavra d'aquelle tiroteio de doestos.

— Que mandaste dar um tiro ou envenenar o substituto de meu pae, e ainda sei mais...

— Mais calumnias ainda?

— Calumnias, não; verdades que um dia se provarão para serdes julgado, condemnado e enforcado.

— Para vos regosijardes. Se tal succedesse o labéo da minha infamia recahiria sobre o vosso nome.

— Assim é, por desgraça. O estigma infamante do assassino e do traidor...

— De traidor?!

— De traidor, sim. Vós semeaes a discordia entre a guarnição hollandeza, estabelecestes a desavença entre o actual governador Guilherme Schouten e o seu immediato Hans Kitff.

— Estaes muito bem informada, minha prima. Tendes intelligencias na praça. Em proveito de quem fazeis essa espionagem? Não é muito difficil decifrar o enygma.

— Ide, sahi, poupae-me o desgosto da vossa presença como tantas vezes vol-o exigi, sem que até hoje tenha sido attendida.

— Heis de ver-me uma derradeira vez, em que ainda gostareis menos da minha detestada pessoa que hoje.

A estas palavras Bertha van Dorth retirou-se da sala fazendo um cumprimento a Francisco de Padilha, e Jacob, conduzido pela mão do trombeta, ia resmoneando phrases de que só elle conhecia a significação.

— Breve vos virei dar a resposta do desejo manifestado — disse Francisco de Padilha para Bertha á guisa de despedida.

— Breve vireis buscar a recompensa dos vossos serviços, dizeis antes — resignou Jacob.

A vista de Francisco de Padilha toldou-se por uma nuvem de furor, instinctivamente ia dar uma tremenda bofetada no official hollandez quando exerceu um poderoso esforço sobre si e baixou a mão já levantada, murmurando:

—É um parlamentario e vae com os olhos tapados.

N'este mesmo instante, o trombeta percebendo que o que o seu custodiado resmungava era desagradavel para o capitão preparava-se para lhe applicar um formidavel encontrão ao que Francisco de Padilha obstou, explicando-lhe:

—Quando cumprimos o nosso dever, mesmo para com os miseraveis, honramo-nos a nós e não a elles.

* * *

Os sitiados, desde que a expedição desembarcara, tinham-se conservado prudentemente ao abrigo dos muros, e não fizeram nenhuma tentativa séria para obstar ao proseguimento dos trabalhos iniciados em redor da praça. Esta apparente impassibilidade tornara demasiado negligentes os sitiantes. Suppuzeram os hollandezes acobardados e descuidavam-se.

Francisco de Padilha acompanhara a distancia Jacob, para vigiar que o trombeta não exercesse sobre elle qualquer violencia, e procurou D. Manuel de Menezes, a quem contou o que occorrera com Bertha van Dorth.

—É um caso curioso que os codigos de guerra não preveem...—commentou o almirante.—É natural que os hollandezes, não levando a sua prisioneira, não nos entreguem o nosso prisioneiro. Lastimo o incidente.

Interrogado Jacob ácerca do assumpto, respondeu sêccamente que a sua missão no arraial portuguez terminára, que não podia dar outra resposta sem consultar os seus superiores e que pedia para o mandarem conduzir até ás portas da cidade, pedido que lhe satisfizeram immediatamente.

—Este oficial inimigo tem má cara para santo —conceituou D. Manuel de Menezes.

E não o é, snr. D. Manuel; vae com certeza a ruminar qualquer tenebroso plano—accrescentou Francisco de Padilha.

—Se o rosto é espelho da alma, a alma d'elle deve ser muito feia—retorquiu o almirante portuguez rindo-se, e em seguida accrescentou.—Não quereis convencer a dama flamenga a ir para junto dos seus para que o nosso compatriota volte para o meio de nós?

—Farei todas as diligencias, snr. D. Manuel de Menezes.

—Olhae, de caminho preveni o official que commanda a bateria perto de S. Bento que tome as suas precauções. Vejo aquelle posto muito abandonado e os hollandezes constantemente a expiarem as obras de cima dos muros—pediu o almirante.

—São hespanhoes que guarnecem aquelle ponto —lembrou Francisco de Padilha.

—São. Falae-lhes n'isto como coisa vossa, pois não desejo ingerir-me em nada que se relacione com o seu serviço—recommendou D. Manuel de Menezes.

*

Francisco de Padilha despediu-se e monologou pelo caminho:

— Se eu digo a Bertha que o prisioneiro portuguez não virá para o nosso arraial se não consentir na permuta, ella, com a sua indole generosa e cavalheiresca, accederá logo a quanto lhe exigirem. E será uma grande contrariedade. Nada não irei lá hoje, vou ali ámanhã. Pensarei no caso esta noite.

E inflectiu direito a S. Bento, para as baterias guarnecidas pelas hespanhoes e pelos napolitanos do Marquez de Torrecusa. O capitão depressa se tornára conhecido dos recemvindos, graças á fama que gosava de inexcedivel intrepidez. Receberam-n'o todos com galharda affabilidade. Como não lhes convinha participar de chofre o que ali o levava, estimou poder conversar n'outras materias até encontrar ensejo de fazer a prevenção.

— Se não tendes serviço obrigatorio na vossa bateria, ficae aqui comnosco; jantaes, passarás a noite e contaes-nos todos esses episodios da guerra em que entrastes — convidaram os officiaes.

Francisco de Padilha calculou que obtivera licença do capitão-mór do Reconcavo para se ausentar, que se ouvisse tiroteio das bandas da sua posição se encontraria ali dentro de um quarto de hora, e acceitou o convite. A noite decorreu toda em conversas de guerra e de amor, como sempre succede com gente nova e até com gente... velha.

Quando o capitão achou o momento azado, lembrou o mais diplomaticamante possivel, que

convinha não se fiarem muito na indifferença dos neerlandezes.

— Homem — responderam os seus interlocutores — o medo guarda a vinha.

Francisco de Padilha não insistiu. Na manhã immediata, dia 4 de abril de 1625, procedeu a um reconhecimento por conta propria. Approximou-se gradualmente dos muros da cidade e ninguem o incommodava. Nem uma sentinella, nem um tiro. Nada, ali havia mysterio. De uma das vezes afigurou-se-lhe divisar a figura sinistra de Jacob.

De repente, ás 10 horas da manhã, duas das portas escancaram-se de par em par e vomitam por ellas trezentos mosqueteiros de morrões accesos e caçoletas aprestadas.

— Ás armas! — brada Francisco de Padilha desembainhando a espada e atirando-se como um touro bramindo de raiva para a frente do inimigo.

— Os hollandezes! Os hollandezes! — berram innumeros militares precipitando-se de um para outro lado, desnorteados, sem bem atinar com a resolução conveniente para tão critica conjunctura.

---

II

## Temeridade

Francisco de Padilha batia-se como um tigre. Durante um certo tempo foi elle quem aguentou o choque dos hollandezes. Os pelouros voavam-lhe em torno como abelhas furiosas expulsas do cortiço. Parecia impossivel como nenhum ainda lhe acertára. Invulneravel como o Achilles dos tempos da Grecia heroica affrontava impávido aquella onda rugidora e crepitante de inimigos enfurecidos. Á frente d'essa hoste, um official incitava os seus, com vehemente sanha:

—Avante rapazes, mostrae que sois hollandezes; esta canalha varre-se da nossa frente como lixo.

—Jacob!—exclamou Francisco de Padilha.—Até que emfim nos encontramos cara a cara, de espada em punho!

Jacob, porém, porque era o official neerlandez,

evitou-o dirigindo-se para outro ponto e continuando a bradar para os seus subordinados:

—Avante, rapazes, não poupeis ninguem, cada um que morrer é um allivio para a nossa patria!

—Cobarde! poltrão!—espumava Francisco de Padilha procurando baldadamente encontrar-se com Jacob.—Só com mulheres é que sois valente.

Jacob, no emtanto, proseguia nos seus incitamentos rancorosos, dirigidos aos soldados, e não queria arriscar-se a um combate singular, que talvez não lhe fosse favoravel. Limitou-se a recommendar a um dos seus arcabuzeiros, apontando para Francisco de Padilha:

—Atirae sobre aquelle cão de portuguez, mas não o erreis. Se o matardes dou-vos vinte patacas.

O arcabuzeiro levou o mosquete á cara visou o capitão e desfechou. A bala bateu no bacinete de Francisco de Padilha, imprimiu ali uma profunda mossa, mas deixou-o illeso.

—Desastrado!—bradou Jacob—o que precisaveis é que eu vos atravessasse com a espada.

E despediu uma valente pranchada nas costas do inhabil atirador.

—Ainda não foi d'esta—gritou de longe Francisco de Padilha, que percebera a intenção de Jacob—ainda cá fico para ajuste de contas final.

Os napolitanos, os hespanhoes e alguns portuguezes, passado o primeiro momento de confusão, ordenaram-se e correram ao encontro dos neerlandezes. Não tardou que acudissem reforços e

que se travasse uma peleja que durou até ao meio dia.

Francisco de Padilha, embora empolgado pelo torvelinho da lucta, não perdia de vista o seu tredo rival e viu-o andar de um para outro lado, quando a batalha estava mais accêsa, dando ordens e instrucções.

—Que preparas tu contra nós, alma mais negra que os chifres de Satanaz?—perguntou o capitão de si para si.

Na verdade, decorridos alguns minutos, os hollandezes começaram a recuar.

—Retiram, retiram!—clamaram os sitiantes.—Sus, a elles!

—Aqui ha qualquer cilada, cautella—preveniu Francisco de Padilha.

—Retiram, fogem, teem medo!—ouviu-se de todos os lados.

—É uma retirada fingida!—avisou o capitão portuguez.—Elles são quasi o triplo de nós, não teem razão para fugir assim desbaratadamente, cuidado!

Ninguem ouvia a prevenção de Francisco de Padilha, o mais valente entre os mais valentes. Sobre os muros refluiam os hollandezes, acossados de tão perto pelos seus adversarios que os arcabuzes foram postos de lado e desembainhadas as espadas.

—Mais uma vez cautella!—repetiu Francisco de Padilha, caminhando sempre na frente dos mais adeantados e buscando acercar-se de Jacob.

Este, quando se lhe depararam os nossos bem perto das fortificações, virou-se e olhou para o alto do muro, commandando:

—Fogo! Fogo vivo!

Os parapeitos ennegreceram de arcabuzes e os canhões prolongaram as suas negras fauces pelas ameias fóra. Ao mesmo tempo todos aquelles engenhos de morte, como rubras crateras de outros tantos vulcões, bolsaram offuscantes relampagos, rojando do alto uma lava mortifera de ferro incandescente, ceifando implacavel e cerce aquella agitada massa humana.

—Ah, traidores!—berraram os que perseguiam os hollandezes.

Os mosquetes carregados principalmente de pregos e pequenas balas causaram um horrendo morticinio nos nossos. Os canhões atulhados de metralha, abriam grossas clareiras na columna cerrada dos assaltantes.

—Perros infamissimos!—gritava como um possesso Francisco de Padilha—só lançando mão do aleive é que podeis levar a melhor.

A mortandade foi enorme. Ficaram ali estendidos para nunca mais se levantar, oitenta dos sitiantes. Ahi renderam a alma ao Creador, logo ás primeiras descargas, entre muitos outros, D. Pedro Osorio, o capitão D. Diogo Espinosa, o capitão D. Pedro de Santo Estevam, João de Orejo, D. Fernando Gracian, D. João de Torreblanca, Francisco Manuel de Aguilar, D. Lucas de Segura, etc.

— Ah, abjectos mescões! — ululou D. Francisco de Faro, filho do conde de Faro, vendo um hollandez apontar á cabeça de D. Alonso de Agana o arcabuz e approximar o morrão da caçoleta.

E, doido, atirou-se ao flamengo, andando os dois qual de baixo qual de cima durante cinco minutos, até que o portuguez conseguiu deitar as mãos ás guellas do adversario e apertou, apertou, até que este estremeceu, se inteiriçou e se quedou immóvel.

A retirada impunha-se pela cruel lei da necessidade a todos que com tanta bravura tinham avançado, e effectuou-se um tanto confusamente.

— Lá arrastam o corpo de D. Diogo de Espinosa — exclamaram alguns mais retardatarios.

— E ninguem lhe acode? Vamos deixa-lo em poder d'esses hereticos para o mutilar? — perguntou um.

— Voltar lá é morte certa — respondeu outro.

— Elles o que pretendem é a sua couraça, toda incrustada a ouro — lembra um terceiro.

— E tornar a fuzilar-nos á queima-roupa se nos acercarmos — disse um quarto.

Na realidade os hollandezes arrastavam o cadaver do desventurado militar hespanhol pela ladeira acima, arrancaram-lhe a loriga e depuzeram-no junto da muralha, á laia de engodo, pois quem se arriscasse a approximar-se d'elle seria arcabuzado sem piedade.

Francisco de Padilha, que caminhava o mais

lentamente possivel na cauda de todos, não dava um passo sem se virar para traz e contemplar os restos hirtos e ensanguentados do desditoso D. Diogo de Espinosa. Depois, n'um repente, como quem toma uma resolução desesperada, exclamou:

— Que me importa?!

E voltando-se, deitou a correr como um louco em direcção do cadaver. Os hollandezes que guarneciam os baluartes, pareciam estar sonhando ao ver esse homem que se precipitava de cabeça baixa para uma morte certa.

— Oh! nem de proposito! — bradou de cima dos muros a voz ironica de Jacob. — Escapaste de ha bocado, mas não escapas agora com certeza!

Os que retiravam, ao comprehender a generosa intenção do capitão portuguez, estacaram suppondo que elle endoudecera, pois não se explicava de outra forma tal temeridade.

— Detende-vos, detende-vos que de nada valerá o vosso cavalheiresco sacrificio — aconselhavam de todos os lados.

— Um portuguez nunca se detem quando julga cumprir o seu dever — retorquiu Francisco de Padilha sem demorar o andamento.

Os tiros começaram a chover sobre o temerario como gottas d'agua n'um salseiro cerrado.

— Matae-o, matae-o por Deus, porque se o não mataes, mato-vos eu a todos vós — berrava desvairado pelo furor, Jacob.

Os tiros amiudavam-se com vertiginosa rapidez

e as detonações crepitavam como sal ao cahir no lume. A fuzilaria concentrou-se de tal modo sobre o intrepido militar, que os fugitivos puderam parar e assistir de longe ao tresloucado acto de Francisco de Padilha.

—Poltrões, traidores, bandidos! —gritava cada vez mais raivoso Jacob ao divisar o seu odiado rival já perto do corpo do official hespanhol.

—Descançae que nenhum dos vossos pelouros me acertará —disse o capitão portuguez, sublinhando estas zombeteiras palavras com um gesto de chasqueio dirigido ao primo de Bertha.

Os hollandezes tinham despojado o cadaver da sua rica couraça. Francisco de Padilha pegou n'elle, deitou-o para cima dos hombros e, sem se apressar demasiado, arrepiou caminho. Os arcabuzeiros espumavam de furor e é claro que quanto mais se encolerisavam menos certeiras eram as pontarias.

—Mulheres, devieis usar saias e fiar na roca em vez de manejardes uma arma! —uivava Jacob, ao convencer-se que se lhe escapava a presa.

E elle proprio arrancou um mosquete da mão de um dos seus subordinados, apontou demoradamente para o seu figadal inimigo e desfechou. O pelouro bateu no alvo. Francisco de Padilha cahiu. Do lado da cidade troou um prolongado clamor de enthusiasmo; da banda dos sitiantes, pois este dramatico espectaculo contava por espectadores a maior parte das pessoas que guarneciam o arraial hispano-portuguez, retiniu um grito de raiva.

A alegria dos sitiados, porém, não durou muito. Francisco de Padilha tornou a erguer-se sempre com o seu lugubre fardo ás costas. A bala disparada por Jacob penetrou no cadaver com tal violencia que obrigou o capitão a tropeçar e cahir. Eis o que motivára o regosijo n'um ponto e a magua n'outro, trocando-se breve os papeis, pois o audaciosissimo militar chegou á bateria do marquez de Torrenda completamente indemne, o que até os menos devotos consideraram um milagre.

O commandante em chefe hespanhol D. Fradique de Toledo foi o primeiro a felicitar o heroe d'aquella proeza, dizendo-lhe:

—Não permitto que torneis a arriscar de tal modo uma vida que tão preciosa é para todos nós, guardae-a e conservae-a que muito precisamos de homens da vossa tempera.

Toda a gente á porfia desejava victoriar Francisco de Padilha, mas este esquivou-se á continuação dos applausos, dirigindo-se á moradia onde Bertha se encontrava hospedada. A noticia da façanha praticada correra mais do que elle e a joven hollandeza sabia já de tudo quando elle lhe appareceu.

—O que fizestes corresponde a um suicidio, e sei que pretendeis desapparecer d'este mundo por minha causa, que infeliz eu sou!—exclamou a desditosa senhora d'esta vez com os olhos prenhes de lagrimas.

—Não me magoeis, Deixae-me proseguir no

meu fadario. Venho dar-vos conta do que ha ácerca da permuta—interrompeu Francisco de Padilha segurando carinhosamente as mãos da flamenga.

—Os meus compatriotas não quizeram entregar o outro prisioneiro?

—Os vossos compatriotas, não sei; mas o vosso primo é que o não quer dar com toda a certeza.

—Paciencia! Rogarei que me apresenteis ao general portuguez e voltarei para a cidade.

—Não devereis proceder assim.

—É esse o meu dever.

—A cidade não tardará a ser tomada por nós e ides sujeitar-vos a todas as inclemencias de um cêrco sem proveito para ninguem.

—Aproveitará a esse official pelo qual me querem trocar e cuja falta pode ser prejudicial aqui no acampamento.

Francisco de Padilha calou-se immediatamente, e, após uma pausa, disse:

—Tendes razão, raciocinaes como eu o que devia fazer. Parti quando quizerdes, não serei eu quem me opponha ao cumprimento do que a vossa consciencia vos indica. Adeus, até á vista, ou até sempre, ou até nunca mais!

—Francisco de Padilha, preciso obter de vós um juramento.

—Não vos basta a minha palavra?

—Essa me basta. Dae-me a vossa palavra que não attentareis contra os vossos dias nem arrisca-

reis a vossa existencia além do que o vosso pundonor de soldado vos obriga.

—Que recompensa me concedeis em troca de tal promessa?

—Tornaste-vos interesseiro?

—Quasi egoista.

—Nenhuma recompensa vos posso prometter.

—Nenhuma?!

—Apenas a de que nunca vos esquecerei emquanto viva fôr.

—É pouco. Adeus, Bertha, adeus! ouço ribombar a artilharia, que me está chamando ao meu posto.

—Deixaes-me aqui ao desamparo?

—Não, não deixo. Enviar-vos-hei Maria do Rosario, Luiza e meu pae. Aconselhar-vos-hão elles melhor que eu e far-vos-hão uma companhia que vós não quereis acceitar e que a minha profissão não me permitte dispensar.

Francisco de Padilha apertou a mão de Bertha, que se deixou cahir em cima de uma cadeira, e que murmurou quando o seu interlocutor sahiu:

—Meu Deus, meu Deus! Não posso soffrer mais!

Os castelhanos e os portuguezes, n'essa mesma noite, incitados pelo exemplo de Francisco de Padilha, foram até junto dos muros buscar os cadaveres dos que ali tinham morrido na lucta da manhã. Não se sahiram completamente a salvo da empreza. A guarnição dos baluartes desfechou sobre

os audaciosos algumas surriadas de mosquetes. O damno foi, comtudo, pouco ou nenhum e sempre conseguiram enterrar em sagrado quem tão briosamente pagára o seu tributo á sanguinaria deusa da guerra.

A sortida do inimigo, tão desastrosa para os alliados, despertára n'estes um intenso desejo de vingança. Na manhã de 6 de abril pretenderam armar cilada analoga aos sitiados, mas estes não cahiram na ingenuidade anterior.

—Hão de pagá-la cara—jurava Manuel Gonçalves, de sobrecenho carregado.

—Como vamos proceder para lhes dar uma lição?—perguntava Jorge de Aguiar de sobr'olho carregado.

—Já combinei com o capitão-mór o que ha a fazer e deu-me carta branca para pôr em execução o meu plano—retorquiu o ousado militar.

—Mãos á obra—acquiesceu o moço official.

—Ha ali aquelle pedaço do muro do mosteiro de S. Bento ainda de pé, e aproveital-o-hemos para uma nova trincheira.

—A idéa é magnifica.

—Além defronte da porta do Carmo, o marquez de Valdueza já mandou levantar outra. Dentro de três dias deve ficar prompta e disposta a bombardear as posições contrarias quasi de fórma a chamuscar as barbas dos seus defensores.

Interrompeu a continuação do dialogo um emissario de D. Francisco de Moura prevenindo os dois

amigos que o commandante em chefe mandara reunir o conselho de guerra com a maxima urgencia. Houve demorada discussão e, quando d'ali sahiram os seus vogaes, Manuel Gonçalves explicava para Francisco de Padilha, que no cumprimento dos deveres do seu cargo só chegára ahi depois de todas as resoluções tomadas:

—Prepara-te para uma faina geral.

—É então para esta noite?

—É para esta noite – informou Manuel Gonçalves.—Ha ordem de permanecerem a bordo todos os almirantes, generaes e capitães, sem exceptuar o nosso D. Manuel de Menezes. Para terra só vem o almirante nosso compatriota D. Francisco de Almeida, com uma companhia e o seu respectivo mestre de campo.

—Depois?

—A armada portugueza e castelhana deve approximar-se dos navios hollandezes e da cidade a menos de tiro de peça.

—É então um assalto geral?

—Não, é um ataque apenas pelo lado do mar.

As dez horas d'essa noite de 6 de abril de 1625 generalisava-se o combate no ancoradouro. Os hollandezes defendiam-se com a maior tenacidade. Apenas o ataque da nossa parte se pronunciou, todas as suas embarcações se espavezaram de bandeiras, galhardetes, signas e flamulas como para uma festa. A artilharia da esquadra hispano-portugueza despejou torrentes da ferro e fogo sobre as fortifi-

cações de S. Salvador e sobre as naus inimigas, respondendo umas e outras com egual fereza.

—Que pena—commentava D. Manuel de Menezes—que os nossos navios não se possam acercar dos neerlandezes! Acabava-se esta mesma noite a contenda.

—Estão quasi em sêcco, se tentarmos approximar-nos corremos o serio perigo de encalhar—respondeu o official que estava no castello da pôpa ao lado do almirante.

—Assim é, Antonio Pereira da Guarda, precisamos conduzir-nos com a maior prudencia, porque o inimigo conhece as coisas do mar como os mais experimentados e é quasi tão bom marinheiro como vós, o melhor piloto d'esta esquadra.

—Mercês da vossa nunca desmentida estima por mim, senhor D. Manuel de Menezes; sou tão bom piloto como qualquer outro, o que tenho é sido tão feliz no Oceano como infeliz em terra—redarguiu o elogiado.

—E vossa filha?...—inquiriu o almirante que, apesar da conversa não despegava os olhos das operações.

—Minha filha...—mas o piloto calou-se subitamente para em seguida exclamar:—olá, enviam contra nós barcos a arder para nos pegar fogo!

—Já os tinha visto. Como as nossas naus se manteem muito juntas tentam esse expediente, que seria a nossa ruina se não estivessemos de atalaya.

E D. Manuel de Menezes, com a sua voz so-

nora e tranquilla, deu logo as ordens convenientes para evitar o contacto com essas fogueiras ambulantes, com esses brulotes, como mais modernamente os baptisaram.

—Um, encalhou na areia—preveniu Antonio Pereira da Guarda.

—Mas os outros veem com proa a nós—retorquiu D. Manuel de Menezes.

—Uma vela por bombordo—avisou o piloto.

—Faça o signal para a esquadra levantar ferro.

A ordem cumpriu-se immediatamente.

—Fogem ou bordejam—commentou em voz alta o piloto.

—Em qualquer dos casos mande largar o panno —determinou o almirante.

—Um dos brulotes aborda a almiranta de Roque Centeno, suppondo naturalmente que é esta nau a almiranta real—commentou Antonio da Guarda.

—Ah! tem com quem se haver, e demais vêde!

Realmente o navio de Roque Centeno aprestado para o ensejo, enviou áquelle archote fluctuante quatro palanquetas com que carregara as suas peças.

—Lá lhe partiu a estofa maior, e o barco hollandez não pode governar.

—A artilharia joga como uma desesperada.

—Os pelouros já a abriram a meio, aquelle pouco mais damno poderá causar.

—Mas o incendio cada vez se propaga mais.

— São valentissimos esses hollandezes; vendo-se descobertos ateiam o fogo com alma, preferindo morrer a renderem-se, mas diligenciando queimar o seu adversario.

— E se Roque Centeno, encostada como está a sua nau á embarcação incendiada, não se safa da rascada arderá com ella.

— Espera, desembaraçou-se d'ella, mas agora vem em cima de nós.

— Como é enorme a fumarada que lhe sobe da prôa, não se lhe enxergam as velas nem o rumo que traz.

— Vae lançar-nos os arpéos.

— Fogo, fogo, de ambas as bordas! — commandou D. Manuel de Menezes.

O galeão *S. João*, ou almirante real, estremeceu desde a quilha até o galope dos mastros e todos os seus canhões se dispararam quasi ao mesmo tempo. O espectaculo tornara-se horrivelmente grandioso. O porto, a cidade, os arrabaldes, toda a pinturesca paizagem, enlêvo da vista em circumstancias normaes, toda se enrubescera como um panorama infernal. As chammas dos três brulotes a arder, os clarões intermittentes do canhoneio, as faiscas tremeluzentes da fuzilaria, o estampido cavo das bombardas, o estralejar crepitante dos mosquetes, os gritos de victoria ou de desespero, os gemidos dos feridos pedindo socorros, os berros de afflicção dos que, cahindo á agua, breve se afogariam, toda essa serie de quadros de

devastação e de morte arrepiava as carnes de quantos os presenceavam alheios á lucta.

—Isto é assim uma especie de inferno, e, por mais habituado que se esteja a este genero de autos-de-fé, impõe sempre respeito — commentou D. Manuel de Menezes.

N'este momento como se o brulote se transformasse n'uma gigantesca peça de fogo de artificio começou a arrojar de si bombas e foguetes, não inoffensivos, mas espalhando a ruina e o exterminio em cada uma das suas girândolas.

—Se qualquer d'essas embarcações de Satanaz abalrôa comnosco, difficilmente nos desenvencilharemos d'ellas; trazem tudo untado de aguardente vellas, enxarcias, mastros, vergas, casco, tudo — disse o piloto.

—Croques, remos e lanças promptas para afastar o navio contrario se se acercar mais—ordenou a voz sêcca e breve de D. Manuel de Menezes.

Esta determinação foi cumprida com o mais rigoroso methodo e disciplina.

—Arriae dois bateis, passae espias ao navio que arde e rebocae-o para o largo—commandou de novo a almirante.

N'um ápice desceram das bojudas amuradas do galeão duas lanchas, tripularam-n'as immediatamente os marinheiros para effectuar a manobra indicada, e decorridos minutos, depois de novo tiroteio, o brulote era rebocado para longe.

— Senhor—communicou ao almirante o patrão

de uma d'essas embarcações, no regresso depois de cumprido o perigosissimo serviço—a chalupa do senhor commandante Roque de Centeno apanhou este hollandez que se deitou ao mar de bordo do navio incendiado.

É official ou marinheiro?

—Marinheiro.

—Conduzi-o aqui.

O patrão conduziu o prisioneiro á presença de D. Manuel de Menezes.

—Uma proposta—disse o almirante em flamengo para o pobre hollandez, que não augurava nada bem da sua sorte—ou me contas quaes são os planos dos vossos chefes e gratifico-vos bem, mandando-vos em paz, ou vos calaes e me mentis e dentro de cinco minutos esperneareis enforcado no laes de uma das vergas.

O marinheiro neerlandez convenceu-se que o seu interrogante realizaria a ameaça, o que sucedia muitas vezes n'aquellas épocas, em que o direito das gentes ainda era doutrina mais van e menos respeitada que na quadra actual, e respondeu deliberadamente:

—Foram mandados contra a vossa esquadra três navios incendiarios; um era destinado a queimar a capitânea real, outro esta, de Portugal, porque se encontravam juntas; o terceiro encalhou e não tentou coisa nenhuma.

—Não sabeis mais nada?

—Mais nada, senhor.

— Levae esse homem para a coberta, vigiae que não fuja, mas não lhe façaes mal e dae-lhe roupas enxutas, de comer e de beber — disse o almirante para o patrão que trouxera o prisioneiro.

— E agora, senhor almirante? — perguntou o piloto Antonio da Guarda, como esperando que o seu pensamento se casasse com o do seu chefe.

— Agora falta o epilogo d'esta serenata — respondeu D. Manuel de Menezes. — Não basta ter a barra tomada; podem os hollandezes desesperar da defesa em terra, recolherem-se ás suas naus, aproveitarem-se da noite para fugir e escapar alguma.

— N'esse caso?!...

— N'este caso vamo-nos acercar da sua esquadra o mais que o pouco fundo nos permittir e auxiliados pela artilharia de terra, collocál-a em circumstancias de não se poder mover do sitio que escolheu para ali ficar sepultada.

## III

# A conjura

Voltemos a Bertha van Dorth, a quem a fatalidade não poupava desgostos sobre desgostos. Mergulhada nos seus pensamentos durante largos minutos, acabou por se insurgir contra a sua dôr e perguntou de novo de si para si:

— Pois tamanho soffrimento não ha de ter o seu termo? Porque amo eu assim tão enraizadamente este homem?

Buscou em vão entreter o seu espirito com coisas que a desviassem do seu objectivo principal, mas não o conseguiu, e, deliberadamente, aprestou-se para declarar á familia onde estava hospedada, que consentiria na troca com o prisioneiro portuguez e que breve partiria para a cidade a participar da sorte dos seus compatriotas.

— Daes licença? — perguntou uma voz bem conhecida de Bertha, a de Luiza da Guarda.

—Entrae; embora a casa não seja minha, tão carinhosamente me tem tratado esta familia, que quasi me considero entre parentes, como quando vivia comvosco.

E a juvenil hollandeza deixou, mau grado seu, escapar um suspiro.

—E commigo não contaes?

—Oh, minha querida Maria do Rosario, minha querida ama, sempre contei comvosco e contarei emquanto Deus quizer que ande por este valle de lagrimas.

E Bertha abraçou effusivamente a dedicada velhinha, agora com a cabeça toda branca como se trouxesse uma cabelleira de algodão em rama, e em seguida cumprimentou o pae do capitão, André de Padilha, pois todos iam ali em romagem a pedido d'aquelle.

—Então vós ides partir outra vez para a cidade, menina?—perguntou Maria do Rosario, muito contristada.

—Que remedio, ama? Impõe-m'o o dever, e vós que sempre fostes escrava do dever não estranhareis por certo esta minha conducta...

—É um sacrificio escusado—atalhou André de Padilha.

—Ainda que fosse só por uma hora—retorquiu Bertha—eu não tenho direito a coarctar a liberdade de ninguem em meu exclusivo beneficio.

—Minha querida Bertha—insistiu Luiza da Guarda lançando-se ao pescoço da sua rival e ami-

ga, — mudae de tenção, não nos deis um desgosto que a todos affligirá durante muito tempo.

— Agradeço-vos infinitamente todas essas inestimaveis provas de affecto, mas, dizei-me, não vos tinheis já conformado com a minha partida e consequentemente com a minha ausencia, que poderia ser eterna? Supponde agora que não me heis tornado a vêr.

— A realidade nunca se póde esquecer — obtemperou André de Padilha.

— Peço-vos uma coisa, não me faleis mais em tal, a minha resolução é inabalavel.

— Inabalavel! — exclamou Maria do Rosario.

— Relatae-me, minha cara Luiza — solicitou Bertha da joven portugueza, para mudar de assumpto, — como achastes vosso pae?

— Bem de saude, mas profundamente desgostoso com a morte de minha mãe — narrou Luiza; — apenas soube do triste acontecimento na India, onde se encontrava com a nau de que então era piloto, diligenciou regressar a Portugal; mas quando alli chegou já nós tinhamos partido para o Brasil.

— E desculpae-me se revolvo uma ferida que tanto vos dóe, mas a que attribue vosso pae a tentativa de rapto sobre vós e o assassinio que victimou vossa pobre mãe?

— Meu pae — e Luiza baixou a voz olhando para um e outro lado como se receasse ser ouvida, — não pode tolerar o jugo castelhano e accusa-

ram-n'o, por falsa denuncia claro é, de entrar n'uma conspiração para sacudir o seu odioso dominio.

—Começo agora a perceber.

—Queriam raptar-me a mim, como vos prenderam a vós, para nos guardar em refens. Minha pobre mãe resistiu e mataram-n'a como sabeis.

—Não houve culpa de galanteador atrevido?

Luiza córou até á menina dos olhos, em seguida empallideceu e redarguiu:

—O mancebo que por ali passava a cavallo nunca falou commigo e até mal me viu.

—Não o amaveis, então?

—Não, amar só amei e amo...

E a juvenil portugueza calou-se muito depressa e levou a mão aos labios como se desejasse recolher as palavras que tão impensadamente proferira.

—Quando vos visitou vosso pae?—atalhou Bertha, generosa e resignadamente, para não augmentar a confusão da sua interlocutora.

—No dia seguinte a fundear a esquadra.

—Foi muito commovedora essa entrevista?...

—Podeis calculál-a por vós.

Bertha levou a mão á fronte, como para afastar uma nuvem, e retorquiu:

—Calculo, calculo...

—Tambem com todos estes combates e tiroteios diarios só o vi mais duas vezes depois da sua chegada—informou Luiza.

—Acompanhaes-me esta tarde á presença do general portuguez, a fim de que elle me envie com

um parlamentario para a cidade, não é verdade?—perguntou a energica hollandeza, relanceando com a vista todos os presentes.

—Que remedio teremos nós se insistis no vosso inutil sacrificio—respondeu André de Padilha.

—Onde está vosso filho?—inquiriu Bertha após alguns instantes de hesitação.

—Á frente dos seus homens no entrincheiramento que guarnece.

—Desejava vê-lo antes de partir para S. Salvador.

—Mandar-lhe-hei um proprio immediatamente.

* * *

O bombardeamente das fortificações da praça continuava sem interrupção e de hora para hora com mais sanha.

—Hem! E com que denodo esta bateria se porta—dizia, enthusiasmado, Manuel Gonçalves para Lourenço de Brito, na nova trincheira no monte fronteiro á porta do Carmo—as naus hollandezas, ancoradas para as bandas do poente, não podem resistir por muito tempo.

—Ah, não, certamente—concordou Luiz de Siqueira,—depois da batalha nocturna em que todos os navios inimigos ficaram com avarias grossas, estes hão de estar por força muito combalidos.

—E o capitão Sansão, que commanda o fogo d'este lado, parece estar disposto a não os poupar—explicou Manuel Gonçalves.

—Valeu a pena vir até aqui de passeio—commentou Jorge de Aguiar.

—Na nossa não se trabalha agora pelo officio—ampliou Lourenço de Brito.

N'essa occasião o commandante da trincheira ordenava que se accelerasse o fogo e os canhões principiaram a sua clamorosa e destructiva tarefa. As duas baterias de artilharia ali postadas fizeram convergir os seus pelouros sobre uma nau neerlandeza que se encostára muito para a praia e que respondia fracamente á aggressão de que era alvo.

—Vivam os artilheiros! Vivam os artilheiros!—bradaram os quatro amigos que estavam ali de visita—A nau vae a pique.

Effectivamente a embarcação hollandeza, crivada de balas em todas as suas obras mortas e vivas, principiou a afundar-se, mas sempre com as suas bandeiras desfraldadas nos topos e no penol.

—Mandae bateis para salvar a guarnição—lembrou um dos officiaes.

—Não servirá de nada; os escaleres das outras duas naus já estão procedendo a esse salvamento.

De terra os portuguezes mandaram a bordo logo que a tripulação abandonou o navio. Este, como o fundo era baixo, conservava ainda fóra d'agua uma boa parte do casco.

—Então quaes foram os despojos?—perguntou Manuel Gonçalves para o principal auctor da façanha, quando regressou os escaler que ali fôra.

—Deixaram toda a artilharia, bastantes manti-

mentos e todos os objectos que se encontravam no porão, agora alagado.

—E baixas?

—Encontraram-se ali quatro mortos e doze feridos que não puderam ou não quizeram transportar.

—Agora que se terminou esta empreitada, vamos a outra—disse o commandante.

—Molhar a vela emquanto ha vento, como dizem os marinheiros—conceituou Manuel Gonçalves.

Decorridos instantes, as peças assestadas sobre a cidade iniciaram um canhoneio aturadissimo. Os officiaes subiram ao parapeito e d'ahi seguiam a trajectoria dos projecteis e examinavam o seu effeito nos baluartes do inimigo.

—Olhae, uma parte da muralha já apresenta uma brecha—disse Luiz de Siqueira, apontando para um determinado local.

—E aquella porta despedaçou-a em hastilhas um projectil—observou Jorge de Siqueira.

—Duas casas já desabaram—notou Lourenço de Brito.

—Por mais que o governador Guilherme Schouten gratifique com duas patacas cada um dos seus hollandezes que trabalhe de noite nos muros para os reparar, não dá vasão aos estragos que nós lhes causamos—commentou Manuel Gonçalves.

—Morrem de cançaço os que escapam ás balas—obtemperou Lourenço de Brito,—não poderão

resistir por muito tempo mais; apesar da sua teimosa valentia, as forças humanas teem limites.

—Tudo quanto concertam de noite destruimos-lhes nós de dia, e ainda muito mais, de modo que breve todas as suas muralhas e reductos não serão mais que escombros e ruinas.

Quando Manuel Gonçalves e os outros seus amigos regressaram á bateria do Carmo iam um tanto despeitados com a certeza dos tiros e o bello effeito produzido por elles nas obras do inimigo.

—Nada—monologou o veterano,—precisamos tirar a nossa desforra; torna-se mister praticar qualquer acto de estrondo.

—Já não morremos hoje—declarou do lado Lourenço de Brito,—pensava exactamente na mesma coisa.

—Ouviste o que eu disse?!—perguntou Manuel Gonçalves com certa surpreza.

—Falavas como se estivesses a commandar um terço, e não querias que eu ouvisse—retorquiu-lhe o amigo.

—Melhor; comprehendeste a minha intenção e vamos pôl-a em pratica.

Uma hora depois rompia aquella bateria nutridissimo fogo sobre a hollandeza, que lhe ficava fronteira, á porta da Sé. Os tiros das bombardas e dos mosquetes, por serem disparados a pequena distancia, poucas vezes erravam o alvo. N'essa tarde o canhoneio tomou uma intensidade pouco vulgar. Ao anoitecer, quando a furia diminuiu gra-

dualmente até se ouvir apenas de ora em quando uma detonação isolada, conversava-se, como sempre, ácerca dos resultados obtidos e das perdas soffridas de um e d'outro lado.

— Um dos nossos pelouros — expoz Jorge de Siqueira com ufania, — contou-me um dos prisioneiros que fizemos, bateu na terra de baixo dos pés de um sargento hollandez, obrigou-o a dar uma cabriola e não lhe causou mais damno. Em compensação...

— Que succedeu?

— Foi parar ao hospital, atravessou a parede. matou dois cirurgiões que procediam ao curativo dos feridos e molestou novamente um d'estes [1].

— Já tinha vontade de fazer mal...

— Tambem tivemos bastantes mortos, e de importancia.

— Quem?

— Acaba de morrer o morgado de Oliveira, Martins Affonso...

— Aquelle a quem uma bala hollandeza levou uma perna ha três dias...

Como aconteceu semelhante precalço?

— O morgado de Oliveira tinha a camisa ensopada em suor por causa do trabalho de andar com a faxina ás voltas, de carregar arcabuzes e descarregar arcabuzes, etc.

---

(1) Fr. Vicente do Salvador.

—Meus amigos, aqui todos trabalham e pelejam, fidalgos e não fidalgos.

—Que novidades nos dás!

—Mas vamos ao morgado.

—Foi a casa para mudar de roupa e assentou-se á janella a tomar um bocado de fresco, quando um pelouro lhe levou cerce a perna.

—Pobre morgado!

—Morreu hoje sem esmorecer e christãmente.

—O destino tem muita força. O morgado embarcou doente em Lisboa, contra vontade dos amigos e familia, a quem declarou muito terminantemente que mesmo ungido havia de partir para o Brasil (1).

—Veremos como Filippe IV recompensa tamanha dedicação e patriotismo. (2)

—A bateria das Palmeiras descavalgou duas peças ao inimigo, mas tambem ali chacinaram varios portuguezes, e, entre estes, o capitão Diogo Ferreira, um dos três irmãos de Vianna do Castello, que tiraram á sorte, com os dados, para saber quem devia seguir para a Bahia.

—Ainda por ahi anda outro irmão, João Ferreira, que veiu por provedor-mór da Fazenda d'este

---

(1) Historico.

(2) D'esta vez Filippe IV não foi ingrato. Concedeu aos filhos do morgado de Oliveira importantes mercês.

estado do Brasil, mas n'um navio armado e fretado á sua custa.

—Assegura-se que o irmão a quem o azar não favoreceu e se quedou em Lisboa, ainda hoje não se conforma com essa sentença dos dados.

—Uma boa nova!—annunciou Jorge de Aguiar, que chegou n'aquelle momento de uma missão fóra da bateria.

—Venha ella—exigiram os circumstantes.

Desembarcaram mais soccorros de Pernambuco trazidos por Jeronymo Albuquerque Maranhão, filho do conhecido chefe d'este nome.

—É um bom auxiliar.

—E do Rio de Janeiro, o moço e valentissimo Salvador Correia de Sá, neto do illustre caudilho do mesmo nome, e a quem seu pae, Martins de Sá, confiou o commando de quinhentos homens, entre os quaes trezentos paulistas, com abundantes mantimentos.

—Como se transportam?

—Em duas caravelas e quatro canôas tripuladas por indios.

—É um passeio pela costa de mais de quatrocentas leguas.

—Mais nada?

—Achaes pouco?! Mas ainda tenho mais.

—Despejae o sacco.

—Passou aqui pela Bahia ha pouco a esquadra hollandeza do almirante Pietre Heyn, á qual o

mesmo Salvador applicou uma *esfrega* de respeito no Espirito Santo. E hontem á noite...

Que tragedia occorreu hontem á noite?

—Eram dez horas quando se avistou um patacho hollandez. Um dos nossos navios que bordejam fora da barra, perguntou-lhe, por meio de signaes, a que nação pertencia. Respondeu que vinha da Hollanda, suppondo que as nossas embarcações eram da mesma nacionalidade.

—Veiu metter-se na bocca do lobo.

—Ao enxergar mais velas suspeitou de tanta fartura e poz-se ao largo sem que os navios portuguezes lhe pudessem dar caça efficaz.

—Que pena!

—Esta manhã é que algumas barcas das que andavam amaradas trouxeram noticias d'elle e a convicção de que deve ser um dos oito navios hollandezes que se entregam á pirataria.

—Que pena!—repetiram em côro quantos ouviram Jorge de Aguiar.

* * *

Voltemos a Bertha. Ninguem conseguira fazer com que desistisse do seu proposito. N'essa tarde, pouco mais ou menos á mesma hora em que succediam os factos que atraz relatamos, apresentava-se a joven flamenga, acompanhada por Luiza da

Guarda, Maria do Rosario e André de Padilha, na barraca onde se albergava D. Manuel de Menezes quando vivia em terra.

—Sois um coração nobre e generoso—disse o illustre almirante portuguez depois da joven lhe declarar a que ia.—Vou nomear um official para vos acompanhar como parlamentario até os postos avançados hollandezes.

E D. Manuel de Menezes encostou o queixo á palma da mão esquerda n'esse gesto peculiar aos que conjecturam resolver qualquer problema que os preoccupa.

—Senhor almirante—communicou-lhe um dos seus ajudantes, interrompendo-lhe a meditação—o capitão Francisco de Padilha deseja falar-vos.

—Oh! cáe como a sopa no mel—murmurou D. Manuel de Menezes.

Simultaneamente André de Padilha approximou-se de Bertha van Dorth, e segredou-lhe:

—Querieis vêl-o antes de partir para a cidade. Ahi o tendes. O acaso serviu-vos melhor que o mensageiro que lhe enviei á sua estancia e que não o encontrou.

O ajudante, suppondo que D. Manuel de Menezes desejava algumas explicações ácerca da visita annunciada, adduziu:

—Creio que vem apresentar-vos mais alguns desertores dos hollandezes que fugiram da praça.

—Hollandezes não, faço-lhes essa justiça—retorquiu o almirante,—mercenarios que os hollan-

dezes teem a seu soldo. Mandae entrar o capitão Francisco de Padilha.

Minutos depois, entrava o nosso protagonista e, apezar da sua extrema intrepidez, todo o sangue lhe affluiu ao coração quando se lhe depararam as pessoas então reunidas n'aquella barraca. Cumprimentou o almirante e com uma rapida inclinação de cabeça saudou os presentes, demorando, mau grado seu, o olhar no rosto nobre e magestoso de Bertha.

—Mais desertores, não é verdade, capitão?—perguntou-lhe com o seu modo affabillissimo D. Manuel de Menezes.

—Assim é, senhor almirante—retorquiu o recemchegado.

—Teem vindo muitos n'estes ultimos dias—explicou o almirante com o seu genio expansivo.

—Principiaram a desertar apenas a esquadra bloqueou o porto. No dia 7 d'este mez de abril de 1625 appareceu-nos um francez declarando que não queria pelejar contra Portugal nem contra a Hespanha, pois que os hollandezes quando o assoldadaram lhes tinham dito que era para povoar terras e não para andar em luctas.

—Era um homem pacifico,—commentou André de Padilha—e logo acrescentou:—prosegui.

D. Manuel de Menezes ouvia attento.

—Todos os inglezes e francezes que ali se encontram desejavam proceder de egual modo, mas não o podem fazer por causa das muitas sen-

tinellas e da certeza que, sendo colhidos na fuga, seriam logo enforcados.

—O que é de todo o ponto justo.

—Justissimo. O medo salva a vinha.

—Pois agora, senhor almirante—communicou Francisco de Padilha quando seu pae e D. Manuel de Menezes se calaram,—trago-vos dois escocezes, que se apresentaram n'um dos postos do meu commando.

O almirante voltou-se então para o ajudante, que não se retirara, e disse-lhe:

—Meu amigo, dae a esses dois desertores destino egual ao dos outros. Internae-os d'onde não nos possam molestar a nós nem aos seus antigos camaradas. Detesto os desertores.

—Todos os detestam—concordou André de Padilha.

—Meu caro capitão, tinha-vos no pensamento quando entrastes.

—A mim, senhor almirante?!

—A vós. Lembrei-me que me podieis prestar um valioso serviço, embora talvez perigoso.

—Sabeis, senhor almirante, que estou sempre ao vosso dispôr—declarou Francisco de Padilha, empallidecendo, não com a idéa do perigo, mas adivinhando do que se tratava.

—Não conheço ninguem mais capaz de ir acompanhar esta dama até a uma das portas da cidade, entregal-a ao governador hollandez e receber o nosso prisioneiro em troca.

— Partirei quando vós ordenardes, senhor — disse o capitão curvando-se n'uma mesura,

Os olhos de Bertha illumiram-se de alegria, os de Luiza amorteceram-se como ensombrados por uma nuvem de tristeza.

— Quando desejais ir para a cidade? — perguntou cortezmente D. Manuel de Menezes á joven flamenga.

— Logo que o senhor capitão Francisco de Padilha se apreste para cumprir a sua galharda incumbencia.

— Immediatamente — pronunciou o capitão como um suicida que corre ao encontro da morte.

Nomeado um trombeta para dar os signaes do estylo, chamados alguns negros para conduzir a bagagem de Bertha e feitas as despedidas entre as três mulheres, sempre lacrimosas e alanceadas pelo pezar, pelo menos as duas portuguezas, pois a hollandeza raras vezes chorava, a rede que conduzia esta ultima pôz-se a caminho, ladeada por Francisco de Padilha, para a porta do Carmo. Durante o trajecto os dois não trocaram uma palavra.

Quando chegaram á zona propria, o trombeta fez resoar o seu béllico instrumento, cessou o tiroteio com que sitiados e sitiantes sempre se entretinham, embora n'esse instante fosse escasso, e veio um sargento neerlandez reconhecer o parlamentario. O capitão declarou qual era a sua missão e que trazia uma carta de D. Manoel de Menezes para o governador da praça. Logo que Bertha de-

clinou a sua qualidade, mandaram-na entrar para uma casa, a melhor que havia n'aquellas immediações, esburacada pelos pelouros, mas que offerecia na conjunctura uma relativa segurança, isto depois de vendarem os olhos ao capitão. O sargento participou sem delonga a occorrencia ao seu chefe immediato, que se achava n'outro ponto.

Decorreu meia hora. Bertha assentada n'um tosco escabello abstrahira-se completamente no torvelinho de pensamentos que lhe rodopiavam no cerebro. Francisco de Padilha encostara-se a uma parede, e, sempre com os olhos tapados, cogitava em toda a sua vida passada. De repente, ambos, como que acordaram em sobresalto, quando aos ouvidos lhe tangeu lugubremente uma voz ironica, bem conhecida :

—Olá, minha prima, sempre deliberastes voltar para a cidade. O amor da patria não é uma palavra van; sobreleva, ou pelo menos deve sobrelevar, todos os outros affectos.

Adivinhou por certo o leitor que essa voz pertencia a Jacob, cujas pupillas relampejavam de feroz alegria ao saber quem eram as inesperadas visitas.

Francisco de Padilha esboçou um movimento para arrancar a venda dos olhos, mas logo a voz do official neerlandez determinou, acerada como a ponta d'um punhal:

—Sargento, se esse parlamentario quizer tirar o lenço que lhe tapa a vista e tentar ver o que se

passa aqui, mate-o sem escrupulo; sou eu quem o ordena.

—Não me é permittido voltar para onde vim? perguntou Bertha dirigindo-se ao sargento.

—Não, minha estimada prima—respondeu Jacob em tom sarcastico—agora ficareis ao nosso lado para sempre. Vou eu proprio acompanhar-vos á presença do governador; e ao parlamentario serei eu quem lhe sirva de guia.

—Então partamos quanto antes—disse a joven flamenga com seccura.

—Esperae um instante, d'aqui ao palacio do governador não é perto, como sabeis, e não podeis ser transportada pelos mesmos negros que aqui vos conduziram. Virão outros, e uma guarda de honra digna de vós.

Na verdade, algum tempo depois appareciam outros negros e uma força de vinte soldados armados até os dentes.

—Quando quizerdes, estou ás vossas ordens—convidou Jacob com inflexão tal que desmentia a urbanidade das suas palavras.

—Nunca heis de negar quem sois—retorquiu Bertha com glacial impassibilidade.

—Vosso primo, filho da irmã do vosso pae,—retorquiu cada vez mais sardonico o official hollandez.

Bertha e Francisco de Padilha collocaram-se no meio da escolta, porque era verdadeiramente uma escolta, sem exprimir a menor surpresa nem accentuar o menor gesto de protesto.

—Perdoae, se a caminhada se prolonga, mas não me é impossivel encurtá-la—disse Jacob para Bertha com tal ironia que se assemelhava a um insulto.

A escolta parou em frente do edificio da prisão. Jacob ordenou ao commandante da força:

—Mettei ahi o parlamentario. Não o solteis senão por ordem minha.

—É um abuso que pagareis caro—ameaçou Bertha quando as portas de grades se fecharam atraz de Francisco de Padilha. O governador...

—Já não ha governador; o governador depú-lo eu ha pouco. Estaes á minha mercê.

Jacob não mentia. Parte da guarnição sublevara-se e depuzera o governador Guilherme Schouten.

---

## IV

# A capitulação

Graves acontecimentos, realmente, se tinham dado na cidade de S. Salvador. O boato que correra de que o antigo governador Albert Schouten fôra envenenado, asseveravam uns, assassinado com um tiro de arcabuz, affirmavam outros, tomava de dia para dia maior vulto, e tambem de dia para dia as suspeitas d'esse cobarde attentado mais recahiam em Jacob. Os espiritos mais desconfiados ou mais austeros accusavam este official de conceber o ambicioso projecto de usurpar o poder supremo da colonia, intrigando, malquistando, lançando a discordia entre as auctoridades superiores da praça, a fim de mais tarde conseguir que a Companhia de Amsterdam confirmasse por meio de uma nomeação legal essa usurpação.

—Ah, elles dizem isso! —exclamou Jacob uma vez que um amigo, da sua envergadura moral, o prevenira dos rumores que corriam a seu respeito,

—pois então diligenciarei tornar real o que é pura invenção das suas imaginações encandescidas; «honra sem proveito faz mal ao peito», como dizem os perros dos portuguezes.

—Mas vós—objectou-lhe o amigo—não tendes nem graduação, nem categoria, nem edade, para sêrdes elevado de chofre a tão subida culminancia.

—Quereis ajudar-me n'esta empreza?—Não vos arrependereis. Não me esquecerei nunca dos meus auxiliares. Terão dinheiro e honras. Serão ricos e promovidos aos postos immediatos.

—Prometteis?

—Sob minha palavra de honra.

—Contae commigo e com todos os descontentes.

—Torna-se necessario fazer larga propaganda contra o coronel Guilherme Schouten e a favor do capitão Hans Kijff.

—Não percebo.

—Ides perceber. Insubordina-se a guarnição contra o actual governador. Deposto este, assumirá esse cargo o capitão Hans Kijff. Escreverei para a Hollanda relatando que o auctor da insubordinação foi o capitão. Não o nomearão a elle para governar a colonia depois d'um tal acto. Então...

—Então?...

—Então manobrarei de forma que seja eu o nomeado para tal cargo.

—Comprehendo agora.

—Pois não abona muito a favor da vossa esperteza.

—Paz aos remoques. Como devemos principiar?

—Espalhae entre os soldados, o que até certo ponto é verdade, que o coronel Guilherme Schouten nunca ronda as fortificações nem se importa com o seu estado de conservação, que não trata de se informar de nada que respeite á defesa.

—O argumento não é mau.

—Accrescentae que as poucas vezes que visita os baluartes e muros, em vez de animar os soldados, os insulta, os cobre de injurias, profere blasphemias sem nome e não tem em nenhuma conta os rudes serviços a que os pobres diabos andam sujeitos.

—Os soldados ficarão furiosos com essa idéa.

—É do que nós precisamos.

—Convencei-os de que elle frequenta os logares escusos, ou passa o tempo no palacio a beber e a embriagar-se.

—Procederei immediatamente a essa catechese.

Na verdade tão activamente se conduziram os sequazes de Jacob que depressa introduziram a desordem e a desconfiança no seio de uma parte da guarnição hollandeza, dividindo-a, alliciando e amotinando os seus elementos mercenarios e mais remissos á disciplina. A sublevação rebentara na mesma tarde em que Bertha se apresentara para ser trocada por um mestre de campo portuguez, prisioneiro das tropas neerlandezas. A gentilissima

dama e Francisco de Padilha tinham ido metter-se de moto proprio no covil d'aquelle chacal que se chamava Jacob.

Exultou quando lhe communicaram tão imprevista novidade.

— Olá! — exclamou — esses pombinhos vieram acocorar-se debaixo das garras do milhafre. Oh! como eu celebrarei esse triumpho!

Jacob mandou encerrar Francisco de Padilha na cadeia da cidade, como vimos, e pôr de guarda a elle alguns dos seus cumplices em quem depositava maior confiança. Em seguida, sem nenhuma outra prevenção, nem qualquer desculpa cortez, enviou sua prima, guardada tambem por homens absolutamente fieis, para a casa onde elle residia. Tomadas estas medidas, encontrou-se com os seus amigos encarregados de promover a sublevação.

— Correu tudo bem? — perguntou.

— O melhor possivel; os escravos negros aprezados dos navios vindos de Angola e os estrangeiros da guarnição já se revoltaram?

— E os nossos compatriotas, os hollandezes?

— Esses permanecem fieis.

— E o governador, dispõe-se a defender?

— De modo nenhum, ou por medo ou por patriotismo, apenas os revoltados se apresentaram defronte do palacio, e que as tropas leas se aprestavam para repellir os nossos, declarou que se destituia do commando e que o entregava ao capitão Hans Ernest Kijff.

— Com que facilidade tudo isto se realisou!

— Ainda se dispararam alguns tiros e ficaram diversos homens mortos e feridos, mas coisa sem importancia.

— Bem — disse Jacob — torna-se necessario conservar entre os revoltados o mesmo estado de excitação. E preciso que o governador não possa manter a ordem e a disciplina na guarnição.

— E se os portuguezes e os hespanhoes se aproveitam d'estas nossas desavenças? — perguntou o tredo sequaz de Jacob.

— Não o sabem, não o saberão — retorquiu o alleivoso official neerlandez; — quando o novo governador Kijff se confessar impotente para suffocar a rebellião dos seus subordinados surgirei eu, como um salvador, normalisarei a situação e resistiremos aos portuguezes até que cheguem as duas esquadras de soccorro que esperamos.

— Mas vós não appareceis?

— Por emquanto não é conveniente. Uma das garantias do triumpho é que tudo isto se effectue com o maior sigillo possivel — explicou Jacob.

— Então que instrucções nos daes agora?

— Que continueis a fomentar a rivalidade entre os diversos elementos militares. Quanto maior fôr o descontentamento mais segura é a nossa victoria.

E depois de satisfeitos os vossos desejos não vos esquecereis de nós?

— Nunca. Conheceis bem o meu caracter. Se pratico tudo isto, se desejo o mando supremo, não

é por estulta vaidade, nem por criminosa ambição, é por patriotismo. Convenço-me que só um commando energico, exercido por homens energicos como vós, poderá aguentar a praça até á chegada do auxilio que não se pode demorar.

— Deus vos ouça — disse o conspirador sem se aterrorizar com a blasphemia proferida.

* * *

O assedio de S. Salvador durava ha vinte e três dias e não se passava um quarto de hora, de dia nem de noite, sem se deixar de ouvir estrondo de bombardas, esmerilhões e mosquetes de parte a parte... E eram tantos os pelouros pelo ar que milagrosamente escapavam as pessoas, assim nas casas como nas ruas e caminhos, nem faltou curioso que contasse, e dissesse que foram as balas grossas, que os inimigos atiraram, duas mil quinhentas e dez, e as que os nossos lhes enviaram quatro mil cento e sessenta e oito ([1]).

No mesmo dia em que occorriam os successos que atraz relatamos na cidade, 27 de abril, dava-se um facto altamente significativo n'uma das trincheiras. O bombardeamento continuava sempre a atordoar os ouvidos de sitiantes e sitiados com os seus tremendos estampidos e os projecteis cruzavam o

---

([1]) Fr. Vicente do Salvador.

espaço como immensos e sinistros bezouros arautos de morte e de soffrimento.

— Senhor alferes — disse o sargento João de Loureiro — não vos parece que aquella trincheira acolá está quasi desguarnecida?

O alferes, Ignacio de Mendonça, subiu ao parapeito, e permaneceu largo tempo a examinar o baluarte dos contrarios, e depois concordou:

— Realmente ha ali pouca gente.

— Senhor alferes, temos aqui comnosco noventa soldados portuguezes, porque não os aproveitamos?

— De quê? — inquiriu o official, adivinhando sem grande esforço o pensamento do seu subordinado.

— Assaltando essa posição.

— Sem ordem superior?

— Maior seria a nossa gloria.

— E se somos repellidos?

— Não reza a historia dos homens fracos.

O alferes reflectiu durante alguns segundos e em seguida, virando-se para o sargento, disse-lhe:

— Formae os nossos homens.

Os portuguezes enfileiraram-se com a mais rigorosa disciplina e ordem.

Ignacio de Mendonça expoz-lhes:

— Camaradas e compatriotas, aquella fortificação além, do inimigo, está mal vigiada. Apresenta-se-nos agora uma occasião para a tomar, como talvez nenhuma; não recebi ordem para o fazer, nem ha tempo para consultar os nossos legitimos

superiores; se quereis tentar o seu assalto eu tomarei a responsabilidade de vos conduzir.

—Viva Portugal! Viva Portugal! Ávante!

Na trincheira portugueza poucos homens ficaram. Os restantes pareciam mosquitos a caminho da posição dos adversarios. A artilheria estrondeava então por todas as bandas.

—As escadas! Venham a escadas para o assalto!

Os portuguezes galgaram por cima da unica escada que se pudéra obter e formavam como um cacho semelhante aos das abelhas quando suspensas de um tronco de arvores, e espalharam-se pela crista do muro. De subito os assaltantes estacaram surprehendidos.

—Que é isto?—perguntou muito admirado o alferes Ignacio de Mendonça.

Ao encontro dos portuguezes caminhava um tambor neerlandez com a sua caixa de guerra, tendo no chapeu um papel, e empunhava uma bandeira branca.

—Que quereis?—interrogou em flamengo o alferes.

—Pedir paz.

—Que venha um dos vossos superiores.

Logo appareceram quatro officiaes e os hollandezes que lá estavam occultos e deitados puzeram-se de pé. Na bateria das Palmeiras, os portuguezes que a occupavam admiravam-se do movimento desusado que ahi existia, e, tendo visto a acommettida dos nossos e divisando agora tanta gente reunida,

não podendo descriminar bem os movimentos, principiaram a atirar para ali com os seus canhões e com mais de quinhentos mosquetes, tiroteio que matou e feriu muitos homens, tanto nossos, como d'elles.

—Arvorem bandeiras brancas! —Arvorem bandeiras brancas!—alvitrou o sargento João de Lourenço.

N'um instante o entrincheiramento hollandez se cobriu de quantos farrapos brancos se poderam haver ás mãos e de todos os lados reboou em flamengo:

—Queremos entregar-nos! Queremos entregar-nos!

Ao mesmo tempo o alferes Ignacio de Mendonça, homem sereno e de animo, intrépido, foi direito ás bandeiras e signas hollandezas que ainda fluctuavam e arriou uma a uma.

—Viva Portugal! —resoou então por todo o immenso ambito do cêrco.

—Viva a Hespanha! —responderam as forças d'essa nacionalidade.

—Podiam muito bem ter-se deixado tranquillos lá pela sua terra —resmoneou Manuel Gonçalves muito satisfeito com a inesperada rendição da praça.

—Ali veem mais hollandezes entregar-se! —exclamou Jorge de Aguiar.

Assim era. A guarnição da bateria neerlandeza, fronteira á nosssa bateria das Palmeiras, dirigia-se

para os sitiantes com as mãos erguidas em signal de que se rendiam.

Alguns dos officiaes hollandezes, custando-lhes a confessar que desejavam a capitulação, disseram para os portuguezes:

— Mandaram-nos chamar?

— Nós, não — responderam immediatamente os nossos.

— É que se nos affigurou isso — declararam, — e vinhamos então saber o que queriam.

— A sahida não é má de todo — commentou Lourenço de Brito para Manuel Gonçalves, que já tinham acorrido áquella trincheira, como muitos outros dos seus camaradas.

N'esta altura do dialogo appareceu o proprio commandante neerlandez Hans Ernest Kijff, que perguntou em portuguez arrevesado a Manuel Gonçalves:

— Vossas senhorias estão habilitados a negociar a entrega da praça?

— Não estamos — informou com a maior urbanidade Manuel Gonçalves; — se vossa excellencia quer tratar da capitulação deve mandar um parlamentario a D. Fradique de Toledo, que com certeza será recebido pelo commandante em chefe.

Alguem preveniu immediatamente o marquez de Valdueza da proposta que o governador apresentára e do estratagema de que primeiro se tinham servido os seus officiaes, para não declarar peremptoriamente a que iam.

—Pois tenho pena que não falassem immediamente commigo—retorquiu D. Fradique de Toledo —responder-lhes-hia acto continuo: «que nos exercitos de el-rei de Hespanha, meu senhor, não se costumava chamar o inimigo estando sitiado, quanto mais estando-o batendo, e que respondessem dentro de uma hora se queriam outra coisa, e que, senão, tornariam a pelejar». ([1])

Na verdade pouco tempo depois apresentava-se ao marquez de Valdueza um tambor com uma carta do governador Hans Kijff.

Resava ella:

Excellentissimo senhor:

«Nós, o coronel e mais membros do Conselho d'esta cidade, havendo sabido que da parte de Vossa Excellencia chamavam um tambor nosso para lhe falar, enviamos este para saber o que Vossa Excellencia nos quer dizer, e confiamos em que Vossa Excellencia consentirá que volte segundo os nossos usos de guerra». ([2])

*Hans Ernest Kijff.*

—Ah,—monologou o commandante em chefe do exercito alliado—repetem a esperteza, pois então esperae!

---

([1]) Palavras textuaes.

([2]) Varnhagen.

Pediu pergaminho e tinta e respondeu sem nenhuma delonga o seguinte:

Excellentissimo senhor:

«Da parte dos dois exercitos que tenho a honra de commandar nenhuma indicação se fez, mas que, se, conforme a pratica dos sitios, teem os sitiados que fazer as suas propostas, as ouvirei cortezmente quando não se opponham ao serviço de Deus e de el-rei». [1]

*D. Fradique de Toledo,* marquez de Valdueza.

A resposta do commandante das forças sitiantes foi levada com a maxima urgencia ao seu destino. Convocaram-se logo os conselhos de um e outro arraial e aprasou-se que a reunião dos officiaes incumbidos de discutir as condições da capitulação se effectuaria, como era de prevêr, no quartel general das forças hispano-portuguezas, no Carmo.

O governador Hans Kijff enviou como delegados seus Willem Stoop, Hugo Antonio e Francisco du Chesne.

—Quaes são as vossas condições?—perguntou aos delegados D. Fradique de Toledo, depois de trocadas as mais cortezes saudações entre

(1) Varnhagen.

os heterogeneos membros d'aquella historica assembléa.

— Condição especial para que capitulemos — respondeu Willem Stoop — é que toda a guarnição da cidade saia da praça com armas, tambores á frente e morrões accesos.

— Não penseis em tal — retorquiu o marquez de Valdueza — não vos posso conceder semelhantes honras.

— N'esse caso resistimos até que chegue a nossa esquadra commandada pelo almirante Edans Bondewin Hendrikozoon — ameaçou Hugo Antonio.

— Com que abastecimentos e munições? — interrogou o commandante em chefe dos sitiantes.

— Temos viveres e munições para seis ou oito semanas e antes d'isso surgirá a frota conforme nos avisou o hiate *Hacre* — contrariou Francisco du Chesne.

— Ha muitos dias — atalhou D. Manuel de Menezes — que os vossos principaes generos escasseiam completamente; ha muitos dias que comeis cavallos, cães e gatos.

— Fatal imprevidencia — commentou a meia voz Jorge de Aguiar para o seu amigo Lourenço de Brito, pois ambos assistiam ao conselho — é por isso que nós não podemos parar com os ratos e ratazanas que se transformaram em diluvio. [1]

---

[1] O reparo não foi só de Jorge de Aguiar. Tambem o escreveu Aldenburgh auctor de um diario d'aquelle cêrco.

—Talvez esperem comer os ratos quando se lhes acabem os gatos.

A discussão proseguiu renhida. D. Fradique de Toledo e D. Manuel de Menezes, porém, mostraram-se intransigentes.

Para pôr termo a um debate que ameaçava eternisar-se, o marquez de Valdueza declarou:

—As minhas ultimas clausulas são as seguintes, e d'aqui não me affastarei uma linha. Se não acceitardes dentro de uma hora ordenarei um assalto geral á cidade.

—São então condições dictadas por um vencedor que ainda não venceu.

—São condições dictadas por um commandante-em-chefe que basta fazer um simples gesto para vos anniquillar a todos.

—Dictae-as então—disseram mais submissos os três delegados.

—Entregareis a cidade com toda a artilharia, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos e os navios que estiverem no porto—começou D. Fradique de Toledo.

—Que tyrannia!—bradou Willem Stoop.

—N'essa entrega—continuou impassivelmente o marquez de Valdueza—incluir-se-ha todo o dinheiro, oiro, prata, joias, mercancias, utensilios, escravaria e tudo o mais que houver na cidade e nos navios.

—Tomam-nos então tudo—protestou Hugo Antonio.

— Não teem de que se queixar. Ainda é menos que os hollandezes fizeram aos portuguezes quando se apoderaram de S. Salvador. Restituirão todos os prisioneiros.

— Concordamos n'essa clausula.

— Os vencidos não pegarão em armas contra a Hespanha e Portugal até chegarem á Hollanda.

— Assim seja.

— Poderão voltar impunemente para a sua patria com toda a sua roupa.

— O contrario seria um atropêlo ás leis da guerra.

— Ser-lhes-hão fornecidas embarcações para que se retirem, com mantimentos para três mezes e meio, e armas para se defenderem, depois de deixar o porto, não podendo usar d'estas emquanto aqui se demorem; excepto os officiaes, que poderão continuar com as suas espadas.

— Acceitamos.

— Finalmente, hoje, 30 de abril de 1625, entregarão uma das portas da cidade, recebendo em troca os refens que entenderem.

A discussão ainda se dilatou por mais alguns minutos, diligenciando os delegados neerlandezes fazer acceitar contra-propostas menos duras, mas ante a absoluta intransigencia de D. Fradique de Toledo, viram-se obrigados a conformar-se com as condições impostas e assignaram a capitulação todos os vogaes do memoravel conselho de guerra.

Jacob, depois de ter delineado todo o seu plano e de se presumir senhor da situação, dirigiu-se á

sua residencia disposto a ter uma larga conferencia com sua prima, a quem faria sentir todo o pezo da sua superioridade. Bertha ao vê-lo entrar na sala onde a tinham conduzido como prisioneira, comprehendeu logo que entre os dois haveria a scena mais violenta de toda a sua vida e preparou-se para ella com o animo impavido que nunca a abandonara, nem mesmo nos transes mais angustiosos da sua accidentada existencia.

— Minha prima — declarou Jacob apenas entrou — já sabeis que o verdadeiro governador da cidade sou eu e que dentro d'ella não ha outra vontade que não seja a minha.

— Não felicito os seus habitantes por essa má nova; a Providencia de quando em quando tem caprichos bem crueis.

— Minha prima — retorquiu Jacob de sobrecenho irado — abandonae esses ares que não se harmonizam nada com a vossa actual posição.

— Não vejo porque os abandonar; eu continuo a ser a mesma mulher de sempre; vós o mesmo miseravel que de ha três annos para cá envergonhaes a vossa patria, o exercito em que servis e a vossa familia.

— O momento é grave, minha prima; venho empregar o derradeiro esforço pacifico; depois não responderei por mim. Trago-vos o symbolico ramo de oliveira na mão direita...

— E na mão esquerda... talvez a adaga com que pretendeis assassinar-me.

— Não se assassina uma dama tão formosa como vós... pelo menos... antes...

— Desfiae para ahi todo o rosario das vossas infamias, visto como não me posso eximir a ouvil-as.

— Bertha — disse Jacob approximando-se da joven e fazendo sobre si um grande esforço para serenar — permitti que vos lembre factos passados, factos que são para mim, simultaneamente um paraiso e um inferno.

— Pois lembrae, mas sêde breve.

— Creámo-nos juntos, fomos amigos desde a infancia, andámos no mesmo collegio de primeiras lettras, crescemos vendo-nos a cada hora, a cada minuto. Um dia, na adolescencia já, declarei-vos que vos amava; acolhestes o meu amor, quando vosso pae e minha mãe souberam do reciproco estado dos nossos corações exultaram de alegria.

— Pobres creaturas, morreram a tempo!

— A nossa felicidade não só era tranquilla mas profunda. Ajustado o nosso enlace em Amsterdam, devia realisar-se pouco depois d'essa malfadada viagem a Lisboa. Ahi...

— É escusado relembrar acontecimentos que não se apagarão nunca mais da memoria de qualquer de nós.

— Ahi, tornando-vos perjura, amastes outro homem.

— Ninguem pode impôr leis ao coração.

— Ahi esquecestes todas as vossas promessas tão solemnemente feitas...

—Falseaes a verdade. Não esqueci uma só das promessas feitas. Amei, é verdade, outro homem, mas sou uma mulher honesta, e cumpriria quanto prometti, porque nunca quiz desposar quem amava, apesar do anceio da minha alma e de todas as solicitações do objectivo do meu amor.

—E ousaes falar assim deante de mim?

—Porque não? Não vos amava, é certo, mas seria para vós uma esposa dedicada, fiel, exemplar. Substituira por estima e por lealdade o amor que pertencia a outro.

—Pois não reparaes, Bertha, que foi esse amor que desencadeou em mim todo o odio que presentemente sinto, que é elle o promotor das loucuras que tenho praticado...

—Más acções, infamias, villanias, quereis dizer...

—Mas vós...

—Eu continuei a ser uma mulher digna. Não ha na minha existencia uma unica acção que deva occultar ou que me possa envergonhar...

—O odio, o despeito, o ciume...

—Não podem converter uma creatura que tem o culto pela honra n'um bandido abjecto, n'um criminoso vulgar.

—E se eu me arrependesse, se por amor de vós tornasse a ser o mesmo d'antes, consentirieis em vos tornar minha?...

—Já uma vez respondi a essa mesma pergunta. É tarde de mais.

—Tarde?!

—Estendestes entre vós e mim um tremedal de ignominia que nem o tempo, nem o arrependimento poderão superar.

—Então, quer queiraes, quer não, sereis minha amante!—explodiu Jacob soltando uma gargalhada estridente, infernal.

—O verme nunca conseguirá apoderar-se de uma flôr.

—Mas sobe pela haste até lhe tocar, a beijar, que sorver todo o nectar.

E Jacob totalmente desvairado deu um salto para Bertha. Esta conservando a sua costumada serenidade, no momento em que o primo lhe abria os braços para a estreitar n'um amplexo phrenetico, arrancou-lhe a adaga que lhe pendia do lado esquerdo, e voltou a ponta para elle, ameaçando:

—Conservae-vos tranquillo; se vos acercaes mais de mim, atravesso-vos o peito com esta adaga como um naturalista crava com um alfinete uma borboleta na sua collecção.

—Pois acaso pensaes que um homem que chega a taes extremos se intimida com semelhante arma manejada por uma mulher a quem se deseja?

—Cautela, não vos approximeis, Jacob van Dorth. Juro-vos pela santa recordação de meu pae, que vos matarei como a um cão damnado.

—Prima, prima, porque vos haveis de mostrar assim tão remissa a quem vos offerece os melhores

gosos das primicias do amor?—chacoteou o official neerlandez.

E ao mesmo tempo pretendeu metter-se por baixo da adaga, que Bertha empunhava sempre, calma e com o olhar friamente resoluto.

—Cautela, pela ultima vez, Jacob!

—Um beijo, um primeiro beijo para principiar.

Então, a joven hollandeza, tão grave e solemne como a imagem da Justiça, enterrou a adaga no coração do seu primo, que soltou um rugido, após uma golfada de sangue e rolou no chão como uma massa inerte.

---

V

## A entrada na cidade

A assignatura da capitulação causou, como era de prevêr, o maior enthusiasmo. Na tarde do dia 30 retiraram os hollandezes das suas posições e recolheram-se aos navios antecipadamente designados para ali ficarem prisioneiros até serem transportados á sua patria. Acabara-se a série de consecutivos combates empenhados desde a tomada de S. Salvador. As perdas dos sitiantes desde que fundeára a esquadra de soccorro até o dia da capitulação foram de cento e vinte e quatro mortos e cento e quarenta e quatro feridos, numero importante para o effectivo dos combatentes e da acção relativamente pouco mortifera das armas da época. A alegria pouco durou do lado dos portuguezes. No Brasil, como na Europa, os castelhanos chamavam a si a parte do leão. Os hespanhoes entraram na cidade como se ella não fôra pertença do patrimonio portuguez. Para melhor roubar e saquear, o

commandante em chefe ordenou que as tropas hespanholas e italianas seriam as primeiras a penetrar em S. Salvador, conservando as forças luzitanas arredadas d'ali e distribuidas pelas vizinhanças sob pretextos especiosos.

—Vêdes, meus amigos—dizia com rancor concentrado Manuel Gonçalves,—o que vale estarmos unidos aos nossos mais inexoraveis adversarios? Só elles se suppõem vencedores. Nós supportamos todo o peso da guerra, quando chegou a esquadra e a expedição de soccorro o mais difficil e trabalhoso estava feito, agora são elles que entram os primeiros no povoado e verão que hão de roubar tanto como nossos alliados, como os hollandezes como nossos inimigos.

—Não ha duvida que assim succede, mas que lhe havemos de fazer?!—exclamou tambem indignado Lourenço de Brito.

—A nós, portuguezes de Antonio Moniz Barreto e de D. Francisco de Moura, recommenda-se que permaneçamos em firme obediencia [1] durante três dias cá fóra, que é para não os impedir de saquear e destruir tudo quanto é nosso—resmoneu Luiz de Siqueira.

—Ahi vem Francisco de Padilha, onde estaria elle mettido até agora?!—exclamou Jorge de Aguiar.

---

[1] Manuel Severim.

O recemvindo foi saudado pelo grupo com as manifestações de estima que a sua presença despertava.

— D'onde vens?

— Da prisão da cidade.

— Mas tinhas lá ido como parlamentario?

— O que não impediu que um biltre me mandasse encarcerar por sicarios seus.

E Francisco de Padilha narrou tudo quanto lhe occorrera.

— E a hollandeza? — perguntaram os quatro amigos unisonamente.

— Não sei o que é feito de Bertha, nunca mais a tornei a ver, nem sei onde esteja; é isso principalmente o que me traz aqui — elucidou o capitão.

— Vens pedir-nos informações d'ella? Não sabemos nada — explicou Manuel Gonçalves.

— Não, venho pedir-vos que me acompanheis á cidade, exactamente para a procurar.

— Mas a nós é nos prohibido sahir d'aqui — retorquiu Lourenço de Brito.

— Essa ordem é para os soldados. Eu estou disposto a não a cumprir — declarou Luiz de Siqueira.

— E eu tambem — adduziu Jorge de Aguiar.

— Mas para que precisas tu de nós para esse effeito? — inquiriu Manuel Gonçalves, sempre mais ponderado.

— Não imaginaes o que lá vae na cidade, anda

o diabo á sôlta. Hespanhoes e frades ninguem os atura — informou Francisco de Padilha.

— Não serei eu que fique quieto quando um amigo precisa do meu braço e da minha espada; conta commigo — disse Manuel Gonçalves.

— Queriam talvez deixar-me aqui sósinho — resingou Lourenço de Brito.

— Mas como te escapaste tu da cadeia? Ainda o não relataste — observou Luiz de Siqueira.

— Aquelles energúmenos arrombaram tudo, escangalharam tudo; nunca o espirito da destruição teve mais fieis adeptos; eu aproveitei um ensejo e sahi, sem mais explicações, não sabendo a principio do que se tratava, estando bem longe de presumir que todo este tumulto era resultado da capitulação.

— O que tu querias era saber de Bertha.

— Se te parece, no poder d'aquelle demonio.

— Bem, corramos á cidade. O tempo urge. Sempre estou para vêr se depois de tantos mezes de guerra nos castigam por uma desobediencia d'esta ordem.

— A caminho, mais obras e menos palavrorio.

* * *

Dentro de S. Salvador, hoje um centro tão activo e commercial, parecia que algum mau genio despejára todos os alienados de todos os manicomios então existentes.

Não ha penna sufficientemente poderosa que

trace ao vivo o espectaculo que ali se desenrolava. Os soldados e marinheiros castelhanos, totalmente ébrios, mettiam dentro ás coronhadas de arcabuz as portas e as vedações mais solidas. Agglomeravam-se ás entradas, queriam introduzir-se todos ao mesmo tempo, empurravam se, acotovellavam-se, espesinhavam se, opprimiam-se, lançavam uns contra os outros os insultos mais soezes, despediam pancadas sem conto nos que topavam pela frente, cahiam, esbracejavam e eram em geral os que vinham atraz quem, sobre aquelle torvelinho de corpos a contorcerem-se, passavam e galgavam pelas escadas acima ou se espalhavam como uma cheia que rompe os diques pelos andares terreos de cada predio. Nada era respeitado. Nem os moradores nem o seu mobiliario. Os coices dos mosquetes, a conteira das alabardas, os cabos dos piques, as lâminas das espadas, tudo servia para bater, quebrar, dilacerar, fazer em estilhas, para transformar o que antes tinha forma n'um montão de lascas, de cacos, de destroços incaracteristicos, de detritos e restos que nenhum artifice por mais paciente que fosse seria capaz de classificar e de modo nenhum concertar.

—Mas nós somos portuguezes—gemiam algumas das victimas.

—Bandearam-se com o inimigo, ainda a punição devia ser maior.

—Não nos consentiam sahir para fóra dos muros—desculpavam-se.

—Para vós não ha mercê—berravam os possessos.

As roupas eram revolvidas. Rebuscavam-se os sobrados, arrancavam-se taboas do tecto, erguiam-se as ripas do telhado, rachavam-se degraus, esburacavam-se as paredes, excavavam-se os subterraneos, tudo, desde os alicerces até ao pau de fileira, se remexia na phrenetica esperança de encontrar dinheiro, objectos de ouro ou quaesquer pedras preciosas que lhes saciassem a cobiça de enriquecer em minutos. O que era de somenos importancia atiravam-n'o pela janella fora, mutilado, escavacado, não se sabendo o que fôra nem para o que poderia servir. Depressa as ruas se juncaram de pedaços de taboas, de fragmentos, de despojos, que só a fogueira podia utilizar.

—Onde escondestes o que roubastes?—perguntavam os bandidos quando, depois de destruido tudo, não achavam o que procuravam.

—Nós não escondemos nada, não tinhamos nada que esconder, só possuiamos o que vós agora acabaes de anniquilar—soluçavam os pobresinhos.

—E essas arrecadas que tendes nas orelhas?

E os soldados italianos e castelhanos agarravam as mulheres e arrancavam-lhes os brincos, rasgando-lhes as orelhas transformadas n'uma chaga.

—Meu Deus! Meu Deus! —clamavam os expoliados—os hollandezes nunca nos fizeram coisa semelhante.

—Ah! comprehendo presentemente o motivo

porque não quizeram que os portuguezes entrassem na cidade; nós não consentiriamos taes torpezas.

Estas palavras eram proferidas por Manuel Gonçalves, que, junto com Francisco de Padilha e os outros seus amigos, percorria as ruas, evitando, umas vezes pela persuação, outras pela força, as violencias e depredações que atraz relatamos.

—Vamos ás egrejas! A's egrejas!

—Que vão fazer esses scelerados ás egrejas?

E a turba de soldados ébrios, completamente insubordinados, punha-se a caminho da Sé, levando á sua frente uma porção de frades e religiosos ainda mais exaltados e desvairados que elles.

—Que vae esse bando de corvos fazer á egreja? —repetiu Francisco de Padilha iradissimo.

—Vamos lá ver; boa coisa não pode ser—propoz Luiz de Siqueira.

E os cinco seguiram na cauda d'aquella infamissima populaça, sem nenhum freio de disciplina ou de respeito que a pudesse conter.

—Aos pulpitos! Aos pulpitos!

Berravam como tresloucados. Entrou tudo de roldão pelo templo adeante, espraiaram-se pela nave fora, subiram aos altares, derrubaram as imagens, esfarraparam os quadros; castiçaes, calices, patenas, custodias, tudo quanto era de prata ou ouro, tudo desappareceu como se subvertesse pelo chão abaixo.

—Parece impossivel! Que os hollandezes commettessem semelhantes desacatos, que não são catho-

licos, comprehende-se; agora homens que tão fervorosos se mostram no exercicio da religião, não se percebe — commentou Lourenço de Brito.

Concluido o roubo, ascenderam ao pulpito varios monges, munidos de látegos e varas e começaram a açoitar sem mercê as tribunas sagradas. Faziam-n'o com tal empenho e zelo que se affirmaria ser a obra mais meritoria de toda a sua vida.

— Mas essa gente ensandeceu! — bradou Manuel Gonçalves em alta voz.

— Não ensandeceu, não senhor, — respondeu um dos presentes, que mais approvava aquella sova dada na insensivel madeira.

— Mas que significa essa rematada loucura?

— Açoitam-se os pulpitos por terem sido profanados pelos herejes. [1]

Cançados de tão extraordinaria cerimonia, um dos energumenos lembrou:

— Desenterremos os corpos dos herejes; não podem ficar enterrados em sagrado.

— É verdade! É verdade! — acclamou a turba.

E, proseguindo no mesmo phrenesi de destruição, dirigiu-se a turba para algumas das sepulturas existentes perto do altar-mór.

— Desenterremos o corpo do governador Johan van Dorth!

— Ah! tal não permittirei eu! — ameaçou Fran-

---

(1) Southey.

cisco de Padilha, desembainhando a espada e correndo para o sitio onde jaziam os ultimos restos do primeiro governador hollandez, acompanhado pelos seus quatro camaradas.

Estacaram, porém, todos.

Junto do tumulo, um modesto monumento, em cima do qual se viam o escudo, a espada, as esporas e o pendão carmezim do senhor de Horst e Pesh, orava uma mulher, tão profundamente absorvida na sua prece e dôr, que tudo quanto occorria em torno lhe passava despercebido.

Francisco de Padilha adivinhou de relance quem era, e murmurou:

—Bertha!

A joven, porque realmente era ella, não deu o menor signal de ter ouvido e continuou entregue ás suas orações e meditação.

—Paz aos mortos!—bradou Francisco de Padilha, com voz de trovão.—Respeitae o ultimo somno dos que aqui dormem sob a égide de Christo.

—São herejes! São herejes não podem ficar aqui.

—Os mortos são dignos da veneração dos vivos; não nos envergonhemos mostrando-nos mais selvagens e mais hereticos que os nossos inimigos—argumentou Francisco de Padilha com as pupillas relampejantes.—Acatae esta dama.

—É flamenga—esvurmou a turba.

—Está sob a protecção de Portugal—objectou

Manuel Gonçalves, que via a tempestade acastellar-se.

— É uma inimiga de Hespanha — insistiu a populaça.

— Desde a capitulação que não ha mais inimigos — observou Jorge de Aguiar.

— Essa mulher matou um homem — gritou alguem do meio do populacho.

— Calumnia!

— Verdade. Perguntae-lh'o.

Bertha continuava completamente absorta e como se o seu espirito adejasse a mil leguas d'aquelle logar.

— É uma assassina!

— Matêmo-la!

— É preciso julgá-la!

— Matou o amante!

E o grupo cada vez crescia mais ameaçador. Manuel Gonçalves julgou encontrar uma sahida airosa, e propoz:

— Pois se esta dama é uma criminosa como dizeis, levâmo-la a um dos nossos generaes para providenciar ácerca do seu julgamento.

— Agora não é occasião para julgamentos.

— A justiça fazêmo-la nós por nossas mãos.

— Ella que declare se matou ou não um homem. Transportaram ha pouco o seu corpo para o hospital.

— Á morte! Á morte!

— Enforquêmo-la.

— É a filha do coronel Johan van Dorth, que jaz aqui sepultado n'aquelle tumulo — declarou Luiz de Siqueira, suppondo assim conter um pouco mais as iras da multidão.

— Será. É o remorso que a trouxe até ali.

— É uma criminosa da peor especie — teimou alguem na turba, evidentemente ao facto de quanto acontecera e que se diria apostado em perder a desventurada senhora.

— É uma santa, quereis vós affirmar — sibilou Francisco de Padilha, começando a perder a paciencia.

— Mas que negue o que eu assevero — porfiou o energúmeno.

— Bertha — disse Francisco de Padilha, tocando ao de leve no hombro da desditosa dama, — é preciso que negueis o crime que vos imputam.

Bertha estremeceu como alguem a quem despertam violentamente de um somno profundo. Encarou a turba que rugia defronte de si com fria impassibilidade, comprehendeu que era ella o alvo d'aquella manifestação hostil, lançou um olhar carinhoso a Francisco de Padilha, e perguntou-lhe com inegualavel magestade:

— Que quer essa villagem de mim?

A maior parte dos presentes percebia o flamengo em que a phrase fôra pronunciada, e logo uivou:

— Ainda por cima nos insulta!

— Porque esperamos, camaradas?

—Partamol-a em bocadinhos.

—Bertha—rogou, com voz supplicante, Francisco de Padilha—dizei-lhes que sois incapaz de matar seja quem fôr.

—Enganae-vos, senhor—a gentilissima neerlandeza virou-se para a turba, e, com voz forte e pausada, declarou:—É verdade, matei um homem, matei meu primo Jacob van Dorth.

Por muitas vezes que se tenha ouvido, pela calada da noite, nas serras cobertas de neve uma alcatéa de lobos latindo desesperadamente em redor de um aprisco; por muito que se esteja habituado, nas noites serenissimas do sertão africano, á musica terrivel de um ou mais casaes de leões esfaimados; nenhum d'esses uivos e urros se podem comparar com o bramir da féra humana, agrupada em massa e ávida de sangue e de morticinio.

Muitas d'essas creaturas que, individualmente, são excellentes pessoas, incapazes de causar o menor damno ao proximo, transformam-se no momento em chacaes sedentos de despedaçar quanto se lhes atravesse na frente, vampiros de carne e osso e não fabulosos que sugariam com deleite as arterias de seres completamente inoffensivos e desconhecidos para elles; emfim, apossa-se d'esse occasional ajuntamento, que engrossa e se condensa como um alude de neve, tão phrenetico desvario, que nenhum medico alienista, por mais estudioso e previdente que seja, se atreveria a diagnosticar e muito menos indicar qualquer remedio para o reprimir.

—Façamos-lhe o mesmo, não é digna de nenhuma contemplação! — e o magote de endemoinhados cresceu como um vagalhão que a tempestade ergue, revolve, franja de espuma e arremessa com feroz brutalidade sobre o navio em contacto com a penedia.

Refluiu porque as espadas dos cinco amigos levantaram uma muralha de cinco pontas aceradas que a multidão sentiu na sua frente e onde os mais ousados se cravariam sem remissão se tentassem ir para a frente.

Mas que eram cinco homens, por mais prodigios que a sua valentia obrasse, contra centenas d'elles, mais ou menos armados?

—Todos, matemos todos, que todos valem a mesma coisa! — incitou uma voz no meio do alvoroço.

E a turba preparava-se como o touro, depois de recuar, para investir com mais furor, com mais cruel sanha, quando um brado de quem estava habituado a commandar e a ser obedecido ordenou:

—Detende-vos!

A multidão virou-se para contemplar quem assim lhe falava com tal intimativa e auctoridade e esse movimento susteve o do arremesso.

—D. Manuel de Menezes! — exclamaram em tons muito diversos os variadissimos protagonistas d'aquella dramatica scena.

Pouco a pouco a effervescencia foi-se acalmando

como o mar cahindo quando á tempestade sobrevem a bonança.

— Está salva! — murmurou Francisco de Padilha, com um fervor que denunciava bem o amor que dedicava á mulher pela qual se dispuzera a sacrificar tudo, sem excluir a vida dos seus amigos.

D. Manuel de Menezes proseguiu pela nave adeante, seguido de uma força respeitavel de marinheiros lusitanos, em cujo olhar brilhava a indignação pelo que presenceavam e a resolução de reprimir energicamente qualquer desmando que desacatasse a auctoridade do seu chefe.

— Bertha van Dorth — disse o almirante portuguez para a dama flamenga logo que se acercou d'ella — dignae-vos acompanhar-me; estaes sob a protecção da marinha de guerra portugueza.

Bertha olhou em redor, pregou de novo a vista em Francisco de Padilha, encarou quem lhe dirigia a palavra, tornou a ajoelhar, beijou o tumulo de seu pae, e balbuciou:

— Ou serei d'elle, ou de mais ninguem!

E em seguida pelo espaçoso ambito do templo resoou uma estridente gargalhada, tão vibrante e sinistra, que até os mais ferozes dos amotinados de ha pouco sentiram confranger-se-lhes o coração n'um assomo de pena e de misericordiosa piedade.

Bertha van Dorth enlouquecera.

---

# EPILOGO

Este inesperado desenlace causou o maior desgosto tanto no arraial dos portuguezes como entre os seus inimigos. Todos lamentaram o triste destino d'aquella com quem se tinham habituado a conviver durante uns poucos d'annos. No emtanto, os medicos não desesperavam de a salvar. D. Manuel de Menezes confiou a desditosa a uma familia que partia com os demais prisioneiros para a Hollanda, onde não lhe faltariam o conforto e todos os soccorros da sciencia, pois era herdeira de um patrimonio abastado.

Os excessos da soldadesca, narra Fr. Vicente do Salvador e Netscher, continuaram ainda por alguns dias na cidade. Embora os hollandezes tivessem o cuidado de inutilizar um registo em que figuravam os nomes dos que tinham reconhecido a soberania dos Paizes Baixos, foram ouvidos e julgados pelo auditor geral quatro portuguezes e seis negros por se bandearem com o inimigo. Todos soffreram a pena da forca n'uma praça publica.

Os despojos das mercadorias e fazendas, tomados pelos flamengos aos moradores, mandou os distribuir o marquez de Valdueza pelos soldados da armada. Um frade, que n'essa conjunctura prégou um sermão, referiu-se ás palavras do propheta Joel, e citou: *Residuum crucae comedit locusta*, o que significa que o que haviam deixado os inimigos, lhes levaram os amigos, que vieram para os soccorrer e remediar. O commandante-em-chefe deixou de guarnição na praça mil homens, commandados pelo sargento-mór Pedro Correia da Gama, que já servira n'esse posto n'um dos terços de Portugal, soldado velho, experimentado nas guerras de Flandres.

Três semanas depois de effectuada a capitulação, relata Fr. Vicente do Salvador, estavam á vista da Bahia trinta e quatro navios hollandezes, dos enviados em auxilio da praça. Mais uma vez se comprovava a conhecida maxima de guerra, de que algumas horas desprezadas podem decidir do exito de uma empreza. Informado o almirante Hendrikzoon da rendição da cidade, nem por isto deixou de entrar no porto, como que desafiando hespanhoes e portuguezes a uma decisiva batalha naval. D. Fradique de Toledo hesitou a principio, e, quando talvez ia resolver-se, fez-se o inimigo na volta da ilha de Itaparica, de que resultou tocar nos baixios um navio de cada uma das esquadras, dos que demandavam mais agua. Hendrikzoon aproveitou-se da escuridão da noite e retirou-se. D. Fradique de Toledo desistiu do intento que planeara de lhe

dar caça, com tal prudencia, que poderia chegar a qualificar-se de falta de confiança na superioridade das suas forças.

A guerra continuou sempre.

A 4 de agosto singrou a nossa esquadra com rumo a Portugal. No galeão *S. João,* de que era piloto Antonio Pereira da Guarda, embarcou Luiza da Guarda, lavada em lagrimas e presa da mais lancinante saudade. A despedida entre ella e Maria do Rosario foi enternecedora, commoventissima. A afflictissima cachopa, minada pelo desgosto, não falava n'outra coisa senão em professar.

A armada não foi bem succedida no regresso. Um furioso vendaval separou os navios portuguezes dos castelhanos. Narra Southey que D. Fradique de Toledo recebera informações do marquez de Ibiuofira prevenindo-o de que os inglezes o atacariam na viagem. O almirante castelhano não se encontrava em estado de poder bater-se com vantagem com tão poderoso inimigo. Tomou então o rumo de leste. O resultado tornou-se mais desastroso do que se cahisse no meio dos seus implacaveis adversarios. A borrasca cevou-se com inexoravel furia nas infelizes embarcações. Três navios hespanhoes e nove portuguezes afundaram-se, escapando de tanta gente, apenas, um monge trinitario, apanhado a boiar dois dias depois em cima de uma prancha.

A nau almirante submergiu-se na ilha de S. Jorge. A outros dois navios da armada capturou-os uma esquadra hollandeza. *O Almirante de Quatro*

*Villas,* commandado por D. Juan Orellana, navegando de conserva com outro galeão, de D. Manuel de Menezes, abordou uma nau neerlandeza, abarrotada de valiosa carga, vinda da costa de Africa, e apresou-a. A bordo d'esta declara-se um incendio pavoroso e o *Almirante* vae pelos ares com ella, perecendo a maior parte da tripulação.

D. Manuel de Menezes, que sahira do Tejo com vinte e seis navios, voltou com o unico que o transportava, a 14 de outubro. No anno seguinte, 1626, foi confirmado, historía Rebello da Silva, no posto de general da armada de Portugal, em que succedeu a D. Antonio de Athaide. Antonio Moniz recebeu a nomeação de almirante perpetuo, mestre de campo de infantaria e substituiu no governo de Mazagão D. Francisco de Almeida.

D. Manuel de Menezes dera sufficientes provas da têmpera do seu animo n'essa viagem. Na ilha de S. Miguel sustentou renhido combate com dois galeões hollandezes, que iam carregados da costa da China. Tomou um e deixou o outro ao do commando de D. João de Orellana, o mesmo que ardeu, como atraz descrevemos. Quando D. Manuel de Menezes viu o castelhano em tamanho perigo, acudiu-lhe logo, largando-lhe a fragata, cabos, jangadas, taboas, salvando toda a gente, que não morreu victima do incendio e sequente explosão.

Foi um marinheiro ás direitas. A esquadra do seu commando, constituida por três galeões, *S. José, S. Filippe, S. Thiago*, com a urca *Santa*

*Isabel*, recebeu ordem para aguardar no cabo de Espichel as naus da India, cincoenta leguas afastada da terra firme. Embarcara na frota o escol da nobreza. As instrucções desencontradas que lhe enviaram obrigaram-n'o a bordejar ao longo das costas de Portugal e Hespanha. O inverno desentranhava-se em medonhos temporaes. Só elle, dispondo de grande valor e serenidade, cumpria á risca as ordens emanadas do governo de Lisboa. Os seus subordinados reagiam e esquivaram-se ao tempo arribando aos portos mais proximos. Começou a intriga. Da capital expediram-se determinações ambiguas. Cada capitão principiou a fazer o que entendeu, e d'aqui resultou uma catastrophe. A perda da esquadra foi total, e, victimas da propria indisciplina e jactancia, morreram Antonio Moniz Barreto, Vicente de Brito e a maioria da tripulação dos seus navios. D. Manuel de Menezes, sempre grande e heroico, depois de exgotar todos os recursos da sua energia e da sua pratica de marinheiro, foi o ultimo a sahir do navio que commandava. Breve narraremos minuciosamente esse heroico acto, que Filippe IV pagou com a mais requintada ingratidão.

Na Hollanda attribuiram a perda da cidade de S. Salvador, não á falta de coragem dos soldados neerlandezes, mas á capacidade dos chefes. Parte dos officiaes superiores, ao desembarcarem na sua patria, foram presos e condemnados á morte, e só obtiveram perdão devido á clemencia da princeza

*

de Orange, mulher do Stathouder Frederico Henrique, a qual se interessou junto dos Estados Geraes para que a dura sentença lhes fosse commutada.

E Francisco de Padilha e os seus amigos?

A loucura de Bertha abalou tanto o animo do denodado capitão, que Lourenço de Brito chegou ao quarto d'este exactamente a tempo de lhe arrancar a espada com que ia a atravessar o corpo. Censurou-o asperamente por tal resolução.

—A guerra com os hollandezes ainda não está acabada—disse-lhe,—a tua vida não te pertence, pertence á patria, pertence a Portugal!

—Tens razão—respondeu-lhe Francisco de Padilha—quem se suicida é um mau patriota e um mau soldado. Viverei até que uma bala hollandeza acabe com o meu triste fadario.

E, escondendo o rosto nas mãos, soluçou convulsivamente.

Os mil homens da guarnição da Bahia, commandados pelo sargento-mór Pedro Correia da Gama eram todos portuguezes. Dividiu-os o chefe em dez companhias, tendo á sua frente Francisco de Padilha, Jeronymo Serrão, Manuel Gonçalves, Paulo Cardozo de Vargas, Luiz de Siqueira, Jorge de Aguiar, Lourenço de Brito, etc.

N'um proximo livro trataremos da expedição dos hollandezes a Pernambuco, e ahi saberá o leitor qual o ulterior destino das principaes personagens d'esta verídica historia.

# INDICE

## PRIMEIRA PARTE

### Bertha van Dorth

## SEGUNDA PARTE

### A invasão da Bahia



---

## TERCEIRA PARTE

### O destino